

**Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero
Mestrado em Comunicação**

JORNALISMO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

**Construção de conceitos e superação de estigmas
por meio da comunicação**

Fernando Augusto Simões Saker

São Paulo

2010

**Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero
Mestrado em Comunicação**

JORNALISMO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

**Construção de conceitos e superação de estigmas
por meio da comunicação**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social
Cásper Líbero, como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros

Fernando Augusto Simões Saker

São Paulo

2010

Saker, Fernando Augusto Simões

Jornalismo e pessoas com deficiência: construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação / Fernando Augusto Simões Saker. -- São Paulo, 2010

147 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Laan Mendes de Barros
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Pessoas com deficiência. I. Barros, Laan Mendes de. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: FERNANDO AUGUSTO SIMÕES SAKER

**“JORNALISMO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS E SUPERAÇÃO DE ESTIGMAS
POR MEIO DA COMUNICAÇÃO”.**

Rosana de Lima Soares

**Profa. Dra. Rosana de Lima Soares
Universidade de São Paulo - ECA**

Laan Mendes de Barros

**Prof. Dr. Laan Mendes de Barros
Faculdade Cásper Líbero**

José Eugênio de Oliveira Menezes

**Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero**

Data da Defesa: - 11 de março de 2010.

SAKER, Fernando A. Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação.** São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Faculdade Cásper Líbero, 2010.

RESUMO

Esta dissertação faz uma análise do tratamento dado pelo jornalismo brasileiro às pessoas com deficiência, tendo como objeto principal de estudo os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Busca, por meio desta análise, observar de que forma ocorre a formação de estigmas em relação a tal setor da sociedade e constatar quais são os motivos para esta estigmatização. A análise compreende os períodos em 2008 relativos às Paraolimpíadas de Pequim, ao Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência e ao Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. Com base no referencial teórico apresentado – estruturado nos Estudos Culturais, Estudos Latinoamericanos de Comunicação e nos conceitos teóricos do Jornalismo – e nas constatações feitas dentro do campo dos Produtos Midiáticos, busca-se apresentar uma reflexão a respeito do problema exposto, de forma a buscar desfazer os estigmas relacionados às pessoas com deficiência e promover uma comunicação social que as inclua não como figuras à parte, mas como parte integrante da sociedade. É desta forma que este trabalho se insere nos estudos sobre produtos midiáticos, jornalismo e sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo. Pessoa com deficiência. Estigma. Comunicação. Inclusão.

SAKER, Fernando A. Simões. *Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação*. São Paulo: s.n., Dissertation (Master's degree course), Faculdade Cásper Líbero, 2010.

ABSTRACT

This essay analyzes the treatment given by the Brazilian journalism activity to people with disabilities, bringing the *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo* newspapers as its study objects. It aims, by means of this analysis, to observe how the formation of stigmas regarding this sector of the society occurs and to find out what are the reasons for such stigmatization. The analysis comprehends the periods in 2008 relating to the Beijing Paralympic Games, the National Day of Fight of Persons with Disability and the International Person with Disability Day. Based on the presented theoretical system of references - structured in the Cultural Studies, the Latin-American Communication Studies and the theoretical concepts in Journalism – and on the verifications presented in the Mediatic Products area, this essay aims to present a reflection regarding the exposed problem, in order to try to abolish the stigmas related to people with disabilities and to promote a social communication that includes them not as isolated figures, but as a component part of the society.

Keywords: Journalism. Person with disability. Stigma. Communication. Inclusion.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Laan, pela orientação sempre confiante, companheira, paciente e dedicada.

A minha avó Zady, por todo o apoio prestado ao longo da pesquisa.

A Ana Maria Barbosa e à Rede SACI, pela apresentação do tema e pela dedicação com a comunicação e inclusão social das pessoas com deficiência.

A Emerson, Eric, Marcelo, Mara, aos Rodrigues, Lina, Fabíola, Aguinaldo, Carol, Francisca, Genilda, Pedro, Jairo, Renato, Giselle, Luiz Paulo, Ana Paula, Eliane, Fabrício e a todos os colegas de curso, pelas sugestões e materiais emprestados para a pesquisa.

Aos meus pais, pelo incentivo à entrada no campo acadêmico.

A Juliana, pelas caronas e pelo companheirismo.

A Bia; queria que ainda estivesse conosco.

A Nalva, Gislene, Jairo e Daniel, pelo atendimento sempre competente e esclarecedor.

E aos demais professores da Faculdade Cásper Líbero, por toda a bagagem teórica fornecida para minha entrada e desenvolvimento acadêmicos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
TROCA DE MENSAGENS, TROCA DE CONCEITOS.....	13
1.1 Propagação de mitos na comunicação.....	15
1.2 O mito enquanto elemento necessário na comunicação.....	19
1.3 Do outro lado da linha.....	22
1.4 Mediações na comunicação e na sociedade.....	27
CAPÍTULO II	
ESTILOS E NORMAS DO JORNALISMO BRASILEIRO.....	34
2.1 Uma imprensa ideal.....	36
2.2 Preceitos da imprensa brasileira.....	42
CAPÍTULO III	
APRESENTAÇÃO DE 14,5% DA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	52
3.1 Números e imprecisões.....	55
3.2 Conquistas obtidas, outras ainda a serem alcançadas.....	58
3.3 As variações na imagem pública de uma pessoa com deficiência	62

CAPÍTULO IV

REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA IMPRENSA BRASILEIRA: OS QUANTOS, QUANDOS E COMOS.....	65
4.1 O que um texto diz sem querer dizer.....	67
4.2 Apresentação do material analisado e dos critérios de análise....	70
4.2.1 Dia Internacional da Pessoa com Deficiência.....	73
4.2.2 Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência.....	74
4.2.3 Paraolimpíadas de Pequim.....	75
4.2.4 Critérios de análise (quanto, quando, como).....	78
4.3 Paraolimpíadas.....	81
4.4 Sociedade.....	105
4.5 <i>Fait divers</i>	117
4.6 Saúde.....	123
4.7 <i>Feedback</i>	127
4.8 Análise da cobertura de <i>O Estado de S. Paulo</i> , de 30/11 a 07/12/2008.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
BIBLIOGRAFIA.....	144
ANEXOS: REPORTAGENS ANALISADAS NO CAPÍTULO IV.....	147

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com a discussão sobre a abordagem das pessoas com deficiência no jornalismo brasileiro aconteceu no ano de 2006, quando comecei a trabalhar na Rede SACI (Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação), que tem por objetivo estimular a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania das pessoas com deficiência. Embora não fosse a primeira vez em que lia notícias sobre pessoas com deficiência, foi no ano em questão que pude refletir sobre a representação do tema nos meios de comunicação. Diversos usuários da Rede SACI criticam a forma como o jornalismo nacional representa seu espaço, suas necessidades, sua voz; pela minha inexperiência com o tema, surgiu assim um grande interesse em verificar se de fato existia este problema, quais seriam suas causas, e de que forma isto poderia ser corrigido ou amenizado.

Existem no Brasil cerca de 25 milhões de pessoas com deficiência, algo equivalente a 14,5% da população brasileira. Embora trate-se de uma minoria, é uma minoria consideravelmente grande, que, somada ao número de pessoas relacionadas a elas (de familiares e amigos a educadores, militantes, profissionais de saúde, etc.), torna-se um grupo ainda maior. E no entanto, com que frequência estas pessoas são ouvidas pelos meios de comunicação? Por que não parece haver uma grande atenção em noticiar fatos que dizem respeito a elas? Que imagens estão sendo formadas em relação às pessoas com deficiência – são retratadas como parte da sociedade ou figuras

alienígenas a ela? De que forma as pessoas com deficiência vêm sendo estigmatizadas pelo jornalismo brasileiro – e como resolver este problema?

Este problema, a pesquisa mostrou, existe: quando o êxito de jogadores cegos numa competição mundial é usado não para reconhecer seu talento mas para ironizar o desempenho da seleção “oficial”, de jogadores que enxergam; ou quando um assunto de interesse nacional, como a suspensão da obrigatoriedade da audiodescrição nas emissoras televisivas, é ignorado ou tratado como uma curiosidade de TV, torna-se difícil não considerar que a comunicação nacional ainda é falha para falar às – e **sobre** as – pessoas com deficiência.

Não é exagero observar que a presente pesquisa surgiu, assim, a partir da vontade do pesquisador em aprender e satisfazer sua própria curiosidade referente à abordagem e aos estigmas que os *media* brasileiros trazem em relação às pessoas com deficiência, de forma a expandir os conhecimentos que já tinha. Mas a motivação da pesquisa não se resume a esta busca por aprendizado; a intenção do trabalho aqui apresentado não se limita a observar como a estigmatização dos indivíduos com deficiência pela mídia poderia ser combatida, mas busca também levar as constatações feitas aos meios de comunicação, não como um manual de definição para o certo e o errado no tratamento do tema, mas como uma fonte de sugestões e de reflexões sobre o fazer jornalístico.

A apresentação feita acima pode parecer pretensiosa por parte do autor, mas creio ser importante fazê-la para esclarecer a visão que norteou a elaboração da pesquisa; uma visão não de experiência, mas de descoberta. Como dito anteriormente, não sou um grande conhecedor do tema Deficiência; mais do que isto, também não sou um pesquisador experiente, este sendo meu primeiro trabalho de pesquisa no campo acadêmico, o que levou a uma busca por referenciais teóricos que pudessem direcionar a investigação e as reflexões. Talvez, ao chegar ao final da presente dissertação, o leitor ou leitora considere que a crítica aos meios de comunicação seja demasiadamente severa; talvez considere, ao contrário, que a crítica seja demasiadamente branda. Contudo, a intenção aqui não é a de estigmatizar os jornalistas que relatam notícias sobre pessoas com deficiência; não se trata de apontar vítimas e culpados, certos e errados, mas sim de detectar problemas e, com base nas observações feitas, sugerir soluções.

O eixo da problemática analisada encontra-se na Comunicação; desta forma, o trabalho se inicia com uma análise do processo comunicacional e do conceito de mito, diferenciando a noção de mito no campo linguístico, por Barthes, e no campo antropológico, por Campbell. Através de ambos os conceitos, busca-se apontar como ocorrem as deformações de sentidos, de signos, na Comunicação, incluindo-se aí a formação dos estigmas relacionados às pessoas com deficiência. Por meio da análise dos conceitos de codificação/decodificação elaborados por Stuart Hall, e do conceito de mediações elaborado por Jesús Martín-Barbero e trabalhado por outros pensadores latinoamericanos, observa-se que a formação de sentidos na sociedade não se limita aos emissores na Comunicação, aos “formadores de opinião”; trata-se de um processo que se desenrola dentro de toda uma sociedade, com participação de emissores e receptores. Isto mostra que os comunicadores não podem ser responsabilizados como os causadores da formação e perpetuação de estigmas – o que não os isenta da responsabilidade de combater tais estigmas e de buscar promover uma comunicação inclusiva.

O capítulo seguinte, por sua vez, tem por objetivo analisar a situação dos *media* nacionais. O ponto inicial para esta análise encontra-se nas indicações de comunicadores e comunicólogos quanto aos preceitos que deveriam nortear o bom fazer jornalístico, com atenção especial para as observações feitas por Umberto Eco em seu texto “Sobre a Imprensa”. Pode-se então traçar um paralelo em relação a como os grandes veículos de comunicação no Brasil definem seu trabalho e seus princípios, em seus manuais de redação. Com base neste paralelo, são apresentadas sugestões para uma melhora no fazer jornalístico, entre as quais estão a visão menos factual e mais humana dos fatos e personagens noticiados, a atenção sobre o que se noticia de forma a evitar a superficialidade e os estereótipos, o respeito ao direito do leitor/internauta/(tele/radio) espectador a receber uma comunicação que não tenha como prioridade os interesses dos detentores dos veículos de comunicação e, sobretudo, a possibilidade de que todos possam ver/ouvir e ser vistos/ouvidos na sociedade, que possam expressar suas reivindicações e ter sua existência reconhecida.

As pessoas com deficiência são o foco do terceiro capítulo. Inicialmente, são apresentados os termos frequentemente usados para se referir aos indivíduos com deficiência, quais são considerados apropriados ou inapropriados e o porquê para cada caso. Também são apresentadas definições para o que é deficiência, quais são os tipos de deficiência, como estes se caracterizam, além de alguns números relacionados ao

tema e a dificuldade em tornar estes números mais precisos. O capítulo traz ainda alguns artigos da legislação brasileira que definem direitos para as pessoas com deficiência, um panorama das conquistas obtidas por este segmento social no mundo ao longo dos milênios, e os problemas ainda enfrentados – tanto de acessibilidade como de inclusão. Finalmente, com base em palestra de Julia Hoffmann, são apresentadas as imagens mais frequentemente associadas às pessoas com deficiência pelos meios de comunicação, reunidas em oito estereótipos, a maioria dos quais reforça os estigmas em relação às pessoas com deficiência e não as apresenta de fato, limitando-se a um retrato superficial e desinteressado destas.

O quarto e último capítulo da presente dissertação parte, então, à análise propriamente dita da cobertura de dois grandes periódicos brasileiros no ano de 2008, precedida de uma leitura especial sobre a atenção dada pelos mesmos periódicos à suspensão da obrigatoriedade da audiodescrição no Brasil, no dia 30 de junho de 2008. As reportagens analisadas foram publicadas durante os dias 6 a 18 de setembro (período de realização das Paraolimpíadas de Pequim), 21 e 22 de setembro (21 de setembro é o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência) e 31 de novembro a 7 de dezembro (3 de dezembro é o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência). As análises, concentradas nas notícias do jornal *Folha de S. Paulo*, apresentam critérios de leitura, definidos em “quando” (a existência ou não de relação entre a publicação da reportagem e a proximidade com alguma data específica), “quanto” (o espaço dado à reportagem, tamanho, localização e presença ou ausência de fotografias ou notas) e “como” (de que maneira a pessoa com deficiência é retratada ao público leitor, se estigmatizada ou valorizada como elemento integrante da sociedade).

CAPÍTULO I

TROCA DE MENSAGENS, TROCA DE CONCEITOS

CAPÍTULO I

TROCA DE MENSAGENS, TROCA DE CONCEITOS

Qualquer um (...) que tenta, com seriedade, se aproximar do campo de estudo da Comunicação Social depara com um número tão grande de alternativas na definição do objeto de estudo e com um universo teórico de tal forma desarticulado e conflituoso que a reação é, invariavelmente, de perplexidade e desalento (Lima, 2001: 21).

Conceituar Comunicação não é algo simples. Esta palavra apresenta múltiplas definições, algumas das quais trazem sentidos bastante diferentes entre si, e se encaixam melhor de acordo com o campo em que a palavra é utilizada e o processo que ela ilustra.

Mesmo antes de ganhar novas acepções, a palavra “comunicação” já trazia em si uma ambiguidade: segundo Venício de Lima, o significado original da palavra poderia ser entendido tanto como “transmitir”, palavra ligada a um processo unidirecional de comunicação (um emissor, uma mensagem, um receptor), quanto como “compartilhar”, termo que representa um processo comunicacional participativo, onde um mesmo agente é emissor e receptor da comunicação, e no qual a comunicação não se dá em linha reta entre dois pontos, mas de forma circular entre múltiplos pontos; além disso, a mensagem deixa de ter um ponto de partida e um ponto de chegada definidos: ambos os pontos participam, de forma quase simultânea, na produção de sentidos embutidos nesta mensagem.

Mas, embora a presente dissertação utilize em algumas ocasiões os conceitos originais de Comunicação, o conceito que aqui será discutido é o da “comunicação de massa”. Trata-se do processo comunicacional que se utiliza de veículos (os meios de comunicação, ou *media*) para que uma mensagem seja transmitida ao maior número possível de indivíduos, os receptores no processo.

Cabe aqui uma observação: o contexto da Comunicação na sociedade de consumo é visto de maneira crítica pelos adeptos da Escola de Frankfurt, os quais propõem o termo “indústria cultural”; trata-se de um termo que carrega em si um questionamento sobre a cultura produzida por um sistema de dominação, no qual o receptor seria uma “vítima” da mídia emissora. Este trabalho não pretende se aprofundar nessa discussão, embora adote uma postura crítica e não ignore a importância da mídia na formação de conceitos na sociedade.

Em uma época na qual a propriedade dos *media* se encontra nas mãos de poucos e onde estes meios de comunicação desempenham um papel de grande importância na sociedade, é importante observar que a Comunicação não transmite apenas informações factuais; transmite também opiniões, conceitos e “pré-conceitos”. Mesmo no campo da educação – talvez especialmente neste –, o processo comunicacional tem uma grande participação; “mais do que instrumento para as práticas educacionais, a comunicação precisa ser vista em sua dimensão pedagógica, como sistema de formação (ou deformação) de conhecimentos e valores” (Barros, 2008: 136).

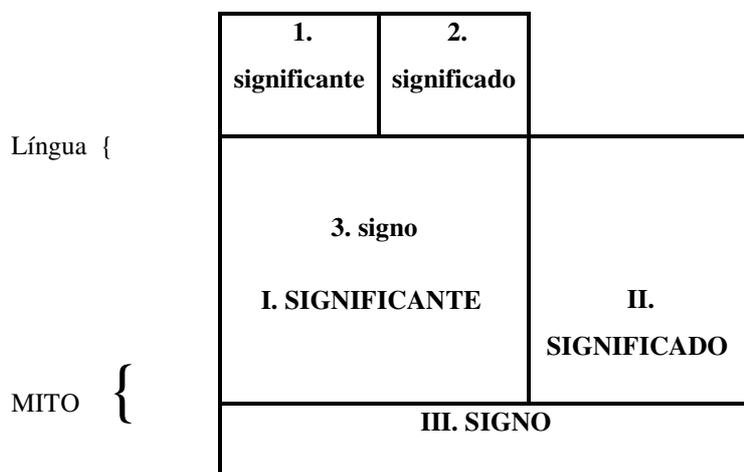
Mas como ocorre a transmissão de tais pré-conceitos? Como o receptor – no caso, a sociedade – os interpreta e usa? E há ainda uma questão a ser discutida: muitas vezes, tais pré-conceitos distorcem imagens e sentidos na sociedade, sendo considerados por críticos como “mitos” – mas eles podem ser considerados como tais? O que seria um mito?

1.1 Propagação de mitos na comunicação

Antes de discutir se os meios de comunicação no Brasil transmitem mitos com relação às pessoas com deficiência, é importante definir o que é um mito.

Segundo a definição de Roland Barthes, o mito é uma fala (não necessariamente oral), uma mensagem. Porém, não se trata de uma fala qualquer; o mito possui um sistema semiológico de segundo grau, sendo o sistema de primeiro grau pertencente à linguagem. O sistema mítico se forma ao utilizar o signo resultante do sistema de primeiro grau (linguístico), transformando-o em significante, em forma esvaziada de sentido.

Esta forma, por sua vez, é combinada com outro significado, resultando em uma nova significação, uma meta-linguagem – um mito. A formação do sistema mítico pode ser vista no esquema abaixo, elaborado por Barthes:



Barthes mostra, de forma clara, alguns exemplos de formação de mitos. Uma frase presente em um livro de gramática qualquer (“pois eu me chamo leão”) traz por trás de sua estrutura um segundo sentido (“eu sou um exemplo de gramática”); o leão é esvaziado de sua história, sua estrutura física, seu habitat: deixa de ser leão enquanto ser vivo, torna-se leão enquanto exemplo gramatical. Do mesmo modo, a imagem de um soldado negro na capa do Paris-Match, fazendo a saudação militar francesa, é afastada de sua individualidade, de sua etnia, do próprio fato da saudação: torna-se símbolo da imperialidade francesa, do colonialismo.

Assim, embora a forma não suprima o sentido, ela o afasta e submete. Nas palavras de Barthes:

A forma do mito não é um símbolo: o negro que saúda não é símbolo do Império francês, tem presença a mais para isso, apresenta-se como imagem rica, vivida, espontânea, inocente, **indiscutível**. Mas, simultaneamente, esta presença é submissa, distante, tornou-se como que transparente, recua um pouco, faz-se cúmplice de um conceito já anteriormente constituído, a imperialidade francesa: é uma presença **emprestada** (Barthes, 1980: 140).

Exemplos desta definição de mito podem ser vistos diariamente nas mais diversas formas, e a imprensa não está isenta de seus efeitos; como explica Barthes, “a imprensa encarrega-se de demonstrar todos os dias que a reserva dos significantes míticos é inesgotável”. Podemos ver um exemplo em nota do jornal *O Estado de S. Paulo*, intitulada “Deficientes podem mudar título até dia 7”, publicada em 28/04/2008¹:

Eleitores portadores de deficiência terão até o dia 7 de maio para solicitar a transferência de título para seção especial que atenda às suas necessidades. A campanha é iniciativa do TSE para unificar o atendimento aos eleitores com deficiência. Para transferir o título, o interessado deve procurar o cartório eleitoral de sua cidade, portando documento de identidade com foto e comprovante de residência, além de especificar a necessidade especial.

Uma nota curta, onde o sentido do primeiro esquema semiológico (a linguagem) é a mensagem: “eleitores com deficiência que quiserem transferir seus títulos para uma seção especial que atenda às suas necessidades devem procurar o cartório eleitoral de sua cidade até o dia 7 de maio”.

Poderia haver um segundo esquema semiológico, “mítico”, nesta notícia? Ao que parece, sim, considerando como o significante do segundo esquema (a forma) algumas palavras: *podem, seção especial que atenda às suas necessidades, iniciativa, interessado*. O significado, aqui, seria a acessibilidade, a possibilidade de acesso. Temos então uma significação: “o TSE está dando acessibilidade eleitoral para pessoas com deficiência”.

Ora, o próprio jornal curiosamente mostrou, dois dias antes, que há uma falácia nesta forma de pensamento. Na notícia “Conade: medidas do TSE para deficientes são paliativas”², Alexandre Baroni, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (Conade), declarou: “Todo o tipo de medida que tente facilitar a vida do deficiente é bem vinda, mas o ideal seria que todos os locais de votação fossem acessíveis”. Outra questão: em nenhum momento, a nota levou em consideração se todos os cartórios eleitorais no Brasil são acessíveis para pessoas com deficiência, ou se há acesso adaptado para se chegar às ditas seções especiais (transporte adaptado, por

¹ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080428/not_imp163906,0.php>. Acesso em 15 jul. 2008.

² Disponível em: <http://www.estadao.com.br/geral/not_ger163277,0.htm>. Acesso em 15 jul. 2008.

exemplo). No entanto, estas questões não são levadas em conta pelo público leitor da nota, que nela encontra apenas a iniciativa do TSE para ajudar os eleitores com deficiência a transferirem seus títulos para uma seção especial que atenda às suas necessidades.

Para Barthes, palavras simples também podem gerar mitos – e as palavras associadas à Deficiência não são exceção, como pôde ser visto na página virtual d’*O Estado de S. Paulo*: a notícia “Grupo cometia erro de grafia e dava CNHs a deficientes³”, publicada em 17/07/2008, já traz no título um “mito”, ao associar as palavras *erro*, *CNHs* (Carteiras Nacionais de Habilitação) e *deficientes*, como se fosse um erro que pessoas com deficiência obtivessem CNHs e pudessem dirigir (a leitura do texto mostra que o erro em questão não era este, e sim que as CNHs fossem concedidas a pessoas que não podiam dirigir – pelo menos, sem as devidas adaptações do veículo e exames avaliando o preparo da pessoa). Mas não é esta a distorção da palavra que chama a atenção.

A distorção aqui não vem de quem escreveu a notícia, mas do comentário de um leitor da notícia: “Cadeia aos deficientes mentais que expediram carteira de motorista aos deficientes físicos e demais incapazes”. Com uma única frase, a palavra “deficiente” (que representa uma pessoa com determinada deficiência física ou mental, nada mais) ganha o sentido de “imbecil, cretino” (os donos de autoescola que participavam de emissões irregulares de CNHs; chamados pelo leitor como “deficientes mentais”) e “incapaz” (ao definir pessoas com deficiência física como incapazes de dirigir).

Porém, mais que alguém que crie os “mitos”, é necessário haver alguém que os interprete: segundo Barthes, “(...) é o próprio leitor dos mitos que deve revelar a função essencial destes últimos. Como é que, *hoje*, ele acolhe o mito?”. Diz também: “O mito não esconde nada e nada ostenta também: deforma”.

Desta forma, percebe-se que a produção de sentidos (incluindo os mitos) é social, não depende de um único indivíduo. Desfazer um mito, “mitificar o mito”, é algo que leva tempo, e depende de trabalho contínuo de conscientização.

³ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080717/not_imp207269,0.php>. Acesso em 20 jul. 2008.

Mas afinal, o mito é pura e simplesmente uma deformação do sentido da palavra? No campo linguístico, talvez. No campo antropológico, por outro lado, há uma clara diferença entre mito e deformação, como pode ser visto a seguir.

1.2 O mito enquanto elemento necessário na comunicação

A definição linguística de Barthes aponta o mito como uma espécie de descontextualização e recontextualização de um signo, a criação de um sentido novo e não necessariamente real. Mas tal concepção não se encaixa no campo antropológico, onde diversos autores veem no mito um conhecimento positivo e necessário para a formação de sentidos.

Joseph Campbell, em entrevista concedida a Bill Moyers, a qual resultou no livro *O Poder do Mito*, diz que o mito possui variadas funções dentro de uma sociedade, sendo a quarta delas “a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância”. Campbell diz que a mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação:

Como você pode transmitir uma consciência espiritual às crianças se você não a tem para você mesmo? Como chegar a isso? Os mitos servem para nos conduzir a um tipo de consciência que é espiritual (Campbell; Moyers, 1990: 15).

Logo no início da entrevista, Moyers demonstra estar em concordância com os conceitos de Campbell, dando ele próprio sua concepção dos mitos enquanto elementos fundamentais na comunicação dentro de uma sociedade:

Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos (Campbell; Moyers, 1990: 5).

Campbell e Moyers não estão sozinhos nesta visão do mito; em *Mito e realidade*; Mircea Eliade comenta que algumas sociedades não veem o mito como uma “ficção”, mas como uma história real e diferente dos contos e fábulas. Diz ele:

É significativa a distinção feita pelos indígenas entre as “histórias verdadeiras” e as “histórias falsas” Ambas as categorias de narrativas apresentam “histórias”, isto é, relatam uma série de eventos que se verificaram num passado distante e fabuloso. (...) Não obstante, os indígenas sentiram tratar-se de “histórias” radicalmente diferentes. Tudo o que é narrado nos mitos *concerne diretamente a êles*, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no mundo (...), não modificaram a condição humana como tal (Eliade, 1989: 15).

Assim, enquanto Barthes classifica o mito no campo linguístico como uma deformação no sentido original da linguagem, no campo antropológico Campbell e Eliade consideram mitos as histórias que nos levam a conhecer o mundo em que vivemos, que transmitem conhecimentos. Como tentativa de conciliar as noções em ambos os campos, o texto se referirá à noção de mito no campo linguístico como deformações de sentido ou como “mitos”, com aspas.

Em todo caso, ambos os campos conversam em certo ponto: o caráter coletivo, social do mito; tanto do mito quanto do “mito”. Barthes aponta que a produção de sentidos (incluindo sua definição de mitos) é social, não depende de um único indivíduo. Campbell, por sua vez, afirma: “A chave para encontrar sua própria mitologia é saber a que sociedade você se filia. Toda mitologia cresceu numa certa sociedade, num campo delimitado” (Campbell; Moyers, 1990: 23), e aponta a necessidade de estabelecer mitos que identifiquem o indivíduo não com seu grupo regional, mas com o planeta.

As noções pré-concebidas envolvendo os diferentes tipos de deficiência parecem consideravelmente enraizadas, infelizmente. Julia Hoffmann, professora no Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade de Amsterdã, apontou no Seminário Internacional Comunicação & Exclusão: Pessoas com Deficiência, Invisibilidade e Emergência, realizado em São Paulo (SP) entre 27 e 29 de outubro de 2009, as representações culturais da deficiência na maioria das sociedades: o corpo é representado como doente, assexuado; a religião aponta a deficiência como punição

pelos próprios pecados ou pelos pecados dos progenitores; a linguagem firma determinadas palavras como forma de opressão (o que será discutido no Capítulo 3).

Desta forma, Hoffmann explicou que a construção social cria imagens deformadas na mente dos cidadãos, pela sociedade, cultura e aprendizado; desfazer tais noções – “mitificar o mito”, como apontaria Barthes – é algo que leva tempo, e depende de trabalho contínuo de conscientização.

A conscientização, no entanto, pode ser feita. No texto “Significação, Representação, Ideologia: Althusser e os Debates Pós-Estruturalistas”, o sociólogo caribenho Stuart Hall utiliza a obra “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”, de Louis Althusser, para refletir sobre a diversidade de discursos a respeito das ideologias de identidade, lugar, etnia e formação social gerados em torno do termo “negro”. Ele observa que o termo “funciona como linguagens”, comentando que as formações nas quais situa o termo, baseadas em sua experiência tanto no Caribe como na Inglaterra, só são idênticas no nível “caótico” da linguagem em geral; encontra diferenças, especificidades, dentro de histórias distintas. Também diz que seu filho os reconhecia como “marrons” (levando em conta a pigmentação da pele no espectro de cores), enquanto ele o ensinava que eram “negros” (enquanto etnia) – na verdade eram ambos, explica Hall.

Hall também contesta uma afirmação de Althusser:

Ao contrário da ênfase no argumento de Althusser, a ideologia não possui apenas a função de “reproduzir as relações sociais de produção”. A ideologia também estabelece limites para que uma sociedade-em-dominância possa se reproduzir de forma fácil, tranqüila e funcional. A idéia de que as ideologias estão já e sempre inscritas não nos permite pensar adequadamente sobre as mudanças de ênfase na linguagem e na ideologia, o que é um processo constante e sem fim – o que Volochínov (1930/1973) denominou “a pluralidade do signo ideológico” ou a “luta de classes na linguagem” (Hall, 2003: 184).

O sociólogo comenta que: “Enquanto os movimentos sociais lutam em torno de um programa específico, os significados [ideológicos] que parecem ter sido fixados para sempre começam a perder suas ancoragens” (Hall, 2003: 183). No caso do termo “negro”, Hall aponta que o termo significava tudo que merecia menos respeito; com os

movimentos sociais ligados à consciência negra, agora o termo é visto como base de identidade social positiva, que requer e gera respeito. Esta é uma demonstração de que, apesar das dificuldades, as deformações da palavra podem ser desfeitas e as ideologias podem ser mudadas.

1.3 Do outro lado da linha

O conjunto das obras de Stuart Hall e sua participação nos Estudos Culturais da *New Left* britânica refletem muito da história de vida do intelectual. Temas como a Comunicação, o racismo, a diáspora negra, o feminismo e as representações midiáticas foram não apenas analisados, mas vivenciados por Hall, que usa suas experiências de vida como uma espécie de “lente” para observar seus objetos de estudo.

Nascido em 1932, na Jamaica, Hall observou desde cedo a classificação das pessoas de acordo com sua classe social, sua ascendência (colonizados ou colonizadores) e, sobretudo, sua cor de pele. Na mesma época em que se afastou emocionalmente de sua família, que se mostrava preconceituosa em relação à raça e cor de pele dos indivíduos, ele começou a se interessar por política, história e pelos ensaios de Karl Marx.

Em 1951, Hall vivenciou sua primeira experiência da diáspora ao partir para estudar na Inglaterra, onde teve contato com uma realidade nova. Lá, participou da geração da chamada Nova Esquerda britânica, movimento social, intelectual e político de grande destaque nos anos 60 e 70, influenciado pelas obras de Marx, que buscava, entre outras coisas, corrigir os erros que percebia nas obras da “Velha Esquerda”.

Ao longo de sua trajetória profissional, o sociólogo foi editor da revista *New Left Review*, a qual foi foco de discussão sobre novas compreensões de classe social, movimentos sociais e política, além da questão racial britânica; participou depois, em 1964, da fundação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham, no qual surge a denominação “Estudos Culturais”. Em 1968, tornou-se diretor do Centro, e envolveu-se profundamente nesse período com a questão da Comunicação.

Os estudos de Hall mostram, assim, um interesse na questão das classes sociais, na formação e função das ideologias, e no processo de comunicação. Deste modo, embora seus textos presentes em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* não abordem diretamente o tema da Deficiência, suas obras podem ajudar muito a compreender a visão da sociedade com seus “pré-conceitos” em relação às pessoas com deficiência.

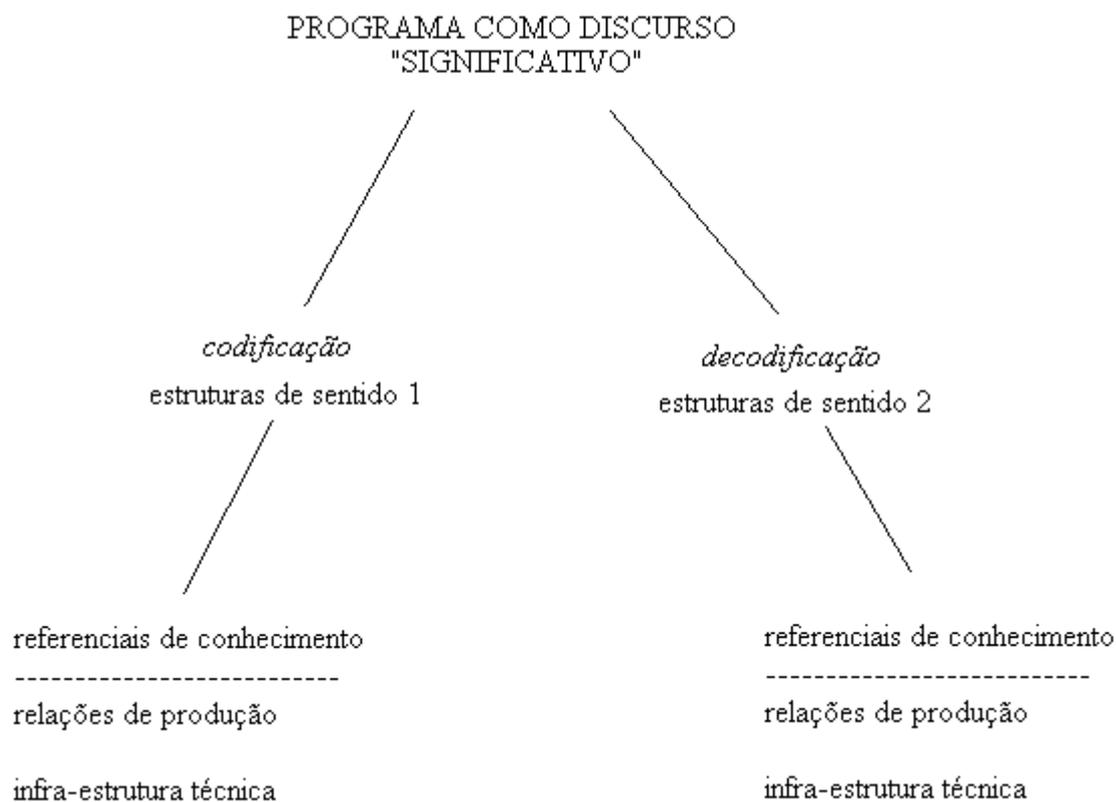
Para compreender como a mídia nacional mantém na sociedade estigmas em relação a estas pessoas, é importante levar em consideração o processo comunicativo representado em *Codificação/Decodificação*, um de seus textos mais conhecidos.

Stuart Hall abre *Codificação/Decodificação* criticando a concepção do processo comunicativo em termos de um circuito linear “emissor/mensagem/receptor”; em seu lugar, propõe pensar tal processo como uma estrutura “produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo”; desta forma, há uma articulação de práticas conectadas, mas cada qual mantém sua distinção e tem suas próprias formas e condições de existência. Sai o circuito linear, entra o contínuo circuito apresentado nos *Grundrisse* de Marx.

O objeto do circuito, a comunicação, é composto “por significados e mensagens sob a forma de signos-veículo de um tipo específico, organizados, como qualquer forma de comunicação ou linguagem, pela operação de códigos dentro da corrente sintagmática de um discurso”. Este discurso, embora diga respeito a práticas sociais, precisa ser codificado em linguagem para que produza “sentido” e seja decodificado em práticas sociais. Porém, aponta que a comunicação não ocorre de forma tão simples:

Antes que essa mensagem possa ter um “efeito” (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma “necessidade” ou tenha um “uso”, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados decodificados que “tem um efeito (...)” (Hall, 2003: 368).

Hall explica que a transmissão da mensagem tem dois momentos distintos: no primeiro, o emissor da comunicação emprega um código para produzir uma mensagem; no segundo momento, a “mensagem” é decodificada pelo receptor em práticas sociais. Forma-se assim o seguinte esquema:



O aspecto mais interessante deste esquema é que as “estruturas de sentido 1” e as “estruturas de sentido 2” podem não ser iguais. Assim, o receptor pode não ler a mensagem da mesma forma como esta foi lida por seu emissor.

É claro, para que haja comunicação em algum nível, é preciso que haja códigos comuns aos emissores e aos receptores. Estes são chamados códigos *naturalizados*, identificados por seu caráter habitual e quase-universalidade do seu uso. No entanto, não são apenas conceitos tradicionais que se naturalizam; como cita Barthes, as deformações de sentido também podem ser naturalizadas. Como exemplo, cita uma notícia de jornal cujo título é: “PREÇOS COMEÇAM A CEDER. LEGUMES: PRIMEIRA BAIXA”. Palavras presentes nas duas frases do título (“começam a ceder”, “primeira baixa”) levam a crer que ambos os casos têm uma mesma causa para acontecer, no caso, a ação do governo francês. A leitura da notícia revela, no entanto, que a queda dos preços dos legumes ocorreu pela abundância dos produtos da estação. Mas o efeito do mito já se naturalizou no título; a escolha das palavras e a escolha

tipográfica das letras em caixa alta para o título já naturalizam a noção de governabilidade.

Voltando ao texto de Hall, ele desmente a noção da denotação como sentido literal da realidade; trata-se do que **é tomado** como o sentido “literal” do signo – o que não significa que ele não possa ser contestado. A conotação, por sua vez, consistiria nos significados que se geram em associação com o signo; aqui, os sentidos **não** são fixados numa percepção natural, seu sentido é fluido, pode ser mais facilmente transformado:

Nesse nível, podemos ver mais claramente a intervenção ativa da ideologia dentro do discurso e sobre ele: aqui, o signo está aberto para novas ênfases e, segundo Volochínov, entra plenamente na disputa pelos sentidos – a luta de classes na linguagem (Hall, 2003: 373).

E prossegue, falando do sentido denotativo:

Isto não quer dizer que a denotação ou o sentido “literal” esteja fora da ideologia. Na verdade, poderíamos dizer que seu valor ideológico está fortemente *fixado*, justamente por ter-se tornado tão plenamente universal e “natural”. Desse modo, os termos “denotação” e “conotação” são meramente ferramentas analíticas úteis para se distinguir, em contextos específicos, os diferentes níveis em que as ideologias e os discursos se cruzam, e não a presença ou ausência de ideologia na linguagem (Hall, 2003: 373).

Segundo Hall, os códigos não são iguais entre si: toda sociedade ou cultura tende a impor suas classificações de sociedade, cultura e política, formando uma **ordem cultural dominante**. O código dominante possui a plausibilidade necessária para exigir uma decodificação da mensagem dentro do limite das definições dominantes. Porém, mesmo com a mensagem codificada segundo a ordem dominante, ainda existe a possibilidade de **mal-entendidos**:

Não há dúvida de que mal-entendidos do tipo literal existem. (...) Mais frequentemente, no entanto, os produtores [da mensagem] se preocupam com a possibilidade de a audiência [o receptor] falhar em captar o sentido por eles pretendido. O que eles realmente estão dizendo é que os telespectadores [no caso da televisão] não estão operando dentro do código “preferencial” ou “dominante” (Hall, 2003: 376).

Assim, o emissor não pode determinar ou garantir quais os códigos de decodificação que serão usados pelo receptor. Hall classifica três tipos diferentes de posição em que a decodificação acontece.

1) Na **posição hegemônica-dominante**, o receptor decodifica a mensagem com pouca ou nenhuma diferença em relação à codificação original, sendo a posição buscada pelos emissores no processo comunicacional.

2) Na **posição do código negociado**, por sua vez, o receptor não se encontra inteiramente alinhado com a intenção do emissor: sua decodificação da mensagem contém uma mistura de adaptação e oposição, de respeito às regras e direcionamento à exceção das regras.

3) Finalmente, é possível que o receptor esteja na **posição globalmente contrária**, decodificando a comunicação através de um “código de oposição”; para Hall: “Aqui se trava a ‘política da significação’ – a luta no discurso”.

O processo comunicativo se desenvolve sempre em uma destas posições; desta forma, é nelas que ocorre a formação – ou deformação – de sentidos, incluindo os sentidos de palavras ligadas, diretamente ou não, ao tema Deficiência. Ocorre assim a ocupação do lugar do sujeito pelo receptor, “negando uma concepção que o considerava condicionado por um esquema linear de comunicação, portanto, que o concebia passivo e alienado do processo” (Jacks, 1999: 47).

Os debates produzidos no interior dos Estudos Culturais não se limitaram ao seu grupo criador, mas influenciaram muito nas teorias desenvolvidas nos Estudos Latinoamericanos de comunicação, como bem observou Laan Mendes de Barros:

Os estudos culturais dialogam bastante bem com o pensamento comunicacional latino-americano, estão entre as matrizes dos estudos de comunicação e educação que aqui se desenvolveram. Em ambas as correntes teóricas o resgate do receptor e a inserção da comunicação no âmbito da cultura são opções teórico-metodológicas que permitem a superação da visão instrumental e do midiacentrismo predominantes em nossa disciplina. Elas oferecem novas lentes para o estudo da cultura das mídias, para o estudo das mediações culturais.

Fazem, portanto, sentido as freqüentes vinculações que estudiosos latino-americanos estabelecem entre as matrizes teórico-epistemológicas do pensamento comunicacional de nosso subcontinente e da escola inglesa (Barros, 2008: 141).

Porém, como apontado por Liráucio Girardi Jr. em *Pierre Bourdieu: Questões de Sociologia e Comunicação*, estes debates chegam às Ciências Sociais e aos Estudos Latinoamericanos de comunicação em um contexto político, cultural e social diferenciado daquele em que foram criados.

Aqui, os estudos referentes à Comunicação serão fortemente influenciados pela realidade encontrada nestes países: sua história, sua estruturação, seus movimentos sociais; o subdesenvolvimento, as diferenças sociais, as lutas políticas, a “mestiçagem” de etnias e culturas participam da formação de múltiplos cenários bastante similares (mas não idênticos) entre si, e bastante peculiares em relação aos cenários externos, trazendo características próprias em seus processos comunicacionais.

Desta forma, os Estudos Latinoamericanos abrem a possibilidade de expandir o conceito de códigos presentes na Comunicação, trazendo um foco maior na recepção e permitindo compreender melhor os elementos internos e externos do receptor que participam de sua compreensão e interpretação da mensagem transmitida. Surge aqui um conceito que parece conversar com os conceitos de Hall e expandi-los: a **mediação**.

1.4 Mediações na comunicação e na sociedade

Jesús Martín-Barbero, teórico espanhol radicado na Colômbia, define as **mediações** como: “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão”. Desta forma, as mediações têm um papel na formação de sentido para o receptor em relação às informações para ele transmitidas. Compreender tais mediações, portanto, é crucial para descobrir em que momento ocorre a deformação de sentidos que leva a imagens preconceituosas de certos setores da sociedade, incluindo os cidadãos com deficiência, e para pensar em formas de evitar que isto aconteça.

Ao analisar o papel da Comunicação nas sociedades latinoamericanas, focando-se especificamente na comunicação televisiva, o teórico observa que esta está se convertendo em espaço estratégico em tais sociedades, a partir do qual é possível pensar “os bloqueios e as contradições que dinamizam essas sociedades-encruzilhada, a meio

caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva” (Martín-Barbero, 2003: 270).

Martín-Barbero observa também que a comunicação na América Latina ocorre com características próprias, como a **transnacionalização** que converte a nação em um foco de contradições e conflitos inéditos, com novos atores sociais que se inserem no quadro de relações entre as classes, povos e etnias, que questionam a política cultural nacional. Explica:

As razões do desencontro [entre método e situação] situam-se além da teoria, no des-conhecimento que requer (...) o re-conhecimento, segundo a lógica da diferença, de verdades culturais e sujeitos sociais. Reconhecimento de uma mestiçagem que, na América Latina, não remete a algo que passou, e sim àquilo mesmo que nos constitui, que não é só um *fato* social, e sim *razão* de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários que até agora só a literatura soube exprimir. Talvez somente aí a mestiçagem tenha passado de objeto e tema a sujeito e fala: um modo próprio de perceber e narrar, contar e dar conta (Martín-Barbero, 2003: 271).

Nesta nova configuração da sociedade, marcada pela mestiçagem, começa a haver uma redescoberta do popular, com a revalorização das articulações e mediações da sociedade civil. A cultura também passa a receber uma valorização profundamente nova, ser reconceitualizada, trazendo “a formação de novos sujeitos – regionais, religiosos, sexuais, geracionais – e formas de rebeldia e resistência” (Martín-Barbero, 2003: 297). As conquistas obtidas pelas pessoas com deficiência em vários países da América Latina, incluindo o Brasil, colocam-nas também entre tais atores sociais, mas pouco espaço ainda é dado para sua voz.

É devido a estas características das sociedades latinoamericanas que Martín-Barbero propõe, de forma semelhante ao proposto por Hall, que

(...) o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais (Martín-Barbero, 2003: 270).

Diz Martín-Barbero: “em vez de fazer a pesquisa partir da análise das **lógicas** de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das **mediações** (...)”. Para isto, propõe três lugares onde ocorre a mediação no processo comunicativo.

O primeiro lugar é a **cotidianidade familiar**, sendo a família tomada pela televisão como “unidade básica de audiência”. Desta forma, a unidade familiar passa a ser vista como um dos espaços fundamentais de leitura e codificação da televisão, a qual tenta reproduzir esta unidade através da simulação do contato (uso de personagens, tom coloquial, linguagem familiar) e da “retórica do direto” (uso da programação “ao vivo” e tentativa de se criar proximidade com a audiência). “(...) a mediação que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado do âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo” (Martín-Barbero, 2003: 305), explica Martín-Barbero.

O segundo lugar é a **temporalidade social**, esta sendo não uma temporalidade cronológica, e sim uma cotidianidade que começa, acaba e recomeça em si. Cotidianidade esta que a televisão trabalha em sua programação, organizada em gêneros e tempos distintos, por meio de uma “estética da repetição”; “cada texto remete à seqüência horária daquilo que o antecede e daquilo que o segue, ou àquilo que aparece no palimpsesto nos outros dias, no mesmo horário” (Martín-Barbero, 2003: 308).

O terceiro lugar onde ocorre esta mediação é a **competência cultural**, que traz à discussão o próprio conceito do que é cultura: enquanto parte das pessoas busca uma cultura elitizada e artística considerando a programação dita popular como “decadência cultural”, outra parte coloca no povo a verdadeira definição da cultura; enquanto alguns defendem as “necessidades culturais das pessoas”, outros defendem as “demandas populares” obtidas em pesquisas de audiência. Diz Martín-Barbero que a significação social da cultura, sua significação, é transformada pelo que a televisão produz e seu modo de reprodução.

Guillermo Orozco Gómez aponta ainda outras mediações nas quais a “decodificação” da mensagem midiática acontece:

1) a **mediação situacional**, focada no contexto em que se dá a recepção no cenário no qual o sentido ocorre, que é prioritariamente o lar. Segundo Nilda Jacks, esta

mediação pode identificar como o receptor é encontrado pelo conteúdo televisivo que recebe: “sozinho ou acompanhado, com atenção exclusiva ou disperso, trocando considerações com outros telespectadores ou não, no espaço social ou íntimo da casa, etc.” (Jacks, 1999: 54-55);

2) a **mediação cognitiva**, que consiste em “roteiros mentais” próprios de cada indivíduo, que influem na percepção, no processamento e apropriação de elementos diretamente relacionados à aquisição de conhecimento;

3) a **mediação institucional**, realizada pelas instituições às quais o receptor pertence ou tem contato; a respeito deste tipo de mediação, Jacks aponta que: “Pertencer simultaneamente a várias instituições resulta em um referencial múltiplo e inter-relacionado, uma vez que cada instituição luta para impor sua produção de significados como a mais legítima” (Jacks, 1999: 55);

4) a **mediação estrutural** ou **de referência**, ligada às características da **identidade** do receptor, como idade, sexo, religião, escolaridade, estrato socioeconômico, etnia, etc.;

5) finalmente, a **Mediação** (com “M” maiúsculo, como denomina Orozco Gómez) **Cultural**, na qual a informação é processada e o sentido é enfim produzido. Tal mediação encontra-se diretamente relacionada tanto à cultura geral da sociedade em questão quanto à subcultura a que pertence o sujeito-receptor, a chamada “comunidade de apropriação”, de forma que “crianças que pertencem a escolas diferentes, por exemplo, têm comunidades de apropriação semelhantes, mas apropriações específicas” (Jacks, 1999: 58).

Pode-se destacar ainda outro pensador latinoamericano que trabalhou o conceito de recepção e apropriação, o antropólogo argentino Néstor García Canclini, cujos estudos acerca da dita “sociedade de consumo” apontaram que os consumidores (de produtos e de informações) não são necessariamente alienados pela “indústria cultural”; por meio do acesso aos bens culturais, podem, ao contrário, desenvolver consciência própria frente aos problemas sociais. Desta forma, a partir de uma vinculação do consumo à cidadania, o consumo deixa de ser um processo passivo, torna-se espaço de voz para o consumidor.

Em todo caso, Martín-Barbero, Orozco Gómez e García Canclini reforçam a ideia mostrada por Hall e pelos Estudos Culturais da *New Left* britânica: a comunicação não se dá em um sistema linear simples, está sujeita às práticas sociais tanto do emissor como do receptor; além disto, o receptor não é visto como um elemento passivo, que decodifica a mensagem recebida exatamente como o emissor a emitiu: sua decodificação dependerá das mediações às quais está sujeito – e de suas posições de adaptação e oposição em relação ao emissor da notícia.

Desta forma, o presente capítulo busca analisar como se desenvolve o processo da comunicação. Inicialmente, o foco é centrado na definição do que é tomado por Comunicação neste trabalho, que utiliza o conceito de “comunicação de massa” sem, no entanto, relacionar este conceito ao de “indústria cultural” – relação esta que certamente merece uma análise à parte, mas que vai de encontro à noção posteriormente apresentada, de que o “receptor” no processo comunicacional não é um mero “consumidor” passivo do que uma “indústria cultural” lhe empurra, como García Canclini analisou e como foi citado anteriormente.

A discussão acerca dos mitos tem dois propósitos: o primeiro foi analisar como a criação do “mito” se dá na comunicação; o segundo, observar se o conceito de mito realmente era apropriado para definir as deformações nos conceitos apresentados pela imprensa à sociedade. No segundo caso, como foi explicado anteriormente, o conceito de mito enquanto uma deformação ou “imagem que não corresponde à realidade” pode ser verdadeiro no campo linguístico; porém, como as observações acerca do tema Deficiência têm um enfoque voltado para o lado social, preferiu-se observar o mito no campo antropológico, o qual não o aponta como algo falso, e sim como elemento ligado à cultura – conceito este que não parece estar de acordo com a criação de preconceitos ou estigmas para todo um setor da sociedade.

Contudo, a análise dos deslocamentos de sentido dentro da comunicação mostra como ocorre a formação destes estigmas sociais. Isto posto, o passo seguinte é observar o quanto o receptor no processo comunicacional seria uma “vítima” destes estigmas que lhe são comunicados, e o quanto ele contribuiria para a formação dos mesmos estigmas.

A apresentação dos conceitos de “codificação” e “decodificação” apresentados por Stuart Hall mostram que a intenção que o emissor traz oculta na mensagem comunicada não é necessariamente aquela que será entendida pelo receptor. A ordem

cultural dominante certamente participa da forma como essa interpretação ocorre – neste sentido, é importante lembrar que os veículos de comunicação encontram-se hoje concentrados nas mãos de poucos, os quais costumam ter relações diretas ou indiretas na formação desta mesma ordem cultural dominante –, mas não se pode desprezar o papel do receptor na informação da qual este se apropria.

O conceito de Hall encontra pontes com os estudos latinoamericanos de Comunicação, onde Martín-Barbero e Orozco Gómez também observam que a forma como ocorre a apropriação da informação comunicada está relacionada à própria formação do receptor: onde e como ele vive? De que instituições participa? Qual sua formação cultural, religiosa, política? Estes são apenas alguns dos elementos que ajudam a definir a forma como este receptor se apropria dos conceitos recebidos.

Assim, se ocorrem deformações e estigmatizações ao longo do processo comunicacional, estas não podem ser atribuídas unicamente aos emissores das mensagens. Não são estes que definem a forma como seus enunciados serão decodificados, e não poucas vezes eles são também receptores, seja em relação a outros veículos de comunicação, seja ao próprio *feedback* que recebem da sociedade, tanto enquanto comunicadores como enquanto “consumidores”.

Isto não significa, contudo, que os emissores estão isentos da formação de imagens estigmatizadas de setores sociais – entre os quais, as pessoas com deficiência. Voltando ao debate dos mitos, exemplos de notícias de jornais mostraram que os próprios redatores dos textos em questão forneceram subsídios para que a deformação dos conceitos apresentados ocorresse.

Apesar de o receptor ter um papel igualmente importante na decodificação comunicacional, o papel do emissor não deixa de ser fundamental. Pelo contrário, Barros indica (grifo ausente no texto original) que:

As representações que a mídia elabora sobre o ser humano e os grupos sociais precisam ser confrontadas com as apropriações que os receptores fazem desses discursos. Neste sentido, a própria mídia se insere no contexto das mediações culturais e deve ser vista não apenas como suporte técnico para um diversificado leque de conteúdos; mas, como elemento balizador da cultura contemporânea. Mais do que mensagem, como afirmava Marshall McLuhan, vale observar que **o meio é mediação** (Barros, 2008: 130).

Com os veículos midiáticos sendo responsáveis por uma grande parte da comunicação social desenvolvida, a base dos conceitos formados ou deformados na sociedade parte dos *media*. Por isso, faz-se necessário analisar como estes vêm veiculando informações no país.

CAPÍTULO II

ESTILOS E NORMAS DO JORNALISMO BRASILEIRO

CAPÍTULO II

ESTILOS E NORMAS DO JORNALISMO BRASILEIRO

Em geral, busca-se, no jornalismo, construir narrativas impessoais e objetivas, nas quais o narrador não se coloque como aquele que relata determinado fato. A objetividade, a neutralidade, o distanciamento, a negação de opiniões ou posicionamentos políticos, a exclusão de ideologias são alguns dos ideais buscados pela imprensa (Soares, 2001: 25).

No capítulo anterior, foi realizada uma análise do processo comunicacional, a qual mostrou que os conceitos embutidos na mensagem comunicada não podem ser creditados unicamente aos seus emissores; é na apropriação dos receptores que o sentido é dado. Contudo, também não se pode eximi-los de parte da responsabilidade pela formação de tais conceitos e pré-conceitos, uma vez que os veículos midiáticos não são apenas meios, mas também mediações da comunicação.

Desta forma, para compreender a mediação na imprensa brasileira, é importante perguntar: como a atividade da imprensa é vista no Brasil por seus veículos de comunicação e pelos seus jornalistas? Quais características são fundamentais para a realização de um bom texto jornalístico?

Roberto Civita, presidente do Grupo Abril, afirma no *Manual de Estilo Editora Abril* que o objetivo da editora é o de transmitir notícias corretas, informação confiável, conhecimento e reflexões da maneira mais precisa, mais agradável e mais clara possível. Por sua vez, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo* traz como missão: “Editar um veículo de comunicação e informação defensor da democracia, da livre iniciativa, idôneo, moderno e comprometido com o seu permanente aprimoramento.”

Passando dos grandes veículos de comunicação para os estudiosos do campo, a professora e pesquisadora Jeanne Marie Machado de Freitas diz, no livro *Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem*, de Rosana de Lima Soares, que: “Mais do que

empresas prestadoras de serviços, como o querem alguns, mais do que indústrias produtoras de informações, indústrias manipuladoras, formadoras de opiniões, alienantes, como o propõem outros, os jornais são instituições sociais”; enquanto o jornalista Manuel Carlos Chaparro, em seu livro *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*, recomenda aos novos jornalistas que olhem e entendam a dinâmica atual em que atuam, sem arrogância, sem frustrações, com humildade e sabedoria. Chaparro destaca, ainda, que a atividade jornalística deve ser avaliada – e avalizada – pelo **interesse público**, que vai estabelecer os critérios jornalísticos de valor da informação.

Qual das definições acima está certa? Todas? Nenhuma? Existe, afinal, um único conceito, claro e definido, de como a imprensa deve trabalhar para atender às necessidades de informação e formação de consciência da população?

Estas são algumas das perguntas que guiaram Umberto Eco em sua análise da imprensa italiana – análise essa que também cabe muito bem à nossa imprensa.

2.1 Uma imprensa ideal

Conforme foi discutido no capítulo anterior, não se pode atribuir toda a culpa aos *media* pelas imagens estigmatizadas em relação às pessoas com deficiência na sociedade, uma vez que a decodificação feita pelos receptores da informação (no caso, a sociedade) é determinante na formação de tais imagens.

Por outro lado, é inegável que os meios de comunicação desempenham um importante papel na transmissão não apenas de informações, mas de conceitos e opiniões, contribuindo assim para a formação social destes. Deste modo, é fundamental que estes meios trabalhem de forma ideal para evitar a discriminação, explícita ou velada, de qualquer setor da sociedade. Um problema nesse sentido, claro, é definir **como** deve funcionar uma imprensa ideal.

Em 1997, Umberto Eco publicou *Cinco Escritos Morais*, uma compilação de textos sobre temas distintos, tendo como elo de ligação entre si o conceito de **ética**.

Um dos textos de Eco presente na compilação, “Sobre a Imprensa”, teve como objetivo analisar a situação da imprensa italiana, sobretudo em suas relações com a política. Diversas observações do filósofo e semiótico italiano poderiam – e deveriam – ser aplicadas também à realidade brasileira, como pode ser visto a seguir.

Umberto Eco abre “Sobre a Imprensa” discutindo o papel que a mídia exerce na sociedade como um quarto poder. Ele explica como ocorre tal função:

A função do quarto poder é exatamente controlar e criticar os outros três poderes tradicionais (...), mas pode fazê-lo, em um país livre, porque sua crítica não tem funções repressivas: os meios de comunicação de massa só podem influenciar a vida política do país criando opiniões (Eco, 1997: 55-56).

Embora a mídia faça a crítica dos três poderes tradicionais, quem faz a crítica da mídia? Eco aponta que a imprensa também não pode ser isenta de críticas, para seu próprio bom funcionamento; logo, é condição de saúde para uma democracia que a imprensa também possa ser colocada em questão.

O texto de Eco é pautado por tópicos de discussão, que podem ser identificados não só na imprensa italiana do final dos anos 90, mas também na imprensa brasileira atual:

- **Ilusões da imprensa:** Ao analisar o comportamento da imprensa italiana nos anos 60 e 70, Eco desfaz a ilusão sobre duas funções da imprensa:

1) a diferença entre a objetividade e a subjetividade: segundo Eco, esta separação não existe. Mesmo com uma separação clara entre comentário e notícia, a própria escolha da notícia (o papel de “gatekeeper” do jornalista) e sua paginação trazem implicitamente uma subjetividade, uma opinião;

2) o uso da mídia para voltar-se a um grupo específico, não aos cidadãos em geral: Eco aponta que, na verdade, busca-se levar a informação a todos, e exatamente a noção equivocada de quem são “as pessoas” leva a falhas na comunicação com todos os setores da sociedade.

Ambas as funções serão discutidas mais adiante no presente capítulo, com base em reportagens publicadas pela revista *VEJA* nos anos 80.

- **Crítica à “ideologia do espetáculo”:** Uma das críticas de Umberto Eco à imprensa italiana é a desvalorização da notícia enquanto fonte de informação e sua revalorização como publicidade e fonte de vendas de jornais.

(...) para ocupar todas essas páginas [acrescidas com a “semanalização” dos diários] são obrigados a contar alguma coisa, para contar algo devem ir além da notícia seca (que, aliás, já foi dada pela televisão) e, portanto, “semanalizam-se” cada vez mais e têm que inventar notícia, e transformar em notícia o que não é notícia (Eco, 1997: 67).

Como exemplo, Eco cita uma troca amigável de provocações entre ele e Gianni Vattimo ao receber um prêmio, que no dia seguinte foi retratada num jornal italiano como um confronto que teria “assinalado o nascimento de uma nova, dramática e inédita fratura no campo filosófico italiano”.

Tal crítica é compartilhada por Nelson Traquina, que aponta como paradigma o jornalismo como informação e não como propaganda. Diz ele que existe um acordo entre o jornalista e o leitor/ouvinte/telespectador: “o principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção dos jornalistas” (Traquina, 2005: 20).

Casos semelhantes ao criticado por Eco podem ser vistos no Brasil, como o nascimento de Sasha, filha da apresentadora televisiva Xuxa Meneghel, fato que mereceu nos anos 90 cobertura de cerca de dez minutos no *Jornal Nacional* e repercussão nos mais variados veículos de comunicação; à frente, inclusive, de manifestos e conflitos sociais que ocorriam na mesma data.

Em participação no debate “Pessoas com deficiência na mídia brasileira”, realizado pela TV USP em 24/04/2008, o diretor executivo e editorial da revista *Sentidos*, Dirceu Pereira Jr., comentou que a mídia nacional ainda é pautada pelo apelo comercial, pela “busca do assunto que mais comove, que vende mais”. O que talvez explique por que a síndrome de Down teve uma grande atenção a partir do momento em

que uma telenovela da Rede Globo de Televisão mostra a protagonista adotando uma menina com a deficiência citada e enfrentando os obstáculos encontrados na sociedade, enquanto a suspensão da audiodescrição, que não é um assunto tão comovente, recebeu apenas uma nota na Folha e passou completamente despercebida pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em julho de 2008.

- **O poder da televisão:** Para Eco, a imprensa italiana é completamente submissa à televisão, à pauta televisiva. Ele afirma que, “para atrair o público da televisão, a imprensa impôs a TV como espaço político privilegiado ao propagandear além de todas as medidas a própria concorrente natural” (Eco, 1997: 73).

Embora não atribua o poder da televisão e do rádio às ações da imprensa, Harry Pross também enfatiza o poder dos *mass-media*, colocando-os mesmo como um instrumento de dominação social e de conflitos ideológicos:

Como meios de transporte de símbolos que são (...), os *mass-media* dirigem-se a todos aqueles que os possam compreender. E como eles, com sua mera existência, transmitem a presença do dominador que deles se serve, renovam uma e outra vez o *ato de presença* política que, do contrário, tem que ser realizado, com mais custos e correndo o risco de um fracasso pessoal dos portadores de símbolos (...). A resistência é operada do mesmo modo: por meio de interferências que buscam deformar a recepção, ou torná-la impossível⁴ (Pross, 1980: 67).

Pross comenta, ainda, outras características que conferem poder à televisão e ao rádio, como: a presença da comunicação, do mundo simbólico, simultaneamente dentro e fora do mundo familiar do receptor da comunicação – “O móvel receptor está dentro de um mundo simbólico familiar, é um dos seus componentes. (...) Não se percebe a distância existente entre o portador simbólico que acaba de entrar na morada e o que já

⁴ Texto original retirado de **Estructura simbólica del poder**: “Como medios de transporte de símbolos que son (...), los *mass-media* se dirigen a todos los que los puedan comprender. Y ya que, con su mera existencia, transmiten la presencia del dominador que se sirve de ellos, renuevan una y otra vez el *acte de présence* política que, de lo contrario, tiene que ser realizado, con más costes y corriendo el riesgo de un fracaso personal de los portadores de símbolos (...). La resistencia se opera del mismo modo: por medio de interferencias que tratan de deformar la recepción o hacerla imposible.”

está dentro.⁵” (1980: 126) –; o apelo dos *mass-media* à emoção – “os efeitos mais resistentes dos *mass-media* não são racionais, e sim os emocionais.⁶” (1980: 125) –; e a disposição dos meios a qualquer horário – “o portador eletrônico de símbolos [televisão e rádio] caracteriza-se por sua independência do claro e escuro naturais. Nem o dia nem a noite o detém.⁷” (1980: 127).

Não cabe à presente análise dizer se a imprensa brasileira também é submissa à televisão. Cabe, no entanto, lembrar que a TV brasileira de fato tem um papel forte no direcionamento de atenção a pautas que poderiam passar completamente ignoradas sem ela. Assim, pode-se dizer que a televisão é não só um espaço político, mas também um espaço **social** privilegiado.

Um caso que ilustra bem a influência da televisão é a novela *Páginas da Vida*, de 2006. A novela chamou a atenção do público brasileiro para a questão da síndrome de Down, através da personagem Clara, interpretada pela jovem atriz Joana Mocarzel; tanto a personagem como a atriz têm esta síndrome. O pai de Joana, o documentarista Evaldo Mocarzel, havia lançado um ano antes o documentário *Do Luto à Luta*, trazendo depoimentos de pais e pessoas com síndrome de Down, ressaltando suas potencialidades.

Antes da novela, o filme vinha sendo distribuído em hospitais, maternidades e instituições que atendem pessoas com a síndrome, além de alguns festivais de cinema. Houve cobertura do documentário por parte da mídia, incluindo a revista *Sentidos*, mas o conhecimento da obra ainda era restrito. Com ajuda da novela, o filme ganhou projeção nacional e comercial: sua estreia comercial aconteceu em outubro de 2006, em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília e Porto Alegre.

- **A entrevista:** “A entrevista tornou-se a maneira mais típica de dar qualquer notícia” (Eco, 1997: 73). Assim Eco inicia suas considerações referentes ao uso da entrevista pela imprensa. Críticas à parte, o autor apresenta uma boa definição de

⁵ Texto original retirado de **Estructura simbólica del poder**: “El mueble receptor está dentro de un mundo simbólico familiar, es uno de sus componentes. (...) No se percibe la distancia existente entre el portador simbólico que acaba de entrar en la morada y lo que está ya dentro.”

⁶ Texto original retirado de **Estructura simbólica del poder**: “los efectos más persistentes de los *mass-media* no son racionales, sino los emocionales.”

⁷ Texto original retirado de **Estructura simbólica del poder**: “el portador de símbolos electrónico está caracterizado por su independencia del claro y oscuro naturales. No le detienen ni el día ni la noche.”

entrevista: “Entrevistar quer dizer oferecer o próprio espaço a alguém para que diga aquilo que bem lhe parecer” (Eco, 1997: 74).

Com relação ao Brasil e às pessoas com deficiência, não se pode dizer que elas não sejam procuradas para entrevistas. O problema está em quando isto acontece. No mesmo debate do qual Pereira Jr. participou, Fábio Meireles, integrante da ONG Escola de Gente, comentou que as fontes com deficiência costumam ser “guardadas” pelo jornalista, para falar apenas de deficiência; dificilmente são procuradas para falar sobre assuntos que digam respeito a toda a sociedade. Comentário este que “conversa” com uma observação de Cremilda Medina: “Para Restrepo, olhamos o que queremos com um distanciamento de sujeito-objeto (digo eu) e **ouvimos o que nos interessa**, caso típico das declarações de fontes jornalísticas.” (Medina, 2008: 48).

Um exemplo pode ser visto em *Informação e deformação: a pessoa com deficiência na mídia impressa*, de Ana Maria Morales Crespo, em análise da reportagem “Deficientes físicos não têm apoio municipal”, publicada em 09/09/1990 pela *Folha de S.Paulo*:

(...) O advogado Caio Leonardo Bessa, 26, engravatado em sua cadeira de rodas, levanta outra questão. “A campanha antipólio do governo é discriminatória.” Para ele, o alerta para a vacinação, com imagens de paralíticos, alimenta a imagem do deficiente inútil, improdutivo: “Você vai ficar assim, Aleijadinho.” (...)

O advogado em questão não é o único ouvido, outras pessoas envolvidas com Direito também o são. Porém, o jornalista faz questão de enfatizar que a fonte ouvida encontra-se “engravatada em sua cadeira de rodas”. Assim, ele é tratado menos como um conhecedor da lei, mais como uma pessoa com deficiência falando sobre sua própria experiência de vida.

- **Que fazer:** Uma das sugestões de Umberto Eco para a imprensa italiana é:

(...) tornar-se uma austera e confiável fonte de notícias sobre tudo que acontece no mundo; não falará apenas do golpe de Estado sobrevivendo no dia anterior (...), mas terá dedicado aos acontecimentos desse país uma atenção contínua, mesmo quando os fatos que ainda estavam por vir estavam incubados (...) (Eco, 1997: 85).

Por fim, tanto a grande mídia como a mídia especializada não podem ficar fechadas em si mesmas, como critica Eco no caso da mídia italiana; é preciso buscar outras notícias – e outros leitores – no “resto do mundo”. Esteja ele do outro lado da Terra, ou seja ele aquele indivíduo ou fato que está do nosso lado, mas para o qual tantas vezes não prestamos atenção.

2.2 Preceitos da imprensa brasileira

Algumas notícias veiculadas pela grande imprensa mostram que a análise de Eco permanece atual. Como exemplo, pode ser citada a matéria “Show de horror”, publicada pela revista *VEJA* em 1981. A matéria em questão trata do filme “O Homem-Elefante”, sobre a história de um homem com uma deformação congênita que, até os 21 anos, percorria a Inglaterra exibido como animal em espetáculos públicos. Após ser internado em uma clínica, sofreu maus tratos: numa das cenas do filme, o personagem é torturado pelo vigia noturno da clínica, que quer fazê-lo “gritar como um elefante”.

Como aponta Rui Bianchi Nascimento em sua dissertação de Mestrado, *A visão parcial da deficiência na imprensa: Revista VEJA (1981-1999)*, embora a matéria em questão já seja de caráter opinativo (sendo uma resenha de um filme), mistura-se na análise a opinião do jornalista a respeito da deficiência, mostrando a presença da subjetividade dentro da objetividade pretendida:

Novamente o “horror” do título, quando analisado no contexto da crítica sobre o filme, refere-se mais ao estigma à patologia congênita do personagem do que ao horror sofrido por ele ao ser mostrado em circo como um animal.

(...) “Esses shows de deformados físicos constituíam prática aceita na Inglaterra vitoriana (...)”.

Ao usar a palavra “deformado” fica clara a intenção de estigmatizar o personagem e a pessoa como diferente e que provoca horror, fazendo com isso o reforço da imagem do deficiente com o repugnante, o que causa desconforto e mal-estar com sua presença e até o receio de contágio (Nascimento, 2001).

Outro exemplo, de 16 de setembro de 1987, é a matéria de capa da revista *VEJA*, “Choque com a vida”. Rui Bianchi Nascimento elogia o papel da matéria, de narrar experiências de famílias que descobriram que seu bebê tinha (ou viria a ter, caso nascesse) uma deficiência. Traz informações sobre aceitação e rejeição, discute a questão do aborto, critica os diagnósticos médicos imprecisos (e não poucas vezes falhos) durante a gravidez. No entanto, a mesma reportagem parece voltada a um setor específico da sociedade. E definitivamente não é às pessoas com deficiência, o que fica claro já nas expressões usadas para as chamadas do texto: “O medo de ter bebês que nascem **com defeitos**”; “O árduo e comovente aprendizado de pais que vêem nascer um filho **anormal**”; “Outras características [do bebê], bem mais cruéis, também vão se delineando à revelia do conhecimento da mãe que carrega um bebê no ventre”.

A postura neutra em relação ao aborto (“Assim, a única arma disponível para evitar o nascimento de um bebê anormal é o aborto, proibido pela atual Constituição brasileira. Trata-se de uma opção que abre profundas feridas nos pais.”), mostrando inclusive os comentários de mulheres que recorreram a tal prática ou que admitem que recorreriam a ela para não terem filhos com deficiência – mas não os comentários de pessoas com deficiência para defender seu direito à vida –, também exclui os leitores com deficiência da discussão.

Mas afinal, como trabalha a imprensa brasileira? O jornalismo reflete ou refrata a sociedade? A questão é relativa para Eduardo Meditsch. “Proposições de que o jornalismo produz conhecimento, iluminando a realidade, se entrecruzam com outras proposições, não menos convincentes, de que apenas o distorce de diversas maneiras e assim a obscurece” (Meditsch, 2001: 64), afirma, apontando que estudos da subjetividade da produção jornalística fizeram com que o jornalismo deixasse de ser visto como um simples espelho no qual se reflete a realidade e passasse a ser considerado como uma construção resultante da interação social.

Isto posto, vejamos como se manifesta a subjetividade na produção jornalística nacional.

Os principais jornais no Brasil possuem seus próprios manuais de redação, os quais indicam as linhas editoriais e normas de trabalho dentro de suas respectivas redações. Explica melhor Manuel Chaparro:

Nas chamadas grandes redações, como em qualquer outra organização, o poder que determina ou tolera as decisões no dia-a-dia jornalístico, ainda que de origem desconhecida, é também exercido por meio de normas claramente estabelecidas. No caso da *Folha de S.Paulo* e de *O Estado de S.Paulo*, uma parte importante das normas formalizadas tem o nome de *Manual*. Cada jornal possui o seu, e por ele impõe ou tenta impor, ao seu universo produtivo, um código técnico de redação e um sistema ideológico ou prático de valores (Chaparro, 2007: 108-109).

Analisando os manuais de redação da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo*, bem como outros manuais, Chaparro observou que, ao invés de dedicarem maior atenção a questões como ética no jornalismo ou o direito do leitor às informações de interesse público, estes mostram a visão utilitária da empresa editora, para a qual o jornal é um produto:

Deve ter algum significado o fato de nenhum dos manuais brasileiros incluir, nos seus textos introdutórios, qualquer termo ou idéia referente ao dever da busca da verdade. E isso combina com o fato de que, na prática, só o interesse do leitor não tem poder de interferência, nem nas intenções nem nos conteúdos, embora isso lhe seja simulado com a manipulação artificiosa das técnicas jornalísticas de produção e apresentação de mensagens (Chaparro, 2007: 130).

Como observou o jornalista, o leitor, embora seja a razão central dos objetivos jornalísticos, recebe na prática tratamento de consumidor, com pouca ou nenhuma voz para interferir nos conteúdos e intenções dos veículos de imprensa. Explicou, em sua análise, que: “Em nenhum momento se capta, na leitura dos manuais de redação dos dois jornais, qualquer preocupação ou reflexão mais sociológica ou cultural que trate o leitor como sujeito de um processo de comunicação e cidadão com direitos específicos” (Chaparro, 2007: 102).

Ainda sobre o público leitor, Chaparro defendeu em seu livro a universalidade do direito consagrado pelo artigo 19 da Declaração Universal de Direitos, a qual estabelece que todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, e que tal direito inclui poder difundir e receber informações verdadeiras – algo que muitas vezes não ocorre, não apenas no Brasil mas em caráter mundial. Ocorre, desta forma, uma discriminação social das multidões que não podem interferir nem ter acesso aos

meios informativos, por estes encontrarem-se nas mãos de oligopólios que controlam a informação.

Entre estas multidões sem voz, encontram-se certamente as pessoas com deficiência. Realizando uma leitura na edição de 1984 do manual de redação da *Folha de S. Paulo*, não há qualquer referência a tais cidadãos; na edição de 1987, ganham uma breve menção, no item “Preconceitos”:

A Folha não admite preconceitos nos textos que publica. Ninguém é qualificado por sua origem étnica, naturalidade, confissão religiosa, situação social, preferências sexuais, deficiências físicas ou mentais, exceto quando essa qualificação for indispensável para tornar completa a informação que o texto veicula (1987: 35).

É apenas em 2001 que o manual vai adotar, além de um “Anexo de termos médicos” no qual é recomendado todo o cuidado ao redigir a respeito de questões médicas, “inclusive consulta a especialistas da área”, um item próprio para tratar da questão da Deficiência:

Portadores de deficiências físicas e mentais devem receber da Folha tratamento que combata estereótipos, humilhações, condescendência e discriminação. Não use expressões e lugares-comuns depreciativos, como “preso a uma cadeira de rodas”, “aleijado” ou “mongolóide”. Seja o mais técnico possível: “tetraplégico”, “portador de síndrome de Down”. Menção a deficiência deve ser feita apenas quando for relevante para o contexto da notícia (2001: 61).

Dos manuais de redação analisados, o da Folha foi o que mais dedicou atenção à questão da Deficiência. Por sua vez, o manual de redação e estilo do jornal *O Globo*, em sua edição de 1997, destaca dois parágrafos para tratar do tema. O primeiro, bem conceituado, encontra-se no item “Preconceitos”:

Pelo mesmo critério, é correto respeitar as solicitações de grupos sobre a forma pela qual devem ser tratados. Estão nesse caso, por exemplo, as reivindicações de deficientes físicos, que repudiam expressões paternalistas ou que enfatizem excessivamente suas limitações, como os diminutivos (“o ceguinho”, por exemplo). É sempre errado falar da deficiência ou da doença como um dado da

identidade da pessoa. Uma pessoa tem câncer, Aids, lepra; mas não é “a cancerosa”, “a aidética”, “a leprosa” etc. (1997: 120).

Além desse parágrafo, o manual traz também, no capítulo “Palavras perigosas”, o item:

Tetraplégico: Quem não tem movimentos nos quatro membros. O **hemiplégico** é paralítico de um lado do corpo, o direito ou o esquerdo (1997: 173).

O manual de redação e estilo do jornal *O Estado de S.Paulo*, em sua edição de 1997, resume sua atenção ao tema ao explicar que o termo “surdo-mudo” é um adjetivo composto e a forma como fazer sua concordância nominal – ignorando o fato que tal termo é hoje considerado incorreto ao se referir a pessoas com deficiência auditiva, uma vez que elas apenas não escutam e por isso não se expressam por meio da voz, mas não são necessariamente desprovidas do dom da fala.

Por sua vez, o manual de redação da editora Abril (responsável pela publicação da revista *VEJA*), em 1990, listava como segundo princípio da empresa:

Como empresa, a Abril está empenhada em contribuir para a difusão da informação, cultura e entretenimento, para o progresso da educação, a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento da livre iniciativa e o fortalecimento das instituições democráticas no país. Essa filosofia reflete-se no conteúdo de suas publicações, que não veiculam referências que possam ter conotações de preconceito racial, social ou religioso, nem de desrespeito aos direitos humanos universalmente aceitos (1990: 15).

É interessante observar que o preconceito em relação a deficiências físicas ou mentais não é mencionado no princípio em questão.

Em todo caso, as falhas constantes vistas no trabalho jornalístico levantam a dúvida se os princípios e instruções dos manuais de redação têm qualquer influência na apuração e redação das notícias. A imprensa brasileira muitas vezes coloca-se, infelizmente, não em seu papel de instituição social, mas naquele de empresa prestadora de serviço.

Para que servem, então, os manuais?

No plano externo, cumprem o objetivo de elaborar imagem institucional que estimule e mantenha demandas: circulam no mercado como produtos editoriais, tornando-se *best-sellers*. Internamente, a julgar pelos exemplos recortados, os manuais não conseguem sobrepor-se aos interesses particulares dos diversos intervenientes – talvez porque, como sentenciou Kant, o interesse não pode ser imposto; é uma categoria da liberdade, do amor-próprio, um ato livre da vontade (Chaparro, 2007: 124).

Interesse esse que, como bem observa Chaparro, não corresponde ou se preocupa com os interesses do leitor. Se os manuais de redação mencionam o leitor como centro dos objetivos da atividade de seus respectivos jornais, na prática este raramente consegue interferir em conteúdos e intenções. Embora nos discursos de marketing dos jornais o leitor seja a razão central dos objetivos jornalísticos, na prática ele é visto como um consumidor, como alguém cujo papel é apenas consumir aquilo que lhe é dado, e não como um sujeito participativo no processo comunicacional. Trata-se de certa falta de atenção para com um princípio fundamental (ou que pelo menos assim deveria ser) do jornalismo: o direito à informação é privilégio **do leitor**, não do jornalista nem dos jornais.

E exatamente por seu direito a receber o relato veraz da realidade, o leitor também deveria ter o direito a ser ouvido pelos *media*, de ter voz para mostrar sua realidade, seus desafios e reivindicações por uma sociedade mais justa. “Para que algo possa chegar ao discurso público e, ao fazê-lo, criar laços sociais – possibilitar que uns se comuniquem com os outros –, deve sair do anonimato e tornar-se narrativa, encadeando expectativas e, assim, possibilitando que algo aconteça” (Soares, 2001: 29), aponta a jornalista e comunicóloga Rosana de Lima Soares.

“Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (Traquina, 2008: 26), afirma Nelson Traquina, que lista como um dos deveres do jornalismo “fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho das suas responsabilidades cívicas, tornando central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística” (Traquina, 2005: 50). Assim, para que os cidadãos tenham consciência de seu dever de contribuir para a inclusão social de todos, incluindo a dos indivíduos com deficiência, é

preciso que o jornalismo permita que as informações referentes ao tema sejam devidamente transmitidas à sociedade.

Como forma de proporcionar a participação da sociedade como um todo no processo da comunicação, vale observar o modelo **orquestral** descrito por Yves Winkin:

A analogia da orquestra tem por objetivo mostrar como podemos dizer que cada indivíduo participa da comunicação, mais do que é a sua origem ou ponto de chegada. (...) É neste sentido que poderíamos falar de um *modelo orquestral da comunicação*, em oposição ao “modelo telegráfico”. O modelo orquestral equivale, na verdade, a ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a *comunhão* (Winkin, 1998: 33-34).

Em outras palavras, no modelo orquestral da comunicação, não ocorre uma divisão simplista entre comunicadores e “comunicados”; cada parte da sociedade contribui para o todo da informação, cada cidadão tem espaço e importância dentro do processo da comunicação. O foco deixa de ser restrito a dados e números, passando para a construção de narrativas que valorizem o aspecto humano; o jornalista, enquanto ator social, passa a prestar atenção não apenas nas palavras das personagens de suas notícias, mas também em seus gestos, olhares, silêncios. “O resultado disso será talvez uma menor pusilanimidade diante do desconhecido, mesmo que ainda muito próximo, diante da diferença (social, étnica, psíquica), mesmo que ainda minúscula” (Winkin, 1998: 209).

Falta, ainda, uma visão mais humana dos jornalistas em relação à Deficiência. Observa-se, mesmo nos princípios defendidos nos manuais de redação, uma preocupação centrada na objetividade da informação, na afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, na precisão da linguagem. Tal postura é criticada por Cremilda Medina, que explica:

As guerras, a bomba atômica, a miséria social, as ameaças ao meio ambiente, o terrorismo, as doenças fatais e todas as pautas da contemporaneidade demandam mais as narrativas autorais densas e tensas do que as promessas da verdade simples e precisa, ideais cartesianos reescritos pelo positivismo no século XIX (Medina, 2008: 28).

A jornalista aponta, assim, a necessidade de um jornalismo mais aberto a uma mediação de fato, a uma mediação **afetiva**, a um diálogo possível. Segundo Medina, só quando se está *afeto a* ocorre o ato comunicacional que se traduz nas narrativas da contemporaneidade.

Em certos momentos, o profissional, mesmo sendo um experiente técnico, é posto à prova no acontecimento imediato, cujos protagonistas humanos vivem situações-limite. A consciência racional, o traquejo especializado e a persistência na ação não são as únicas ferramentas para o trabalho disciplinado. O repórter, nessas circunstâncias, precisa do silêncio subjetivo, dos sinais dos cinco sentidos e da despoluição da consciência para a escuta da intuição criadora. Daí advêm gestos solidários que se consomem na interação social. O Eu e o Tu se encontram em dialogia (Medina, 2008: 68).

Da mesma forma, Nelson Traquina define o jornalismo não em termos positivistas, mas surpreendentemente em expressões poéticas: segundo o professor português, o jornalismo é a vida “em todas suas dimensões, como uma enciclopédia”; é “um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida”. Os jornalistas, diz Traquina, “vêm os acontecimentos como ‘estórias’, e as notícias são construídas como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas” (Traquina, 2005: 21). E aponta o risco de uma postura demasiadamente desprendida do lado humano na profissão do jornalista:

No entanto, o jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados, trabalhadores numa fábrica de notícias. (...) há muito mais no jornalismo, para além do domínio das técnicas jornalísticas, e que os jornalistas fazem parte de uma profissão, talvez uma das profissões mais difíceis e com maiores responsabilidades sociais (Traquina, 2005: 22).

No Seminário Internacional Comunicação & Exclusão, Jose Luis Aguirre, diretor do Servicio de Capacitación en Radio & Televisión para el Desarrollo (SECRAD), da Universidad Católica Boliviana San Pablo, afirmou que a formação de um comunicador social não precisa de um modelo uniforme de comunicação, mas de sensibilidade à diversidade; “da comunicação inclusiva nasce a democracia inclusiva”,

explicou. Para Aguirre, o jornalista tem obrigação de se formar como pessoa, apesar das instituições de ensino.

Assim, o presente capítulo busca discutir como a imprensa brasileira exerce sua função comunicacional e o que ainda precisa ser feito para que esta se torne uma imprensa ideal. É claro que querer apontar como deve ser uma imprensa ideal seria um tanto pretensioso da parte desta dissertação; em vez disso, o que se procura fazer aqui é descobrir falhas que claramente atrapalham a função social do jornalismo e impedem que setores excluídos da sociedade possam se manifestar e ter suas reivindicações atendidas (ou pelo menos percebidas pelos demais indivíduos).

Cabe aos comunicadores, em primeiro lugar, ter consciência de que a informação não é um direito deles, mas daqueles que a recebem. Desta forma, é inaceitável que interesses particulares dos veículos midiáticos priorizem pautas pouco ou nada relevantes para a sociedade em detrimento de assuntos que dizem respeito a toda uma parcela da população. Como afirma Chaparro, a linguagem jornalística não precisa ser neutra, mas deve ser sempre confiável e independente de interesses externos.

Trata-se de algo difícil de se confiar que aconteça na mídia de um país como o Brasil; como Venício de Lima aponta, em *Mídia: teoria e política*, há uma concentração de 90% da mídia brasileira por 15 grupos familiares, além do domínio das mais variadas mídias de comunicação por elites políticas locais e regionais e por igrejas, em decorrência de brechas nas leis que dizem respeito aos meios de comunicação e da falta de cumprimento, fiscalização e aplicação destas próprias leis. Ele observa que a mídia traz em si um poder de longo prazo na construção da realidade por meio da representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana, e alerta:

(...) corremos, de fato, o risco de estar assistindo a um processo de concentração da propriedade, de manutenção de velhas estruturas familiares, de fortalecimento de elites políticas locais e regionais, acompanhado da presença significativa de igrejas no setor de comunicações, que pode se constituir em ameaça concreta, não só para a liberdade de expressão mas para a própria democracia do Brasil (Lima, 2001: 114).

Mas a simples (e talvez utópica) conscientização dos detentores dos meios de comunicação para que seu trabalho seja voltado à sociedade e não a seus próprios

interesses, embora seja um grande passo, não basta para promover a inclusão de todos os setores sociais no acesso à comunicação.

Marcos Peres, jornalista do canal televisivo Sport TV, aponta outra falha do jornalista: a busca superficial da informação que deve transmitir ao seu público, sem uma maior atenção sobre quem ou o que se escreve. Na maioria dos casos, o jornalista é um “generalista”, e sua falta de informação e de formação a respeito do tema que retrata leva à superficialidade e aos estereótipos.

Desta forma, também é necessário deixar de ver os protagonistas das notícias do dia como “dados”, “personagens” ou “estatísticas”; é preciso que estes sejam tratados como indivíduos com os mesmos direitos e deveres do jornalista, como um ser humano que merece e deve ser não apenas ouvido, mas **compreendido** em suas vivências e suas necessidades.

Cabe ainda apontar a necessidade de que **todos** possam ser ouvidos e compreendidos; que todos que tenham algo a dizer possam ser ouvidos (ou lidos, ou vistos). Como bem afirmou Peres no Seminário Internacional Comunicação & Exclusão, o papel do jornalista é retratar os movimentos sociais para toda a sociedade, torná-los narrativas.

Tornar-se narrativa, porém, só é possível com o apoio daqueles que trabalham a comunicação de massa. Diversos setores da sociedade buscam tal apoio; entre eles, o setor das pessoas com deficiência.

O capítulo seguinte, ainda que não em toda a sua devida completude e complexidade, apresenta um pouco mais deste setor. Algumas informações nele presentes incluem qual a definição de deficiência pela legislação nacional, quais os principais tipos de deficiência, os direitos que as pessoas com deficiência conseguiram ao longo das décadas, e as barreiras que até hoje elas enfrentam na área da comunicação. Também são apresentados os termos normalmente utilizados para se referir às deficiências, e explica-se o motivo pelo qual alguns deles são considerados inadequados para abordar o tema.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DE 14,5% DA SOCIEDADE BRASILEIRA

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DE 14,5% DA SOCIEDADE BRASILEIRA

As redações brasileiras, entretanto, não se encontram hoje qualificadas para este papel estratégico: da mesma maneira que ocorre em relação a outras questões prioritárias da agenda social, os profissionais de jornalismo sofrem com a ausência de um processo consistente de capacitação para a cobertura da pauta da deficiência. A lacuna tem origem no currículo defasado da grande maioria das faculdades de comunicação e se nutre da falta de interesse das empresas. Ambos os fatores contribuem de forma marcante para impulsionar a engrenagem da exclusão que cerca as pessoas com deficiência.

Isso não significa que faltem exemplos de bom jornalismo social na imprensa brasileira. (...) O problema é que na maior parte das vezes essas matérias ainda são mais o resultado dos esforços individuais do que de linhas editoriais consolidadas. (Vivarta, 2003: 6-7).

O decreto 3.298, de 20 de dezembro de 1999, por meio da Portaria N^o 298, de 9 de agosto de 2001, assim define a deficiência: “aquela que ocorreu e se estabilizou durante um período de tempo suficiente a não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos”.

Definição semelhante pode ser encontrada no primeiro item do Artigo I da *Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência*, realizada na cidade de Guatemala, Guatemala, em 7 de junho de 1999: “O termo “deficiência” significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”.

Antes de começar a falar da deficiência no Brasil, é importante discutir os termos utilizados neste trabalho. Como explica Romeu Kazumi Sassaki no texto “Terminologia sobre Deficiência na era da inclusão”, anexo da obra *Mídia e deficiência*: “A construção de uma verdadeira sociedade inclusiva passa também pelo cuidado com a linguagem. Na linguagem se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências” (Sassaki *in* Vivarta, 2003: 160).

Uma confusão frequente é a terminologia correta para se referir aos indivíduos com deficiência em geral: é comum lermos expressões como “portador de deficiência”, “deficiente” ou “pessoa com necessidades especiais”.

O termo “portador de deficiência” é considerado inadequado na comunicação, embora esteja correto dentro do contexto jurídico, pois o verbo “portar” dá a ideia de que a pessoa carrega consigo algo de que pode dispor depois, enquanto a deficiência faz parte da pessoa (da mesma forma, não se diz que alguém é “portador de olhos castanhos”, por exemplo).

Por sua vez, a palavra “deficiente” toma a parte pelo todo, ou seja, o indivíduo é tomado unicamente por sua deficiência, como se ele inteiro fosse deficiente, e nada mais que deficiente. Por isso, também não é um termo recomendado. Caso semelhante ocorre na Bolívia, onde Jose Luis Aguirre cita “persona con discapacidad” como o termo utilizado para se referir às pessoas com deficiência – lembrando que a ênfase da expressão não está em “discapacidad”, mas sim em “persona”.

Vivarta explica por que é considerada incorreta a denominação de tais indivíduos como “pessoas com necessidades especiais”:

A palavra “especial” não deve ser usada com referência à deficiência, pois hoje adquiriu uma conotação que tende a abstrair, dos indivíduos com deficiência, sua condição humana. Confere-lhes, assim, uma diferenciação inadequada pois, por sermos únicos, somos, todos, especiais, sem exceção (Vivarta, 2003: 40).

Além disso, de certa forma todos os indivíduos possuem alguma necessidade especial (as mulheres gestantes ou pessoas com algum tipo de alergia, por exemplo), sem que tenham necessariamente algum tipo de deficiência. Vale lembrar, porém, que o

termo “especial”, da mesma forma que “portador de deficiência”, é considerado correto em determinados contextos jurídicos. Entretanto, fora destes contextos, tais expressões devem ser evitadas.

Desta forma, o termo considerado mais adequado para se referir a este setor da sociedade é “pessoa com deficiência”, podendo ser uma “pessoa com deficiência visual” ou “cega” (não “ceguinha”, termo que retrata a pessoa como um ser incompleto), “pessoa com deficiência auditiva” ou “surda” (e não “surda-muda”, uma vez que a palavra “mudo” não corresponde à realidade do surdo, o qual muitas vezes não fala por não escutar, e não por não ter o dom da fala), “pessoa com deficiência física” – que pode ser “cadeirante”, por exemplo (mas não “aleijado” ou “inválido”, termos considerados depreciativos), etc.

Assim, a presente dissertação busca seguir utilizando as terminologias apresentadas como corretas. Porém, cabe ressaltar que não há uma unanimidade na definição de termos corretos e incorretos; mesmo entre as lideranças de movimentos de pessoas com deficiência, há discordâncias com relação às expressões adotadas. Desta forma, procurar-se-á evitar julgamentos de utilização de terminologias na presente pesquisa, salvo quando o termo adotado trouxer claramente uma conotação negativa.

Vale ressaltar também que os estigmas não se limitam às terminologias, mas também se encontram – talvez até de forma mais forte – nas narrativas e nas entrelinhas do que é informado ao leitor, espectador, telespectador ou internauta. O uso de terminologias adequadas na comunicação não garante a ausência de estigmas na mensagem, enquanto algumas vezes uma reportagem pode promover inclusão social e dar voz aos cidadãos com deficiência apesar de não usar os termos considerados corretos. Apesar disso, o cuidado com os termos utilizados deve ser lembrado pelos jornalistas, como um primeiro passo contra a estigmatização das pessoas com deficiência.

3.1 Números e imprecisões

Segundo o censo realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 24,5 milhões de brasileiros (25 milhões segundo artigo de

José Serra e Linamara Rizzo Battistella no ano de 2008), ou seja, 14,5% da população têm algum tipo de deficiência, entre os quais:

- **Deficiência física:** no Brasil, a portaria nº 298 de 9 de agosto de 2001 define a deficiência física como: “Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física”. As deficiências físicas comprometem sobretudo a habilidade de locomoção e/ou as funções motoras.

- **Deficiência visual:** segundo definição de 2005 da Sociedade Brasileira da Visão Subnormal, esta deficiência consiste no: “comprometimento do funcionamento visual, mesmo após tratamento e/ou correção de erros refracionais comuns, com acuidade visual inferior a 20/60 (6/18, 0.3) até percepção de luz ou campo visual inferior a 10 graus do seu ponto de fixação mas que utiliza ou é potencialmente capaz de utilizar a visão para planejamento e execução de uma tarefa”. Entre os graus de deficiência visual está a cegueira, que a American Foundation of Blind assim descreve: “acuidade visual de 6/60 ou menos no melhor olho com correção apropriada, e uma restrição do campo visual menor que 20 graus”.

- **Deficiência auditiva:** o decreto de lei nº 3.298, de 20 de dezembro de 1989, define este tipo de deficiência como: “Perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando em graus e níveis”. Há várias gradações da surdez, indo da deficiência auditiva suave (diminuição de 16 a 25 dB na audição) à surdez severa (diminuição de 71 a 90 dB).

- **Deficiência mental:** o decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7853 de 1989, dispondo sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; art. 4º, IV, assim define a deficiência mental: “funcionamento intelectual inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: a) comunicação; b) cuidado pessoal; c) habilidades sociais; utilização da comunidade; d) saúde e segurança; e) habilidades acadêmicas; f) lazer; e g) trabalho”. Alguns estudiosos da área consideram esta definição controversa; contudo, esta dissertação não pretende se aprofundar na discussão.

Há ainda outros tipos, como a deficiência da dicção, além das deficiências do metabolismo e as deficiências pouco conhecidas (como a esclerose múltipla, a

insuficiência renal crônica, o diabetes, etc.). E apesar das diferenciações, um mesmo indivíduo pode ter dois ou mais tipos de deficiência, constituindo um caso de deficiência múltipla.

O Censo 2000 aponta que a proporção de pessoas com deficiência aumenta com a idade, indo de 4,3%, nas crianças até 14 anos, para 54% do total das pessoas com idade superior a 65 anos. Também mostra que, na ocasião, havia uma predominância masculina nos casos de deficiência mental, física (especialmente no caso de falta de membro ou parte dele) e auditiva (geralmente ligados ao tipo de atividade desenvolvida pelos homens e ao risco de acidentes de diversas causas), enquanto entre as mulheres predominavam as deficiências motora e visual, com o predomínio de mulheres a partir de 60 anos.

Já em 2006, Shamyry Sulyvan de Castro levantou números obtidos de bancos de dados de dois inquéritos de saúde de base populacional realizados em cidades do Estado de São Paulo, em 2002 e 2003. A partir dos dados levantados, constatou que das 8316 pessoas entrevistadas, 1232 tinham pelo menos um tipo de deficiência, 718 delas tendo algum tipo de deficiência visual (dificuldade de enxergar, cegueira de um olho ou cegueira total), 562 tendo alguma deficiência auditiva (dificuldade de ouvir, surdez de um ouvido ou surdez total), e 143 com alguma deficiência física (paralisia parcial ou total de membros, ou perda parcial ou total de membros).

As observações de Castro também apontam para uma tendência de prevalência maior das deficiências nas idades mais avançadas. Contudo, observou também uma incidência cerca de 67% maior de deficiências visual e auditiva no sexo feminino; nos homens, segundo Castro, os acidentes de trabalho foram a segunda maior causa de deficiência auditiva, enquanto os acidentes de trânsito foram a segunda causa de deficiência física. Da mesma forma, observou que há uma incidência aproximadamente 71% maior de deficiências em indivíduos com três anos ou menos de escolaridade. As principais causas gerais de deficiência vistas em tais inquéritos foram, respectivamente, doenças (421 indivíduos) e o avanço da idade (347 pessoas).

É difícil precisar os números da deficiência no Brasil e mesmo no mundo nos dias de hoje; segundo o site Wikipedia, “A demografia da deficiência é difícil. A contagem de pessoas com deficiência é desafiadora. Isto ocorre porque a deficiência não é apenas uma condição de estado, contida inteiramente no indivíduo. Na verdade, ela é

uma interação entre o estado médico (como ter baixa visão ou ser cego) e o meio ambiente⁸.”

Em todo caso, trata-se de uma parcela nada desprezível de pessoas em nosso país, especialmente levando em conta que esta parcela está relacionada a familiares, amigos, profissionais especializados, formuladores de políticas públicas, instituições de ensino e pesquisa e organizações da sociedade civil. Há assim, na prática, um número ainda maior de pessoas envolvidas com o tema Deficiência, seja direta ou indiretamente.

3.2 Conquistas obtidas, outras ainda a serem alcançadas

Com números tão expressivos, era de se esperar que o tema Deficiência tivesse uma presença considerável no trabalho da imprensa brasileira; contudo, não é o que se observa. O livro *Mídia e Deficiência*, fruto de pesquisa realizada em 2003 pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) em parceria com a Fundação Banco do Brasil, aponta como a questão da Deficiência não é parte das preocupações da ideologia dominante:

Reportagens que denunciem abuso sexual em crianças ou tráfico de drogas já conseguem mobilizar o senso comum. Indivíduos das mais distintas origens concordam ser necessário enfrentar com urgência tais mazelas sociais, para o bem de toda a nação.

Outras denúncias não provocam a mesma comoção, nem quando se referem a direitos previstos e amparados pela Constituição. Isso porque versam sobre impasses que comumente não figuram na relação de problemas que a sociedade considera como seus – por exemplo, a permanência ou não de crianças com paralisia cerebral ou surdas na classe comum das escolas públicas regulares próximas de sua casa (Vivarta, 2003: 11-12).

⁸ Texto original: “The [demography](http://en.wikipedia.org/wiki/Disability#Difficulties_in_measuring) of disability is difficult. Counting persons with disabilities is challenging. That is because disability is not just a status condition, entirely contained within the individual. Rather, it is an interaction between medical status (say, having [low vision](http://en.wikipedia.org/wiki/Disability#Difficulties_in_measuring) or being blind) and the environment.” Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Disability#Difficulties_in_measuring>. Acesso em 6 mai. 2009.

Uma das observações feitas pelo estudo é que a pouca atenção dedicada ao tema reflete-se não somente na quase ausência deste na pauta dos comunicadores brasileiros, mas também na superficialidade que as notícias sobre pessoas com deficiência costumam ter:

A mídia tem reproduzido com muita eficiência este pensamento mágico de que é possível evitar para sempre discussões que envolvem Deficiência. Esta postura se traduz na não-valorização do assunto Deficiência como de utilidade e interesses públicos – o que, conseqüentemente, provoca um empobrecimento das matérias publicadas com este foco nos jornais brasileiros. O mesmo problema atinge o processo de elaboração das reportagens veiculada [sic] pelo rádio e pela televisão.

As tão esperadas e questionadoras pautas raramente aparecem – nem há tampouco pressão da sociedade civil, organizada ou não, e também dos governos, para transformar este cenário (Vivarta, 2003: 11-12).

De fato, as conquistas conseguidas pelas pessoas com deficiência são fruto de uma longa história de manifestos sociais, reivindicações e proposições de políticas públicas. A História Antiga mostra que tais indivíduos eram, então, desprezados e indesejados na sociedade: em Esparta, as crianças nascidas com uma deficiência eram jogadas do alto de despenhadeiros; para os hebreus, a deficiência era vista como um sinal de impureza ou pecado.

Milênios se passam até que, no século XIX, ocorre um “progresso” com a prática da *segregação institucional*, a qual consistia na internação das pessoas com deficiência, pelo resto da vida, em grandes instituições fechadas. Com o tempo, a segregação deu lugar a um trabalho de *(re)abilitação*, inicialmente voltado para capacitar física e profissionalmente as pessoas que adquiriram deficiências ao longo da vida, e posteriormente também para pessoas que nasceram com deficiência.

1981 foi proclamado, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, como o Ano Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiência (International Year for Disabled Persons); a partir de então, desenvolveu-se uma maior conscientização a respeito dos problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência e a necessidade de se buscarem soluções de **acessibilidade**, tanto física (garantia de

mobilidade e usabilidade para qualquer pessoa em todos os espaços) quanto social (a inclusão efetiva de tais cidadãos na sociedade, sem barreiras e também sem privilégios, realizando transformações profundas na sociedade – tanto fisicamente quanto em termos de conscientização – para acolher a todos os cidadãos, com ou sem deficiência).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 foi um marco histórico para assegurar o direito à inclusão social da pessoa com deficiência; sendo retrabalhada e aprimorada ao longo dos anos, assegurou, entre outras, as seguintes conquistas:

Art. 7º, XXXI: assegurou como direito social a proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador com deficiência;

Art. 37, VII: impôs que a lei reservasse um percentual dos cargos e empregos públicos para as pessoas com deficiência, definindo os critérios de sua admissão;

Lei Maior; CR, art. 203, IV: trouxe como objetivo a habilitação e reabilitação das pessoas com deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;

CR, art. 203, V: garantiu um salário-mínimo mensal à pessoa com deficiência que comprove não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida pela família;

Art. 208, III: estabeleceu o dever do Estado em relação à educação, com atendimento educacional especializado aos indivíduos com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Art. 227, Parágrafo 1º, II: exigiu que o Estado mantivesse programas especiais de assistência, notadamente “programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas com deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente com deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos”;

Art. 227, Parágrafo 2º: estabeleceu a necessidade de normas de construção dos edifícios e logradouros de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, para garantir acesso adequado às pessoas com deficiência;

Art. 244 da Lei Magna: endossa o estabelecido pelo art. 227, Parágrafo 2º;

Lei n. 8.213/91, art. 93: assegurou às pessoas com deficiência, desde que habilitadas, de 2 a 5% das vagas para trabalho nas empresas com mais de cem empregados (direito regulamentado pelo Decreto n. 3.298/99).

Outras leis foram e vêm sendo estabelecidas desde então, de forma a garantir direitos (e não privilégios) às pessoas com deficiência na sociedade. É importante observar que estes direitos não foram concedidos a elas, e sim **conquistados** por elas, por meio de militância engajada na luta por cidadania no movimento social das pessoas com deficiência. Militância essa que levou a ONU a reconhecer, em 1993, o dia 3 de dezembro como “Dia Internacional da Pessoa Deficiente”.

Infelizmente, nem tudo que é escrito no papel é aplicado na prática. Não é incomum ver pela cidade edifícios públicos sem condições de acessibilidade física (rampas, corrimões, piso tátil), bibliotecas com obras inacessíveis de uma forma ou outra (prateleiras altas e inacessíveis para cadeirantes; ausência de obras em braile ou audiolivros), ou empresas que, para cumprir sua cota mínima de funcionários com deficiência, trazem como requisito que o funcionário procurado deve ter uma “deficiência leve”, ou que pode apenas ter a deficiência “X” ou “Y” – e o qual, não poucas vezes, acaba não recebendo o tratamento justo no trabalho.

Veículos de comunicação têm se posicionado em defesa de tais cidadãos: é o caso da **Rede SACI** (Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação), que desde 1999 visa através da Internet estimular a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania das pessoas com deficiência, publicando notícias sobre o tema, arquivando legislações, anunciando cursos voltados para o campo da Deficiência, denunciando o desrespeito aos direitos de tais cidadãos (caso das fotografias mostrando carros não identificados com o selo de acessibilidade estacionando em vagas exclusivas para pessoas com deficiência) e mesmo permitindo que o público leitor escreva sobre

suas experiências de acessibilidade (ou falta de), o espaço do “Repórter SACI Voluntário”.

De forma semelhante, a revista *Sentidos – A inclusão social da pessoa com deficiência*, procura pautar a grande imprensa para assuntos de relevância sobre Deficiência, e segundo seu diretor executivo e editorial, Dirceu Pereira Jr., as pessoas que nela trabalham gostariam que o tema transcendesse o segmento, isto é, que não se abordasse a Deficiência apenas quando o foco central da notícia é a Deficiência, que ela também tivesse algum espaço nas matérias sobre política, economia, cultura, cotidiano, etc. Também é foco da revista não tratar o tema com enfoque sensacionalista ou assistencialista, buscando mostrar as pessoas com deficiência como indivíduos, como qualquer outra pessoa na sociedade, com suas próprias necessidades especiais – e afinal, quem não tem pelo menos uma? –, com seus trabalhos, suas características, seus cotidianos.

Mas e a grande imprensa, como se posiciona em relação ao tema? Ela transmite uma imagem positiva das pessoas com deficiência, insiste em velhos preconceitos ou simplesmente as ignora – o que, em termos de formação de imagens, é uma atitude tão ou mais nociva?

3.3 As variações na imagem pública de uma pessoa com deficiência

Retomando do primeiro capítulo a palestra “Acesso à Sociedade da Informação: Direitos de Comunicação das Pessoas com Deficiência”, proferida por Julia Hoffmann no Seminário Internacional Comunicação & Exclusão, um dos estudos referenciados pela professora em sua apresentação encontra-se na obra *Culture(s) and Belief Systems*. No livro em questão, é abordado o papel da mídia, no que diz respeito tanto ao jornalismo quanto às emissões e publicações voltadas para a ficção e o entretenimento, como uma direcionadora de imagens públicas, isto é, como participante ativa da formação do imaginário popular.

A respeito deste papel, Hoffmann apontou que os veículos midiáticos valem-se frequentemente do uso de estereótipos, “justificados” por uma necessidade de

simplificar as informações transmitidas. Oito imagens ou estereótipos foram listados pela obra no que diz respeito às imagens públicas dadas às pessoas com deficiência:

1) A invisibilidade do tema na mídia, no jornalismo, na publicidade: ignora-se a existência das pessoas com deficiência na sociedade, bem como sua voz e suas pautas; conforme será discutido no capítulo seguinte, esta é possivelmente a “imagem” mais frequente deste setor social nos meios de comunicação.

2) A representação da pessoa com deficiência como um indivíduo patético, digno de pena; a pessoa com deficiência aqui é reconhecida, mas não é vista como um cidadão dotado de capacidades para viver em sociedade.

3) A retratação da “super pessoa com deficiência”, à qual se atribuem habilidades especiais; segundo este estereótipo, por exemplo, um indivíduo cego teria a falta da visão compensada por um desenvolvimento superior dos seus demais sentidos. Creio que também cabe nesta categoria a supervalorização de um feito atingido por uma pessoa com deficiência; conforme apontado (e criticado) pelo jornalista Marcos Peres no mesmo seminário, é o caso da qualificação da vitória de um atleta nas Paraolimpíadas como sendo uma “superação”, entendendo por “superação” algo além da compreensão humana, uma superação da deficiência, ignorando assim todo o treinamento intenso do atleta para atingir a vitória numa competição de alto rendimento. Para Peres, “superação” significa “chegar aonde ninguém chegou”, trata-se de algo que independe de uma deficiência.

4) A representação da pessoa com deficiência como sinistra ou má, como um indivíduo cuja deficiência é um sinal do mal ou de sua punição pelo seu mal. Como foi anteriormente apresentado, trata-se de uma visão semelhante à visão da antiga sociedade hebraica sobre a deficiência.

5) A transmissão da ideia de que as pessoas com deficiência estariam melhor mortas, de que são incapazes de decidir pelo direito à vida. Caso da reportagem “Choque com a vida” da revista *VEJA* em 16 de setembro de 1987, conforme visto no capítulo anterior.

6) A representação das pessoas com deficiência como mal ajustadas e amargas, indispostas a conviverem em sociedade (como mostrado no filme *Forrest Gump* em relação ao personagem militar que perde suas pernas durante a guerra). Vale ressaltar

aqui que, segundo esta visão, a indisposição a conviver em sociedade vem da própria pessoa com deficiência, não se trata de um efeito da (indisposição da) sociedade que a cerca;

7) A representação das pessoas com deficiência como sendo fardos para a sociedade. Segundo Hoffmann, era desta forma que os indivíduos com deficiência eram vistos durante o nazismo.

8) A imagem da pessoa com deficiência como alguém incapaz de ter uma vida de sucesso. Não importam os talentos, os esforços, as individualidades de cada um; uma pessoa com deficiência sempre será uma pessoa com deficiência, fadada ao fracasso, segundo este estereótipo.

Estes estereótipos, por sua vez, levam a consequências na visão que a sociedade forma em relação às pessoas com deficiência: medo, pena e assistencialismo desnecessário, fuga do tema, falta de atenção ao tema, falta de aprofundamento do tema.

Mas as consequências não acabam aí: vale sempre lembrar, as pessoas com deficiência **são** parte da sociedade – e, como tais, também são influenciadas pelas imagens públicas, incluindo-se aí as que dizem respeito a elas mesmas. Desta forma, os estigmas sociais presentes nas mensagens midiáticas em relação aos cidadãos com deficiência não afetam apenas a imagem que a sociedade como um todo forma destas pessoas, mas também afetam a autoimagem delas; traz-se para elas a ideia de que não se pode ser o que não se pode ver.

Todas as constatações apresentadas até aqui trazem informações gerais sobre o tratamento dado ao tema Deficiência na comunicação social; resta contextualizar estas informações, realizando uma leitura crítica do que se escreve (ou **não** se escreve) acerca do tema na grande imprensa. Para realizar tal atividade, foram pesquisados exemplares dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* nos meses de setembro e dezembro de 2008, e as notícias neles encontradas sobre pessoas com deficiência foram lidas e analisadas. O resultado da atividade de leitura pode ser visto a seguir.

CAPÍTULO IV

REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA IMPRENSA BRASILEIRA: OS QUANTOS, QUANDOS E COMOS

CAPÍTULO IV

REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA IMPRENSA BRASILEIRA: OS QUANTOS, QUANDOS E COMOS

O grande desafio, na verdade, é que no momento em que a imprensa tomar consciência da necessidade de evitar abordagens superficiais sobre a questão da Deficiência terá dificuldades em cumprir essa meta, porque simplesmente não sabe como fazer isso. Há necessidade de articular esforços, em nível nacional, para a capacitação de jornalistas no sentido de que não discriminem a agenda das pessoas com deficiência em suas reportagens, reconhecendo a urgência desta pauta. (Vivarta, 2003: 10).

Com relação às proposições apresentadas no final do capítulo anterior, referentes à cobertura do tema Deficiência no Brasil, observa-se que uma das grandes críticas dos movimentos sociais de pessoas com deficiência no país em relação à mídia nacional é a forma como tais indivíduos são retratados. Analisando algumas notícias veiculadas nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, nos anos de 2008 e 2009, o modo como algumas notícias são construídas parece, de fato, levar a uma compreensão errônea sobre as pessoas com deficiência e suas posições nas matérias em questão, mantendo estigmas sobre elas – muitas vezes, vale ressaltar, tendo a mídia a intenção completamente oposta. Assim, uma codificação com brechas para a formação de tais estigmas acaba permitindo exatamente uma decodificação que os mantenha presentes na sociedade.

4.1 O que um texto diz sem querer dizer

O texto a seguir, publicado na coluna “Outro Canal” da *Folha de S. Paulo*, em 01/07/2008⁹, é um bom exemplo de como um texto sem qualquer uso de termos pejorativos ou intencionalidade de estigmatização acaba trazendo “mitos”, deformações de sentido, que levam a uma compreensão incorreta e prejudicial em relação ao tema:

Fabício Mota/TV Globo



A PRIMEIRA NOITE Ana Paula Arósio e Marcello Antony gravam cena em que seus personagens em ‘Ciranda de Pedra’ transam após 17 anos de pacto de viverem sem se relacionar

Governo suspende narração para cego na TV

O ministro das Comunicações, Hélio Costa, suspendeu ontem dispositivo legal que obrigava as emissoras de TV, desde a última sexta-feira, a irradiarem pelo menos duas horas diárias de programação com narração para cegos.

Costa atendeu a pedido das redes, que alegaram dificuldade técnica e alto custo para implantar o recurso, uma tecla SAP para deficientes visuais.

Chamado de audiodescrição, o recurso está previsto em portaria assinada por Hélio Costa em 27 de junho de 2006. A portaria dava dois anos para as TVs começarem a irradiar pelo menos uma hora das 8h às 14h e uma hora das 20h às 2h de programação com recursos de acessibilidade. Os recursos deverão

⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0107200804.htm>>. Acesso em 15 jul. 2008.

ser ampliados ano a ano até atingir a totalidade da programação da TV em 2017.

De acordo com a portaria, são recursos de acessibilidade, além de audiodescrição, a legenda oculta (closed caption) e a dublagem em português, já oferecidas pelas redes. A portaria publicada ontem no “Diário Oficial” suspendeu apenas a implantação da audiodescrição. Ou seja, as TVs estão obrigadas a veicular pelo menos duas horas de closed caption.

A legislação define a audiodescrição como “locução sobreposta ao som original do programa, destinada a descrever imagens, sons, textos e demais informações que não poderiam ser percebidos por pessoas com deficiência visual”.

A nota em questão fala sobre a suspensão de dispositivo legal que obrigava as emissoras televisivas brasileiras a transmitirem pelo menos duas horas diárias de programação com audiodescrição. Apresenta a justificativa dada pelas emissoras para convencer o ministro das Comunicações a suspender a obrigação, explica o que estabelece a portaria referida e o que é a audiodescrição.

Passemos da informação à deformação. O título da notícia anuncia a suspensão da “narração para cego” (uma descrição um tanto rudimentar da audiodescrição) na televisão brasileira. No entanto, dois parágrafos parecem defender a decisão tomada.

No segundo parágrafo, é dito que as emissoras “alegaram dificuldade técnica e alto custo para implantar o recurso, uma tecla SAP para deficientes visuais”. Nenhuma voz contrária ao argumento é mostrada.

No quarto parágrafo, chama atenção a palavra “apenas”, em “(...) suspendeu apenas a implantação da audiodescrição”. O “apenas” abre uma dupla interpretação: ao mesmo tempo em que reforça a ideia de obrigação das emissoras em veicular pelo menos duas horas diárias de outro recurso, o closed caption, também traz a ideia que a televisão brasileira não deixou de ser acessível aos telespectadores com deficiência, ela “apenas” suspendeu a implantação de um recurso entre outros.

A deformação de sentido, nesse trecho, é o esvaziamento das funções de audiodescrição e closed caption (ironicamente, os sentidos originais de cada termo são explicados no texto, mas esvaziados em um único trecho), e a colocação de ambos como

“recursos de acessibilidade para telespectadores com deficiência”; logo, o “mito” acaba sendo a visão de **acessibilidade** como algo indistinto. Como se, ao retirar um dos recursos, o outro cumprisse a função de acessibilidade em seu lugar – ignorando que o closed caption é um recurso de acessibilidade para pessoas com deficiência **auditiva**, logo, indiferente para quem tem deficiência **visual**.

Mas o problema na notícia não se resume ao texto propriamente dito. A foto dos atores Ana Paula Arósio e Marcello Antony logo acima da notícia não parece ter coerência com a notícia – e, analisando a coluna completa, percebe-se que realmente não há qualquer ligação entre a foto e a suspensão da audiodescrição. Ocorre que a informação referente à suspensão da audiodescrição foi publicada na seção **Ilustrada** da Folha (dedicada à arte, cultura e às chamadas celebridades), numa coluna do jornal que fala sobre televisão; além da fotolegenda, a nota referente à audiodescrição ainda divide espaço na coluna com outras notas sobre Xuxa Meneghel, Angélica, índices de audiência e programação da Rede Globo de Televisão.

Ora, mais do que a televisão, a notícia envolve os direitos de toda uma parcela da população brasileira, para quem a perda da audiodescrição é um fato de grande importância. Faria sentido que a notícia fosse publicada na seção **Nacional** do periódico, dedicada a assuntos de relevância nacional, que digam respeito a decisões políticas que afetem uma parcela considerável da população no país. Mas parece que, para a ideologia dominante das pessoas sem deficiência, o assunto não era importante o bastante; um texto curto na coluna sobre televisão da Folha Ilustrada, e pronto. Por sua vez, o “Estadão” ignorou a notícia: nenhuma matéria, nenhuma nota, como se o assunto não existisse; a questão da audiodescrição só foi citada pelo jornal mais de um mês depois, em um breve parágrafo na coluna “Entre-linhas”, em 15/08/2008.

Com relação ao assunto, diversas entidades, associações e indivíduos ligados às pessoas com deficiência visual se manifestaram contrários à decisão¹⁰. Livia Motta, especialista em audiodescrição, comentou que o prazo de dois anos dado para que as emissoras se preparassem para inserir tal recurso em suas programações havia sido “mais do que suficiente” para que elas pesquisassem, buscassem informações sobre a

¹⁰ A Rede SACI reuniu algumas destas manifestações, disponíveis em <<http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=21904>>, <<http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=21902>>, <<http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=21989>> e <<http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=22026>>. Acesso em 20 jul. 2008.

técnica e conhecessem os profissionais que já trabalham com isso, os audiodescritores. Também disse que os benefícios da audiodescrição se estendem às pessoas com dislexia, idosos e pessoas com deficiência intelectual.

Paulo Romeu, militante do movimento das pessoas com deficiência no Brasil, citou que a medida significa “a postergação de um direito conquistado pelas pessoas com deficiência a duras penas”, e criticou a forma como a decisão foi tomada, sem consulta prévia às entidades representativas dos indivíduos com deficiência e da defesa dos seus direitos. A União Brasileira de Cegos (UBC) e a Federação Brasileira de Entidades de e para Cegos (Febec) encaminharam ofícios ao ministro Hélio Costa; a primeira cita o Artigo 30 da Convenção Sobre Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas, que reconhece “o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas”, incluindo o acesso a programas de televisão em formato acessível; a segunda lembra que a medida afeta diretamente, em todo o país, a cerca de 16 milhões de pessoas com deficiência visual (segundo dados do censo/2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)).

Mesmo assim, os principais veículos de comunicação do país, incluindo os dois jornais aqui analisados, não publicaram tais informações.

Em todo caso, a deformação de imagem criada no texto, proposital ou não, parece ter cumprido sua função em tornar naturais as mensagens contidas no texto, visto que nada mais foi publicado nos dois jornais sobre a suspensão da obrigatoriedade da audiodescrição.

4.2 Apresentação do material analisado e dos critérios de análise

Em relação à cobertura da mídia nacional comentada no item anterior, cabe lembrar o que foi enfatizado no final do Capítulo 1:

a) A opinião pública não é formada apenas pelos jornalistas, mas também pelas obras de entretenimento e pela própria sociedade, em relação de troca de pautas e influência recíproca de uma sobre as outras; desta forma, não se pode atribuir a tal atividade a plena responsabilidade pela transmissão e manutenção de estigmas;

b) Contudo, reconhecer que os veículos midiáticos não são os únicos responsáveis por tal estigmatização de setores da sociedade, entre os quais está o dos indivíduos com deficiência, não significa eximi-los desta responsabilidade e verificar a necessidade de um novo fazer jornalístico.

A respeito da troca de pautas entre jornalismo e entretenimento, afirma Marcos Dantas: “Hoje em dia, grande parte dessa produção [súgnica] é *artificialmente* orientada pelos interesses da acumulação capitalista, através da indústria cultural e de toda a restante *produção material simbólica* típica das corporações-redes” (Dantas *in* Lastres; Albagli, 1999: 253).

“As formas de entretenimento permeiam notícias e dados, e uma cultura de *infoentretenimento tabloidizada* está cada vez mais popular”, concorda Douglas Kellner (Kellner *in* Moraes, 2006: 119), que observa uma espetacularização da mídia, a qual já não se restringe ao espaço do entretenimento, mas entra na programação da dita “informação séria”:

Os megaespetáculos são definidos quantitativa e qualitativamente, e dominam as manchetes, o jornalismo e a agitação da Internet. (...) A própria produção de notícias também está sujeita à lógica do espetáculo (Kellner *in* Moraes, 2006: 122).

A presente dissertação não tem por objetivo a análise das relações entre jornalismo e entretenimento, mas tal relação será encontrada em alguns dos casos analisados neste capítulo.

Os objetos de estudo da dissertação são os periódicos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. A seleção de ambos deve-se à sua grande importância dentro do jornalismo nacional, bem como a uma necessidade de limitar o objeto de estudo por questões de tempo. É necessário ressaltar que a questão de erros e acertos na abordagem

do tema da Deficiência, ilustrada por meio destes jornais, não se limita a eles; com efeito, os mesmos erros e acertos podem ser encontrados em qualquer outro jornal impresso, revista, ou programas de conteúdo jornalístico veiculados em rádio, televisão e internet.

Inicialmente, foi considerada a possibilidade de escolha aleatória de semanas por mês, de janeiro de 2008 a junho de 2009, para a análise dos periódicos; contudo, optou-se por analisar exemplares publicados em períodos específicos, de forma a observar como (ou se) o tema era tratado em semanas próximas a datas especiais ligadas às pessoas com deficiência.

Como forma de verificar a frequência que o tema recebe na grande imprensa paulista fora de datas específicas, foram realizadas buscas dentro dos websites de cada jornal analisado, a fim de localizar notícias publicadas de junho de 2008 a junho de 2009. As buscas virtuais pelo termo “deficiência”, descartando os resultados cujo uso das palavras não tratasse do tema em si (por exemplo, como descrição de problemas no desempenho de um time de futebol), apontou cerca de 213 notícias relacionadas ao tema na página virtual da *Folha de S. Paulo* e aproximadamente 256 textos publicados no website do jornal *O Estado de S. Paulo*, embora este número de notícias englobe desde as reportagens específicas sobre o tema até as que apenas o citaram em algum parágrafo de seu texto.

No entanto, como dito antes, as notícias analisadas e não apenas contabilizadas correspondem a três períodos específicos.

Dois destes períodos se encontram no mês de setembro de 2008: tratam-se das Paraolimpíadas de Pequim, realizadas entre os dias 6 e 17, logo após o término das Olimpíadas realizadas na mesma cidade; e do Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência, instituído pelo movimento social em 1982, com todas as entidades nacionais; o dia escolhido foi 21 de setembro, posteriormente decretado e sancionado pela Lei Nº 11.133, de 14 de julho de 2005. O Centro de Documentação e Informação do Portador de Deficiência (Cedipod) explica que esta data é comemorada e lembrada todos os anos em todos os estados, servindo como um momento para refletir e buscar novos caminhos nas lutas das pessoas com deficiência, bem como forma de divulgar suas lutas por inclusão social. Tendo isto em vista, foram analisados os jornais publicados entre 6 e 18 de setembro, e os jornais dos dias 21 e 22 do mesmo mês.

O terceiro período analisado corresponde aos dias 30 de novembro a 7 de dezembro, a fim de observar se alguma atenção foi dedicada ao tema nos dias próximos ao dia 3 de dezembro, Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, data adotada na 37ª Sessão Plenária Especial sobre Deficiência da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, realizada em 14 de outubro de 1992. Segundo o Cedipod, a criação deste dia busca que “todos os países passem a comemorar a data, gerando conscientização, compromisso e ações que transformem a situação dos deficientes no mundo. O sucesso da iniciativa vai depender diretamente do envolvimento da comunidade de portadores de deficiência que devem estabelecer estratégias para manter o tema em evidência”.

4.2.1 Dia Internacional da Pessoa com Deficiência

O Dia Internacional da Pessoa com Deficiência foi completamente ignorado pelos dois periódicos analisados. No dia 3 de dezembro, a Folha abordou o tema da Deficiência em artigo do editorial (“Diversidade e cidadania”, pág. A3, escrito por Linamara Rizzo Battistella e José Serra) e em nota sobre o falecimento de um lutador cego (“A superação da cegueira pelo esporte”, pág. C4), mas não fez nenhuma menção à data especial do dia. Da mesma forma, o “Estadão” trouxe apenas um texto mencionando a vitória dos escritores Cristovão Tezza e Tatiana Salem Levy no Prêmio São Paulo de Literatura, por livros que traziam personagens centrais com deficiência, embora esta informação seja tratada em poucas linhas da reportagem. Nenhuma referência ao dia ser uma data comemorativa das pessoas com deficiência.

No domingo anterior à semana em questão (30/11/2008), o Estado trouxe uma interessante reportagem sobre uma publicação nacional feita unicamente em braile (“Reveladora de histórias”, pág. C10), analisada mais adiante, mas nenhuma referência ao Dia Internacional da PcD. Na Folha, a única referência ao tema – a Deficiência, não o Dia Internacional – foi em artigo de Gilberto Dimenstein (“O prazer dos fotógrafos cegos”, pág. Especial C10); contudo, apesar do título, os fotógrafos cegos não são o foco do artigo, também analisado nas próximas páginas da presente dissertação.

Nos demais dias da semana em questão, poucas abordagens do tema: uma pequena curiosidade em nota no **Caderno 2** do Estado no dia 4 (“Shakespeare ficou cego, diz pesquisador”, pág. D6), outra nota sobre esportes radicais para PcDs na Folha no mesmo dia (“Radical demais”, pág. E2), algumas breves menções ao tema em entrevista com Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Folha do dia 6 (“Numa cidade avançada, ricos usam o transporte público”, pág. Especial C4), uma pequena carta no caderno Cotidiano do Estado no dia 5 (“Questão de respeito”, pág. C2) reclamando do desrespeito da população em relação aos assentos reservados para pessoas com deficiência, gestantes e idosos nos metrô.

É importante observar que outras datas comemoradas na mesma semana receberam maior atenção dos jornais: no dia primeiro, a Folha trouxe várias reportagens sobre o Dia Mundial da Luta contra a AIDS; no dia 6, o suplemento infantil **Estadinho** dedicou texto para falar do Dia do Palhaço. Mesmo o Réveillon ganhou notícia própria no Estado no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (“Festa na Paulista terá esquema ‘antiambulante’”, pág. C8), mas a acessibilidade das comemorações para as pessoas com deficiência sequer foi lembrada.

4.2.2. Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência

Assim como o Dia Internacional em 3 de dezembro, a data do dia 21 de setembro também foi ignorada pelos periódicos analisados, embora o tema não estivesse de todo ausente em seus exemplares. O Estado trouxe textos consideravelmente grandes sobre os paraatletas, nos cadernos de **Esportes** (“Brasil, marcas de superação”, pág. E4) e **Aliás** (“Além da condescendência”, pág. J7), além de resenha sobre o filme “Ensaio sobre a Cegueira” (“Quase lá”, pág. D3), sinopse curta de livro tratando de personagem mudo (“Estreante explora os limites da linguagem”, pág. D5) e um conjunto de matérias sobre falhas no atendimento de saúde mental no país, onde os jornalistas erroneamente usam as expressões “doente mental” e “deficiente mental” como sinônimos (pág. A27-A29).

No caso da Folha, há apenas a apresentação de números sobre as Paraolimpíadas na Folha Corrida (“Paraolimpíada”, pág. C16), além de um mapa do museu de futebol

apresentado em reportagem de esporte (“Futebol ganha museu sem relíquias”, pág. D5) mostrando marcações de elevadores para pessoas com deficiência – marcações essas que possivelmente sequer foram feitas pelo jornal.

Checando as edições do dia seguinte (22/09/2008) para verificar se houve alguma notícia referente à celebração do Dia de Luta, pôde-se ver que o tema realmente não recebeu qualquer atenção dos jornais. Falta de espaço para tratar de uma data especial? Dificilmente, considerando que neste dia o Estado publicou notícias sobre a comemoração do Dia Nacional da Cultura da Paz (cuja data também é 21 de setembro) e sobre o Dia Sem Carro, realizado no dia 22.

4.2.3 Paraolimpíadas de Pequim

Diferente das datas acima, as Paraolimpíadas de Pequim foram diariamente noticiadas nos dois veículos analisados. O que não significa que tenham recebido uma cobertura à altura da importância do evento em questão.

No dia 14/09/2008, o ombudsman da *Folha de S. Paulo*, Carlos Eduardo Lins da Silva, criticou em sua coluna a cobertura do jornal em relação às Paraolimpíadas. Nas palavras de Lins da Silva, o “Jornal subestima em espaço e destaque a importância do evento, que se aproxima muito mais dos ideais olímpicos do que a comercializada competição oficial; leitor perde muitas histórias extraordinárias” (pág. A8).

A crítica feita pelo jornalista tem fundamento, quando se analisa a cobertura do evento feita pela Folha entre os dias 6 e 18 de setembro de 2008. Em 13 dias de cobertura, apenas no dia 17 as Paraolimpíadas “mereceram” uma discreta chamada de capa no jornal, que nos demais dias, quando dedicava algum espaço na capa para o caderno **Esporte**, fazia-o para o futebol nacional ou para a Fórmula 1.

Embora tratem-se de uma competição de importância mundial, as Paraolimpíadas em alguns dias não receberam sequer uma chamada na primeira página do caderno **Esporte** do jornal. No dia 8, priorizou-se inclusive uma reportagem sobre o beisebol estadunidense (“Beisebol tem rei da audiência”, pág. D6) à notícia publicada

na mesma página sobre as Paraolimpíadas (“Brasil encerra 1º dia em nono, com 3 medalhas”).

Outra observação feita em relação à Folha é que as Paraolimpíadas não parecem, em geral, ter atraído a atenção para o tema Deficiência fora do evento esportivo; dos 13 dias em questão, apenas três trouxeram reportagens externas ao caderno **Esporte** que tratassem do tema, além de dois outros dias com notas de falecimento de indivíduos com deficiências, as quais são pouco abordadas em suas trajetórias de vida.

Por outro lado, nota-se também uma aparente valorização do tema ao longo das duas semanas em questão, com as reportagens sobre as Paraolimpíadas ganhando espaço crescente no jornal, e reportagens sobre Deficiência fora do caderno Esporte se destacando. Esta tendência começa a se fazer mais clara no dia 13, com uma reportagem grande no caderno **Cotidiano 2** denunciando um problema de acessibilidade física enfrentado por moradora de um condomínio em São Paulo (“Prédio nega a deficiente vaga de garagem com acesso fácil”, pág. Especial C4), a qual é aprofundada na mesma página por dois textos menores (“Reservar espaço é regra só para prédio grande ou novo” e “O marido não é deficiente, diz síndica”). Os três textos juntos proporcionam uma visão mais ampla da notícia, dando espaço a todos os lados da questão e apresentando o que a lei estabelece para acessibilidade em edifícios.

Curiosamente, no mesmo dia 14 em que o ombudsman do jornal criticou a falta de atenção com as Paraolimpíadas, houve um grande número de abordagens ao tema Deficiência, incluindo reportagem sobre jovem que viajou à China para realizar um tratamento polêmico envolvendo transplante de células-tronco, buscando uma solução para sua paralisia (“Brasileira que perdeu movimentos tenta terapia polêmica”, pág. C8), e abordagem do tema em texto sobre problemas na região noroeste da cidade de São Paulo (“Morador da região reclama da falta de infra-estrutura”, pág. Especial 3).

A atenção dedicada ao tema não foi muito diferente no “Estadão”. Este chegou a dedicar espaços consideráveis para noticiar as Paraolimpíadas de Pequim, mas mesmo no dia 18, dia seguinte ao encerramento do evento, embora o jornal tenha dedicado reportagem de página inteira fazendo um balanço das competições e exaltando os atletas paraolímpicos brasileiros (“Brasil: ouro até o fim”, pág. E8), não houve qualquer menção à reportagem na capa. Como na Folha, O Estado também privilegiou o futebol brasileiro nas eventuais chamadas de capa ligadas ao caderno **Esportes**.

A pauta das pessoas com deficiência esteve presente em algumas edições de *O Estado de S. Paulo* no período analisado; no dia 6, início das Paraolimpíadas, o periódico também trouxe reportagem sobre acessibilidade física na primeira página do caderno **Metrópole 2** (“SP não tem locais 100% adaptados a deficientes”, pág. C9). No dia 14, coincidentemente trouxe diversos textos ligados ao tema, tanto na área de esportes (toda a página E8 do jornal) como em inclusão (“Mouse ocular auxilia deficientes físicos”, pág. A23) e mesmo na área de empregos (“Programas CIEE”, pág. Ce2).

Apesar disso, na maior parte dos dias, o tema foi limitado às Paraolimpíadas. E é também no “Estadão” que encontramos mais um caso de estigmatização da imagem das pessoas com deficiência, na coluna “Tutty Humor” do dia 18/09/2008:

Visão de jogo

Medalha de ouro na Paraolimpíada, a seleção brasileira de futebol para deficientes visuais errou menos passes em Pequim que o time do Dunga.

À primeira vista, a nota em questão pode parecer inocente, ou mesmo positiva em relação aos jogadores da seleção brasileira de futebol para cegos. Contudo, a mensagem por trás das palavras não é a de que a seleção paraolímpica está jogando bem (pois errou menos passes que a seleção “tradicional”, que disputa Copas do Mundo), e sim a de que o time do Dunga está jogando mal, tendo errado mais passes que “um time de jogadores cegos” (associando a ideia de jogador cego à de jogador ruim); eis o sarcasmo que gera o efeito de humor da nota em questão.

Provavelmente o autor da coluna não tinha a intenção de transmitir o estigma presente no texto; provavelmente ainda, boa parte dos leitores considerou divertida a comparação feita na nota. Porém, o estigma está aí presente, e a veiculação do estigma por trás de uma construção humorística mostra que a representação das pessoas com deficiência já se encontra estigmatizada na sociedade, e que superar tais estigmas é uma tarefa complicada. Mas possível.

4.2.4. Critérios de análise (quanto, quando, como)

Para analisar as reportagens publicadas em *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* nos três períodos selecionados, buscou-se estabelecer critérios de leitura a partir de três perguntas.

Quanto espaço foi dado à cobertura do tema?

Quando o tema recebeu maior atenção da imprensa?

Como foi a cobertura dada ao tema?

O “quanto” é respondido com base no tamanho da reportagem, em seus complementos (fotografias, por exemplo), e em sua localização na página.

O “quando” é respondido com base na data de sua publicação, na proximidade ou simultaneidade de ocorrência do fato noticiado em relação aos três períodos analisados e na verificação de uma possível correlação entre a notícia publicada e o período dentro do qual se encontra.

Por fim, o “como” utiliza como exemplo os oito tipos de imagens das pessoas com deficiência listados em *Culture(s) and Belief Systems*. No entanto, utilizam-se aqui apenas cinco imagens:

1) a “invisibilidade”, presente na superficialidade ou na falta de representação do tema;

2) a imagem da pessoa com deficiência como digna de pena ou incapaz de viver por conta própria em sociedade;

3) a imagem da pessoa com deficiência como um incômodo para a sociedade;

4) a imagem da pessoa com deficiência como um ser excepcional, uma “super-pessoa”;

5) a imagem da pessoa com deficiência como um cidadão detentor de direitos que devem ser respeitados e especificidades que o diferenciam mas não o restringem a elas.

Antes que as análises sejam iniciadas, cabe lembrar mais uma vez que a meta delas não é condenar os jornalistas pela reprodução dos estigmas ligados às pessoas com deficiência, mesmo porque a análise mostra que, se muitas vezes nossos comunicadores mantêm deformações de representações de tais indivíduos, outras vezes contribuem para uma inclusão tanto física quanto social deles na sociedade; não são inimigos, mas podem ser aliados.

Também não se busca aqui “ensinar” os jornalistas a abordarem o tema “da forma correta”, dentro de uma visão limítrofe de certo e errado. Ora, tratam-se de profissionais que contam com suas próprias experiências de trabalho, e que sabem que na comunicação social, a abordagem correta do que se noticia é muitas vezes incerta, e o que parecia ser uma representação objetiva e correta dos fatos acaba mostrando brechas para interpretações distintas e inesperadas pelo próprio comunicador. Limitar a discussão sobre os estigmas a definições de certo e errado muito provavelmente levaria a um “engessamento” da notícia, a um excesso de zelo pelo politicamente correto, e assim a forma prejudicaria o conteúdo da notícia em si.

A meta da presente análise não é exatamente apresentar respostas prontas, e sim estimular a todos, comunicadores e comunicólogos, acadêmicos, jornalistas, militantes de movimentos ligados às pessoas com deficiência ou a outras minorias, a refletirem sobre a forma como a veiculação de notícias se dá nos dias atuais e como ela poderia ser feita, como poderia ser um instrumento não de exclusão, mas de inclusão. E pensar no que falta para que isto possa ser uma realidade nos meios de comunicação do país.

Isto posto, a dissertação passa, nas páginas seguintes, às análises das reportagens e demais textos do jornal *Folha de S. Paulo* (algumas reportagens do “Estadão” serão usadas posteriormente, não como comparação direta entre os dois jornais, mas como contraponto, como uma análise complementar), divididos em cinco categorias:

Paraolimpíadas: compreende todas as reportagens em que as Paraolimpíadas de 2008 foram o foco de uma reportagem ou tiveram alguma abordagem presente no texto. Não compreende, entretanto, cartas ou notas do ombudsman em relação ao tema.

Sociedade: diz respeito a assuntos que abrangem a pessoa com deficiência como parte da sociedade, como direito, acessibilidade física, oportunidades de trabalho, esportes (que não digam respeito às Paraolimpíadas) e educação familiar, entre outros.

Fait divers: aborda os textos em que a citação à deficiência de determinada pessoa ou grupo é um mero detalhe ou é usada para ilustrar determinado tema sem discutir a deficiência em si. Os textos incluem curiosidades, descrições de vida de indivíduos, e artigos de reflexão.

Saúde: como o próprio nome da categoria diz, trata-se de reportagens que abordam questões médicas, doenças e tratamentos. Trazem dados sobre doenças e outros fatores que podem causar deficiências, estatísticas levantadas em estudos e fontes.

Feedback: os textos em questão não são reportagens, e sim comentários acerca do tratamento dado ao tema no jornal ou sobre determinado problema enfrentado por alguém. Inclui cartas enviadas por leitores e a coluna do ombudsman Carlos Eduardo Lins da Silva.

4.3 Paraolimpíadas

As Paraolimpíadas de Pequim, realizadas em 2008, foram o principal assunto ligado ao tema Deficiência que o jornal abordou no período analisado, conforme esperado. No total, foram 23 reportagens e artigos sobre o evento esportivo.

Apesar de a Folha ter realizado uma cobertura quase diária das competições, nota-se que, inicialmente, não se tratava de um assunto de destaque para o periódico. Nos primeiros dias de competição, as notícias recebiam um espaço pequeno e em mais de uma ocasião foram colocadas em segundo plano em relação ao futebol nacional e mesmo ao beisebol estadunidense.

Esta postura parece ter mudado ao longo das Paraolimpíadas, possivelmente motivada pela série de vitórias que o Brasil conquistou nas competições. Atletas como o nadador Daniel Dias e o velocista Lucas Prado foram exaltados pelo jornal, fotos grandes do evento ilustraram as páginas, e mesmo após o término das Paraolimpíadas, houve um quadro de números presente na “Folha Corrida”, alguns dias depois.

Mesmo assim, apenas no dia 17 de setembro houve uma chamada de capa para as Paraolimpíadas, o que indica que ainda não houve uma valorização efetiva dos Jogos Paraolímpicos. Mesmo assim, com o interesse crescente em cima dos Jogos, é possível (embora imprevisível) que as próximas competições paradesportivas recebam maior atenção.

Paraolimpíada começa à sombra da burocracia

(Folha de S. Paulo, 06/09/2008, pág. D6)

A reportagem sobre o início das Paraolimpíadas de Pequim contou com um bom espaço na página, ocupando quatro colunas e contando com foto de destaque na página e duas notas relacionadas.

O texto principal fala menos sobre os atletas paraolímpicos e mais sobre o sistema complexo e confuso para agrupamento dos atletas em classificações específicas de competição. Neste sentido, a abordagem do texto parece ser positiva, uma vez que faz a crítica de um sistema cheio de regras mas carente de minúcias, além de dar voz ao nadador Clodoaldo Silva, reclassificado às vésperas das Paraolimpíadas para um grupo de concorrentes com menor comprometimento físico.

O detalhamento das modalidades das Paraolimpíadas é expandido na nota “Modalidades têm divisões específicas”, a qual também reforça no último parágrafo as críticas ao sistema de divisão e classificação de atletas; segundo o jornal: “A medida gerou muita confusão. Alguns atletas registraram recordes mundiais em suas provas, mas ficaram sem medalhas por competirem com concorrentes de outras classes”, referindo-se aos jogos de 2004, em Atenas, Grécia.

Já a segunda nota, “Paraolímpicos também competem entre os sem deficiência”, traz um fato pouco conhecido para boa parte dos leitores: a participação de atletas com deficiência também nos Jogos Olímpicos, competindo (no caso de Natalie du Toit) ou buscando classificação (caso de Oscar Pistorius) para competirem com esportistas sem deficiência. Embora a nota não defenda um lado, a menção do fato parece positiva, ao mostrar aos leitores que atletas paraolímpicos não são “dignos de pena” e podem estar aptos mesmo para competir com atletas olímpicos.

Alto astral

(Folha de S. Paulo, 07/09/2008, pág. D6)

Trata-se de uma fotolegenda pequena, localizada no canto inferior direito da página. A fotografia é pequena (em termos horizontais, ocupa apenas uma coluna, e verticalmente não é muito maior), e a legenda conta com 29 palavras – incluindo as duas do título –, ordenadas em sete linhas – incluindo a do título.

A fotolegenda tem como tema a cerimônia de abertura dos Jogos Paraolímpicos de Pequim. Pode ser argumentado, por isso, que o tema não recebeu mais espaço porque as competições esportivas propriamente ditas ainda não tinham começado.

Mesmo assim, o espaço dado à abertura das Paraolimpíadas é notavelmente menor que o espaço dado à abertura das Olimpíadas de Pequim, bem como o espaço que recebeu a notícia sobre o adiamento do Aberto dos EUA, campeonato de tênis, devido a um temporal.

Triunfo na água

(Folha de S. Paulo, 08/09/2008, pág. C6)

Fotolegenda no topo da página Folha Corrida, no final do caderno Cotidiano. A foto mostra o nadador Daniel Dias saltando na piscina, enquanto a legenda destaca que, na prova em que a fotografia foi tirada, o atleta obteve medalha de ouro. É dito também que o Brasil fechou o primeiro dia dos jogos com três medalhas.

Por se tratar de uma página com notas curtas, não há maiores informações presentes na fotolegenda, mas o tamanho da foto e sua localização da página dão um bom destaque à notícia, que deveria ser aprofundada na página D6, conforme anunciado na própria fotolegenda.

Brasil encerra 1º dia em nono, com 3 medalhas

(Folha de S. Paulo, 08/09/2008, pág. D6)

A reportagem consiste em oito parágrafos e uma fotografia, presentes na sexta coluna da página. Traz informações sobre as três medalhas obtidas pelo Brasil no primeiro dia das competições, bem como sobre a má formação congênita de membros do nadador Daniel Dias e sobre os critérios de competição no judô paraolímpico, esporte no qual duas medalhas foram obtidas por atletas brasileiras.

O texto é informativo, dedica um espaço considerável às Paraolimpíadas, mas limita-se a falar sobre o Brasil, não dando maiores detalhes sobre as competições como um todo. Dados sobre o desempenho dos outros países ficam limitados a observações curtas na reportagem e ao quadro de medalhas do primeiro dia.

Mas mais que isso, chama atenção o fato de a reportagem sobre as Paraolimpíadas serem colocadas em segundo plano na página, cuja matéria de destaque traz como tema o Boston Red Sox, equipe estadunidense de beisebol (“Beisebol tem rei da audiência”). Mesmo tendo pouca relevância para os leitores brasileiros, o beisebol internacional foi privilegiado em relação aos atletas paraolímpicos nacionais e internacionais.

Pistorius é o mais veloz no 1º passo para superar 2004

(Folha de S. Paulo, 09/09/2008, pág. D4)

No dia em questão, o jornal publicou uma reportagem ilustrada por duas fotos, dos atletas sulafricanos Oscar Pistorius e Natalie du Toit. Pistorius, velocista, é o foco do texto, que narra sua vitória nas provas eliminatórias de 100 m, suas expectativas para os 200 m e 400 m nas Paraolimpíadas, sua deficiência e sua tentativa de se classificar para competir também nas Olimpíadas de Pequim. Du Toit, por sua vez, é apresentada na notícia por sua classificação para competir nas Olimpíadas, sendo a primeira atleta a representar um país nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, além das duas medalhas de ouro por ela obtidas nas Paraolimpíadas de 2008.

Uma nota e uma fotolegenda acompanham a reportagem principal, na mesma página.

A nota (“País conquista 2 ouros na natação e mais 1 bronze no judô”) traz informações sobre o desempenho do Brasil nas competições, noticiando as duas medalhas de ouro (uma delas acompanhada por um recorde mundial) e a medalha de bronze conquistadas pelos atletas paraolímpicos brasileiros no segundo dia dos jogos.

A fotolegenda (“Juntos”) retrata o ciclista australiano cego Bryce Lindores e seu guia vidente Steven George, informando também que a vitória na prova retratada foi dos britânicos Anthony Kappes e Barney Stores (o texto não indica qual dos dois é o atleta com deficiência), que estabeleceram recorde mundial na prova.

As fotografias de Pistorius, du Toit e Lindores e George ilustram toda a página D4, mas novamente o título de destaque da página vai para outra competição; no caso, a Fórmula 1 (“Massa vê erro em manobra de Hamilton”). O artigo no topo da página discute o futebol brasileiro; na verdade, até o final das Paraolimpíadas, nenhum articulista discorreu ou mesmo citou os atletas paraolímpicos, nacionais ou internacionais.

Em dia histórico, país conquista cinco ouros

(Folha de S. Paulo, 10/09/2008, pág. D5)

Na notícia, o jornal fala sobre as dez medalhas recebidas por atletas brasileiros no dia anterior nas Paraolimpíadas, sendo cinco delas de ouro. A reportagem, acompanhada por fotografia grande de uma das competições citadas no texto, quadro de medalhas das competições e duas notas, ocupa praticamente toda a metade inferior da página D5.

Enquanto a reportagem noticia o desempenho dos esportistas brasileiros, as notas trazem informações referentes a outros países.

Na nota “Doping: Jogos de Pequim têm primeiro caso”, é noticiada a suspensão da participação de atleta cujos exames apontaram uso de esteróide, e também são relatados os planos do comitê paraolímpico para realizar cerca de mil exames nos atletas.

Por sua vez, a nota “Pistorius: Sul-africano vence 1ª prova”, relata a vitória do velocista Oscar Pistorius na prova de 100 m e seus planos de competir com atletas sem deficiência nas Olimpíadas de Londres, em 2012.

A reportagem principal mostra uma boa valorização dos atletas paraolímpicos brasileiros, a nota sobre Pistorius também o retrata como um esportista talentoso, e mesmo a nota sobre o doping não parece estigmatizar as pessoas com deficiência; de certa forma, ela mostra que atletas paraolímpicos também podem agir de forma errada, como acontece com atletas olímpicos.

A Olimpíada e o patriotismo chinês

(Folha de S. Paulo, 11/09/2008, pág. A3)

Artigo presente na seção Editorial do periódico, o tema central é o patriotismo chinês e seu reflexo no avanço do país nos últimos 30 anos e nas Olimpíadas. A história do hino da China e seu significado para os habitantes do país são relatados ao longo do texto, de tamanho comum.

As Paraolimpíadas são mencionadas no segundo parágrafo do texto, quando é dito que “É fácil adivinhar que [os chineses] cantavam [nas Olimpíadas] – e cantam nos Jogos Paraolímpicos – o hino da China”.

Provavelmente sem intenção de depreciar as Paraolimpíadas, a citação a ela começa e termina nesta frase. O último parágrafo do texto, que comenta o sucesso decorrente do patriotismo chinês, assim aparece:

Uma nação bem organizada, unida e trabalhadora pode fazer milagres. O modo chinês de patriotismo é um dos motivos importantes pelos quais a China avançou tanto nos últimos 30 anos e conseguiu tamanho sucesso nos Jogos Olímpicos de 2008.

Embora a China se encontrasse em primeiro lugar nas Paraolimpíadas com 53 medalhas (16 de ouro), tal feito é ignorado na definição dos exemplos que mostram as conquistas do patriotismo chinês.

Brasileira bate recorde, mas acaba com a prata

(Folha de S. Paulo, 11/09/2008, pág. D3)

O foco da notícia é o fato da brasileira Shirlene Coelho ter batido o recorde mundial na disputa de lançamento de dardos, mas não receber a medalha de ouro devido aos critérios de decisão da pontuação, calculada em relação ao recorde mundial de cada classe. Como a prova em questão reunia diversas categorias dentro da mesma competição, Coelho foi desfavorecida em relação à chinesa Wu King, cuja categoria trazia competidoras com maior comprometimento em sua deficiência (paralisia cerebral sem utilização de cadeira de rodas).

A reportagem também informa sobre as duas outras medalhas conquistadas pelo Brasil no dia anterior.

Embora não se trate da notícia mais destacada na página (“Santos aposenta treino coletivo”), ela conta com foto destacada no topo da página, mostrando Coelho disputando o lançamento de dardo.

Brasileiro conquista 4º ouro no Cubo d'Água

(Folha de S. Paulo, 12/09/2008, pág. D4)

A reportagem, cujo título se refere à quarta medalha de ouro obtida por Daniel Dias na natação em Pequim, menciona como apenas ele e a nadadora estadunidense Erin Popovich obtiveram tantas vitórias no Cubo d'Água, ressaltando assim o feito de Dias.

Mas o texto fala também sobre outro nadador brasileiro, Clodoaldo Silva, reclassificado da categoria S4, em Atenas, para a S5, em Pequim; seu descontentamento em relação à decisão dos organizadores dos Jogos Paraolímpicos, e sua felicidade ao conquistar uma medalha de bronze ao lado de Dias, Joon Seo e Adriano Lima na prova de 4 X 50 m livre.

O último parágrafo informa ainda sobre dois casos de doping descobertos em Pequim.

A reportagem vem acompanhada por uma foto de Dias na competição e por um quadro de medalhas dos cinco primeiros dias.

O texto faz uma apresentação elaborada de Dias e Silva, suas metas nos jogos, suas opiniões, bem como sobre o complexo sistema de classificação das Paraolimpíadas.

Com cavalo de Doda, ginete leva 2º bronze

(Folha de S. Paulo, 12/09/2008, pág. D4)

Notícia curta sobre a medalha obtida pelo ginete brasileiro Marcos Alves nas Paraolimpíadas de Pequim, segunda medalha do Brasil no hipismo na história dos Jogos.

A reportagem não informa qual a deficiência de Alves, apenas sua satisfação pela medalha conquistada e a curiosidade sobre o cavalo por ele montado ter sido um presente do ginete Álvaro Miranda Neto, que obteve medalhas de bronze por equipes nas Olimpíadas de Atlanta e Sydney.

Abaixo do texto, é colocada uma pequena fotografia de Marcos Alves com sua medalha.

O texto em questão é colocado como parte do “bloco” da página sobre as Paraolimpíadas, em aparente relação de complementaridade de informações sobre as competições. O atleta é retratado de forma positiva, sem ser estigmatizado nem supervalorizado.

Correria

(Folha de S. Paulo, 12/09/2008, pág. D4)

Fotolegenda grande sobre prova de corrida de 5 mil metros da categoria TS4. Os participantes encontram-se no que parecem ser cadeiras de rodas ligadas a rodas menores dianteiras.

A legenda aponta dados sobre os vencedores da prova, mas não informa o nome da prova em questão ou os equipamentos nela utilizados. Embora a imagem retrate uma cena de competição, não fica claro para o leitor em que consiste a prova retratada.

Brasil vira potência da bocha paraolímpica

(*Folha de S. Paulo*, 13/09/2008, pág. D3)

A notícia, que fala sobre dupla de esportistas brasileiros que conseguiu medalha de ouro nas Paraolimpíadas de Pequim, traz diversas informações sobre a bocha paraolímpica, como as deficiências dos atletas que competem nela, os critérios de classificação, ano de estreia e a primeira medalha conquistada pelo Brasil nesta competição, além de mostrar positivamente a vitória dos atletas paraolímpicos.

Acompanham a reportagem duas outras notícias sobre as Paraolimpíadas, uma em formato de nota e a outra como fotolegenda.

A fotolegenda (“Aterrissagem”) mostra o saltador estadunidense Lex Gillette em prova. Pela foto sozinha, o leitor poderia deduzir que Gillette foi o vencedor da competição, mas a legenda informe que o atleta não foi o vencedor. A legenda informa também que o brasileiro Lucas Prado havia quebrado, no mesmo dia, o recorde paraolímpico na semifinal dos 200 m da classe T11 (cegos totais), embora a descrição da informação na legenda cause a impressão que Prado – um corredor – também participava das provas de salto triplo.

Este contraste de mensagens entre imagem e texto é observado por Barthes como uma forma de se conotar a mensagem fotográfica, a qual por si só não aparenta abrir brechas para uma conotação. “Às vezes também a palavra pode chegar até a contradizer a imagem de maneira a produzir uma conotação compensatória” (Barthes *in* Lima, 2000: 334), explica.

Por sua vez, a nota (“Daniel Dias é 2º nos 100 m peito”) informa sobre o êxito de Dias e aponta que ele era, até o momento, o nadador que subiu mais vezes ao pódio em Pequim e um dos atletas que mais conquistou medalhas de ouro. Dias é exaltado, não por sua deficiência, mas por seu desempenho nos jogos paraolímpicos.

Brasileiro bate recorde e leva 2º ouro

(Folha de S. Paulo, 14/09/2008, pág. D6)

A reportagem sobre as Paraolimpíadas encontra-se escondida no canto inferior da página. Traz como assunto principal a vitória do nadador cego Lucas Prado nos 200 m da categoria disputada.

Apesar da vitória e do recorde mundial de Prado serem o foco do texto, este comenta também os desempenhos dos atletas Oscar Pistorius e Verônica Almeida.

A notícia valoriza as medalhas conquistadas pelos atletas paraolímpicos abordados no texto, mas os dois últimos parágrafos exploram a deficiência da nadadora Verônica Almeida – que tem o grau mais grave da síndrome de Ehlers-Danlos –, a ponto de mencionarem no final do texto que: “Pela gravidade de sua doença, os médicos calculam que ela tenha de dois a seis anos de vida”.

Tal informação parece irrelevante para o fato noticiado, e embora a intenção pareça ser o uso da gravidade da deficiência para enfatizar o valor da vitória de Almeida, como se ela fosse uma “super-pessoa”, o texto acaba passando a imagem da nadadora como digna de pena. Não importa qual das duas possibilidades de leitura seja a decodificação dos leitores, o estigma está presente.

País rompe marca de medalhas

(Folha de S. Paulo, 15/09/2008, pág. D6)

A notícia aponta que o Brasil conquistou em Pequim o maior número de medalhas de sua história nas Paraolimpíadas, e o segundo maior número de medalhas de ouro, faltando conseguir mais três para superar o desempenho nos Jogos de Atenas. Além disso, faz um apanhado das vitórias e derrotas dos atletas nacionais no domingo.

Em termos gerais, a reportagem retrata os atletas paraolímpicos nacionais como grandes vencedores, conquistando medalhas, estabelecendo novos recordes mundiais. Apenas a frase “Resultados históricos para uma delegação inflada” e o parágrafo que se segue a ela parecem destoar do texto, ao comentarem que o Brasil enviou a Pequim quase o dobro de atletas paraolímpicos em relação ao número de Atenas.

A reportagem traz uma foto do nadador André Brasil, recordista em sua classe. O retrato de Brasil faz sentido na página, uma vez que o nadador é mencionado em três parágrafos da notícia, embora a imagem não pareça mostrá-lo em comemoração, como diz a legenda, e sim preparando-se para a prova. Teria a fotografia sido tirada num momento que não mostra a alegria de Brasil, ou trata-se de um caso, como diria Barthes, da imagem como ilustração da palavra dando lugar à palavra como “parasita” da imagem? Apesar disto, a fotografia é representativa daquilo que é noticiado na reportagem.

Acompanham o texto, ainda, um gráfico mostrando a evolução do país no total de medalhas obtidas nas Paraolimpíadas (“O Brasil na Paraolimpíada”), e uma nota (“Aos 60, japonês leva medalha de bronze”) sobre o atleta Toshie Oi, esportista mais velho nos Jogos de Pequim, que conquistou medalha no lançamento de disco. Sua deficiência não é citada na nota.

Brasileiro é quem mais sobe ao pódio

(Folha de S. Paulo, 16/09/2008, pág. D5)

Na notícia, é relatado que o nadador Daniel Dias foi o paraatleta que mais vezes subiu ao pódio nas Paraolimpíadas de Pequim, conquistando nove medalhas em onze competições, quatro das medalhas sendo de ouro. Além do desempenho de Dias, a reportagem também relata as conquistas do australiano Matthew Cowdrey e da sulafriana Natalie du Toit, e a participação de outros atletas brasileiros nas Paraolimpíadas.

O texto dá alguns detalhes sobre as deficiências dos competidores mas não se prende a elas, atendo-se mais à narração das vitórias e derrotas, como em qualquer outra competição esportiva.

A reportagem ocupa um bom espaço na área superior direita da página, acompanhada por uma fotografia de Daniel Dias, que mostra sua deficiência física sem limitá-lo a ela, ao mostrar a felicidade do atleta.

Acompanha a reportagem uma fotolegenda (“No escuro”), que resume a primeira partida entre Brasil e China na final do futebol. Como destaca Genilda Alves de Souza em sua pesquisa de Mestrado, é a associação entre imagem (ou números, como trabalhado pela pesquisadora em seu trabalho) e uma mensagem (código) que gera a conotação do sentido. No caso desta fotolegenda, mensagem e imagem parecem estar em relação de complementaridade; enquanto a fotografia mostra homens vendados (cegos) sem detalhar o que estes estão fazendo, a legenda detalha que se trata de um jogo de futebol, os países que jogam e os jogadores na imagem – mas sem explicar que os jogadores em questão são (ou competem) cegos.

Brasil faz melhor Paraolimpíada

(Folha de S. Paulo, 17/09/2008, pág. D4)

A notícia sobre o último dia das Paraolimpíadas de Pequim, além de ocupar um espaço grande na página em que foi publicada, também foi a única nas duas semanas de cobertura do evento que recebeu uma pequena chamada na capa do periódico.

O texto exalta o desempenho dos atletas paraolímpicos brasileiros, que tiveram em Pequim a melhor campanha do país na história das Paraolimpíadas, tanto em número de pódios quanto em número de medalhas de ouro. Um destaque especial é dado aos velocistas Terezinha Guilhermina e Lucas Prado, além de relatar os resultados obtidos por outros brasileiros no último dia de competição.

Pela segunda vez, o jornal cita que a delegação brasileira nos Jogos de Pequim foi “bastante inflada”, mas não explica qual o propósito desta informação no texto, se é uma justificativa para o aumento de vitórias do Brasil nas competições, uma consequência de um melhor preparo dos atletas paraolímpicos em 2008 em vista do qual teria havido um maior número de brasileiros classificados para as Paraolimpíadas, ou outro motivo.

A notícia é acompanhada por uma foto grande do velocista Lucas Prado, mãos estendidas para o céu em aparente sinal de agradecimento; a legenda diz que o velocista está celebrando a vitória. Há também uma nota (“Sul-africano ganha 3ª prova”) sobre uma nova vitória de Oscar Pistorius no atletismo e sobre sua afirmação de que tentará disputar as Olimpíadas de Londres em 2012 (Pistorius tentou participar das Olimpíadas de Pequim, mas não obteve o resultado necessário para classificação, competindo apenas nas Paraolimpíadas).

Paraolimpíada vê pódio mais acessível a pobres

(Folha de S. Paulo, 18/09/2008, pág. D4)

O foco da notícia é a comparação entre os resultados das Olimpíadas e das Paraolimpíadas em 2008. Na comparação, os países em desenvolvimento tiveram resultados mais expressivos nas Paraolimpíadas.

A expressão “delegação inchada”, usada pelo jornal em reportagens anteriores, finalmente é explicada nesta matéria: segundo o periódico, enquanto os países ricos mandaram para as Paraolimpíadas equipes bastante menores em relação às enviadas para as Olimpíadas, os países em desenvolvimento (caso do Brasil) enviaram delegações mais parelhas com as olímpicas ou mesmo, em alguns casos, delegações maiores (mais “inchadas”).

Em termos gerais, não há uma imagem formada das pessoas com deficiência na reportagem, embora em certo ponto seja dito que “cerca de 80% delas estão em países em desenvolvimento, vitimadas pela ineficiência no combate a doenças como a poliomielite e por amputações causadas por conflitos armados”. Tal associação não parece denegrir as pessoas com deficiência, mas sim chamar atenção para os problemas enfrentados por tais países.

A reportagem é longa e acompanhada por outras duas reportagens, duas notas e uma fotografia, o conjunto ocupando quase uma página inteira do jornal. Apesar disso, não recebeu menção na capa do jornal.

A título de curiosidade e informação, vale destacar um dado da Organização Mundial da Saúde apresentado pelo periódico; segundo o dado, a OMS estima que haja cerca de 750 milhões de pessoas com deficiência no mundo.

Evento tem mais pódios e menos atletas

(Folha de S. Paulo, 18/09/2008, pág. D4)

Dando continuidade às comparações entre Olimpíadas e Paraolimpíadas, o jornal explica que as chances de um competidor receber uma medalha nas Paraolimpíadas seriam maiores que as de conseguir o mesmo feito nos Jogos Olímpicos. Isto ocorre porque não só o número de competidores é menor nas competições paraolímpicas, mas também pelo maior número de categorias nos jogos, devido à divisão de competidores por grau de deficiência.

Não há nenhum estigma aparente no texto; apesar disso, a comparação entre os dois eventos pode levar alguns leitores a decodificarem a mensagem de forma a entenderem que ganhar nas Paraolimpíadas é, por isto, um feito menos meritório. A julgar pelas cartas enviadas a este e a outros veículos de comunicação, contudo, não parece que a maior parte da população fez tal decodificação, uma vez que os elogios aos atletas paraolímpicos brasileiros foram muitos.

Recursos aumentam quase 150%, e Brasil obtém melhor campanha

(Folha de S. Paulo, 18/09/2008, pág. D4)

O foco da notícia em questão é o volume inédito de recursos fornecido no Brasil para o preparo de atletas para as Paraolimpíadas em 2008, contando tanto com verba prevista em lei como com o patrocínio da Caixa Econômica Federal.

É mostrado que tais investimentos tiveram resultados no desempenho do país nas Paraolimpíadas, pois o Brasil ficou em nono lugar no quadro de medalhas, aumentando tanto o número geral de pódios (47 contra 33) como o de medalhas de ouro (16 contra 14) em relação aos Jogos de Atenas, em 2004.

Nenhum atleta paraolímpico tem voz na reportagem; caso tivesse, haveria uma melhor compreensão por parte dos leitores sobre o que estes recursos representaram para seu preparo. De qualquer forma, o texto mostra que o aumento de recursos para o preparo de esportistas com deficiência não foi em vão, e isso pode motivar tanto o governo federal como a Caixa Econômica Federal e outros patrocinadores em potencial a continuarem investindo nestes atletas.

Time leva ouro com gol no final

(Folha de S. Paulo, 18/09/2008, pág. D4)

Trata-se de uma nota sobre as Paraolimpíadas sobre a final acirrada no futebol de 5 (para jogadores com deficiência visual) entre Brasil e China. Não há falas dos atletas vencedores, e os fatos são apresentados de forma bem sucinta.

Curiosamente, a foto que ilustra a página é exatamente da final em questão, mas ela não foi colocada ao lado da nota.

A nota também menciona a outra medalha, esta de prata, conquistada no último dia de competições, pelo maratonista Tito Sena, mas não fornece maiores detalhes sobre o acontecimento.

Clodoaldo estuda ir à Justiça

(*Folha de S. Paulo*, 18/09/2008, pág. D4)

A outra nota do dia em questão diz respeito ao nadador Clodoaldo Silva, que então estudava a possibilidade de processar o Comitê Paraolímpico Internacional (CPI) pela reclassificação ocorrida às vésperas das competições, sendo colocado em uma categoria com atletas com menor comprometimento decorrente de suas deficiências.

O texto cita uma fala de Silva, que diz que teria conquistado seis medalhas de ouro se tivesse participado das provas de sua classificação anterior. Apesar disso, a nota não chega a ser uma novidade, uma vez que Silva já havia manifestado sua indignação em vários veículos de mídia, incluindo a própria *Folha de S. Paulo*, por mais de uma vez desde que tal reclassificação foi decidida pelo CPI.

Paraolimpíada

(Folha de S. Paulo, 21/09/2008, pág. C16)

Na data em questão, a página “Folha Corrida”, no final do caderno **Cotidiano**, trouxe alguns números do Brasil nas Paraolimpíadas de Pequim. Tais dados incluem o número de medalhas obtidas pelo país e o número obtido apenas pelo nadador Daniel Dias, a posição final do Brasil nas Paraolimpíadas, o número de atletas da delegação nacional e o número de modalidades em que o país conseguiu medalhas.

A recapitulação dos números das Paraolimpíadas mostra que elas ainda eram consideradas um assunto relevante pelo jornal no dia. Porém, esta foi a única citação ao tema Deficiência, mesmo a data em questão sendo o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência; nenhuma menção à data foi feita, nem parece ter motivado o periódico a trabalhar outras pautas sobre o tema.

Reino Unido corta verba para 2012

(Folha de S. Paulo, 04/12/2008, pág. D4)

O tema Deficiência só é abordado no último parágrafo da notícia, que fala sobre a distribuição desigual de verbas para cada esporte no Reino Unido, em preparo para as Olimpíadas que serão sediadas no país em 2012.

A única informação dada sobre as Paraolimpíadas de 2012 no texto é que 15 esportes das competições dividirão 66 milhões de dólares (a verba destinada para as Olimpíadas é de US\$ 364 milhões), com a meta de atingir o segundo lugar no quadro de medalhas. Por que não há maiores investimentos para os esportes paraolímpicos, por que o Reino Unido não ambiciona o primeiro lugar nestes jogos, são perguntas deixadas sem respostas na reportagem.

A menção das Paraolimpíadas não parece ter sido motivada nem pelo Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, comemorado no dia anterior (e cujas comemorações não receberam qualquer nota no jornal no dia 04/12), nem pelas Paraolimpíadas de 2008. Em ambos os casos, se houvesse uma relação direta, o tema possivelmente receberia mais atenção que um parágrafo de 5 linhas no final da reportagem.

4.4 Sociedade

Trata-se da categoria mais ampla em termos de análise, abarcando de textos sobre denúncias a notas sobre investimentos em esportes em São Paulo; apesar disto, ela contou com menos reportagens que as Paraolimpíadas. No total, foram contados 11 textos, três dos quais se relacionam a um mesmo evento, a decisão dos condôminos de um edifício em São Paulo em não cederem vaga acessível à família de uma moradora cadeirante, fato noticiado no dia 13 de setembro de 2008. Os três textos, em conjunto, proporcionam uma visão ampla acerca do fato, fornecendo ao leitor informações sobre leis e dando voz a todos os lados da questão.

Uma das maiores falhas nas reportagens sobre pessoas com deficiência na sociedade, pelo menos dentro do período de análise, parece ser a falta da voz das próprias dentro dos textos. Conforme afirmação de Rosana de Lima Soares mostrada no Capítulo 2 da presente dissertação, ter sua “voz” ouvida, poder se expressar diretamente pelos meios de comunicação, é fundamental para qualquer setor que queira ser reconhecido como parte integrante da sociedade. Sem que isto aconteça, fica a impressão de algo assistencialista, não inclusivo.

Outra falha vem neste mesmo sentido: a falta de reconhecimento das pessoas com deficiência enquanto parte da sociedade, conforme verificado em reportagem do dia 07 de setembro de 2008. Mesmo com o texto em questão tratando da questão de direitos dos indivíduos com deficiência intelectual, a nota foi colocada em coluna sobre saúde, em vez de entrar nos assuntos de sociedade e cotidiano.

Manual traz direitos dos deficientes intelectuais

(Folha de S. Paulo, 07/09/2008, pág. C18)

Trata-se de uma nota curta referente ao lançamento do *Manual de Direitos Fundamentais da Pessoa com Deficiência Intelectual*, por parte de entidades como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de São Paulo (Apaes). O manual busca, segundo o texto do jornal, defender os direitos humanos, de forma a valorizar a diversidade e promover a dignidade.

Não há uma associação direta feita entre o manual e as Paraolimpíadas, o que aponta que estas não motivaram a publicação da nota. O texto é curto, mas não se trata de uma desvalorização do tema, visto que os demais textos na coluna em que a nota foi publicada também contam com pouco espaço.

O problema aqui parece estar exatamente na coluna em que o manual foi colocado. Trata-se da coluna “Mais Saudável”, voltada para temas de saúde. Embora a Deficiência possa ser um tema abordado em relação à saúde, como mostrado em outras análises, não é o caso aqui, uma vez que o manual em questão trata de direitos, não de saúde. Abordar um manual sobre direitos humanos dentro de uma coluna de saúde é limitar a imagem das pessoas com deficiência à saúde; não parece se tratar de uma estigmatização intencional ou absurda, mas não deixa de ser uma escolha inapropriada para uma nota que poderia ser encaixada, sem grandes problemas, em outra seção do jornal.

Moradores enfrentam ruas de terra

(*Folha de S. Paulo*, 07/09/2008, pág. Especial 5)

A reportagem parte de um caderno especial sobre a zona sul da cidade de São Paulo, sendo o destaque da página em que se encontra publicada. Não parece haver relação direta entre sua publicação e o início das Paraolimpíadas.

O texto parece mostrar a inclusão que a ONG Escola de Gente cobra no jornalismo nacional: as pessoas com deficiência não são o foco da reportagem, que trata do problema da falta de asfaltamento e calçadas malconservadas, o qual atinge a população como um todo; no entanto, a falta de acessibilidade física para pessoas com deficiência também é abordada no texto, bem como a forma que isto as atinge. As pessoas com deficiência têm sua reivindicação feita na matéria, não como um setor à parte, mas como parte integrada da sociedade.

Infelizmente, contudo, elas ainda são retratadas como objeto da matéria, e não como sujeito; nenhum morador com deficiência tem suas falas publicadas no jornal, nem há uma indicação de que algum deles tenha sido ouvido para a realização do texto.

Acesso possível

(*Folha de S. Paulo*, 07/09/2008, caderno **Classificados Negócios**, pág. 1 a 3)

A acessibilidade física de pessoas com deficiência em estabelecimentos comerciais foi o tema principal do caderno **Classificados Negócios**, ocupando a capa e duas páginas internas com uma série de textos informativos sobre empreendimentos acessíveis.

O tema é bem desenvolvido no texto; embora nem todas as possibilidades de acessibilidade sejam apresentadas no texto, informações importantes são apresentadas ao leitor, como a obrigatoriedade de que os estabelecimentos atendam às determinações legais, as normas técnicas que devem ser cumpridas e um projeto de lei que poderia estabelecer normas adicionais.

A acessibilidade não é apresentada apenas como uma imposição, mas como uma possibilidade de atrair um público mais amplo e mostrar uma imagem de responsabilidade social perante aos consumidores. Conselhos para adaptação do local são dados nos textos e em ilustrações, trazendo dados sobre gastos, dimensões e conceitos.

Não parece haver relação direta do tema destacado no caderno com as competições de Pequim.

Prédio nega a deficiente vaga de garagem com acesso fácil

(Folha de S. Paulo, 13/09/2008, pág. Especial C4)

A reportagem, que ocupa a área superior da página, relata que a psicóloga cadeirante Maria Inês Fantin teve que ficar com uma vaga de garagem descoberta, apertada e longe do elevador por uma decisão dos condôminos do prédio em que mora. O texto traz como complementos uma foto da moradora ao lado de sua vaga, trechos da ata de reunião do condomínio sobre o sorteio das atas e estatísticas sobre acessibilidade na cidade de São Paulo, onde ocorreu o fato noticiado.

É possível que tal pauta tenha gerado interesse pela realização das Paraolimpíadas na mesma época; porém, é pouco provável que haja uma relação direta entre os dois fatos, uma vez que não há menção aos esportes na reportagem e os jogos não estavam sendo tratados com grande destaque no jornal na ocasião.

A notícia chama atenção tanto pela acessibilidade negada à moradora como por mostrar que tal prática é permitida pela lei. Mostra também o desconhecimento da sociedade em relação às questões de acessibilidade física e inclusão, o que se evidencia quando os condôminos definem que nem os idosos, nem os moradores com deficiência teriam “benefícios”. O uso deformado da palavra “benefícios” é apontado por José Antônio Fantin, marido de Maria Inês, que fala: “Benefícios? Privilégio? Deus me livre se alguém como minha mulher precisar do ‘privilégio’ de ficar preso a uma cadeira de rodas”. Não se trata de um benefício, mas de uma necessidade da moradora.

Apesar disto, Maria Inês não é retratada como “coitadinha” no texto, e sim como uma cidadã reivindicando seus direitos.

Duas reportagens complementares são colocadas dos dois lados da notícia, “Reservar espaço é regra só para prédio grande ou novo” e “O marido não é deficiente, diz síndica”.

Reservar espaço é regra só para prédio grande ou novo

(Folha de S. Paulo, 13/09/2008, pág. Especial C4)

Texto complementar à reportagem principal (“Prédio nega a deficiente vaga de garagem com acesso fácil”), apresenta as determinações legais da cidade de São Paulo que dizem respeito à destinação de vagas para pessoas com deficiência em locais de fácil acesso.

Tal destinação é obrigatória apenas para prédios construídos a partir de 1992 ou que tenham mais de 600 moradores. A apresentação destes dados, além de informativa para os leitores, explica por que o prédio de Maria Inês, o qual não se encaixa em nenhuma das situações, pôde manter a decisão tomada.

O texto apresenta também alternativas para moradores com deficiência: segundo a vereadora Mara Gabrilli, o indivíduo com deficiência que se sentir lesado, mesmo sem amparo legal, pode pedir ajuda ao Ministério Público.

Gabrilli também traz uma fala de conscientização para a sociedade, ao apontar o absurdo de uma pessoa com deficiência ter que recorrer à lei para conseguir a acessibilidade que poderia conseguir se seus vizinhos mostrassem bom senso e humanidade.

O marido não é deficiente, diz síndica

(Folha de S. Paulo, 13/09/2008, pág. Especial C4)

A segunda reportagem complementar do texto principal (“Prédio nega a deficiente vaga de garagem com acesso fácil”) traz o outro lado do fato, o dos condôminos, representados por sua síndica. Ela explica que os moradores do prédio gostam muito de Maria Inês, mas que não aceitaram manter a vaga, nem concordaram com a sugestão de que duas das vagas simples (não duplas) fossem destinadas a idosos e pessoas com deficiência.

A síndica também afirmou que nenhum membro da família de Maria Inês participou da reunião para pedir seus direitos, e que, como o marido de Maria Inês não tem deficiência, ele poderia manobrar o carro até perto do elevador para buscá-la.

Esta última fala é contraditória com a afirmação da filha de Maria Inês na reportagem principal, que apontou os problemas de saúde de sua mãe e os transtornos decorrentes da vaga dupla compartilhada com outro apartamento caso Maria Inês precisasse ser atendida no meio da noite.

A presença do texto sozinho poderia trazer o estigma para a questão da acessibilidade física, mas, em conjunto com a reportagem principal e a outra notícia complementar (“Reservar espaço é regra só para prédio grande ou novo”), ele permite um olhar mais amplo do fato abordado e segue o preceito jornalístico de ouvir todos os lados.

Morador da região reclama da falta de infra-estrutura

(Folha de S. Paulo, 14/09/2008, pág. Especial 3)

O texto em questão faz parte de um caderno especial de reportagens detalhando os aspectos da região noroeste da cidade de São Paulo.

Em todo o caderno, a menção ao tema Deficiência aparece em cerca de duas linhas da reportagem em questão, ao mencionar que os moradores da zona noroeste afirmam “que o asfalto das ruas é ruim e que a acessibilidade para deficientes físicos deixa a desejar”.

A lembrança do tema na reportagem não parece vinculada à realização dos Jogos Paraolímpicos, uma vez que se trata de fala vinda dos próprios moradores da região. Com relação ao retrato das pessoas com deficiência, embora a notícia tenha se lembrado de citá-las, elas são elementos invisíveis na cobertura. Nenhuma fala de morador com deficiência é usada no texto, seja direta ou indiretamente, e não se aprofunda a questão da acessibilidade física, limitada ao trecho entre aspas acima.

Mamãe, eu também quero colo

(*Folha de S. Paulo*, 01/12/2008, pág. E2)

A breve entrevista acompanhada por fotografia na coluna de Mônica Bergamo transmite ao leitor importantes informações sobre o tema Deficiência, mesmo não apresentando relação com o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência.

O foco do texto é o lançamento do livro *Tenho um Irmão Deficiente, Vamos Conversar Sobre Isto?*, obra distribuída pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). Na entrevista com a assistente social Marilena Ardore, da Apae, é mostrado que numa família em que um dos filhos tem alguma deficiência, os pais não podem limitar todas as atenções a ele, precisam se lembrar dos demais filhos, que também têm seus problemas, suas necessidades de afeto.

Com relação aos irmãos da pessoa com deficiência, Ardore diz que eles têm que ser parceiros, amigos, ajudar seus irmãos, mas não têm que ser pais e mães de seus irmãos; não é correto que seus pais deem às crianças uma carga de responsabilidade que não é delas. A assistente social também diz que o jovem com deficiência precisa ser criado com muita autonomia, para estar melhor preparado para a vida adulta.

Nenhuma pessoa com deficiência é ouvida no texto, possivelmente até pelo espaço curto dado a ele, mas trata-se de uma notícia informativa não apenas para as pessoas com deficiência, mas também para suas famílias.

Diversidade e cidadania

(Folha de S. Paulo, 03/12/2008, pág. A3)

Embora o artigo publicado na seção **Tendências/Debates** do editorial do jornal não faça citação à data em que foi publicado, parece haver uma relação direta entre o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência e a publicação do texto de José Serra e Linamara Rizzo Battistella. Porém, é curioso que o artigo não cite tal data, embora cite o Ano Internacional da Pessoa Deficiente (1981) e a Década da Pessoa Deficiente (1982-1992).

A maior parte do texto é menos voltada à discussão de diversidade e cidadania, sendo mais voltada para a apresentação das realizações e planos do governo estadual para a acessibilidade de pessoas com deficiência. Mesmo assim, proporciona a discussão acerca das políticas sociais necessárias para enfrentar as tendências à desigualdade e a lentidão das mudanças.

O artigo concentra as informações sobre diversidade e cidadania nos três últimos parágrafos, ao afirmar acertadamente que o trabalho de inclusão não se limita ao aspecto da saúde, mas também aos da arquitetura, da educação, da comunicação e, principalmente, ao aspecto atitudinal, isto é, à busca por uma sociedade sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações. Por fim, afirma que só haverá cidadania a partir do reconhecimento de que todos somos diferentes, e que o acesso igualitário em todas as áreas não é um favor, e sim um direito.

A publicação do artigo e da charge que o acompanha (uma cadeira de rodas parada em frente a uma escada) parece positiva. Infelizmente, no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, apenas este texto fez referência ao tema, que, salvo por uma nota de obituário, foi ignorado em todas as outras áreas do periódico.

Radical demais

(Folha de S. Paulo, 04/12/2008, pág. E2)

Nota publicada no caderno **Ilustrada**, traz a informação de que a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo iria implantar dois centros esportivos adaptados no Estado, ao custo de R\$ 20 milhões. Entre os esportes dos centros, estariam a bocha, o voleibol e o kart, mas a secretária Linamara Battistella decidiu não implementar o último por considerar o esporte motorizado “radical demais”.

Não há uma imagem, estigmatizada ou não, da pessoa com deficiência na nota, apenas o que a secretária tem a dizer sobre os esportes. Embora as notas contem com pouco espaço para seus relatos, seria interessante saber o que os cidadãos com deficiência em São Paulo tinham a dizer sobre o assunto, ou pelo menos o que as lideranças de entidades e movimentos tinham: se concordaram com o parecer de Battistella, se discordaram, por que concordaram ou discordaram, o que pretendiam fazer após a decisão.

Numa cidade avançada, ricos usam o transporte público

(*Folha de S. Paulo*, 06/12/2008, pág. Especial C4)

Em entrevista para a *Folha de S. Paulo*, o ex-prefeito de Bogotá, Enrique Peñalosa, discutiu as características e desafios atuais de urbanização e transporte público nas grandes cidades. Algumas de suas propostas foram a restrição do uso de carros para melhorar o trânsito, um maior investimento em ônibus e metrô, em espaços públicos, entre outras.

A entrevista traz dois trechos que citam as pessoas com deficiência nos centros urbanos, ambos partindo espontaneamente do entrevistado. Segundo Peñalosa, ao ser perguntado sobre o que faz uma boa cidade, “Uma cidade precisa ser boa para as pessoas mais vulneráveis: crianças, cadeirantes, idosos, pobres, ciclistas”.

No segundo trecho, Peñalosa diz que considera as cadeiras de rodas como as melhores máquinas de planejamento urbano. Diz ele:

Se eu pudesse, amarrava o secretário de Planejamento numa cadeira de rodas e diria: vá andar pela sua cidade. Uma cadeira de rodas é a máquina do planejamento urbano.

A pauta da entrevista não levantou perguntas sobre acessibilidade física, mesmo com a proximidade da entrevista com o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência e mesmo com o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência. Um contraste com as respostas de Peñalosa, publicadas no jornal, que mostram uma preocupação com o acesso de todos aos espaços públicos.

4.5 *Fait divers*

Conforme explicado anteriormente, esta classificação diz respeito aos textos publicados pelo periódico em que a Deficiência é pouco mais que uma “curiosidade”.

Diferente da conotação negativa frequentemente associada ao termo *fait divers*, as notícias e os artigos aqui apresentados não têm como foco o sensacionalismo ou o bizarro; são pequenos fatos ou observações, que não foram considerados para o item **Sociedade** por não dizerem respeito, de fato, às questões sociais ligadas ao tema.

De fato, três dos cinco textos em questão são notas de obituário, feitas diariamente pelo jornal, em que os falecidos em questão tinham alguma deficiência. Apenas no caso do ex-boxeador Elmo Mamede Carvalho Vaz, sua deficiência tem alguma relevância no contexto da nota.

Os outros dois textos nesta categoria são artigos. O primeiro faz uma análise do filme *Ensaio sobre a Cegueira*, mas embora o título e mesmo o filme em questão abram uma brecha considerável para que se discutisse um paralelo entre a deficiência visual no filme e a deficiência visual no mundo real, esta não é aproveitada.

Fato semelhante acontece no artigo cujo foco inicialmente parece ser um grupo de fotógrafos cegos e a curiosidade sobre como eles conseguiriam fotografar sem ver. Contudo, novamente o tema não é aprofundado.

Em termos gerais, são textos que não estigmatizam as pessoas com deficiência, mas também não promovem uma visão inclusiva de fato sobre elas.

Fozzy e a turma rockabilly de Santo André

(Folha de S. Paulo, 06/09/2008, pág. Especial C8)

O texto trata-se de uma nota de obituário no jornal, pequena, colocada no canto inferior direito da página, da mesma forma como as notas de obituário publicadas em outros dias. Foi publicada no primeiro dia de Paraolimpíadas, mas nada no texto indica que estas tenham influenciado a escolha e redação da nota.

Por se tratar de um texto curto, a deficiência de Daniel Ferraz – ficou paraplégico após ter a coluna atravessada por uma bala durante uma briga dentro de uma casa noturna – é comentada apenas no penúltimo parágrafo, com o final do parágrafo anterior relatando a ocasião em que Ferraz foi baleado.

A forma como a paraplegia de Ferraz é abordada no texto encaixa-se, de certa forma, na imagem de “invisibilidade” – a deficiência é apontada no texto, mas não há um foco positivo, negativo ou importante; ela apenas “está lá”. Fala-se apenas que, após o “incidente” (na palavra usada no texto), os amigos do falecido lhe compraram uma cadeira de rodas e o ajudavam com remédios.

Apesar da citada ajuda dos amigos, Ferraz não é retratado no final do texto como “coitadinho”; não há desenvolvimento suficiente a partir deste trecho para se deduzir a imagem que o jornal pretendia passar. O parágrafo final menciona apenas a causa de sua morte e a turma de amigos, verdadeiro foco do texto, que o falecido deixou como legado.

A formiguinha e o teorema de Pitágoras

(Folha de S. Paulo, 10/09/2008, pág. C4)

O texto em questão é uma nota de obituário sobre Jaconda Menduni, professora de matemática falecida aos 92 anos de idade. O segundo parágrafo informa que a falecida era cega desde meados dos anos 90, devido a uma degeneração da retina.

A professora não é retratada de forma negativa, impressionando a um médico pela sua lucidez. Porém, o tema Deficiência também não é apresentado de forma positiva, nem é aprofundado na nota. Trata-se de uma quase invisibilidade do tema; ele está em um canto do texto, e só.

Não há qualquer indício de ligação entre a publicação desta nota e as Paraolimpíadas de Pequim.

‘Ensaio sobre a Cegueira’

(*Folha de S. Paulo*, 18/09/2008, pág. E16)

Contardo Calligaris analisa, em artigo, a adaptação cinematográfica de Fernando Meirelles para o romance do escritor lusitano José Saramago (tanto o romance como o filme têm o mesmo título do artigo em questão).

Embora pudesse ser esperado que a cegueira da ficção fosse relacionada à cegueira da realidade, tal relação não é feita no texto, da mesma forma como não o foi em notícias sobre o filme veiculadas em dias anteriores, tanto na *Folha* como em *O Estado de S. Paulo* (apenas em 19/01/2009 a *Folha* faria uma relação entre ambas, na reportagem “Deficientes visuais comentam “Ensaio Sobre a Cegueira” com audiodescrição”).

É claro que não havia a necessidade de se relacionar o filme à deficiência visual, uma vez que Saramago usa seu romance como uma metáfora para criticar comportamentos gerais das pessoas em geral, não especificamente dos cegos. Ainda assim, esta parece ter sido uma oportunidade perdida para que o lançamento do filme pudesse servir como um gancho para se falar sobre acessibilidade, inclusão social, ou ao menos para trazer aos leitores maiores informações sobre a deficiência visual na vida real.

O prazer dos fotógrafos cegos

(Folha de S. Paulo, 30/11/2008, pág. Especial C10)

O artigo de Gilberto Dimenstein na verdade não busca discutir a Deficiência, mas sim desvendar qual a chave para que determinadas pessoas se destaquem em suas atividades: segundo o autor, não basta o acesso a um bom ensino ou a vontade de desvendar mistérios; são terceiros que darão rumo às suas curiosidades, pessoas fundamentais com as quais cada pessoa tem contato ao longo da vida.

O caso dos fotógrafos cegos é usado como uma ilustração desta discussão, com o autor iniciando seu texto com a descrição de um grupo de “alfabetização visual”, guiado pelo engenheiro João Kulcsár, onde os indivíduos com deficiência visual fotografaram o interior do Mercado Municipal de São Paulo, orientando-se pelo olfato e pelo tato para buscar ângulos e enquadramentos para suas fotografias.

Embora o artigo não seja voltado para a Deficiência, nem cite falas de qualquer um dos fotógrafos cegos, ele promove uma certa inclusão ao apresentar aos leitores um projeto de inclusão social, além de colocar os indivíduos com deficiência visual ao lado de outras figuras da sociedade no texto, entre escritores, cientistas e médicos, mostrando-os assim como parte integrada, não segregada, na sociedade.

O artigo ocupa um bom espaço na página, mas não parece ter ligação com o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência que se aproximava (03/12).

A superação da cegueira pelo esporte

(Folha de S. Paulo, 03/12/2008, pág. C4)

A pequena nota de obituário do boxeador Elmo Mamede Carvalho Vaz conta, já nos primeiros parágrafos, que um acidente de treino o deixou praticamente cego (um dos olhos ficou com 35% da visão, e o outro a perdeu completamente).

Disposto a continuar no esporte, Vaz escondeu sua deficiência da federação, até que o segredo foi descoberto e ele foi afastado dos ringues. Mesmo assim, continuou participando de esportes e disputou os Jogos Parapanamericanos no Rio de Janeiro.

Novamente, a palavra “superação” é usada para se referir a um esportista com deficiência, desta vez com a palavra associada ainda à deficiência em questão (“superação da cegueira pelo esporte”), tratando a deficiência visual como um empecilho, como se a prática do esporte permitisse que o “problema” ficasse para trás.

Tal problema no título, contudo, não se repete no texto, onde é mostrado que Vaz continuou levando sua vida, com um amigo dizendo mesmo que: “Se alguma vez ficou triste, nunca demonstrou”.

4.6 Saúde

Embora o tema Deficiência seja comumente relacionado com as questões de saúde, constatação já feita pela ONG Escola de Gente, foram poucos os textos no período analisado que fizeram tal relação – o que não significa que ambos os temas tenham deixado de ser relacionados no jornalismo brasileiro; das reportagens encontradas nas páginas virtuais dos dois principais periódicos de São Paulo, um número considerável estava ligado a questões de Saúde.

Além disto, conforme mostrado anteriormente, ainda existe alguma confusão entre a Deficiência como tema de Saúde e a Deficiência fora do tema, como aconteceu com o manual de direitos de pessoas com deficiências intelectuais, erroneamente colocado em uma coluna sobre saúde.

As três reportagens apresentadas trazem diferentes abordagens sobre Saúde, como causas, sintomas, diagnósticos, métodos de prevenção e tratamentos novos e/ou polêmicos. Médicos foram as principais fontes ouvidas, já os pacientes não tiveram a mesma oportunidade para se expressar nos textos.

Os acertos e erros de cada reportagem são tratados em suas análises individuais. Mas vale chamar atenção para a reportagem “Brasileira que perde movimentos tenta terapia polêmica”, que tal como seu título, traz um assunto bastante controverso, o uso de células-tronco para recuperação de movimentos de pessoas com paralisia ou problemas ligados ao sistema nervoso central.

Embora novamente não haja falas da pessoa com deficiência no texto, a Folha parece ter conseguido uma cobertura detalhada e objetiva do fato, apontando todos os lados da questão e fornecendo dados detalhados para os leitores.

Cidade do RN vira foco de doença rara

(Folha de S. Paulo, 07/09/2008, pág. C14)

A síndrome de Spooan, foco da reportagem, não é considerada uma deficiência, e sim uma doença neurodegenerativa. Porém, a síndrome leva a deficiências adquiridas com o desenvolvimento de seus sintomas, como redução da visão a 10% do normal e problemas de locomoção; vários dos indivíduos mostrados na reportagem são cadeirantes, em decorrência da síndrome.

A notícia ocupa a metade superior da página C14, além de ganhar pequena chamada na página C13 (no domingo, o caderno **Cotidiano** é dividido em dois, com a página C13 no dia em questão sendo página inicial do segundo caderno de Cotidiano). Embora tenha sido publicada no primeiro dia de competições das Paraolimpíadas, não parece haver uma relação direta entre a escolha da notícia e o evento esportivo, até porque o evento em si foi limitado a uma minúscula fotolegenda no caderno **Esporte**.

A reportagem traz informações interessantes e importantes sobre a síndrome, seus sintomas, suas incidências, bem como os problemas enfrentados no município de Serrinha (RN), em que vivem 73 pessoas com a síndrome e no qual faltam condições de acessibilidade e saúde, como acesso a cadeiras de rodas e fisioterapeutas.

No entanto, chama atenção o uso do termo “gene defeituoso” para se referir ao gene causador da doença. O termo não é usado de forma pejorativa nem se refere às pessoas com síndrome de Spooan, mas abre uma possibilidade de associação entre o gene e a pessoa, que poderia ser então considerada como “defeituosa”.

Mesmo assim, creio que aqui há apenas um risco pequeno de estigmatização, não uma estigmatização propriamente dita.

Livro aborda teste de surdez em bebês

(*Folha de S. Paulo*, 14/09/2008, pág. C7)

O texto em questão integrou a coluna “Plantão Médico” do caderno **Cotidiano**, sendo a nota de destaque. Embora o título chame a atenção para o lançamento do livro *Quem Ouve Bem Vive Melhor*, do professor Luiz Mangabeira Albernaz, o foco da notícia é o alerta para a importância da realização de testes auditivos em recém-nascidos, nas maternidades, para detectar a surdez congênita.

É explicado na notícia que tal detecção precoce permite a possibilidade de evitar ou minimizar a deficiência nas crianças, seja por meio de aparelhos de surdez ou intervenção cirúrgica. Um estudo publicado na revista *Pediatrics* informa que crianças precocemente identificadas e tratadas apresentaram resultados positivos de crescimento intelectual e social.

Embora o texto traga informações relevantes aos leitores, ele falha ao se referir às pessoas com deficiência auditiva como “surdos-mudos”, termo considerado incorreto, mesmo que o colunista tenha se preocupado em explicar que a “mudez” em questão seria uma consequência da dificuldade em adquirir a linguagem, decorrente da surdez.

Não há elementos no texto que indiquem uma possível relação entre a escolha de sua pauta e as Paraolimpíadas.

Brasileira que perde movimentos tenta terapia polêmica

(Folha de S. Paulo, 14/09/2008, pág. C8)

O texto traz um assunto polêmico, sobre uma cirurgia feita na China que envolve o transplante de células-tronco de fetos abortados para que pacientes com paralisia ou problemas ligados ao sistema nervoso central possam recuperar movimentos do corpo.

O periódico, que usou o caso de uma estudante brasileira como base para a reportagem, mostra uma posição neutra em relação ao assunto. Não entra no embate entre ciência e religião no que diz respeito às células-tronco, aponta os possíveis benefícios da terapia, mas também esclarece que ainda não se sabe se o tratamento traz riscos a longo prazo e que o tratamento não traz garantia de melhora.

Falas de ambos os lados são apresentados, tanto dos pais e amigo da jovem submetida à cirurgia, favoráveis ao tratamento, como de uma geneticista e de uma figura de liderança entre as pessoas com deficiência, ambas mostrando reservas em relação à terapia. A estudante propriamente dita não tem falas expostas no texto.

A reportagem é acompanhada por um quadro (“O método chinês”) que explica os procedimentos, requisitos, preços, riscos e possíveis resultados do tratamento em questão. O primeiro parágrafo e os dois últimos comentam as circunstâncias em que a estudante perdeu os movimentos dos braços, pernas e tronco e trazem uma crítica à impunidade dos responsáveis pelo acidente.

A estudante é mostrada como uma pessoa disposta a lutar por sua melhora, embora a reportagem não elogie nem critique suas decisões.

Embora a notícia fale tanto do tema Deficiência quanto da China, não parece haver relação entre sua pauta e as Paraolimpíadas de Pequim.

4.7 Feedback

No período escolhido para a análise, houve a publicação de quatro textos direta ou indiretamente ligados ao trabalho do jornal com a cobertura do tema Deficiência.

Destes, o que traz menos atenção para o tema é a carta “Sem Corolla”, publicada em 14 de setembro de 2008. O leitor não chama atenção para a deficiência, apenas comenta sobre contratempos enfrentados na compra de um carro para pessoa com deficiência física, pedindo um esclarecimento da concessionária. Mesmo assim, a carta chama atenção por mostrar que, ao contrário da imagem que muitas pessoas ainda têm em mente, pessoas com deficiência podem dirigir carros – é claro, desde que haja um preparo do motorista e que sejam feitas adaptações no veículo. Ela abre a possibilidade de que novas reportagens pudessem ser feitas sobre habilitação de pessoas com deficiência para dirigir; infelizmente, o gancho não foi aproveitado.

Os outros textos também trazem em si sugestões de pautas ou de continuidade de cobertura a respeito do tema. No caso das Paraolimpíadas, o ombudsman da Folha, Carlos Eduardo Lins da Silva, cobrou mais espaço e destaque à cobertura do evento; além desta coluna, houve também uma carta enviada ao jornal (“Paraolimpíada”, publicada em 16/09/2008) cumprimentando o desempenho dos atletas brasileiros nas competições de Pequim, o que mostra que havia interesse por parte dos leitores na cobertura do tema.

Mesmo fora do âmbito das Paraolimpíadas, o caso dos condôminos que retiraram da psicóloga Maria Inês Fantin, cadeirante, uma vaga acessível no prédio em que moram, também teve retorno em carta (“O ser humano”, publicada em 17/09/2008), criticando tal atitude.

Em suma, apesar deste item trazer apenas quatro pequenos textos, pode-se notar por ele que há interesse por parte da sociedade numa maior cobertura de assuntos ligados às pessoas com deficiência.

Sobre pequenos assassinados

(*Folha de S. Paulo*, 14/09/2008, pág. A8)

Na seção do ombudsman na data em questão, Carlos Eduardo Lins da Silva avaliou onde o jornal havia feito um bom trabalho desde sua última análise e onde havia se mostrado falho.

Embora a *Folha de S. Paulo* estivesse cobrindo as Paraolimpíadas diariamente, Lins da Silva criticou a cobertura do jornal, colocando o tema na coluna “E onde [o jornal] foi mal”.

Nas palavras do ombudsman: “Jornal subestima em espaço e destaque a importância do evento, que se aproxima muito mais dos ideais olímpicos do que a comercializada competição oficial; leitor perde muitas histórias extraordinárias”.

É interessante notar que, no mesmo dia em que a crítica foi feita, o jornal trouxe diversos textos ligados ao tema Deficiência. Porém, a cobertura das Paraolimpíadas repetiu os problemas apontados por Lins da Silva.

Sem Corolla

(*Folha de S. Paulo*, 14/09/2008, pág. 16 do caderno **Veículos 1**)

“Sem Corolla” foi o título de uma carta enviada ao caderno **Veículos 1**. O autor da carta informava os problemas enfrentados na compra de um carro Corolla XLi 1.6 para pessoa com deficiência física, o qual conta com câmbio automático e isenções de impostos. Após a carta, há uma resposta da concessionária Toyota, que diz ter entrado em contato com o cliente para solucionar o caso, e a réplica do autor da carta, descrevendo as alternativas propostas pela concessionária.

Por se tratar de uma carta, não há como relacionar seu envio com os eventos acontecidos na época ou comentar o tratamento do tema pelo jornal. Contudo, vale notar que a carta mostra que sim, pessoas com deficiência podem dirigir, ao contrário do que o título da notícia “Grupo cometia erro de grafia e dava CNHs a deficientes” (*O Estado de S. Paulo*, 17/07/2008) leva a entender. Seria interessante que os veículos de comunicação falassem mais sobre veículos adaptados; este é um tema pouco conhecido pela população – e mesmo por muitas pessoas com deficiência.

Paraolimpíada

(Folha de S. Paulo, 16/09/2008, pág. A3)

Esta é uma carta enviada ao jornal, pelo leitor Paulo José Silva Ferraz, exaltando o desempenho do Brasil nas Paraolimpíadas de Pequim. O leitor compara tal desempenho com o das Olimpíadas do mesmo ano, enfatizando que a delegação paraolímpica conquistou mais medalhas que a delegação olímpica, mesmo sendo menor; destaca o desempenho de Daniel Dias e suas nove medalhas, e comenta que apenas um canal fechado de TV transmitiu as competições ao vivo.

Por se tratar de uma carta, não há como comentar o trabalho da Folha neste texto. Apesar disto, duas constatações podem ser feitas.

A primeira é que, apesar da pouca cobertura das Paraolimpíadas (como o leitor apontou, apenas um canal de TV, não disponibilizado para a maior parte da população, transmitiu as competições ao vivo), havia interesse do público nas informações dos jogos.

A segunda é que a carta comenta que os atletas deram um “atestado de superação das limitações”. Embora a intenção fosse exaltar os feitos dos esportistas paraolímpicos, o uso do termo “superação” é considerado inadequado por pessoas ligadas à área da Deficiência, por subentender que uma pessoa com deficiência “supera sua deficiência” para ter êxito. Como o jornalista Marcos Peres comentou, no Seminário Internacional Comunicação & Exclusão, não se trata de superação, mas de treinamentos rigorosos feitos pelos atletas paraolímpicos – da mesma forma como faz qualquer outro atleta que busque vencer em suas competições.

O ser humano

(Folha de S. Paulo, 17/09/2008, pág. A3)

Não se trata de uma reportagem, mas de uma carta enviada por uma leitora indignada com os moradores do prédio retratado na reportagem “Prédio nega a deficiente vaga de garagem com acesso fácil” (13/09/2008, pág. Especial C4), que negaram uma vaga mais acessível a uma moradora com deficiência física.

O envio da carta demonstra que o caso retratado na reportagem em questão causa indignação a parte dos leitores do periódico, e que reportagens denunciando casos semelhantes possivelmente atrairiam o interesse do público.

4.8 Análise da cobertura de *O Estado de S. Paulo*, de 30/11 a 07/12/2008

Inicialmente, pensou-se em apresentar as considerações sobre cada reportagem analisada do jornal *O Estado de S. Paulo*, nos mesmos moldes usados com a *Folha de S. Paulo*; contudo, optou-se neste caso por uma análise mais sintetizada, selecionando apenas reportagens publicadas na semana de 30 de novembro a 07 de dezembro de 2008, dentro da qual encontra-se o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência (03/12), para evitar um número grande de constatações redundantes.

Contudo, é possível comentar, em termos gerais, as observações feitas nos demais períodos analisados.

Estas observações mostraram que não houve uma diferença significativa na abordagem do tema Deficiência no “Estadão” em relação à cobertura da Folha. Ambos os periódicos ignoraram tanto o Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência quanto o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência – embora, nos mesmos períodos, *O Estado de S. Paulo* não tenha esquecido outras datas, tais como o Dia Nacional da Cultura da Paz (21/09), o Dia Sem Carro (22/09) e o Dia do Palhaço (comentado no **Estadinho** em 06/12/2008).

Na cobertura das Paraolimpíadas, enquanto o interesse da Folha parece ter crescido ao longo dos dias, o “Estadão” dedicou atenção maior ao tema desde o começo dos Jogos Paraolímpicos, trazendo ora reportagens grandes e explicativas, ora textos mais curtos e se atendo aos resultados. Ao final das competições, houve, no periódico, a publicação de textos de exaltação aos atletas paraolímpicos, como “Brasil, marcas de superação” (21/09/2008, pág. E4) e “Além da condescendência” (21/09/2008, pág. J7). Mesmo assim, também não considerou o assunto suficientemente importante para receber uma chamada de capa nos dias analisados.

Duas reportagens chamam atenção por apresentarem pautas sobre acessibilidade e inclusão: “SP não tem locais 100% adaptados a deficientes” (06/09/2008, pág. C9) aponta os problemas de acessibilidade na cidade de São Paulo, de calçadas a portas; enquanto “Reveladora de histórias” (analisada nesta dissertação), que recebeu também uma pequena chamada de capa, apresenta aos leitores a primeira revista mensal no

Brasil voltada para pessoas com deficiência visual, além de proporcionar reflexões sobre o acesso à comunicação.

Vale destacar, ainda, que no período de 06 a 18 de setembro de 2008, houve a publicação de quatro cartas comentando as Paraolimpíadas. Embora a presente dissertação tenha apresentado apenas dois jornais impressos como objeto de análise, é interessante observar que, em carta publicada no dia 14 de setembro, uma leitora criticou a falta de cobertura das Paraolimpíadas pelas emissoras televisivas.

Além disso, todas as quatro cartas elogiam e parabenizam o desempenho dos atletas paraolímpicos brasileiros. Isto mostra que, independentemente da atenção (ou falta de atenção) dedicada pela imprensa brasileira ao tema, houve interesse da sociedade em acompanhar os Jogos Paraolímpicos, em buscar informações sobre o que estava acontecendo em Pequim, e em reconhecer o esforço e o êxito dos esportistas paraolímpicos nacionais.

Por outro lado, uma das cartas, publicada em 09 de setembro, mostra que conceitos estigmatizantes persistem na consciência da sociedade, ao comentar que a abertura dos Jogos mostrou “tanta gente bonita e feliz, **apesar das cadeiras de rodas**”, como se as cadeiras fossem um empecilho para a felicidade de quem as usa.

Isto posto, passemos às análises de cinco reportagens relacionadas ao tema, todas publicadas no período apontado no começo do presente item.

Reveladora de histórias

(*O Estado de S. Paulo*, 30/11/2008, pág. C10)

O tema da notícia é o *Boletim Ponto a Ponto*, revista mensal para cegos no Brasil, escrita praticamente apenas em braile e com imagens em alto relevo. Silvia Valentini, criadora da publicação, fala no texto sobre sua motivação, sobre levar conhecimento para quem não enxerga, sobre o método de elaboração de cada edição, além de criticar a ausência de outras publicações que ofereçam a possibilidade de leitura em braile.

Assim, o jornal apresentou uma iniciativa bastante interessante e inspiradora, trazendo (apenas no final) a possibilidade de reflexão para que outras publicações impressas possam fornecer, no futuro, material em braile para que suas informações possam ser lidas também por cegos.

A reportagem traz um bom conteúdo relacionado ao tema Deficiência; infelizmente, embora se trate de um texto extenso, ocupando praticamente uma página inteira, nenhum leitor do *Boletim Ponto a Ponto* teve voz no texto, assim como outras pessoas com deficiência visual. O tema é lembrado, mas os indivíduos, não.

A notícia é ilustrada por duas fotos. A maior mostra Valentini manuseando o que parece ser um conjunto de folhas do Boletim, ao lado do que parece ser seu equipamento para escrever em braile, embora a legenda não se preocupe em explicar o que está ilustrando. A segunda fotografia mostra a capa do *Boletim Ponto a Ponto*, com aparentes relevos nela, enquanto a legenda cita que as ilustrações na publicação são feitas em relevo, para serem “sentidas”.

Há ainda um pequeno quadro explicando em que consiste o braile e como este alfabeto pode representar desde letras e números até sinais algébricos e notas musicais.

Passados que se rebelam contra apatia do presente

(*O Estado de S. Paulo*, 03/12/2008, pág. D3)

A reportagem sobre a primeira edição do Prêmio São Paulo de Literatura não tem por pretensão discutir pessoas com deficiência, e sim apresentar as obras vencedoras. Contudo, o primeiro parágrafo mostra (ainda que não ressalte) que tanto o vencedor como melhor livro quanto o vencedor na categoria de autor estreante trazem personagens com deficiência em papéis centrais.

O Filho Eterno, livro de Cristóvão Tezza, mostra a vergonha e o impacto com a realidade que um aspirante a escritor sente ao descobrir que seu filho nasceu com síndrome de Down. A descrição resumida da obra na reportagem em questão não parece mostrar a pessoa com deficiência sob um ponto de vista positivo, o que parece a princípio ser uma imagem estigmatizante. Entretanto, como mostra Evaldo Mocarzel em seu documentário *Do Luto à Luta*, é normal e mesmo importante que, numa família em que nasce uma criança com deficiência, haja o momento inicial de luto, de incertezas, antes que a família comece a aceitar a situação e conviver com ela; é após o choque que vem a “hora da virada”, em que ocorre a aceitação de fato. Vale lembrar, retratar as pessoas com deficiência de uma forma irrealmente positiva, supervalorizando-as, é um estigma tão perigoso como a representação negativa.

Em *A Chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy, a personagem principal é uma mulher cadeirante. Mas sua deficiência, pelo menos no resumo exposto na reportagem, não chega a ser o ponto central da história, que mostra mais a tradição do povo judeu que carregava uma chave como símbolo da possibilidade do regresso do exílio, a relação entre avô e neta e o uso da imaginação para visitar o passado.

A notícia é acompanhada por uma fotografia e um pequeno quadro com informações complementares, mas nenhum deles traz relação com o tema Deficiência.

Kassab quer que mais 7 projetos sejam votados logo

(O Estado de S. Paulo, 04/12/2008, pág. C5)

Os conflitos políticos entre governo e oposição na Câmara Municipal de São Paulo são o tema da notícia, que relata as negociações para votação de projetos antes do recesso do fim de ano.

A aparição do tema Deficiência se resume a sete linhas do segundo parágrafo do texto, ao ser comentado que apenas um projeto havia sido votado (em votação simbólica) no dia anterior: a cessão de uma área da Prefeitura para a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). Esta é a única informação referente ao fato que a notícia apresenta.

Houve, assim, a presença do tema em uma notícia que trata da sociedade como um todo; por outro lado, o retrato da pessoa com deficiência aqui é invisível, irrelevante.

Shakespeare ficou cego, diz pesquisador

(O Estado de S. Paulo, 04/12/2008, pág. D6)

Trata-se de uma breve nota, no **Caderno 2** do jornal, que relata que, segundo um pesquisador britânico, o dramaturgo britânico William Shakespeare teria ficado cego três anos antes de morrer, abandonando Londres e o teatro.

Embora a nota informe qual teria sido o motivo para a perda da visão de Shakespeare, não apresenta nenhum embasamento para a teoria, dizendo que o pesquisador chegou a essa conclusão a partir de experiências pessoais, sem dizer se ele teve acesso a algum documento que reforce sua afirmação.

A afirmação de que Shakespeare teria abandonado sua carreira ao ficar cego poderia representar uma estigmatização da pessoa com deficiência, apontando-a como incapaz de continuar uma carreira de sucesso. Contudo, não há no texto elementos que reforcem esta ideia, e com isso não parece haver uma imagem estigmatizada da pessoa com deficiência, apenas uma imagem ignorada, nem boa, nem ruim.

Questão de respeito

(O Estado de S. Paulo, 05/12/2008, pág. C2)

Em carta enviada para o “Estadão”, na coluna “São Paulo Reclama”, a leitora Angela Freitas R. da Silva critica o desrespeito, nos metrô da cidade de São Paulo, da população para com o público beneficiado pelo embarque preferencial: pessoas com deficiência, gestantes e idosos. Ela aponta que muitas vezes estas pessoas precisam viajar em pé, pois o restante da população e mesmo os acompanhantes de tais pessoas, que deveriam ajudá-las, ocupam os assentos reservados a eles. Também diz que alguns usuários empurram outras pessoas para entrar no metrô, sem tomar cuidado com qualquer pessoa.

A leitora cobra uma atitude do Metrô e dos governantes, ao que o gerente de Comunicação e Marketing do Metrô, Marcello Borg, informa que as observações feitas pelas avaliações periódicas do transporte mostram que o embarque preferencial tem surtido o efeito desejado, mas que haverá uma ampliação, nos carros da extremidade, na quantidade de lugares reservados aos indivíduos defendidos pela leitora. Borg também informa que o comportamento adequado dos passageiros é uma questão cultural e de cidadania, mas que o Metrô procura reforçar esta atitude com campanhas educativas.

Embora nenhuma pessoa com deficiência seja ouvida aqui (a leitora não diz que esteja dentro do grupo que defende na carta), o texto parece promover uma inclusão desta na sociedade, ao lembrar a todos os leitores sobre um direito seu no transporte público, sem que o assunto se limite a ela, uma vez que os indivíduos com deficiência encontram-se, aqui, na mesma situação que idosos, gestantes, pessoas com crianças de colo ou com dificuldades de mobilidade (pessoas com um membro do corpo engessado, por exemplo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente pesquisa, buscou-se observar as causas para a estigmatização da imagem da pessoa com deficiência no jornalismo brasileiro, as formas como isto acontecia, e de que forma este problema poderia ser resolvido. Algumas constatações podem ser feitas com base nos referenciais teóricos e nas reportagens apresentadas nos quatro capítulos desta dissertação.

As reportagens apresentadas não parecem mostrar uma intenção, por parte dos jornalistas brasileiros, de estigmatizar as pessoas com deficiência. A reprodução dos estigmas não parece ser intencional, e sim algo inconsciente, já enraizado na sociedade como algo comum, uma parte da ideologia social dominante. O comentário do internauta à reportagem sobre a autoescola que emitia CNHs de forma ilícita, ao associar a ideia de “deficiente mental” à noção de “imbecil” e colocar as pessoas com deficiência física como “incapazes” (ao se referir a elas como “deficientes físicos e demais incapazes”) mostra que os estigmas não partem necessariamente dos meios de comunicação; são, principalmente, um reflexo do pensamento da sociedade. O fato de uma nota de humor usar o bom desempenho da seleção paraolímpica brasileira de futebol, formada por jogadores cegos, para subentender que a seleção “oficial” (de jogadores sem deficiência) está jogando mal reforça esta ideia, bem como o fato que, aparentemente, nenhum leitor pareceu se incomodar com a “brincadeira”.

Por outro lado, as cartas enviadas aos dois periódicos analisados na pesquisa, seja cumprimentando o bom desempenho dos atletas paraolímpicos brasileiros, seja criticando a falta de cobertura das Paraolimpíadas pelos meios de comunicação nacionais, seja até por uma missiva expressando solidariedade para com uma mulher cadeirante e mostrando indignação em relação aos vizinhos desta que se recusaram a lhe ceder uma vaga próxima ao elevador para permitir sua acessibilidade no prédio, indicam que a mesma sociedade se interessa pelo tema Deficiência e, mesmo que desconheça muito sobre o tema, tem interesse em ler mais e conhecer mais. O *feedback* parece ter surtido efeito no caso das Paraolimpíadas, uma vez que o espaço dedicado a elas na Folha aumentou visivelmente ao longo das competições. Tal constatação aponta que a mídia não pode justificar a ausência do tema Deficiência em suas reportagens por falta de interesse do público. Mesmo porque os meios de comunicação pautam a opinião pública na mesma medida em que a opinião pública pauta os meios de comunicação.

Conforme discutido no Capítulo 2, há uma comunicação inclusiva de fato quando todos os setores sociais têm a possibilidade de se expressar pelos meios de comunicação e se ver neles representados. No caso das pessoas com deficiência, a barreira para sua inclusão na comunicação social, de massa, não se restringe a uma ausência de cobertura do tema – mesmo porque em termos quantitativos a pesquisa mostra que, embora haja pouca cobertura do tema, ele não está exatamente ausente da pauta nacional. Ao contrário, algumas reportagens analisadas mostram exatamente um interesse dos próprios jornalistas em discutirem o tema, como a reportagem sobre o *Boletim Ponto a Ponto*, a notícia já citada sobre discriminação em um condomínio, bem complementada por outras reportagens trazendo dados jurídicos e todos os lados do conflito; ou o texto sobre o polêmico tratamento com células-tronco na China para recuperação de movimentos em pacientes com paralisia.

Os problemas não se limitam à presença ou ausência do tema na pauta do jornalismo brasileiro, mas também à sua cobertura. Há reportagens sobre Deficiência, mas são poucas as notícias sobre outros assuntos que **também** tratem do tema. Os cadernos de **Viagem** nos jornais não mencionam se os hotéis, cruzeiros e passeios de que falam possuem adaptações que permitam que um turista com deficiência também possa desfrutar deles. Políticas públicas, infraestrutura, espaços e transportes públicos, esportes, lazer; estes são apenas alguns temas que permitiriam uma inclusão da pauta das pessoas com deficiência em suas reportagens. Não significa que em toda notícia o

tema precise estar presente, é claro; mas em textos que falem de um assunto que diga respeito a toda a sociedade – por exemplo, uma renovação da frota de ônibus de uma metrópole nacional –, por que não dedicar um pequeno espaço para verificar como a notícia afeta as pessoas com deficiência – no caso, verificando se a nova frota oferece melhor condição de embarque, desembarque, locomoção e espaço para cadeirantes, pessoas com cão-guia, etc.?

Outro problema, apontado pelo orientador da presente pesquisa, é a falta da própria pessoa com deficiência se manifestando na notícia. Não basta noticiar um fato que diga respeito a este setor social se nenhum representante deste é ouvido para a elaboração da notícia a ser veiculada; ignorar os cidadãos com deficiência, vê-los como objeto da reportagem e não como sujeito, frequentemente leva à superficialidade dos dados e à ignorância de informações que poderiam ser mais importantes do que a reportagem que é efetivamente recebida. Caso, por exemplo, da suspensão da audiodescrição em 2008, tratada como uma curiosidade, onde as justificativas das emissoras de televisão para a solicitação da suspensão foram aceitas sem qualquer questionamento por parte do jornalista; se este tivesse consultado algum membro de órgão ou movimento ligados aos brasileiros com deficiência visual, como fez a Rede SACI na mesma ocasião, teria visto que a suspensão da audiodescrição afetava uma grande parcela da população, era apoiada por premissas questionáveis (uma vez que uma profissional ligada à área de audiodescrição negou que a implementação de tal recurso não pudesse ter sido feita ao longo dos dois anos estabelecidos); se tivesse comparecido ao Seminário Internacional Comunicação & Exclusão – o qual não era voltado apenas para pessoas com deficiência, mas também, e principalmente, a comunicadores sociais –, teria ouvido inclusive o relato de Paulo Romeu contando que o canal do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) já vinha começando a aplicação de audiodescrição em seus programas com sucesso, tendo a suspensão levado o canal a interromper sua iniciativa, causando uma regressão do uso de tal recurso de acessibilidade.

A chave para a resolução deste problema, ao que tudo indica, seria um maior contato entre jornalistas e pessoas com deficiência, ligadas aos campos da educação, inclusão social, acessibilidade física, entre outros. Tal contato poderia, assim, servir como uma troca de conhecimentos, permitindo aos brasileiros com deficiência entender como é feito o jornalismo no país, perceber que os comunicadores sociais não são

infalíveis e, assim, melhor que apontar culpados seria apontar erros e indicar correções, levar a eles os seus conhecimentos. Para os jornalistas, estas pessoas poderiam ser fontes valiosas de informação, não apenas para notícias sobre Deficiência (até porque, vale lembrar, estas pessoas não se resumem a suas deficiências, também possuem outras características, outras opiniões, outros conhecimentos), mas para uma melhor visão social de suas pautas. Além disso, também obteriam uma visão mais ampla sobre o tema Deficiência, podendo assim desfazer as imagens estigmatizadas ideologicamente enraizadas e, por meio da Comunicação, levar estas informações a toda a sociedade, permitindo que esta também possa desfazer os estigmas em suas mentes. Os jornalistas, conforme dito e repetido várias vezes ao longo da dissertação, não são os únicos responsáveis pelos estigmas em relação às pessoas com deficiência, nem são aqueles que devem resolver seus problemas com acessibilidade e direitos; tal responsabilidade cabe aos governantes (da presidência do país ao posto de síndico de um prédio ou organizador de mutirões de moradores em uma rua). Mas seu trabalho permite exatamente combater estes estigmas na sociedade, levar conhecimento a todos os cidadãos e, assim, levar à inclusão social efetiva destas pessoas.

Combater os estigmas, claro, não é uma tarefa fácil, nem é resolvida em questão de dias, semanas ou meses. Mas como mostrou Stuart Hall, em análise sobre o conceito ideológico de “negro” nas sociedades ao longo da história e dos movimentos sociais, este combate é possível, os estigmas podem ser desfeitos, desde que seja feita alguma coisa. Os jornalistas têm este poder de influenciar o debate na opinião pública, de levar ao questionamento de conceitos e imagens.

Isto leva a pensar como deve ser a formação do jornalista nos tempos atuais, com a presença de uma sociedade cada vez mais plural. Mesmo em tempos em que o diploma deixa de ser obrigatório para o exercício da profissão, um jornalista precisa contar com uma boa bagagem cultural, social e ética, de forma a poder compreender o mundo em que vive e os grupos sociais para os quais noticia este mundo. Isto aponta um novo paradigma para os cursos de Comunicação Social: se estes não são mais fundamentais para certificar indivíduos como jornalistas, ainda podem – e devem – zelar pela manutenção e renovação da boa formação profissional, dos princípios éticos e do pensar e fazer jornalísticos. É necessário permitir aos novos profissionais em Comunicação que estes levem em conta esta pluralidade e as necessidades específicas

de cada elemento do plural social para permitir uma comunicação inclusiva a todos, uma comunicação mais humana.

Estas considerações finais não são colocadas aqui como definitivas, trata-se apenas das observações de um pesquisador frente aos dados levantados. Espera-se que elas levem outros pesquisadores, inclusive o próprio pesquisador que escreveu esta dissertação, a continuarem a pesquisa sobre o tema, a novas reflexões e mesmo – quem sabe? – ao questionamento e negação do que é aqui apresentado. As considerações apresentadas neste texto não são e nem devem ser vistas como a conclusão do debate; devem ser um ponto de continuidade do debate para alguns, um ponto de partida para outros. Mas o estudo das relações entre Jornalismo e Deficiência, este pode e **precisa** continuar.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Luiz Alberto David (coordenador). **Defesa dos direitos das pessoas portadoras de deficiência**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

BARROS, Laan Mendes de. “Cultura das mídias e mediações culturais”. *In*: BARROS, Laan Mendes de; KÜNSCH, Dimas A. **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008.

BARTHES, Roland. “A Mensagem Fotográfica”. *In*: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 4ª edição, 1980.

CAMPBELL, Joseph, com MOYERS, Bill (org.). **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CASTRO, Shamyry Sulyvan de. **Prevalência de deficiências e estado de saúde dos deficientes: inqueritos de saúde de base populacional realizado em municípios do Estado de São Paulo**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2006.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3. ed. rev. São Paulo: Summus, 2007.

CRESPO, Ana Maria Morales. **Informação e deformação: a pessoa com deficiência na mídia impressa**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2000.

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. 2. ed.; rev.atual. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

_____. “Capitalismo na Era das Redes: Trabalho, Informação e Valor no Ciclo da Comunicação Produtiva”. *In*: LASTRES, Helena M. M. (org.); ALBAGLI, Sarita (org.); **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ECO, Umberto. “Sobre a Imprensa”. In: **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

EDITORA ABRIL. **Manual de estilo Editora Abril: como escrever bem para nossas revistas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Direitos das pessoas com deficiência - garantia de igualdade na diversidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

FEIJÓ, Alexsandro Rahbani Aragão. **Direitos humanos e proteção jurídica da pessoa portadora de deficiência: normas constitucionais de acesso e efetivação da cidadania à luz da Constituição Federal de 1988**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

FOLHA DE S. PAULO (real.). **Manual geral da redação – Folha de S. Paulo**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.

_____ (real.). **Manual da Redação - Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

GARCIA, Luiz. **Manual De Redação E Estilo - O Globo**. Rio de Janeiro: Globo, 1997.

GIRARDI Jr., Liráucio. **Pierre Bourdieu. Questões de sociologia e comunicação**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

GRACIA, Frederico Antônio (coord.); XAVIER, Cristina A.; OLIVEIRA, Vera Lucia Leite de (org). **Deficiência com eficiência: dos direitos da pessoa portadora de deficiência**. São Paulo: Comissão dos Direitos da Pessoa com Deficiência – OABSP, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (org.); Resende, Adelaine La Guardia et al (trad.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JACKS, Nilda. **Querência. Cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1999.

KELLNER, Douglas. “Cultura da mídia e triunfo do espetáculo”. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo: Moderna, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na era da informação – teoria e técnica do novo jornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001.

NASCIMENTO, Rui Bianchi do. **A visão parcial da deficiência na imprensa: Revista VEJA (1981-1999)**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2001.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A., 1980.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume Editora, 2001.

SOUZA, Genilda Alves de. **A conotação dos dados estatísticos pela mídia impressa**. São Paulo: s.n., Dissertação (Mestrado), Faculdade Cásper Líbero, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: vol. 1, Insular, 2005. 2ed.

VIVARTA, Veet (coordenação). **Mídia e deficiência**. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi); Fundação Banco do Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.andi.org.br/pdfs/Midia_e_deficiencia.pdf>. Acesso em 15 jul. 2008.

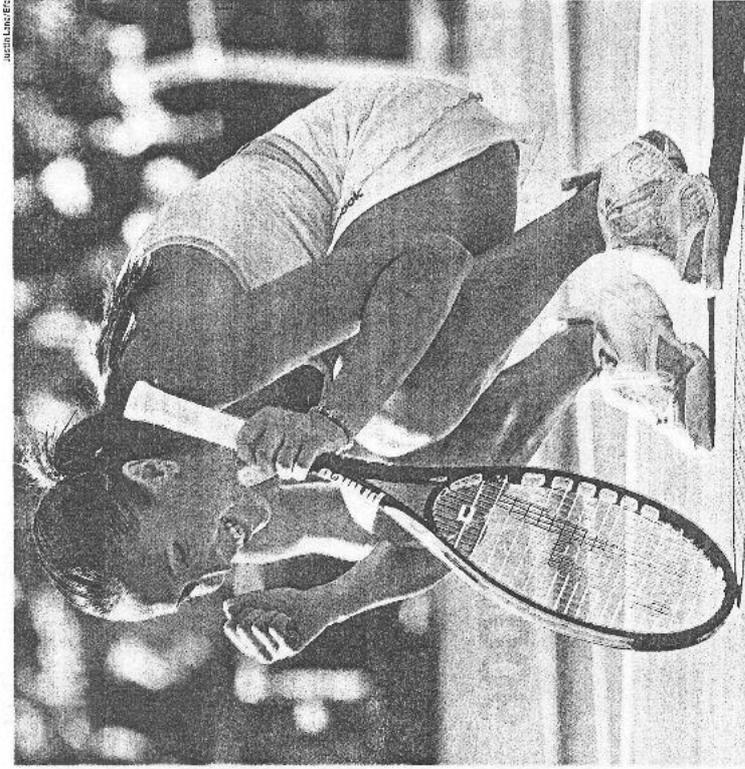
WINKIN, Yves. **A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo** (org. Etienne Samain). Campinas: Papirus: 1998.

ARTIGOS JURÍDICOS

“A inclusão das pessoas com deficiência”. *In*: mpdDialógico – Revista do Movimento do Ministério Público Democrático – Ano IV, no. 11. imprensaoficial, 2007.

“Direitos da pessoa com deficiência”. *In*: Revista do Advogado – Ano XXVII, dez/2007. São Paulo: AASP, 2007.

ANEXOS:
REPORTAGENS ANALISADAS NO CAPÍTULO IV



Jelena Jankovic, que assume o 1º lugar do ranking ao ganhar hoje o Aberto dos EUA, comemora contra Elena Dementieva

Paraolimpíada começa à sombra da burocracia

Por Redação do G1

Final do Aberto dos EUA define líder do ranking Jankovic e Serena jogam hoje por título e topo

DA REPORTAGEM DE ANA CAROLINA

A sérvia Jelena Jankovic e a americana Serena Williams disputam hoje, às 20h, a final do Aberto dos EUA, que tem como bônus o topo do ranking.

A campeã tomou o lugar da sérvia Ana Ivanovic e venceu uma disputa que tinha seis concorrentes com condições de terminar o último Grand Slam da temporada com número um.

"Como você pode ver, estou com lágrimas nos olhos", afirmou Jankovic, após derrotar a russa Elena Dementieva ontem. "Estou muito emocionada por estar na final [e primeira em Grand Slams]."

A sérvia garantiu sua vaga na decisão após perder o saque de Dementieva cinco vezes e marcar 6/4 e 6/4 em uma hora e 34 minutos. "Havia muito vento e foi muito difícil. Ela não fez correr por todo o quadra".

Campeã olímpica, Dementieva não havia perdido nenhum set até a semifinal, mas falhou no primeiro - levou 7/5 e 6/4.

"Ela só estava tentando atingir bolas vencedoras, mas simplesmente não conseguiu concluir os pontos", afirmou Dementieva, que também luta va pelo topo do ranking.

Se Jankovic não esquentou a crochê ao se garantir com sua primeira final de Grand Slam, muito acastelada com o ritual de beber um grande tomilho.

Serena Williams venceu seu nono título em um dos quatro principais torneios do circuito. Sua última final em um evento desse porte foi no mês passado, quando foi derrotada pela britânica Venus Williams.

"Estou muito feliz por estar de volta a uma final", afirmou Serena, após o jogo às 20h.

Homens têm novidade nas semifinais

DA REPORTAGEM DE ANA CAROLINA

As semifinais masculinas do Aberto dos EUA realinam hoje em Nova York três figuras de primeira linha de um novo.

O líder do ranking, o espanhol Rafael Nadal, e o russo, o saque Roger Federer, chegaram aos semis dois meses depois de vencer a temporada, enquanto o serviço Novak Djokovic, terceiro do mundo, não alcançou esse fase somente em Wimbledon.

Os três são favoritos favoritos em Wimbledon, que conta com os quatro melhores em todos os Grand Slams.

Com sua campanha em Nova York, o britânico Andy Murray não apenas disputa sua primeira semifinal em um Grand Slam como também garantiu a quarta colocação no ranking ao ser divulgado na primeira rodada.

"Uma coisa que tenho que melhorar contra ele é a devolução", afirmou Murray sobre Nadal, seu adversário de hoje.

Já o espanhol, que pela primeira vez disputou um Grand Slam como cabeça de chave número um, defendeu seu título de campeão em Wimbledon. "Estou muito feliz e quero agradecer a todos", disse Nadal, que em cinco jogos só perdeu um set para Murray. "A única forma de vencer é jogando o meu melhor jogo".

ápida
ELEIÇÕES
agora viveu um
ra, com desem
as eleições de
de
Julio fez a
para o
de Apollonia e
posições de
meio. - **W**
- **IPCACAI**
A... do medi
(... de Frey a
com o) confi
em disputa e de



Jelena Jankovic, que assume o 19.º lugar do ranking ao ganhar hoje a final do Aberto dos EUA, comemora contra Elena Dementieva

Paraolimpíada começa à sombra da burocracia

Sistema para agrupar atletas segundo grau de deficiência é confuso e polêmico

Na véspera dos jogos de Pequim, brasileiro que ganhou 6 ouros em Atenas "sob o" de categoria e desiste de disputar várias provas

DA REPÓRTER ANA LUCIA

Antes e depois de competir com os atletas paralímpicos, que devem jogar, às 9h, os Jogos de Pequim, o brasileiro passou por horas procurando entender o maior problema: o sistema de classificação. Como sempre, o tempo e a incerteza pesam sobre os atletas para a classificação. O grau de deficiência de cada um é avaliado por meio de questionários e formulários de classificação, com regras e procedimentos e de provas para quase tudo.

Um exemplo para casos tuberculose, como o do nadador brasileiro Cláudio Silva, que foi reclassificado às vésperas da Paraolimpíada chinesa.

Deutsche do Brasil nos Jogos de Atenas, em 2004, com seis ouros e uma prata, o nadador

São muitos. Conhecem pelo qual o atleta pode sua classificação. Junto ao médico, o que serve para os interessados em protestar contra a alocação de

Se saiba mais

Modalidades têm divisões específicas

DA REPÓRTER ANA LUCIA

Após a Paraolimpíada de Atenas-04, o Comitê Paralímpico Internacional (CPI) criou o sistema de classificação para atletas com deficiência física. Com isso, os atletas foram classificados em várias classes, que variam de acordo com a modalidade. O sistema foi adotado para os Jogos de Atenas, em 2004, com seis

outros atletas, como aquele que foi prescrito contra o brasileiro Cláudio Silva — de autoria do comitê da França.

Existia formulário até para o

O nadador brasileiro Cláudio Silva, por exemplo, foi reclassificado para a classe S8 e terá que lutar em competições com atletas com comprometimento

Em algumas modalidades, como o futebol de cego e o basquete em cadeira de rodas, a exclusividade para deficientes visuais, são utilizadas vendas para que todos possam competir em condições semelhantes.

Em outras, como o judô para cegos e levantamento de peso, os atletas são classificados exclusivamente por peso. Assim, um judoca totalmente cego enfrentará um atleta que consegue definir

mas, tornou muito emocionada por estar na final, primeira em Grand Slam.

A serva garantiu sua vaga na decisão após quebrar o saque de Dementieva cinco vezes e marcar 9/4 e 6/4 em uma hora e 34 minutos. "Já era muito quente e foi muito difícil. Elenas fez o melhor jogo da minha carreira", afirmou.

Curiosidade: Dementieva não havia jogado em Wimbledon desde 2002, quando derrotou Venus Williams. Ela estava tentando voltar ao ranking, mas não conseguiu concluir os pontos", afirmou Dementieva, que também lutava pelo título de ranking.

Se Jankovic não escondia a emoção ao se garantir em sua primeira final de Grand Slam, sua adversária de hoje está muito acostumada com o ritual de decidir um grande torneio.

Sorena Williams busca seu nono título em um dos quatro torneios femininos do circuito.

Sua última final em um evento de elite foi no mês passado, quando perdeu para a alemã Venus Williams em Wimbledon.

"Estou muito feliz por estar aqui", afirmou Williams. Ela chegou ao título quando derrotou Venus Williams em Wimbledon em 2002.

Para voltar à decisão do Aberto dos EUA, a americana derrotou a russa Dina Safina por 6/3 e 6/2 após um longo jogo, quando permitiu que a rival obtivesse vantagem de 2 a 0.

A final de Maria Slika virou emocionada. Havia chegado à decisão depois de seu de seis derrotas consecutivas disputadas.

Williams e Slika estão envolvidas em 3 a 3 no confronto decisivo em um jogo emocionante.

"Nas minhas últimas partidas, ela é a jogadora mais forte do circuito, mas não quero me deixar levar", afirmou Slika. "Ninguém tem a capacidade de acompanhar", completou.

"Nicho que ela está jogando muito bem e está se divertindo bastante", afirmou a americana sobre a rival. "Ela não tem nada a perder, nem eu."

A decisão feminina é o último jogo do novo líder do ranking feminino, que os americanos estão clamando de Sydney-2000, em preparação para a final, ainda as semifinais masculinas.

ter, chegaram às semifinais dos quatro Grand Slams da temporada, enquanto o servo Novak Djokovic, favorito do título, não alcançou essa fase somente em Wimbledon.

Os três são os únicos tenistas em atividade que conseguiram ficar entre os quatro melhores em todos os Grand Slams.

Com sua campanha em Wimbledon, o britânico Andy Murray não apenas garantiu sua primeira semifinal, mas também se tornou o primeiro britânico a chegar às semifinais de Wimbledon desde a última década.

"Uma coisa que quero que melhore contra ele é a devolução", afirmou Murray sobre Nadal, seu adversário de hoje.

Já o espanhol, que pela primeira vez disputa um Grand Slam como cabeça-de-chave número um, demonstrou muito respeito.

"Sei o quanto Andy é bom e quanto ele pode jogar", disse Nadal, que em cinco jogos só perdeu um set para Murray. "A única coisa para vencer é jogando o melhor jogo possível".

A primeira rodada foi emocionante. A final é uma revanche de 2007. "Espero que seja um jogo similar ao ano passado", afirmou Federer, que tenta seu quinto consecutivo no Aberto dos EUA.

apio

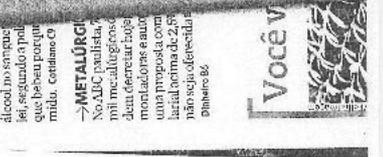
FELEÇÕES

PCACAI

JUZALCO

METALÚRCI

Você v



Vai ser buscado quando ele já jogou volley. Uma nova geração.

A levantadora, no entanto, aceita o desafio. "Luta quase quatro anos para atingir a transformação que eu quero em um esporte viçoso".

No alto do pódio em Pequim, com a sua medalha dourada no pescoço, Fofão comemora o momento. Mas, só em um certo momento.

Estou totalmente sozinha, ninguém me apoia nessa decisão, nem a minha família. Me marido me entende, mas ela que gostava que eu continuasse na seleção. No fim das contas, ela pede, pressiona. Está sendo muito mais complicado do que eu imaginava

Fofão
Levantadora. 28 anos, sócia e alba do clube e atleta-olímpica e campeã de Fofão. Ela é a primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro em uma Olimpíada.

chou e esqueceu China
Ze Roberto sabe o quanto a liderança e o talento de veterana jogadora foram fundamentais para contar o que aconteceu sobre ela.

"Quando a gente ganhava o primeiro ouro, eu lembro que eu chorei", diz. Mas, quando ela voltou para o Brasil, ela não veio. Ela ficou na China, mas voltou para o Brasil em 2008, para a Olimpíada de Pequim.



Rafael Nadal deixa a quadra após a interrupção, devido à chuva, da 2ª semifinal de Aberto dos EUA quando o britânico Andy Murray venceu por dois sets a zero

Temporal adia decisões do Aberto dos EUA

Semifinal entre Nadal e Murray é interrompida pela chuva e faz Federer esperar rival na final; decisão feminina é adiada para hoje

DA REPORTAGEM LOCAL

Os tempos dos organizadores do Aberto dos EUA com o final tempo se concretizaram. A interrupção da chuva, que foi prevista para o começo da semifinal masculina disputada entre Rafael Nadal e Andy Murray, interrompeu o dia no complexo de W'ashing Meadows e adiou para hoje a reabertura do torneio. Na final, o espanhol reencontro entre o espanhol número um do mundo e Roger Federer.

O tênis não conseguiu sua presença na decisão, que se

acontecerá amanhã, antes da chuva atrapalhar o dia dos tenistas e espera hoje a definição de seu adversário.

"Foi um dia muito bom", disse Nadal. "Foi uma vitória muito grande para mim".

[+] SE COMUNICAR DURANTE JOGO EM 2009

A WTA, entidade que administra o tênis feminino, aprovou uma mudança que permitirá a comunicação entre tenistas e técnicos durante os jogos a partir do ano que vem. Proibida, hoje ela é feita de forma velada. As transmissões de TV poderão captar e reproduzir os diálogos.

aqui novamente", completou. A decisão da organização de fazer as semifinais simultaneamente, por causa da ameaça de chuva, causou transtornos.

Alguns torcedores que tinham vindo para assistir aos jogos tiveram de escolher a partida da Federer e Nadal, quem tentou

assistir ao jogo de Nadal, que estava em andamento, mesmo com entrada, foi barrado.

A partida de esqui, no entanto, aconteceu no mesmo tempo. Foi transmitido para o canal de transmissão.

Murray venceu por 2 a 0 em sets (6/2 e 7/6), e Nadal venceu por 2 a 1 em sets (6/2 e 7/6).

A final feminina entre a serbia Jelena Jankovic e a americana Serena Williams, que estava marcada para ontem, também será disputada hoje às 22h. No único jogo concluído ontem, Federer precisou de poucas horas para be-

atões. Após passar o último círculo olímpico na Itália, a população vai para o Brasil para encerrar sua carreira. O clima será novamente o São Caetano.

"Tenho boas memórias de cidade e daquela equipe. Será um final bacana terminar onde eu comecei", afirmou ele.

Por um São Caetano, no entanto não dá para dizer que foi um sucesso. Ele foi muito maléfico e foi

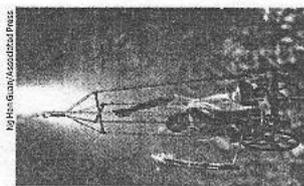
admirado a jogadora. No ABC paulista, Fofão terá a companhia de Sheila e Mari U-

Paquim, e irá iniciar uma nova relação com outros ex-companheiros de seleção e rivalidade.

A missão da nova equipe de São Caetano é por fim a hegemonia de Osasco e Rio de Janeiro, que têm se alternado no topo do pódio da Superliga nas últimas temporadas.

No time paulista jogam Paula Pequito, Carol, Sissi e Thaisa. No Rio estão Fabiana e Fúbi.

"Vou me esforçar para ganhar de novo", afirmou ele. "Se eu não ganhar, vou ser duro. Vou me esforçar para ganhar de novo". Mas, quando acaba o jogo, confirma tudo bem", afirmou a veterana levantadora. (M)



Alto Astral. O chinês Hou Bingfa sua cadeira de rodas para acender a vela na cerimônia de abertura da Paralimpíada de Pequim, ontem, estádio no Ninho de Pássaro

FOLHA CORRIDA

NOTÍCIAS EM 5 MINUTOS
SEGUNDA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 2008 * C 6

Samba no pé

O coreógrafo **Carlinhos de Jesus** animou que a escola de samba **Comandante Maluco** apresente o desfile de samba carnavalesco. Alegando motivos paródicos, Carlinhos disse à **Folha Online** que não brigou com a escola. "Depois eu vou", disse.



Foto: Vitor Hugo/Infra Imagem

Apesar de energia cara, Lula é genial, diz Agnelli

Segundo o executivo Roger Agnelli, presidente da Vale do Rio Doce, é impossível não apostar no futuro energético da empresa. Sênior Executivo da companhia, Agnelli, que comanda a **Steel Bridge**, o comandante da maior mineradora do país afirma que o Brasil, que nunca esteve tão próximo de seus problemas, terá um futuro brilhante se investir em infra-estrutura. Mas Agnelli, para quem Lula tem "uma cabeça descomunalmente", reclama de problemas gerados pelo crescimento econômico do país, como a escassez e o encarecimento da energia. Por isso pretende integrar um consórcio para disputar a construção da hidrelétrica de Itaipu Binacional, que será a segunda maior do país. **Brasil 148**

Rápidas

→ **VAIAS**
O governador de São Paulo, José Serra, foi alvo de protestos de políticos e de desfiles em comemoração ao Dia da Independência na capital paulista. "José Serra não sou o dono, não sou o dono", gritaram alguns para o governador, que não reagiu.
Cezário G.

→ **MINORIAS**
Uma comunidade quilombola no município de Alcântara (MA) em representação na campanha eleitoral. Marivete, Conselheira de Jesus, que nasceu na comunidade de Bonita, foi a candidata a vereadora. Ela promete apoiar cerca de 170 famílias do povoado, que nasceu há 130 anos.
Brasil 148



A vida na sua mão.

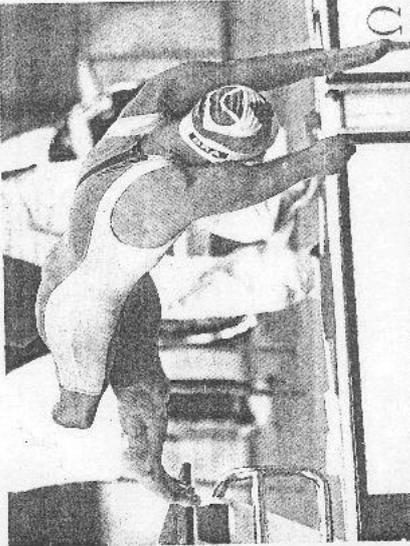
Agenda da semana

- SEGUNDA 8. SET.**
Lula recebe no Palácio do Planalto a presidente da Argentina, Cristina Kirchner, que chegou ontem ao Brasil.
- Nicolas Sarkozy**, presidente da França, faz visita à Rússia.
- O filme "Turbinados" tem estreia gratuita no Cine Bombal, em São Paulo, dentro do projeto Folha Documenta.

TERÇA 9. SET.
O Conselho Nacional de Justiça discute formas de restaurar autorizações para grampos legais no país.

O Dia das Avóias o índice de agosto do custo de vida em São Paulo.

O cantor britânico Boy George faz apresentação na Pinacoteca em São Paulo.



Lu Jinhua/Pross

→ **TRIUNFO NA ÁGUA**
O bicampeão mundial de triatlo em prova de 100 milhas que lhe rendeu ouro na Paralimpíada de Pequim, o Brasil fechou o pênalti e o pênalti de dois jogos com três medalhas. **Esporte 16**

Foto: Pross



Beisebol tem rei da audiência

Boston Red Sox, atual campeão da liga dos EUA, alcança hoje a 456ª partida seguida com casa cheia

A final marca que os Red Sox estão prestes a atingir equivale a mais de cinco anos seguidos com todos os quase 40 mil lugares do Fenway lotados. A sequência teve início no dia 15 de maio de 2003 — cada time fez 69 jogos como mandante durante a temporada regular. E, pelo menos até o fim da atual temporada regular, não deve ser interrompida.

Nessa mais, o último antes do início dos playoffs da MLB, já não é mais possível adquirir, a não ser através de cambistas, ingressos para 11 dos 14 jogos que restam na temporada no

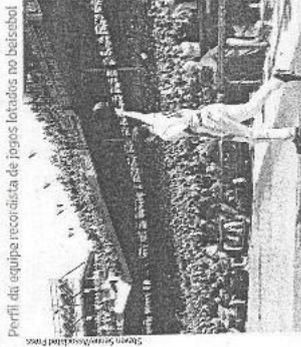
atual campeão do beisebol profissional norte-americano.

Os últimos três compromissos também devem ser seus bilhetes esgotados, já que são contra o New York Yankees, o rival mais odiado dos Red Sox, e podem sacramentar a ida do time de Boston aos mata-matas.

O apoio constante da torcida, apelidada de "Nação", pela devoção a um time que ficou 86 anos (1918 a 2004) sem empurrar o título da MLB, tem servido como motivação extra para os jogadores do Red Sox, que ainda tinham para vencer seu primeiro jogo de playoff de primeiro turno para o título de campeão de "Nação" (o estádio, você sabe que ele estará lotado e isso nos deixa muito animados", disse Jacob Ellsbury, um dos destaques do time no ano, ao site oficial do Boston.

O TIME
Fundação: 1901
Títulos: 1903, 1912, 1915, 1916, 1918, 2004 e 2007
Fato único: tem com o NY Yankees a melhor rivalidade entre todos os esportes nos EUA.

O ESTÁDIO
nome: Fenway Park
inauguração: 20 de abril de 1912
capacidade atual: 37.133
recorde de público: 47.527 (em 22 de 1985)
fato único: é o estádio mais antigo ainda em funcionamento na MLB



SUCESSO DE PÚBLICO

Perfil da equipe recordista de jogos lotados no beisebol

PAULO GALDIENI

DA REPORTAGEM LOCAL

Já algum tempo o beisebol perdeu a primazia na lista dos esportes preferidos nos EUA, mas a notícia que hoje à noite será quebrada em Boston prova que o jogo do bastão e da bolinha pesada ainda atrai multidões aos estádios: aqui os campeonatos em forma de campeonato.

Hoje, no jogo contra o Tampa Bay Rays, pela 456ª vez consecutiva a torcida do Boston Red Sox lotará o Fenway Park — casa do time de Massachusetts, uma das mais tradicionais tradicionais franquias entre os seis da MLB. Isso derrubará o recorde vigente (455), obtido pelo Cleveland Indians — também da MLB — entre junho de 1995 e abril de 2003.

FOLHA DE SP

Dois Atletas



Daniel Dias, com 19 ouro do Brasil na Paratolimpíada

PARATOLIMPÍADA

Brasil encerra 1º dia em nono, com 3 medalhas

DA REPORTAGEM LOCAL

O Brasil conquistou três medalhas (um ouro, uma prata e um bronze) e terminou o primeiro dia em nono lugar no quadro de medalhas da Paratolimpíada de Pequim.

O ouro foi conquistado pelo nadador Daniel Dias, que venceu os 100 m livre da classe S5 com recorde mundial inédito.

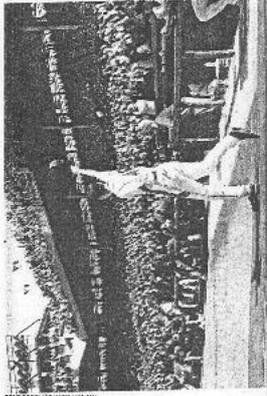
Fiquei surpreso com o tempo. Realmente não esperava nada assim tão bom por Daniel Dias, mas foi uma ótima conexão das minhas sucessões e do tempo de reação e batida de dois segundos.

Clotilde Silva, que subiu da classe S4 para S5 (quanto maior o número da classe, menor a deficiência do nadador) após reclassificação já em Pequim, terminou apenas na sexta colocação.

As outras duas medalhas do Brasil foram con-

mas a partida que jogou a lance seria quebrada em Boston prova que o jogo do basquet e da bola da pessoa da bola com os olhos e com o tato como os cães Podem ser chamados de cegos.

Hoje no jogo contra o Toronto Bay Rays, pela 456ª vez consecutiva a torcida do Boston Red Sox lotará o Fenway Park — casa do time de Massachusetts, uma das mais tradicionais franquias entre todas as ligas de esportes profissionais nos EUA. Isso decretará o recorde vigente (455), obtido pelo Cleveland Indians — também da MLB — entre junho de 1995 e abril de 2001.



Fundação: 1901
 Titulos: 1903,
 1912, 1915, 1916,
 1918, 2003 e 2007.
 Site oficial: www.redsox.com
 Endereço: Fenway Park
 400 Fenway St., Boston, MA 02115

O ESTÁDIO
 nome: Fenway Park
 inaugurado: 20 de abril de 1912
 capacidade atual: 34.196
 capacidade máxima: 42.627 (em 22 set. 1935)
 Foto inferior: o estádio mais antigo ainda utilizado na MLB

como motivo extra para os jogadores do Red Sox, que ainda lutam para vencer sua divisação (o jogo de hoje é o primeiro de três contra o rival líder).

"Acho que para o estádio você sabe que ele está lotado e isso nos deixa muito animados", disse Jacob Elsbury, um dos destaques do time no ano, ao sair do campo de Boston.

"Eu sei o valor desse marcanete. É um grande ingrediente para nosso sucesso", diz o capitão do time, Jason Varitek, um dos poucos jogadores do clube de Boston que jogou em sua infância e se tornou jogador profissional de basquetebol.

PARALÍMPICA

Brasil encerra 1º dia em nono, com 3 medalhas

DA REPORTAGEM DE

O Brasil conquistou três medalhas (um ouro, uma prata e um bronze) e terminou o primeiro dia em nono lugar no quadro de medalhas da Parolimpíada de Pequim.

O ouro foi conquistado pelo nadador Daniel Dias, que venceu os 100 m livre da classe S5 com recorde mundial (1min18,05).

"Fiquei surpreso com o tempo. Realmente não esperava usar 1min18,05", afirmou Dias, que teve uma formação consistente dos membros superiores e da perna direita e baixou o recorde anterior em mais de dois segundos.

Clodovino Silva, que abriu da classe S4 para S5 (quanto maior o número da classe, menor a deficiência do nadador) após reclassificação já em Pequim, também apenas na sua primeira competição.

As outras duas medalhas do Brasil foram conquistadas no judô.

Na categoria até 48 kg, Karla Cardoso foi derrotada pela chinesa Huaping Guo no final após vencer duas lutas. "O nível aumentou muito nesta Parolimpíada, mas eu treinarei bastante para isso", disse Karla, que repetiu a prata do Athens-04.

Já Michelle Ferreira, estreante em Parolimpíadas, venceu a sua primeira luta na categoria até 50 kg, mas perdeu a luta de volta para a brasileira Schellia Illeanchez, a quem venceu por ippon.

O judô parolímpico é disputado por deficientes visuais. Como os atletas são divididos exclusivamente por peso, um judoca totalmente cego pode enfrentar outro com baixo visão, mas que consegue definir imagens.

TORCEDOR 24 HORAS ACOMPANHA AO VIVO A FASE MAIS EMOCIONANTE DO BRASILEIRÃO.

O retorno do Brasileirão está chegando e agora que o campeonato fica mais eletrizante. Quem é apaixonado por futebol não consegue perder um lance sequer.

Esó no Premiere Futebol Clube o Sócio fica por dentro de tudo que acontece no

ACOMPANHA AO VIVO A FASE MAIS EMOCIONANTE DO BRASILEIRÃO.

O retorno do Brasileirão está chegando e é agora que o campeonato fica mais eletrizante. Quem é apaixonado por futebol não consegue perder um lance sequer. E só no Premiere Futebol Clube o Sócio fica por dentro de tudo que acontece no campeonato mais importante do país.



AQUI VOCE É SÓCIO.



ASSINE JÁ. LIGUE PARA SUA OPERADORA DE TV POR ASSINATURA.
WWW.PREMIEREFUTEBOLCLUBE.COM.BR

COM O PREMIERE FUTEBO CLUBE O SÓCIO TEM:

- Jogos AO VIVO e exclusivos em Pay-Per-View, inclusive para as cidades onde são realizados.
- Todos os jogos da Série A e a maior cobertura da Série B do Brasileiro, além dos Campeonatos Paulista, Carioca, Mineiro, Gaúcho, Catarinense e Paranaense.*
- O PFC, um canal com 24 horas e 100% futebol.
- Interatividade, notícias em tempo real.
- Descontos especiais na compra dos melhores canais adultos.**

*Só para a capital de Minas Gerais, em alguns estados de TV por assinatura.
**Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos produtos e ofertas.

**TORCEDOR
24 HORAS
NÃO É BRASILEIRO
É BRASILEIRÃO**

As outras duas medalhas do Brasil foram conquistadas por Kely Caspary, que venceu a luta livre na categoria até 48 kg, e a judô, vencendo a luta livre na categoria até 52 kg. O Brasil ficou com duas medalhas de prata e duas de bronze. O Brasil ficou com duas medalhas de prata e duas de bronze. O Brasil ficou com duas medalhas de prata e duas de bronze.

O judô paraolímpico é disputado por deficientes visuais. Como os atletas são divididos exclusivamente por peso, um judô-carioca também pode ser disputado por atletas com deficiência visual, mas que conseguem definir imagens.

QUADRO DE MEDALHAS

País	●	●	●	Total
1 EUA	4	7	3	9
2 Grã-Bretanha	4	1	2	7
3 China	3	4	6	13
4 Austrália	3	3	4	10
5 Rússia	2	1	3	6
6 Japão	2	0	0	2
7 Espanha	1	2	1	4
8 Canadá	1	1	2	4
9 Brasil	1	1	3	5
10 França	1	0	0	1
11 Hungria	1	0	0	1
12 México	1	0	0	1
13 África do Sul	1	0	0	1
14 Alemanha	1	0	0	1
15 Ucrânia	1	0	0	1

EDUCAÇÃO FÍSICA

INSCRIÇÕES ABERTAS

...mas, e o futebol, são imprevisíveis.
...mas, e o futebol, são imprevisíveis.
...mas, e o futebol, são imprevisíveis.

...se para a reserva, e não Diego, que é
...se para a reserva, e não Diego, que é
...se para a reserva, e não Diego, que é

...Robinho foi rápido, movimentou-
...Robinho foi rápido, movimentou-
...Robinho foi rápido, movimentou-

...mas, e o futebol, são imprevisíveis.
...mas, e o futebol, são imprevisíveis.
...mas, e o futebol, são imprevisíveis.

Massa vê erro em manobra de Hamilton

Brasileiro diz que incidentes como o da Bélgica são tema frequente entre pilotos

Líder do Mundial de F-1 caiu do primeiro para o terceiro posto no último GP, e sua diferença para o rival da Ferrari é agora de 2 pontos

TATIANA CUNHA
F1
F1

Um dia depois de ganhar a vitória no GP da Bélgica, o brasileiro sofreu uma punição imposta a Lewis Hamilton. Felipe Massa falou pela primeira vez sobre o incidente que envolveu o inglês e Kimi Räikkönen, seu companheiro de Ferrari.

Como a decisão só saiu cerca de duas horas após a bandeira-da-queima, o brasileiro foi avisado por Stefano Domenicali que havia perdido o título. "Eu estava me despedindo quando soube da punição", disse o brasileiro, que até então não havia visto o que ocorreu na pista durante a disputa.

"O que o Lewis fez é o tipo de coisa que todo piloto comete, mas acho que ele foi pouco rígido demais em se defender", afirmou o brasileiro. "Ele não tentou lutar e ultrapassar o novo", falou o brasileiro, sobre a manobra que custou pena de 25 segundos no tempo final do GP ao piloto da McLaren, o espanhol.

perdeu a trajetória e cortou a chicane, retornando à pista na frente do terceiro colocado.

O inglês pediu desculpas ao rival, mas não imediatamente, ganhando tempo para se preparar, deixar Räikkönen nessa situação e ultrapassar o líder na curva seguinte. Os comissários da F-1 não terminaram o GP.

"Incidentes como esse são discutidos frequentemente nas reuniões de pilotos, onde já ficou absolutamente claro que, se alguém cortar uma chicane, tem de devolver imediatamente a posição que ganhou ou qualificar-se para a próxima corrida", disse Massa. "Se Lewis tivesse feito a chicane corretamente, nunca teria conseguido ultrapassar o Kimi na curva reta seguinte."

Com o resultado negativo, o brasileiro ficou em sétimo lugar, sua desvantagem para o líder Hamilton no Mundial de F-1, saltando 50 pontos em apenas duas corridas. "Foi uma situação muito ruim para mim", disse Massa.

Apesar dos dois depoimentos de seus técnicos, resultados para o brasileiro não foram melhores. No quarto, está 19 pontos atrás de Hamilton. Robert Kubica, piloto da BMW, é o terceiro, num ponto a frente do finlandês.



O biatleta Oscar Pistorius corre em eliminatória dos 100 m

BRASIL: PAÍS CONQUISTA 2 OUROS NA NATAT

Pistorius é o mais veloz no 1º passo para superar 2004

Após Olimpíada, Natalie leva 2 ouros na Paratolimpíada

DA REPORTAGEM AGUIAR, 41

Após ficar fora da Olimpíada de Pequim, o sul-africano Oscar Pistorius foi para a Paratolimpíada com o melhor tempo nas eliminatórias dos 100 m. Pistorius, que é bicampeão olímpico e usa próteses de fibra de carbono, fez sua melhor marca na prova 1h16. A seguir, vieram os americanos Jerome Singleton (1h48), Brian Pitsurus (1h49) e Marton Szturley (1h57).

O sul-africano ainda disputará os 200 m e os 400 m na Paratolimpíada e espera melhorar seu desempenho da Paratolimpíada de Atenas-04, quando levou um ouro e um bronze.

Pistorius, 21, ganhou projeção mundial quando foi aos Estados Unidos para a qualificação para a Olimpíada. Ele nasceu sem os dois membros inferiores — o que concede o apelido de "o homem que corre com o vento" — e teve as duas pernas amputadas sob o joelho quando tinha somente 11 meses de vida.

Por entender que ele tinha vantagem mecânica, devido às próteses, a IAAF (Associação Internacional das Federações de Atletismo) vetou sua Olimpíada. Pistorius, então, apelou à Corte de Arbitragem do Esporte, que em maio deu o aval para que tentasse a qualificação.

Em julho, levou três vezes o índice olímpico dos 100 m, mas sem medalha. Ainda poderia lutar pelos 200 e 400 m, mas não foi chamado a tempo que se contaria como biatleta.

Uma competição sua, porém, a maratona, venceu dueto com o brasileiro Nataniel du Nascimento em Pequim. Em 2001, ela foi a primeira atleta em qualquer modalidade olímpica a conquistar duas medalhas de ouro e bronze.

Um dia depois de ganhar a vitória no GP da Bélgica de prestathegricas a uma punição imposta a Lewis Hamilton, Felipe Massa falou pela primeira vez sobre o acidente que aconteceu com o britânico e Kimi Räikkönen, seu companheiro de Ferrari.

Como a decisão só saiu cerca de duas horas após a bonificação, o brasileiro foi avisado por Stefano Domenicali, que havia recebido o triunfo. "Eu estava me despedindo do pessoal no motorhome quando soube da notícia", falou o ferracista, que até então não havia visto o que ocorrera na pista durante a disputa pela primeira posição.

"O que o Lewis fez é o tipo de coisa que pode acontecer, mas não dá para dizer que ele agiu malista demais em achar que podia devolver a posição parcialmente para o Kimi e logo depois voltar e ultrapassá-lo de novo", falou o brasileiro, sobre o GP no pôlo da McLaren, o que fez com que ele caísse do primeiro para o terceiro lugar.

A manobra polêmica ocorreu a três voltas do fim da corrida em Spa-Francorchamps, quando Hamilton tentou ultrapassar Räikkönen pela primeira posição. Depois de frearem lado a lado, o piloto da McLaren

foi e não terminou o GP.

Incidências como esse são discutidas frequentemente nas reuniões de pilotos, onde se fala com absoluta franqueza sobre o assunto. "Mas não dá para discutir a posição que ganhou ou qual que corra com vantagem", disse Massa. "Se o Lewis tivesse feito a ultrapassagem, nunca teria conseguido ultrapassar o Kimi na curva seguinte."

Com o resultado, Massa diminuiu de seis para dois pontos sua vantagem para o líder Hamilton no Mundial da F-1, ficando 50 pontos em disputa — os próximos dez já serão distribuídos no domingo, no GP da Itália, em Monza.

Apenas os dois dependentes de seus próprios resultados para ficarem com o título, Räikkönen, quarto, está 19 pontos atrás de Hamilton, Robert Kubica, da BMW, e Fernando Alonso, da Renault.

"O campeonato ficou muito mais interessante agora. Eu mais provavelmente agora. Eu ganhei uma posição com o Kimi e outra, depois do acidente de Kimi e outra, depois da corrida, com a punição ao Hamilton. Só fiquei com pena pelo Kimi, que fazia uma bela prova até então", disse Massa.



Cam: Getty Images

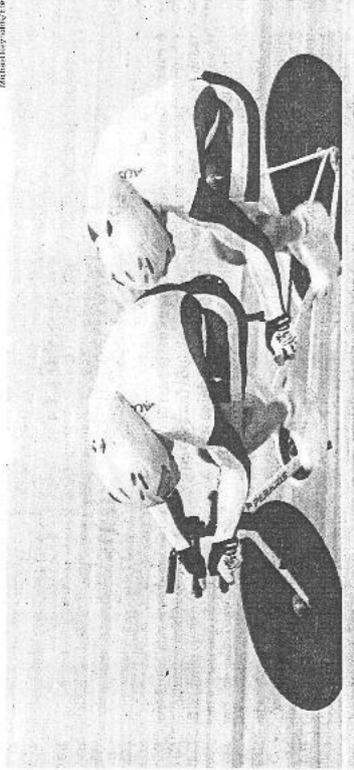
O blindado Oscar Pistorius corre em eliminatória dos 100 m

[+] BRASIL: PAÍS CONQUISTA 2 OUROS E BRANCAÇÃO EM MAIS 1 BRONZE NO JUDÔ

Daniël Dias conquistou seu segundo ouro da Paralimpíada ao vencer o chinês, Junquiao He na chegada dos 50 kg da classe S5. O brasileiro marcou 35x28 contra o 35x43. Já André Brasil venceu os 100 m borboleta na classe S10 com recorde mundial (56x47). Na nataçã, as limitações físico-motoras são classificadas de S1 a S10 — quanto maior o número, menor a deficiência do atleta. O bronze foi conquistado por Daniël Silva, na categoria até 57 kg do judô, que é disputado por deficientes visuais.

[+] FESTA: PATRESE DE BARRICHELLO

Ex-recordista de GP's disputados antes de ter a marca superada por Rubens Barrichello, o italiano Riccardo Patrese correu hoje em Jerez com o Honda no ano passado pelo piloto brasileiro. O convite foi feito pela equipe dos comemorações pela quinquagésima aniversário de Barrichello, Patrese, 54, voltou ao cockpit de um F-1 após quase 15 anos depois de se aposentar. Em junho deste ano, no Canadá, Barrichello se tornou o piloto com maior número de corridas na F-1, superando a marca de 256 provas do italiano, alcançada em 1993, ano de estreia do brasileiro.



» JUNTOS O deficiente visual australiano Bryce Lindores é guiado pelo vidente Steven George na final da prova contra-relogio da classe tandem. O ouro ficou com os britânicos Anthony Kappes e Barney Storey, que estabeleceram recorde mundial, com 1min02s864

QUADRO DE MEDALHAS

Após o 2º dia

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1º - China	8	10	10	28
2º - EUA	6	4	5	17
3º - Grã-Bretanha	5	3	10	18
4º - Austrália	6	5	10	21
5º - África do Sul	4	0	1	5
6º - Canadá	3	2	4	9
7º - Brasil	3	1	2	6
8º - Rep. Tcheca	3	0	3	6
9º - Argélia	3	0	1	4
9º - México	3	0	1	4
11º - Ucrânia	2	4	4	10
12º - Rússia	2	3	10	15
13º - Cuba	2	0	2	4
14º - Suécia	2	0	0	2
15º - Alemanha	1	3	11	15
16º - Espanha	1	2	11	14
17º - França	1	3	1	5
18º - N. Zelândia	1	1	0	2
18º - Belarus	1	1	0	2

Yao Jun e a voluntária. Ele recebeu em dois períodos — isso que conecta o joelho ao calcanhar — e teve as duas pernas amputadas logo após o parto.

Por entender que ele tinha um futuro profissional, o pai, Wang Jie, levou o filho para a competição internacional das Federações de Atletismo e vestiu no Olímpico da Pistorius, então, mudou, à Corça de Aitabegem do Esporte, que em maio deu o apelido para que tentasse a qualificação.

Em julho, tentou três vezes o índice olímpico dos 400 m, mas sem êxito. Ainda poderia inscrever o 4 x 400 m, mas não foi chamado e teve que se contentar com a Paralimpíada.

Uma competição sua, porém, a madalena Natalie du Toit, 24, atua na Olimpíada, mesmo com deficiência física.

Em 2001, ela foi atropelada enquanto andava de moto e teve parte da perna esquerda amputada. Após consultar cinco outros Paralimpianos de Atletismo, a decisão foi dada a favor de uma prótese de 100 cm de comprimento e acabou em 19º lugar entre 25 concorrentes.

Nesta Paralimpíada, Natalie tem dois ouros (100 m borboleta e 100 m livre) e disputa mais três. Ela foi a primeira a ser porta-bandeira de um país em Olimpíada e Paralimpíada.

Em dia histórico, país conquista cinco ouros

Tenório vira 1º judoca a vencer quatro Paraolimpíadas seguidas, bocha obtém título inédito, e equipe vê três recordes mundiais

DA REPORTAGEM LOCAL

O Brasil viveu um dia histórico no Parolimpíada de Pequim ao conquistar dez medalhas (cinco de ouro, três de prata e duas de bronze).

O país abocanhava quase 10% dos ouros distribuídos (61 no terceiro dia de competições. Com isso, o Brasil subiu ao quinto lugar no quadro de medalhas — havia terminado o segundo dia em sétimo.

Dos ouros, três foram com recordes mundiais, e os outros dois, inéditos para o Brasil. O derrotado Karim Sirdarov, do Uzbequistão, com uma chave de bronze, foi o primeiro atleta da categoria masculino a ganhar o ouro no parolímpico e a ganhar quatro medalhas de ouro seguidas.

"Dedico essa medalha para aqueles que torceram por mim. A todos que acreditaram", afirmou o primeiro brasileiro tricampeão parolímpico, que em Atenas-04 havia dito que até poderia lutar em Pequim, mas dificilmente iria ao pódio.

Ele perdeu a visão do olho esquerdo aos 13 anos, com um estuque. Seis anos depois, um deslocamento de retina do olho direito o deixou cego. Em Pequim, Tenório venceu suas quatro ouros por Ippon.

Na final, o japonês Yoon Yungja venceu a prata ao perder a final para a chinesa Yuan Yanqin no Ippon.

O ouro veio também na bocha, modalidade na qual o Brasil fez sua estreia em Paris e Pequim. O brasileiro Yuki Wang Leung, de Hong Kong, foi 3 a 1 na final de categoria masculina (distância masculina).

Derrotado pelo compatriota na semifinal, Eliseu Santos completou o pódio ao bater o espanhol José María Duaso.

Os ouros com recordes mundiais foram conquistados na natação (dois) e no atletismo. No Cobo d'Água, Daniel Dias, 20, conquistou com "facilidade" seu terceiro ouro ao completar

os 200 m livre da classe S5 em 2m15s232. O segundo colocado terminou em 2m21s16. Os ganhadores dos outros três segundos foram o brasileiro Felipe Albuquerque, o brasileiro Felipe Albuquerque, o brasileiro Felipe Albuquerque, o brasileiro Felipe Albuquerque.

Na classe S10, André Brasil venceu os 100 m livre com a marca de 5:43,8 e viu o compatriota Philippe Andrade terminar em segundo, com 5:48,22.

"Foi muito bom quando eu bati e vi meu recorde. E foi melhor ainda quando eu vi que o Philippe estava um segundo", disse Brasil, que teve seqüela de poliomielite e já havia batido o recorde dos 100 m borboleta.

A terceira vitória com recorde mundial aconteceu no Natação de Piscina. Lucas Prado venceu os 100 m da classe T11 (800 metros) com o tempo de 1:58,03 batendo o antigo recorde mundial que era de 1:58,03.

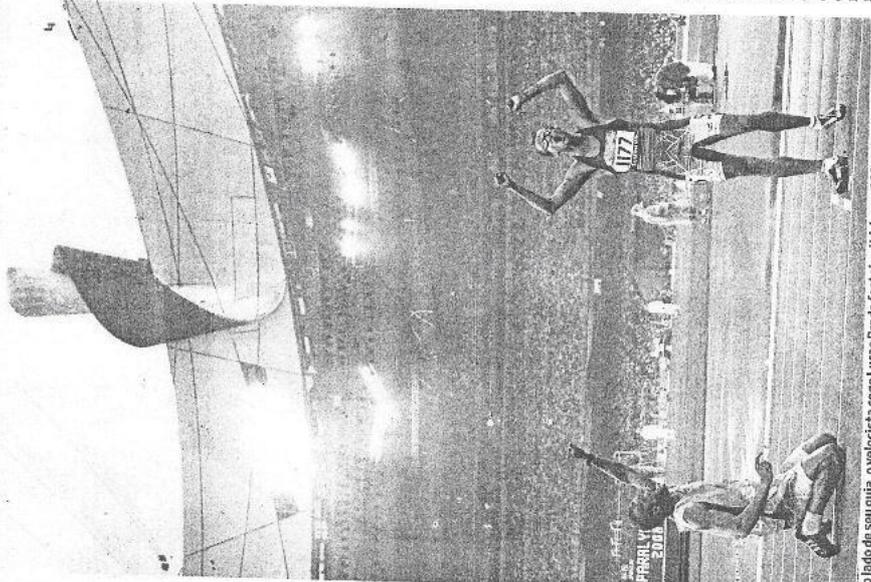
Na mesma prova, duas outras mulheres, Tereziinha Chibermúia e Adria Santos ganharam prata e bronze.

"Foi para mim mesma, mas essa prata vai ser uma motivação e mais para as outras pessoas que eu vou disputar", disse Tereziinha, recordista mundial da prova, que chegou mal e se desequilibrava no arremesso.

DOPING: JOGOS DE PEQUIM TEM PRIMEIRO CASO

O Comitê Paralímpico Internacional anunciou a suspensão de dois atletas chineses por dois anos. O atleta recebeu uma suspensão de abertura e sua última acusação de presença do esteroide metandolone.

O comitê anunciou que tem planos para realizar cerca de mil exames, em competições e fora, analisando urina e sangue dos atletas.



Ao lado de seu guia, o velocista cego Lucas Prado festeja vitória nos 100 m, no Ninho de Passaro

>> US\$ 56 mil
 ESPANHA
 >> Rafael Nadal - tênis
 >> 94 mil euros

ALEMANHA
 >> Britta Steffen - natação
 >> 30 mil euros

CINGAPURA
 >> Equipe de tênis de mesa
 >> US\$ 1 milhão

QUADRO DE MEDALHAS

Após o 3º dia

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1º - China	26	21	16	63
2º - G. Bietante	16	20	7	43
3º - EUA	10	5	10	25
4º - Ucrânia	8	5	10	23
5º - Brasil	8	4	5	17
6º - Austrália	7	8	11	26
7º - Rússia	7	3	9	19
8º - Espanha	5	5	4	14
9º - África do Sul	5	0	1	6
10º - Alemanha	4	10	8	22
11º - Coreia do Sul	3	3	9	15
12º - Rep. Tcheca	2	6	11	19
13º - México	3	2	7	12
14º - Argélia	3	0	3	6
15º - Canadá	2	2	6	10
16º - Holanda	2	2	2	6
17º - Belarus	2	0	4	6
17º - Tunísia	2	0	4	6
19º - Cuba	2	0	4	6
20º - Suécia	2	0	3	5

PISTORIUS: SUL-AFRICANO VENCE 1ª PROVA

O biatleta, que corre com prótese nas duas pernas, venceu os 100 m com o tempo de 1m20s. O americano Jerome Young foi o segundo com 1m20s. O sul-africano Oscar Pistorius, 21, vai disputar a final dos 400 m, prova em que ele foi vice-campeão. Após ganhar na Corte de Arbitragem do Esporte, o direito de tentar competir na Olimpíada, Pistorius afirmou que está ansioso para tentar ir a Londres-2012.

Porque práticas irresponsáveis de concessão de crédito podem trazer consequências desastrosas.

Com o CDC, a relação consumidor-empresa avançou, mas ainda há muito a melhorar. Diversos setores empresariais precisam ler o código e corrigir erros na sua implementação, que até agora tem sido inadequada ou insuficiente, como demonstra o crescimento das reclamações nos Procons e outros canais.

O caminho da solução amigável dos problemas não surge os resultados es-

nas relações de consumo. Ao lado disso, é necessário acompanhar a edição de leis específicas que podem violar princípios e direitos previstos no código, como ocorre hoje com o marco legal de planos e seguros de saúde.

Assim, o código atinge a sua maioria, mas ainda requer proteção da sociedade, pois tem sofrido vários ataques no Congresso Nacional. Dezenas de projetos de lei que objetivam sua modificação estão em tramitação, e muitos, se aprovados, representam retrocesso na tutela das relações

de luta por direitos e para a construção da cidadania. Somos todos consumidores e, como tal, estamos protegidos por esse arcabouço legal.

Por isso, devemos nos mobilizar como seus guardiões, lutando pela sua implementação e monitorando a atuação dos congressistas, para que estes não ajam como inimigos do consumidor, diminuindo essa proteção.

MARILENA LAZZARINI, ad. e assessora de relações institucionais da Associação Brasileira de Defesa do Consumidor (ABRACON).

LISA GIBLIN, 34, especialista em legislação ambiental, e coordenadora do CONSUMIDOR360.

drasta, moradores classe média paulista foram acusados da na Isabela.

Cabe saber agora: manas os noticiários da TV se ocuparão

CAIO BELTRÃO, 39, jornalista e escritor em São Paulo, colunista do *Estado de São Paulo*.

“A análise de Meglich, ontem nesta tragédia com Igor Vitor, é merecedor. É urgentíssimo uma revolução de cima com o menor, um envolvimento agentes, pois sem a to difícilmente ser identificar a gravidade. Haverá futuro p. se omite diante do ro da própria cidadania.”

Bolívia

“Se precisar vai preciso conter o rubar o governo de a declaração de boliviano não deix sobre que país a fir pretende a direita

→ SERVIÇOS DE Grande São Pa

→ OMBUDSMAN

Erram

erramos@uol.com.br

OPINIÃO (10 SET.)
nha do desamora colhidas mais de não 4.000, como ligo “Redução d

CIÊNCIA (6 SET.)
mente do que fo texto “Fim de pines vai compen carbono”, as filr de Passer” libera 118,164 toneladas lente e não 111 informação inc pela produtora.

COTIDIANO (6 SET.)
Diferentemente a reportagem “T cleta dobra em e organizentário d gão da Prefeitura responsável pel hhoramentos ci

A Olimpíada e o patriotismo chinês

ZHOU SHIKU e LUÍS ANTONIO PAULINO

NOS JOGOS Olímpicos de Pequim, cuja abertura ocorreu há pouco mais de um mês, a China conseguiu grande sucesso. Na década de 1930, quando participou pela primeira vez de uma Olimpíada, a China mandou só um atleta. Agora, com 51 medalhas de ouro, ficou em primeiro lugar, seguida pelos EUA, país mais rico e poderoso do mundo.

A atmosfera dos Jogos foi muito intensa e calorosa. Sempre que a bandeira chinesa era hasteada, os chineses cantavam com entusiasmo e espontaneidade. É fácil identificar que cantavam — e cantam nos Jogos Paralímpicos — o hino da China.

Se o leitor souber o que diz o hino e sua história é entender o entusiasmo do povo chinês, com certeza terá compreendido um importante motivo do rápido crescimento da China.

Diz a letra do hino: “Levante-se povo que não quer ser escravo. Vamos juntos construir uma nova Grande Muralha com nossos corpos. Nossa nação enfrenta grandes perigos. Cada um de nós deve gritar com todas as suas forças. Levantem-se, levantem-se, milhões em um só coração. Enfrentemos o risco do fogo e dos canhões inimigos. Avante, avante!”

Esse hino é muito especial, porque nasceu num momento crítico para o país, ou seja, durante a guerra contra a agressão japonesa.

A China é uma das mais antigas civilizações do mundo e deu grandes contribuições para o progresso da humanidade. Até meados do século 18, era a maior economia do mundo. Mas, como sempre foi pacífica, não estava preparada para enfrentar as agressões militares que sofreu para abrir seus mercados ao Ocidente.

Essas agressões imperialistas externas, aliadas ao seu atrasado sistema feudal, prejudicaram, no século 19 e no início do 20, seu desenvolvimento, dividindo-o e enfraquecendo-o.

O patriotismo chinês é um dos motivos importantes pelos quais a China avançou tanto nos últimos 30 anos, inclusive nas Olimpíadas

Em 1840, houve a Guerra do Ópio, em que imperialistas ingleses obrigaram os chineses a oferecer seda, porcelana e chá em troca de ópio e ceder Hong Kong para a Inglaterra.

Em 1856-1860, tropas anglo-francesas invadiram a China, obrigando o país a legalizar o comércio do ópio, e queimaram Yuanmingyuan, maior parque imperial do mundo.

Em 1900, um exército aliado de oito potências capitalistas invadiu a China e realizou uma parada militar na frente do Palácio Imperial de Pequim, humilhando a dignidade do país. O comandante desse exército liberou os soldados por três dias para saquear a capital chinesa — entre outras atrocidades, destruíram a maior enciclopédia do mundo, com 79.309 volumes.

Logo em seguida, a China enfrentou a maior ameaça: a invasão japonesa. No dia 7/7/1937, o Japão ampliou a invasão em escala nacional e tentou escravizar o povo chinês. Nesse momento de perigo, nasceu uma canção intitulada “Marcha do Exército de Voluntários”, que estimulou muito os soldados chineses.

Quando a nova China se estabeleceu em 1949, seu povo adotou essa canção como hino nacional, para sempre lembrar dessa história de humilhação e estimular cada cidadão a trabalhar mais duramente, sobretudo na reforma e na abertura. É isso o que os chineses cantavam na Olimpíada.

Estudando sua própria história, os chineses colocaram em prática um

antigo ensinamento: “Não andar para a frente significa voltar para trás”. Compreenderam, assim, que, se a China não avançar no seu desenvolvimento, ficará vulnerável a ataques. Por isso, todos os chineses, inclusive os esportistas, trabalham com grande entusiasmo, formando um modo chinês de patriotismo.

Sim, na China a gente fala também sobre democracia e liberdade, mas sempre pensando com a responsabilidade. A maioria dos chineses sabe que a realização de democracia deve se dar passo a passo.

Atualmente, em todos os municípios da China foram construídas bases de educação de patriotismo, nas quais há estátuas de heróis e testemunhos dos crimes dos imperialistas.

Com esse patriotismo, o povo chinês fortalece o amor à pátria, a disciplina no estudo e no trabalho e a coragem para vencer qualquer dificuldade. Quando o premiê Wen Jiabao visitou uma escola atingida pelo último grande terremoto, escreveu no quadro-negro uma frase popular que diz: “Dificuldades e calamidades podem amadurecer e fortalecer uma nação”.

Com esse patriotismo, os chineses se formam, como o hino canta, “unidos em um só coração”. A China é o país mais populoso do mundo, com 1,3 bilhão de habitantes. Com esse patriotismo, todos têm um só objetivo: construir a China como um país de estudo, um país de inovação e um país de desenvolvimento sustentável.

Uma nação bem organizada, unida e trabalhadora pode fazer milagres. O modo chinês de patriotismo é um dos motivos importantes pelos quais a China avançou tanto nos últimos 30 anos e conseguiu tamanho sucesso nos Jogos Olímpicos de 2008.

ZHOU SHIKU é professor titular de história da Universidade de Tsinghua (China) e professor visitante do Unesp. LUÍS ANTONIO PAULINO é professor de literatura da FFLCH/USP, pesquisador do CNPq.

Brasileira bate recorde, mas acaba com a prata

DA REPORTAGEM DE

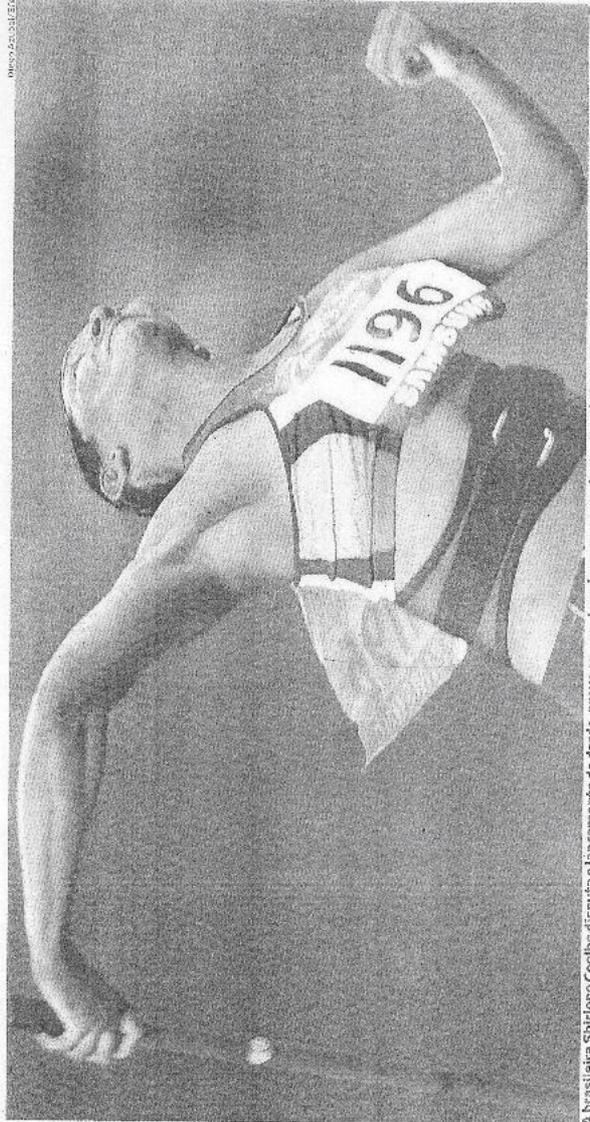
Imagine uma prova em que terminar com o recorde mundial não é suficiente para ganhar a medalha de ouro. Foi o que aconteceu com a brasileira Shirilene Coelho, do atletismo, no lançamento de dardo. No lançamento de dardo, Shirilene conseguiu 38,95 m, contra 28,84 m da chinesa Wu Qing, que terminou no lugar mais alto do pódio.

A medalha de ouro não foi para a brasileira porque o número de concorrentes era pequeno e o lançamento realizado em condições muito melhores do que as categorias de F38 e F38 (paralisia cerebral sem utilização da cadeira de rodas). Da classe F37, Shirilene compete com 3 atletas: F37, 4 F36, 9 F37 e 1 F38 (quanto maior o número da classe, menor o comprometimento) e obteve o melhor desempenho entre as medalhistas, por não ter sido desclassificada por uma pontuação calculada em relação ao recorde mundial de cada classe.

Com 26,84 m, Wu Qing também estabeleceu novo recorde mundial, mas da classe F36, e conseguiu 1.602 pontos contra 1.518 do brasileiro. O bronze também foi conquistado por a polonesa Renata Chlewicka, com 24,59 m na F38.

Essa prata vale ouro porque entra na prova sabendo que seria muito difícil quando juntas em as classes, mas não é suficiente para ganhar a medalha de ouro. O Brasil, que terminou o dia em sétimo no quadro de medalhas, conquistou também mais uma prata e um bronze.

A prata veio na natação, com Daniel Dias. O brasileiro ganhou sua quarta medalha (as duas de ouro) no dia de ontem, ao vencer a classe S15 em 5:52,5. O vencedor foi o americano Roy Perkins, com recorde mundial: 5:53,95. Após quatro dias de disputas, Daniel Dias, que teve má for-



A brasileira Shirilene Coelho disputa o lançamento de dardo, prova em que terminou com o prata, apesar de ter conquistado a melhor marca no Ninho da Pássaro

Santos aposenta treino coletivo

Fora da zona da degola, Márcio Fernandes acha pouco produtivo o trabalho e opta por outras práticas

Tenho 35 jogadores e, se realizo um coletivo, uso 22 jogadores. E o que faço com o resto? perguntou o treinador, que às vezes opta pelo "treino aleatório" - três times, com 11 atletas em cada um, jogam um meio campo de cada vez.

“Tudo os técnicos com

quem em futebol fazem coletivo. Para mim, isso não serve. O importante é que o trabalho está dando resultado”, avalia o treinador Fábio Eiler, que diz também não gostar do tradicional treinamento, aplica que, sob o novo comando, a

escritas, tem jogado de forma simples, “todo mundo jogar no 4-4-2”, dir Eiler, considera que o elenco não estava preparado para executar o esquema que o treinador - Cusa - tentou implementar. Na base da conversa e com

um programa de computador, Márcio Fernandes explica para os jogadores como quer o time. O técnico também explica o time, que se joga em média 17 gols por partida antes de sua chegada, passou a tomar menos de um gol (0,6) por confronto. “Os jogadores não se acostumaram e cumbido e tudo é com-



Renato Chlewicka, bronze

Santos foi derrotado por um atacante

os pucos como quer, o time precisa ganhar mais jogos. No último jogo, por partida antes de sua chegada, passou a tomar menos de um gol (0,6) por confronto.

"Os jogadores têm se comportado e cumprido o que é comandado", costuma afirmar o treinador, que tem como lema "Com o Pucos, a vitória é obrigatória".

Com o Pucos, a vitória é obrigatória. O técnico Marcelo Bielsa, 60, é surpreendente. Oba do luxemburgês (nao é a esposa de Wladimir Luxemburgo, o atual City Heitor, 48, técnico do clube inglês) chegou ao cargo no tempo do gol do gol do título: Lewicki.

Apesar de todas as mudanças nos últimos semanas, um "ritual" será seguido pelo Santos: um vespero do jogo de domingo. Primeiro, o técnico, que inclui a preparação física, o trabalho de comissão técnica, será mantido.



O técnico Márcio Fernandes, que assumiu o Santos há um mês e aboliu o coletivo, em treino

COMPTIANS NOVA CONTINUA ADIA AVOLTA A DENTINHO

A volta do atacante ao Corinthians foi adiada para o sábado. O atleta sofreu uma lesão no tornozelo durante o jogo de ontem. O técnico não pegou o jogador. A volta se ocorrerá no sábado em que Dentinho teve o seu primeiro jogo de volta ao Corinthians. O jogador não jogou no jogo de ontem, mas deve voltar a jogar no sábado.

Palmeiras Lenny vê no Mineirão grande oportunidade de desencantar

"Sou outro jogador de quando cheguei. Não começo do zero. Hoje, trombo mais com a zaga, mesmo sendo pequeno. Até porque, com o time levei o meu primeiro gol. Meu trabalho, o zagueiro sempre vai ser maior", afirma o jogador. Lenny, que afirmou que não jogou no jogo de ontem, deve voltar a jogar no sábado. O jogador não jogou no jogo de ontem, mas deve voltar a jogar no sábado.

SÃO PAULO MURICY CRISIADISPUTA NO MEIO E ATAQUE

Após seis dias de trabalho, há algumas dicas, mas poucas definições, em relação ao São Paulo que pegará o Flamengo no domingo. Um treino tático, o treinador Muricy Ramalho realizou que pode ser considerado o primeiro treino de ataque. O jogador não jogou no jogo de ontem, mas deve voltar a jogar no sábado.

QUADRO DE MEDIDAS

País	V	D	T	Total
1º - China	4	2	2	77
2º - B. Espanha	2	1	9	43
3º - EUA	1	7	12	21
4º - Rússia	1	6	13	20
5º - Alemanha	1	6	11	18
6º - França	1	6	11	18
7º - Itália	1	6	11	18
8º - África do Sul	1	6	11	18
9º - Canadá	1	6	11	18
10º - Espanha	1	6	11	18
11º - Alemanha	1	6	11	18
12º - Tunísia	1	6	11	18

Muita coisa mudou no Santos desde o final do primeiro turno. O comando técnico e o esquema tático foram trocados. O time deixou a zona do trabalho, e a torcida voltou a ficar em paz com o clube.

Uma outra alteração importante foi a mudança de treinador. Desde que assumiu a equipe, há um mês, o técnico Márcio Fernandes não fez nenhuma vez um treinamento desse tipo.

Para o comandante santista, o problema da equipe era de posicionamento e não de técnica. O time não jogava bem, mas não se concentrado em finalizações, treinos físicos e táticos.

"Além disso, nosso elenco é grande. Tenho 35 jogadores. Há alguns dias de trabalho, há algumas dicas, mas poucas definições, em relação ao São Paulo que pegará o Flamengo no domingo. Um treino tático, o treinador Muricy Ramalho realizou que pode ser considerado o primeiro treino de ataque. O jogador não jogou no jogo de ontem, mas deve voltar a jogar no sábado.

Daniel Dias, o brasileiro que não saiu da quarta divisão das outras três foram de outro, ao fazer os 50 em borboleta na classe S8 em 36:25. O vencedor foi o americano Roy Perkins, com recorde mundial: 35:58.

Daniel Dias, o brasileiro que não saiu da quarta divisão das outras três foram de outro, ao fazer os 50 em borboleta na classe S8 em 36:25. O vencedor foi o americano Roy Perkins, com recorde mundial: 35:58.

Daniel Dias, o brasileiro que não saiu da quarta divisão das outras três foram de outro, ao fazer os 50 em borboleta na classe S8 em 36:25. O vencedor foi o americano Roy Perkins, com recorde mundial: 35:58.

Daniel Dias, o brasileiro que não saiu da quarta divisão das outras três foram de outro, ao fazer os 50 em borboleta na classe S8 em 36:25. O vencedor foi o americano Roy Perkins, com recorde mundial: 35:58.

FUTEBOL

Muito cedo

Apesar de ser só o início de trabalho de alguns técnicos de seleções, já dá para tirar boas conclusões precipitadas

campeã europeia, já apontou para o futuro e presente ao não chamar para o jogo de ontem. Nílton Oliveira se contundiu. Boljan ficou na reserva ao lado de Fábregas, sinal de que a Euro pesa sobre o técnico. Junho já não tem muita influência para Marcelo Lippi. O técnico ainda está mais fresco, como a capitã de Canavaro e, claro, a companhia de Del Piero na etapa final.

Portugal não é mesmo mais de Portugal. Carlos Queiroz preserva os jogadores. Pepe e Deco porque são titulares, Eduardo, goleiro de confiança de Scolari, agora vê Quidi pela TV. E Diniury, candidato a cara de era (o) Queiroz, não da reserva ontem. Até o time de jogadores de nível mais alto, mas não chamados para o jogo de ontem. Boljan ficou na reserva ao lado de Fábregas, sinal de que a Euro pesa sobre o técnico. Junho já não tem muita influência para Marcelo Lippi. O técnico ainda está mais fresco, como a capitã de Canavaro e, claro, a companhia de Del Piero na etapa final.

Barry e Joe Cole; Heskley e Rooney no campo rival, mesmo esse sendo o primeiro treino de trabalho de alguns técnicos de seleções, já dá para tirar boas conclusões precipitadas

Defesa, meio e ataque fortes. A Inglaterra Premier League Cupellou de novo. O técnico de trabalho de alguns técnicos de seleções, já dá para tirar boas conclusões precipitadas.

Rodrigo Buzoni DA REPORTAGEM

o início do trabalho normalmente acompanhado por um técnico de trabalho de alguns técnicos de seleções, já dá para tirar boas conclusões precipitadas.

Esqueça aquele castrafético

Esqueça aquele castrafético. O técnico de trabalho de alguns técnicos de seleções, já dá para tirar boas conclusões precipitadas.

Esqueça aquele castrafético

Esqueça aquele castrafético. O técnico de trabalho de alguns técnicos de seleções, já dá para tirar boas conclusões precipitadas.

Crise no país motiva seleção da Bolívia

Técnico diz que jogadores entraram em campo no Rio preocupados com a família e com vontade de dar alegria ao povo

Por não concordarem com a cobrança de impostos, uma das bandeiras do presidente Evo Morales, atletas de futebol já decretaram greve

DE JUAN CARLOS MORALES

A euforia pelo primeiro ponto somado fora de casa mistas eliminatórias acabou aqui, capuz de tristeza sobre o time boliviano. Momentos depois do empate de sua seleção contra o Brasil no Engenhão, no Rio, o técnico da Bolívia, Erwin Sanchez, falou à Folha sobre a caótica situação enfrentada por seu país.

"A situação é muito grave. Os jogadores não sabem se vão conseguir viajar ali para a Copa", falou o treinador, que contou que o sentimento de preocupação com a situação do país era comum a todos os jogadores antes da partida.

"Temos nossos familiares lá. É claro que estamos preocupados com o que acontece em nosso país", falou o treinador. Sanchez falou sobre a situação política de (quase) guerra civil que abate a Bolívia serviu como impulso para sua equipe na partida contra o Brasil — o time atuou malvado antes, quatro derrotas em quatro jogos como visitante

nas eliminatórias para a Copa. "Em um momento como esse, você consegue levar algum dinheiro para a família", afirmou o treinador, um dos melhores jogadores da história do Brasil, os bolivianos comemoraram de forma emocionada, com todos os jogadores no centro do campo, e foram aplaudidos por milhares de torcedores.

O cálculo das eliminatórias acabou ajudando a avaliar que a crise boliviana invadisse também o futebol das eliminatórias da Copa de 2010.

Antes da partida, contra o Brasil, no sábado passado, a Bolívia também havia jogado fora de casa. O técnico boliviano, Erwin Sanchez, falou em Quito, no Equador, o mesmo que mandava a tabela. Se houvesse partidas marcadas para La Paz, os adversários sul-americanos poderiam reclamar da falta de segurança.

A seleção boliviana não fugiu da crise que assola o país. O presidente Evo Morales, por sua vez, pediu a redução de impostos, uma das bandeiras do presidente, os jogadores do país, incluindo aqueles que defendem a seleção, já decretaram uma greve e arcaíram com outras uma semana antes do jogo contra os brasileiros.

O líder da associação dos atletas chegou a ser vice-ministro da Saúde em 2005. Morales, criou, saiu afirmando contra o presidente por considerar que os projetos de sua pasta acabaram não recebendo atenção. (Folha Online)

[+] SECA: EMPATE DO BRASIL FAZ RODADA IGUALAR RECORDE NEGATIVO DE GOLS

A última rodada das eliminatórias para a Copa-2010 ficou marcada por um empate que balançou apenas duas vezes, mesmo tendo registrado na primeira rodada. Além de Brasil x Bolívia, não aconteceram gols na partida entre uruguaianos e equatorianos. Na zona de classificação, direta para o Mundial da África do Sul, só houve uma mudança, com a entrada do Chile, que goleou a Colômbia por 4 a 0, no lugar do Uruguai.



Atletas disputam a prova dos 5.000 m da categoria T54, no Rio de Janeiro. O tailandês Prawat Wacharam cumpriu o percurso em 10m22s38 e conquistou a medalha de ouro. Completaram o pódio da prova o australiano Kurt Fearnley, que levou a prata, e o britânico David Weir, com o bronze

Brasileiro conquista 4º ouro no Cubo d'Água

Com cavalo de Doda, ginete leva 2º bronze

DA REPORTAGEM ESPECIAL

Marcos Alves conquistou outro movimento o bronze na Paralympic de Pequim, segurando a medalha de prata no primeiro na história dos Jogos.

O ginete brasileiro montou o cavalo francês Latheney de Verney, presente de Alvaro Miranda Neto, o Doda, bronze por equipes nas Olimpíadas de Atlanta-1996 e Sydney-2000.

Com a montaria, Alves mandou o nome, em Hong Kong, 67-88,58, para o pódio individual em cavaletto livre grau IB.

"Estava bastante confiante para a prova, a equipe estava treinando muito para isso. Poderia montar nesse cavalo de alto nível me qualificou para competir com os melhores", afirmou o atleta brasileiro. Ginete Luc Pison e Rider Balthaz, respectivamente medalhas de ouro e prata.

"É uma conquista para toda a equipe equestre do Brasil em Hong Kong. São medalhas lindas. Foi primeira vez, não temos uma equipe formada por atletas brasileiros", afirmou Alves.

Liga quer seguir modelo da NBA

Para atrair mais investidores, dirigentes do basquete brasileiro copiam liga profissional americana

Sistema de franquias, jogo das estrelas e torneio de enterradas são algumas das atrações prometidas pela LNB na busca por público

DA REPORTAGEM LOCAL

Uma das maiores preocupações dos dirigentes da recém-criada Liga Nacional de Basquete (LNB) é quanto à captação de recursos. Não é à toa que brigas político-administrativas nos bastidores e campanhas judiciais acabaram afligindo tanto os patrocinadores.

"Como é que eu posso con-

vencer uma empresa a investir no basquete do jeito que está agora? Só se for louco. Com a falta de credibilidade, ninguém vai querer associar seu nome à bagunça", afirma Koury.

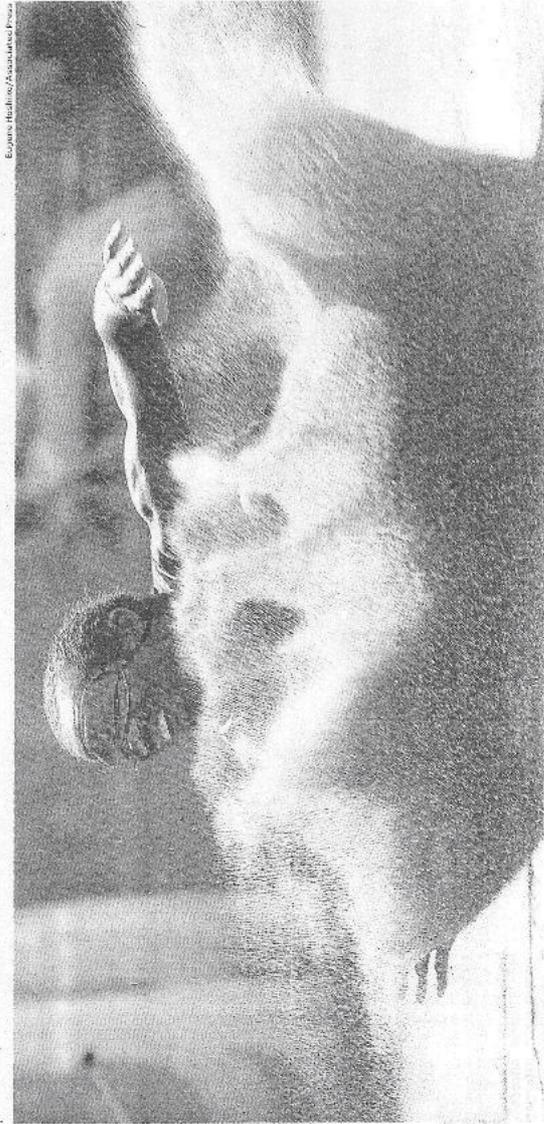
Ele afirma que ainda está em negociação com possíveis investidores. Além disso, o dirigente que poderia ser arcebisado com a venda de direitos de transmissão de TV esbarra no contrato vigente entre a confederação e a Sportv.

Vamos respeitar esse acordo, mas vamos negociar porque somos uma liga independente da CBB", afirma o presidente da LNB,

A saída para angariar os recursos iniciais que vão financiar as duas primeiras temporadas virá dos próprios clubes.

Para se associar à liga, os clubes terão de abrir uma franquia, nos moldes da NBA, pagando uma taxa de R\$ 40 mil

O basquete só vai para a frente se deixarmos de lado os objetivos individuais em prol do esporte



▶ ATREZESMAGIA Lex Gillette (EUA) disputa final do salto triplo de categoria F11. Sua melhor marca foi 12,19 m. Bem inferior à do campeão, o chinês Li Dusan, que cravou 13,71 m, em uma partida mundial. Curitiba, no Brasil, é o primeiro torneio organizado na América Latina para atletas com deficiência física. Foto: J. M. B. / Agência Brasil

valida para 2009 e 2010.

As semelhanças com o modelo da liga profissional norte-americana não param por aí. Já há previsão de também um campeonato de encerradas e uma disputa entre "superestruturas" (clubes) que disputam o campeonato) no intervalo entre o turno e o retorno.

"Queremos fazer uma mistura entre esporte e entretenimento para atrair o público. O torcedor vai para assistir ao jogo, mas quer também um pouco de show. É por isso que teremos os tipos de atrações, de shows, que vão fazer com que o esporte comece a crescer e a atrair patrocinadores", avalia o

presidente da liga.

Além dos atletas, a LNB já tem um formato. No final do mês passado, uma reunião entre técnicos, coordenada pelo ex-comandante da seleção masculina Aluísio Ferreira, o atual treinador da seleção masculina entre 16 e 18 clubes. O número final depende da confirmação de Londrina e Nova Iguaçu.

A competição se estenderá de janeiro a junho do ano que vem, em turno e retorno. Oito equipes serão classificadas para os mata-matas finais.

Os jogos serão às sextas e aos domingos às 19h. A transmissão será feita pela TV, através das

Clubes e CBB têm históricos de desavenças

DA REPORTAGEM LOCAL

Brigas nos bastidores, criação de ligas independentes que rivalizavam as atenções com o Nacional masculino - organizado pela CBB - disputas judiciais para a posse de direitos de transmissão de televisão em múltipla redeção entre clubes e confederação.

Em 2005, alguns clubes, capitaneados por Oscar, maior ídolo do basquete masculino, deram o grito de independência e criaram a Nossas Ligas a NLF.

O primeiro jogo foi disputado em 1997, para que a Nossas Ligas fosse reconhecida oficialmente. Em vão. A época, Grego abriu o cerco à liga de Oscar e conseguiu que os clubes que não queriam se associar ao Nacional se dedicassem exclusivamente ao torneio oficial da confederação.

Pressionados pela CBB, alguns clubes retiraram o apoio à NLF. Mesmo assim, a liga de Oscar teve início com a participação de 20 clubes, duas instituições e o cancelamento de partidas e a ausência de patrocinadores mantiveram a NLF. Duas equipes abandonaram a competição no meio devido à falta de verba.

No decorrer do Nacional masculino, que ocorreu em 2006, a liga de Oscar CBB foi obrigada a aceitar seis times filiados à NLF em sua competição após uma liminar obtida na Justiça comum.

Improvistos na competição fizeram com que equipes chegassem à fase final com um número desigual de jogadores.

Foram as trocas de titulares e o campeão de 2006 da CBB terminou sem um campeão.

Por sua vez, a liga de Os-

Esporte Ilustrado/Associação Press

vão lutar em uma que encur-
pes chegassem à fase final
com um número desigual
de partidas disputadas.
Por conta de trocas de li-
meiras, o CUB terminou de
2005, o CUB terminou de
sem um campeão.

Por sua vez, a liga de Os-
car perdeu a adesão de
grande parte de seus asso-
ciados e não organizou
uma nova competição.

Por outro lado, uma ou-
tra liga, formada exclusi-
vamente por atletas par-
ticulares, o Clube Paralí-
tico de Supercoxa, que mais
uma vez dividiu as aten-
ções com o Nacional da
confederação na última
temporada. (M&B)

RESOLUCOES: ENTIDADE FICA COM O FEMININO

Os times femininos abdi-
caram o direito de comentar em
disputar uma competição ge-
neralizada pela confederação
membro. O Nacional de
membros, em 2005, o dia 7
de outubro e contará com
nove equipes. O final da
competição ocorrerá em de-
zembro. "A CIBB está fazendo
do um trabalho de transição
para repassar a gestão tam-
bém ao feminino", assegura
Lutz Carlos Pinto, respon-
sável por impressões da entidade.

Lex Gillette (EUA) disputa final do salto triplo de categoria F11. Sua melhor marca foi 12,19 m. Bem inferior à do campeão, o chinês Li Duan, que marcou 13,71 m, nova recorde mundial. Ontem, o brasileiro Lucas Prado quebrou o recorde parolímpico na semifinal dos 200 m de classe T11 (cegos totais) no Esstádio Nacional

Brasil vira potência da bocha paraolímpica

Com segundo ouro de dupla, que cirm feito só atingido pela Coreia do Sul, país soma três medalhas na modalidade em Pequim

CP2 - casos com maior limita-
ção - e também por competi-
ções com deficiências físicas
severas, como distrofia muscu-
lar, por exemplo.

Os jogadores são divididos
em quatro classes, de BC1 a
BC4. Nas categorias BC1 e BC2,
os atletas podem receber ajuda,
como a bola quando solicitada.

Na BC3, para competidores
com limitação física muito se-
vera, o auxiliar próximo a
eles, o auxiliar físico, ajuda,
mas de costas para o campo.

Ele é responsável por ajustar
o equipamento que permite ao
atleta jogar - uma espécie de
rampa em formato de "J", por
onde a bola, empurrada com o
auxílio de bastão movimentado
com o boca, é lançada.

Atletas também participam
do programa
paralímpico em 1984, em No-
va York. Em Atlanta-1996, foi
incluída a partida de duplas.

A primeira medalha do Brasil
foi a prata de Robson Sampaio
de Almeida e Lutz Carlos, nos
Jogos de Heidelberg-1972.

Car: 30 bicat@brasil.gov.br

QUADRO DE MEDALHAS

País	1º	2º	3º	Total
1º China	37	47	30	109
2º Grã-Bretanha	23	20	16	69
3º EUA	15	16	17	56
4º Ucrânia	15	10	17	42
5º Austrália	14	10	17	49
6º Rússia	13	14	14	41
7º Espanha	12	17	14	43
8º África do Sul	12	1	4	17
9º Brasil	10	8	10	28
10º Alemanha	9	17	14	40
11º Canadá	9	7	13	29
12º Coreia do Sul	7	6	9	22

1º 7º PODIO: DANIEL DIAS É 2º NOS 100 M APERTO

O brasileiro é o nadador
que mais vezes subiu ao pó-
dio em Pequim. Ontem, ele
chegou em segundo nos 100

m perto, da categoria S14, ao
Ricardo Tenk, que bateu o re-
corde mundial da categoria,
com tempo de 1:36,86.

Daniel soma
quatro outros, como a norte-
americana Erin Popovich e a
sul-africana Natalie du Toit,
que também disputou a mar-
atona aquática dos Jogos

Olimpíacos de Pequim.

havia errado a última bola.
"Eu queria gritar na hora.
Mas felizmente deu tudo certo.
Coloquei aquela última bola
com o coração", disse ele, em
entrevista ao canal Sports
Brasil.

As equipes de Brasil e Coreia
do Sul foram as que mais con-
quistaram medalhas na competi-
ção. O Brasil ganhou a prata e
bronze, cada uma. Portugal ob-
teve maior número de pódios
(um ouro, três pratas e um
bronze), com representantes
das quatro categorias.

A competição de bocha pa-
raolímpica pode ser disputada
por atletas com paralisia cer-
bral classificados como CP1 e

CP2 - casos com maior limita-
ção - e também por competi-
ções com deficiências físicas
severas, como distrofia muscu-
lar, por exemplo.

Os jogadores são divididos
em quatro classes, de BC1 a
BC4. Nas categorias BC1 e BC2,
os atletas podem receber ajuda,
como a bola quando solicitada.

Na BC3, para competidores
com limitação física muito se-
vera, o auxiliar próximo a
eles, o auxiliar físico, ajuda,
mas de costas para o campo.

Ele é responsável por ajustar
o equipamento que permite ao
atleta jogar - uma espécie de
rampa em formato de "J", por
onde a bola, empurrada com o
auxílio de bastão movimentado
com o boca, é lançada.

Atletas também participam
do programa
paralímpico em 1984, em No-
va York. Em Atlanta-1996, foi
incluída a partida de duplas.

A primeira medalha do Brasil
foi a prata de Robson Sampaio
de Almeida e Lutz Carlos, nos
Jogos de Heidelberg-1972.

Car: 30 bicat@brasil.gov.br

ELE CORRE TANTO QUE FAZ PARECER QUE A CHINA FICA MAIS PERTO.

Boa sorte, Odair Ferreira. Corredor paraolímpico e atleta Centauro.

CENTAURO

Atleta paraolímpico

Atleta paraolímpico

dor a menos durante boa parte do segundo tempo.

A luta pelo título está totalmente em aberto, até porque o Grêmio dá sinais de ter perdido o gás.

Tricolor no páreo

Se o Palmeiras foi heróico, o São Paulo passou pelo Flamengo de modo categórico no Morumbi.

O jogo de ontem foi um "pocket show" do rapaz, exibindo um pouco de seus talentos: marcom, langou, apresentou-se na área adversária, chutou a gol. Ditou o ritmo, cadenciando ou acelerando o jogo segundo a conveniência do time.

E, apesar de uma certa fragilidade defensiva evidenciada ontem, quando jogadores do Flamengo es-

trou Rogerio Catho, em substituição a Paulo está no páreo.

Alívio santista

No "jogo de seis pontos" da rubricada da tabela, o Santos do bravo Kleber Pereira afundou o Flu e, de quebra, jogou outro carioca, o Vasco, na zona de rebaixamento. Resta saber se o Peixe vai manter a reação.

do mais dois na área antes de cruzar para a conclusão de Iury.

Já Diego Souza, aproveitando-se da "fritada burra" da defesa cruzerense, amorteceu no peito em dois tempos um cruzamento e fuzilou o goleiro Fábio.

Se o São Paulo depende de Heronanes para desenvolver todas as

te, com dois jogadores a mais pressão corintiana, o time foi cedido com um gol aos 50min do segundo tempo. O chute espetacular de André Santos foi como um de Zeus fulminando a ousadia visitantes.

jjacouto@uel.com.br

País rompe marca de medalhas

Brasil já ostenta recorde de pódios em uma edição dos Jogos Paraolímpicos

Com as 35 premiações até ontem na China, delegação nacional supera façanha de Atenas, em 2004, quando terminou campanha com 33

DA REPORTEAGEM LOCAL

Restando ainda dois dias para o fim das competições da Paraolimpíada de Pequim, o Brasil já ostenta o melhor desempenho de sua história em uma edição dos Jogos.

Com quatro pódios conquistados ontem, o país chegou ao total de 35 medalhas (12 ouros, 9 pratas e 14 bronzes), superando o recorde de 33 da Paraolimpíada de Atenas-2004.

Para ultrapassar a marca de 34 ouros, também conquistada na Grécia, os paratletas brasileiros precisam subir ao topo do pódio mais três vezes.

Até ontem, o Brasil ocupava a 11ª posição do quadro de medalhas, três colocações acima do melhor resultado obtido em uma edição da Paraolimpíada.

Resultados históricos para uma delegação inflada.

O Comitê Paraolímpico Brasileiro enviou a Pequim 198 esportistas, quase o dobro dos 98 que integraram a delegação da última Paraolimpíada.

E o domingo foi prodígio para os brasileiros. Os nadadores André Brasil e Philippe Rodrigues fizeram a dobradinha nos 50 m livre, classe S10, levando respectivamente, a medalha de ouro e a de prata.

André Brasil venceu a prova em o tempo de 2:28:61, novo recorde mundial, que já pertenc-

cia a ele anteriormente.

"Tenho muito a agradecer. Consegui mais um ouro, fruto de um trabalho de muita gente, não apenas meu. Obrigado a todos os que estão aqui e aos que não estão", disse Brasil, que soma três ouros e uma prata.

Na natação, o Brasil ainda sorriu mais um bronze, com Fabiana Sugimori, nos 50 m livre classe T11, para cegos.

O outro pódio do domingo veio do atletismo. O fundista Odair Santos faturou a sua terceira medalha de bronze na Paraolimpíada. Depois de subir no pódio nos 800 m e nos 5.000 m, ele voltou a ficar em terceiro, desta vez nos 10.000 m da classe T12.

No tênis de mesa, o Brasil deu mostras de que é um dos favoritos ao ouro após superar a dupla da China na semifinal. Ontem, a dupla da classe C3, Welder Knaf e Luiz Aguiar Silva, venceu Panfong Peng e Ping Zhao, da China, por 3 sets a 2, e enfrentará a França na disputa pela medalha de ouro.

A decepção do dia foi a goleada de 6 a 0 sofrida pela seleção de futebol de 7 para a Ucrânia.

[+] VOVÓ: AOS 60, JAPONÊS LEVA MEDALHA DE BRONZE

Toshie Oi, que, com 60 anos, é o esportista mais velho desta Paraolimpíada, subiu ao pódio no lançamento de disco, categoria F53/54. É a segunda medalha olímpica obtida por Oi, que levou a prata em Atenas-2004.



O nadador André Brasil comemora a vitória e o recorde mundial nos 50 m livre da classe S10 na Paraolimpíada de Pequim-2008

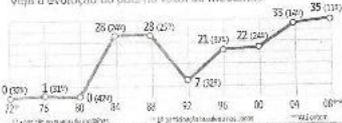
Adivinha quem chegou para compor a melhor equipe esportiva do rádio brasileiro, interrogação?

AM 1040 KHZ

Programa No Pique, com Roberto Avallone de segunda a sexta das 18 às 19h

O BRASIL NA PARAOLIMPÍADA

Veja a evolução do país no total de medalhas



MOTOGP

Rossi vence pela 69ª vez e põe mãos na taça

DA REPORTEAGEM LOCAL

Programa No Pique, com Roberto Avallone de segunda a sexta das 18 às 19h

torna men iro sa

o de equipe para
na luta pelo título

Raiikkonen desistiu. "Não estou interessado em pensar no que vai acontecer nas próximas corridas. Vamos ver o que acontece", afirmou ele, talvez ainda com esperanças de repetir a arrancada que deu no ano passado para ficar com o título.

A duas corridas do encerramento, o finlandês estava 17 pontos atrás de Hamilton, que também liderava o Mundial na ocasião. Mas com uma vitória na China e outra no Brasil, esta volta de presente por Massa, e o acesso do inglês, que só marcou dois pontos em Interlagos, Raikkonen sagrou-se campeão. E é justamente nesse "prete" que Massa se apóia para fazer que tem certeza de que terá o auxílio do companheiro de estrada. "Sei que a equipe reconhece o que fiz pelo Kimi, e só nos campeões dos dois Mundiais no ano passado graças a mim", afirmou o brasileiro.

"Mas não acho que é o momento de pensar nisso. Tenho que trabalhar dia após dia, fazer meu trabalho e me concentrar nisso e em vencer corridas." Coincidência ou não, no último fim de semana, a Ferrari anunciou a prorrogação do contrato de Raikkonen até o fim de 2010, quando também se encerra o contrato de Massa. Assim, se que o finlandês vá chegar entre € 25 milhões e € 30 milhões só na temporada de 2010. Domenicali, porém, disse que o anúncio foi feito no GP Itália só por coincidência.

Na verdade, esse contrato uma coisa que já vinhamos versando há algum tempo", disse o chefe ferrarista.

Normalmente, em Monza, Raikkonen faz algum anúncio já virou uma tradição", explicou ele, lembrando que no mesmo local que a escuderia italiana divulgou a apólice de Michael Schumacher e a contratação do próprio Raikkonen em 2006.



O nadador brasileiro Daniel Dias festeja a prata nos 50 m livre, uma das 9 medalhas que ganhou na Paraolimpíada de Pequim

Brasileiro é quem mais sobe ao pódio

Estreante em Paraolimpíadas, Daniel Dias, 20, conquista 9 medalhas, 4 de ouro, na natação em Pequim

DA REPORTAGEM LOCAL

Daniel Dias dava suas primeiras braçadas em 2004 e nem sonhava em competir na Paraolimpíada de Atenas.

Quatro anos depois, ele deixa o Cubo d'Água como o atleta que mais subiu ao pódio da Paraolimpíada de Pequim. Foram nove medalhas: quatro ouros, quatro pratas e um bronze.

As duas últimas medalhas de sua coleção vieram ontem, com as pratas nos 50 m livre classe S5 (33s56) e no revezamento 4 x 50 m medley: 20 pontos.

"Essa equipe está de parabéns pela união. Isso ajuda tanto na prova individual quanto nos revezamentos e mostra o quanto a equipe está unida", disse Dias, 20, após o revezamento, última prova da natação no programa paraolímpico.

O brasileiro, que teve má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, disputou 11 provas em Pequim e só não conseguiu medalhas em dois revezamentos.

Apesar de ter conquistado mais medalhas do que qualquer um no Cubo d'Água, Dias ter-

minou os Jogos em terceiro lugar no quadro de medalhas individual. Na frente dele estão o australiano Matthew Cowdrey (cinco ouros e três pratas) e a sul-africana Natalie du Toit (cinco ouros em cinco provas). Apesar de amputada, Du Toit também disputou a Olimpíada —foi a 16ª colocada nos 10 km da maratona aquática.

A natação brasileira teve outro multimetalhista em Pequim. André Brasil competiu com atletas sem deficiência quando assistiu à Paraolimpíada de Atenas-2004.

Com hipertrofia muscular na perna esquerda (sequela de poliomielite), Brasil viu atletas com deficiências similares à sua competindo na Grécia.

Ontem, ele encerrou sua primeira participação em uma Paraolimpíada com o ouro nos 100 m livre e o recorde da competição: 4min05s84. "A avaliação que eu faço desta Paraolimpíada é ótima. Consegui melhorar meus tempos e ganhar medalhas inéditas na minha trajetória", afirmou o nadador de 24 anos, que conquistou quatro ouros e uma prata.

No último dia da natação, o Brasil ainda faturou o bronze com Edénia Garcia nos 50 m livre da classe S4, com 53s28.

O país conquistou também uma medalha inédita no tênis de mesa. Luiz Algacir e Welder Kane perderam a final por equipes para os franceses Jean Philippe Robin e Florian Merrien por 3 partidas a 1 e terminaram com a prata.

E, no Ninho de Pássaro, Yohanisson Nascimento fez 11s25 nos 100 m, um centésimo mais rápido do que o chinês Zhao Xu, e ficou com o bronze na classe T46 (amputados nos membros superiores).

A Paraolimpíada de Pequim distribui suas últimas medalhas na próxima madrugada.

QUADRO DE MEDALHAS

Após o 9º dia

País	🥇	🥈	🥉	Total
1ª - China	80	63	47	187
2ª - Grã-Bretanha	41	27	28	96
3ª - EUA	33	33	26	92
4ª - Ucrânia	23	17	29	69
5ª - Austrália	20	26	25	71
6ª - Canadá	18	9	20	47
7ª - Rússia	17	20	23	57
8ª - África do Sul	17	2	5	24
9ª - Espanha	14	20	21	55
10ª - Alemanha	13	23	20	56
11ª - Brasil	13	12	16	41
12ª - França	10	21	15	46
13ª - Tunísia	9	9	2	20
14ª - Coreia do Sul	9	8	13	30
15ª - México	8	3	7	18



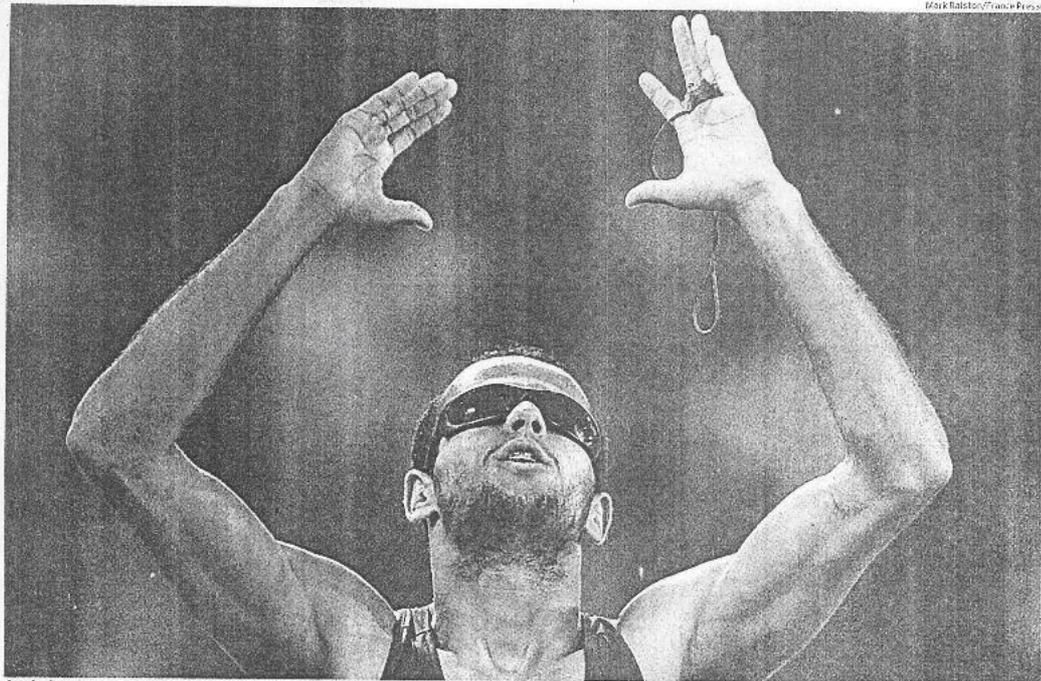
NO ESCURO Severino Silva disputa lance com o chinês Wenfa Zheng no empate em 1 a 1. China e Brasil voltam a jogar amanhã na decisão do ouro do futebol

ampeonato, vocês
ntos um do outro

ATLETISMO
Carl Lewis põe
resultados de

VELA
Imbróglgio judicial cria rival

VELA
Medalhistas de



O velocista Lucas Prado celebra ao vencer os 400 m no Ninho de Pássaro, seu terceiro ouro na Paraolimpíada de Pequim, na qual o Brasil já conquistou 45 medalhas

Brasil faz melhor Paraolimpíada

Após superar marca de medalhas, país ostenta agora 15 ouros, um a mais do que em Atenas-2004

No penúltimo dia de provas, vitórias no atletismo com Terezinha Guilhermina e Lucas Prado dão recorde à delegação de 188 atletas

DA REPORTEAGEM LOCAL

No penúltimo dia dos Jogos de Pequim, o Brasil conquistou mais dois ouros e consolidou sua melhor campanha na história das Paraolimpíadas.

Com 15 ouros, o país superou seu recorde de 14 da Paraolimpíada de Atenas-2004.

O Brasil já havia melhorado seu desempenho em número de pódios. Na Grécia, foram 33. Na China, são pelo menos 46 — o Brasil disputaria a decisão do futebol de 5 (para deficientes visuais) contra os chineses

durante a madrugada.

Os resultados históricos aconteceram com uma delegação bastante inflada.

O Comitê Paraolímpico Brasileiro enviou a Pequim 188 esportistas, quase o dobro dos 98 que integraram a delegação na última Paraolimpíada.

As medalhas que ratificaram a melhor campanha brasileira na competição foram conquistadas no Ninho de Pássaro.

Principal nome do país no atletismo nesta Paraolimpíada, Lucas Prado ganhou seu terceiro ouro ao completar os 400 m em 50s27. O recordista mundial, o angolano Jose Armando, chegou 17 centésimos depois.

"Estou exausto, com dor nas pernas, mas o gosto da medalha compensa tudo isso. Eu consegui as medalhas que eu prome-

ti", disse Prado, 23, que já havia vencido os 100 m e os 200 m.

O brasileiro, que corre com o guia Justino Barbosa, teve deslocamento de retina há cinco anos, quando ficou com somente 10% da visão. Em 2006, perdeu o resqúicio visual.

"Agora quero descansar. Para mim, é tudo alegria agora", afirmou Prado. "Toda a delegação do Brasil está de parabéns. Conseguimos superar o número de ouros de Atenas."

Atleta responsável pela introdução de Prado no atletismo, Terezinha Guilhermina também conquistou uma medalha de ouro ontem. A atleta, que é cega, completou a prova dos 200 m ao lado do guia Jorge Luis Silva e Souza, o Chocolate, com o tempo de 25s14.

"Dedico essa medalha para a

minha família. Eu não cheguei aqui sozinha. Em Atenas, foi de bronze, agora, de ouro", afirmou a corredora, que terminou os 800 m em terceiro na Grécia.

Foi a terceira medalha de Te-

rezinha em Pequim. Ela havia sido prata nos 100 m e bronze nos 400 m, provas nas quais detém o recorde mundial.

Ontem, ela teve a companhia de Jerusa Santos, que faturou o bronze com 26s09, no pódio.

Já a equipe do revezamento 4 x 100 m classes T42-T46 (amputados), formada por André Luiz Oliveira, Yohansson Nascimento, Claudemir Santos e Alan Oliveira, conquistou a prata com a marca de 45s25.

Além do futebol de 5, o Brasil ainda teria chances de medalha na maratona, com Alex Mendonça e Aurélio Santos na classe T12 (deficientes visuais) e Ozivan Bonfim e Tito Sena na T46 (amputados).

A cerimônia de encerramento da Paraolimpíada de Pequim acontece nesta manhã, às 9h.

PISTORIUS: SUL-AFRICANO GANHA 3ª PROVA

O velocista Oscar Pistorius venceu ontem os 400 m com 47s49. Biamputado, Pistorius corre com o auxílio de próteses de fibra de carbono e tentou, sem sucesso, índice para os Jogos Olímpicos. Na Paraolimpíada, ele já havia vencido os 100 m e os 200 m. Pistorius afirmou que vai tentar disputar a Olimpíada de Londres, em 2012.

QUADRO DE MEDALHAS

Após o 10º dia

País	O	A	T	Total
1º - China	87	66	52	207
2º - Grã-Bretanha	42	29	31	102
3º - EUA	36	31	28	98
4º - Ucrânia	24	18	31	73
5º - Austrália	22	29	27	78

Federer busca agora reabilitar Suíça

País, que disputou 2ª divisão da Davis após 13 anos, tem reforço contra a Bélgica por uma vaga na elite

DA REPORTEAGEM LOCAL

Após encerrar o jejum de grandes títulos com o triunfo

neste fim de semana para voltar ao Grupo Mundial.

Focado em sua carreira, Federer adotou uma estratégia

Doris Erbassova/Reuters



"Diria que nos últimos anos eu procurei me concentrar em me manter no topo do ran-

QUADRO DE MEDALHAS

País	Or	Pr	Tot
1º China	89	70	211
2ª Gr-Bretanha	42	29	102
3ª EUA	36	35	99
4ª Ucrânia	24	18	74
5ª Austrália	23	29	79
6ª África do Sul	21	3	30
7ª Canadá	19	10	21
8ª Rússia	18	23	63
9ª Brasil	16	14	47
10ª Espanha	15	21	58
11ª Alemanha	14	25	59
12ª França	12	21	52
13ª Coreia do Sul	10	8	31
14ª México	10	3	20
15ª Lússia	9	9	21
16ª Rep. Tcheca	6	3	27
17ª Japão	5	14	27
18ª Polónia	5	12	30
19ª Holanda	5	10	22
20ª Grécia	5	9	24
21ª Belarus	5	7	13
21ª Ira	5	6	14
23ª Cuba	5	3	14
24ª Nova Zelândia	5	3	12
26ª Hong Kong	5	3	11
27ª Ucrânia	5	3	9
28ª Itália	4	7	18
29ª Egito	4	4	12
30ª Nigéria	4	4	9
31ª Arábia	4	3	15
32ª Marrocos	4	1	7
33ª Austrália	4	1	6
34ª Suíça	3	2	11
35ª Dinamarca	3	2	9
36ª França	3	1	5
37ª Croácia	3	1	4
38ª Azerbaijão	2	3	10
39ª Eslováquia	2	3	6
40ª Finlândia	2	2	6
41ª Tailândia	1	5	13
42ª Portugal	1	4	7
43ª Noruega	1	3	7
44ª Chipre	1	2	4
45ª Letónia	1	2	3
46ª Ucrânia	1	1	3

Paraolimpíada vê pódio mais acessível a pobres

Países em desenvolvimento têm resultados melhores do que na Olimpíada

Ao contrário de nações ricas, as menos abastadas tiveram delegações próximas ou até maiores do que nos jogos para atletas não deficientes

DA REPORTAGEM LOCAL

A Paraolimpíada de Pequim terminou ontem com um quadro final de medalhas bem diferente do Olimpíada. Na competição para atletas com deficiência física, os países mais pobres, incluindo o Brasil, o nono colocado, tiveram resultados bem mais expressivos. O grupo formado por Estados Unidos, Canadá, nações europeias, Austrália e Japão ficou com 57% das medalhas de ouro distribuídas — obtive 67% em Atenas-04. Nos Jogos de Pequim para atletas sem deficiência, esse índice ficou em 63%.

Na Olimpíada, os africanos

ganham, com cinco países diferentes, só 12 ouros, ou melhor de 4% das medalhas desse metal. Na Paraolimpíada, sete nações africanas foram ao lugar mais alto do pódio. Isso aconteceu 51 vezes, ou 11% do total.

Alem do Brasil, que na Olimpíada foi apenas o 29º colocado, outros países em desenvolvimento tiveram na Paraolimpíada performance muito melhor do que na Olimpíada.

Na competição para atletas sem deficiência, a África do Sul foi somente a 71ª colocada, com uma medalha de prata. No certame paraolímpico, ficou em sexto lugar, com 30 pódios, sendo 21 de ouro.

Resultados naturais pelo lado das delegações envias por ricos e pobres nas duas competições chinesas.

A Organização Mundial da Saúde estima em 750 milhões de pessoas o número de defici-

entes no mundo. E que cerca de 80% delas estão em países em desenvolvimento, vítimas das pela deficiência no combate a doenças como a poliomielite e por amputações causadas por conflitos armados.

Estatística que tem reflexo na diversidade competitiva. Enquanto os ricos mandam para a Paraolimpíada equipes bem mais modestas do que na Olimpíada, as nações em desenvolvimento mandam delegações mais parelhas ou até bem mais inchadas.

Nos Jogos para competidores sem deficiência, os EUA enviaram cerca de 600 atletas. Na competição encerrada ontem foram somente 213 atletas americanos, sendo que 16 foram veteranos da Guerra do Iraque. Na primeira competição, a maior potência do planeta ganhou 110 medalhas. Na paraolimpíada, foram 99.

QUADRO DE MEDALHAS

Olimpíada	Or	Pr	Tot
1ª China	51	21	200
2ª EUA	36	39	100
3ª Rússia	23	21	72
4ª Gr-Bretanha	19	13	47
5ª Alemanha	16	10	41
6ª Austrália	14	15	46
7ª Coreia do Sul	13	10	31
8ª Japão	9	6	25
9ª Itália	8	10	28
10ª França	7	16	40
11ª Ucrânia	7	5	17
12ª Holanda	7	5	16
13ª Espanha	6	3	11
14ª Espanha	5	10	33
15ª Quênia	5	5	14
16ª Belarus	4	5	19
17ª Romênia	4	1	8
18ª Etiópia	4	1	7
19ª Canadá	3	9	18
20ª Polónia	3	6	10
21ª Hungria	3	5	10
21ª Noruega	3	5	10
23ª Brasil	3	4	15
24ª Rep. Tcheca	3	3	6
25ª Eslováquia	3	2	6
26ª N. Zelândia	3	1	9
27ª Geórgia	3	0	6
28ª Cuba	2	1	24
29ª Cazaquistão	2	4	7
30ª Espanha	2	2	7
31ª Mongólia	2	2	4
31ª Tailândia	2	2	4
33ª Coreia do N.	2	1	6
34ª Argentina	2	0	4
34ª Suíça	2	0	4
36ª México	2	0	3
37ª Turquia	1	4	8
38ª Zimbábue	1	3	4
39ª Azerbaijão	1	2	7
40ª Uzbequistão	1	2	6
41ª Eslovênia	1	2	5
42ª Bulgária	1	1	5
42ª Indonésia	1	1	5
44ª Finlândia	1	1	4
45ª Letónia	1	1	3

O Japão mandou mais de 800 atletas para a Olimpíada de Pequim, número reduzido para 168 na Paraolimpíada. A Austrália também reduziu sua delegação quase pela metade.

No caso do Brasil, o corte não foi tão drástico. O país mandou a Paraolimpíada 188 competidores, número cerca 30% menor do que na Olimpíada.

Bom parte das nações africanas teve um número de atletas com deficiência bem maior do que os sem nenhuma.

E o caso, por exemplo, da Turquia, uma das maiores surpresas da Paraolimpíada: terminou no 15º posto no quadro de medalhas, com 21 medalhas, nove delas de ouro. O país do norte da África teve 35 atletas com algum tipo de deficiência, contra 27 enviados à Olimpíada, em que foi só uma vez ao pódio e terminou na 59ª posição no quadro de medalhas.

Clare Conroy/WireImage



estatística

Evento tem mais pódios e menos atletas

DA REPORTAGEM LOCAL

449	CHINA	1	2	3	4
450	Coreia	1	2	0	3
451	Grécia	1	1	2	4
452	Estados Unidos	1	1	2	4
453	Brasil	1	1	2	4
454	Argentina	1	1	0	2
455	China	1	0	5	6
456	Brasil	1	0	1	2
457	China	1	0	1	2
458	China	1	0	1	2
459	China	1	0	1	2
460	China	1	0	1	2
461	China	1	0	1	2
462	China	1	0	1	2
463	China	1	0	1	2
464	China	1	0	1	2
465	China	1	0	1	2
466	China	1	0	1	2
467	China	1	0	1	2
468	China	1	0	1	2
469	China	1	0	1	2
470	China	1	0	1	2

471	China	1	0	1	2
472	China	1	0	1	2
473	China	1	0	1	2
474	China	1	0	1	2
475	China	1	0	1	2
476	China	1	0	1	2
477	China	1	0	1	2
478	China	1	0	1	2
479	China	1	0	1	2
480	China	1	0	1	2
481	China	1	0	1	2
482	China	1	0	1	2
483	China	1	0	1	2
484	China	1	0	1	2
485	China	1	0	1	2
486	China	1	0	1	2
487	China	1	0	1	2
488	China	1	0	1	2
489	China	1	0	1	2
490	China	1	0	1	2
491	China	1	0	1	2
492	China	1	0	1	2
493	China	1	0	1	2
494	China	1	0	1	2
495	China	1	0	1	2
496	China	1	0	1	2
497	China	1	0	1	2
498	China	1	0	1	2
499	China	1	0	1	2
500	China	1	0	1	2

501	China	1	0	1	2
502	China	1	0	1	2
503	China	1	0	1	2
504	China	1	0	1	2
505	China	1	0	1	2
506	China	1	0	1	2
507	China	1	0	1	2
508	China	1	0	1	2
509	China	1	0	1	2
510	China	1	0	1	2
511	China	1	0	1	2
512	China	1	0	1	2
513	China	1	0	1	2
514	China	1	0	1	2
515	China	1	0	1	2
516	China	1	0	1	2
517	China	1	0	1	2
518	China	1	0	1	2
519	China	1	0	1	2
520	China	1	0	1	2

DA REPORTAGEM LOCAL

Não matemática, ganhar uma medalha na Paraulimpíada é uma missão menos complicada do que na Olimpíada.

A competição, que acabou ontem em Pequim distribuiu 1.431 medalhas, contra 958 do evento para atletas sem deficiência.

E o número de competidores é bem menor na Paraulimpíada. Foram cerca de 4.200 inscritos, contra 11.500 da Olimpíada. Assim, foram três atletas por medalha no primeiro caso e 12 no segundo.

O maior número de medalhas na Paraulimpíada, apesar de ter menos modalidades, explica-se pela divisão de competidores por grau de deficiência.

Em alguns casos, como na natação, são mais de dez categorias para uma mesma distância e estilo.

Na maioria dos casos, provas do atletismo e da natação na Paraulimpíada tinham uma média de apenas dez competidores, número que superava os 50 na Olimpíada.

Com mais medalhas para menos atletas, a Paraulimpíada produziu mais competidores que foram ao pólo mais de uma vez.

Foram 364 paraolimpícos com mais de um pólo — o nadador australiano Matthew Cowdrey, com cinco ouros e três pratas, foi o mais produtivo.

Na Olimpíada, 132 atletas tiveram o gosto de mais de uma medalha.

DA REPORTAGEM LOCAL

O Brasil realizou sua melhor campanha na história da Paraulimpíada embalsado por um volume inédito de recursos.

Além do primeiro ciclo paraulímpico completo com verbas da Lei Piva, o Comitê Paralímpico Brasileiro contou com o patrocínio da Caixa Econômica Federal para se preparar para Pequim-2008.

Com recorde de atletas (188 contra 89 de Atenas-04), o Brasil terminou os Jogos chineses em nono lugar no quadro de medalhas, com 47 pratas (16 ouros, 14 pratas e 17 bronzes).

Em relação a Atenas-2004, até então a melhor participação brasileira na competição, houve uma melhora na quantidade

de ouros (16 contra 14) e de medalhas (47 contra 33).

A distribuição de pontos também foi mais pulverizada. Em Atenas, o Brasil conquistou suas medalhas em cinco modalidades: atletismo, futebol de 5, futebol de 7, judô e natação.

Em Pequim, o país subiu ao pólo em natação, atletismo, judô, bocha, hipismo, remo, tênis de mesa e futebol de 5.

"Nossa previsão era terminar entre os dez melhores", afirmou o gerente de marketing esportivo da Caixa, André Lopes.

"Ao ficarmos em nono, na frente da Espanha, conseguimos um resultado histórico."

Para 2004, o CPB contou com cerca de R\$ 22 milhões de repasse da Lei Piva mais R\$ 1 milhão da Caixa, cujo contrato

de ouros (16 contra 14) e de medalhas (47 contra 33).

A distribuição de pontos também foi mais pulverizada. Em Atenas, o Brasil conquistou suas medalhas em cinco modalidades: atletismo, futebol de 5, futebol de 7, judô e natação.

Em Pequim, o país subiu ao pólo em natação, atletismo, judô, bocha, hipismo, remo, tênis de mesa e futebol de 5.

"Nossa previsão era terminar entre os dez melhores", afirmou o gerente de marketing esportivo da Caixa, André Lopes.

"Ao ficarmos em nono, na frente da Espanha, conseguimos um resultado histórico."

Para 2004, o CPB contou com cerca de R\$ 22 milhões de repasse da Lei Piva mais R\$ 1 milhão da Caixa, cujo contrato

de ouros (16 contra 14) e de medalhas (47 contra 33).

A distribuição de pontos também foi mais pulverizada. Em Atenas, o Brasil conquistou suas medalhas em cinco modalidades: atletismo, futebol de 5, futebol de 7, judô e natação.

Em Pequim, o país subiu ao pólo em natação, atletismo, judô, bocha, hipismo, remo, tênis de mesa e futebol de 5.

"Nossa previsão era terminar entre os dez melhores", afirmou o gerente de marketing esportivo da Caixa, André Lopes.

"Ao ficarmos em nono, na frente da Espanha, conseguimos um resultado histórico."

Para 2004, o CPB contou com cerca de R\$ 22 milhões de repasse da Lei Piva mais R\$ 1 milhão da Caixa, cujo contrato

[+] FUTEBOL: TIME LEVA OURO COM GOLNO FINAL

O último ouro do Brasil em Pequim veio após a vitória por 2 a 1 sobre os anfitriões no futebol de 5 (para deficientes visuais). O Brasil, que buscava o bicampeonato, tomou o gol no primeiro tempo e empatou logo no início da segunda etapa. O gol do título, marcado por Marcos, aconteceu somente no último minuto de jogo. A outra medalha do último dia do Brasil veio com Tito Sena, da classe T46 (amputados), na maratona. Ele ficou com a prata ao completar a prova em 2h30min49.

O último ouro do Brasil em Pequim veio após a vitória por 2 a 1 sobre os anfitriões no futebol de 5 (para deficientes visuais). O Brasil, que buscava o bicampeonato, tomou o gol no primeiro tempo e empatou logo no início da segunda etapa. O gol do título, marcado por Marcos, aconteceu somente no último minuto de jogo. A outra medalha do último dia do Brasil veio com Tito Sena, da classe T46 (amputados), na maratona. Ele ficou com a prata ao completar a prova em 2h30min49.

O último ouro do Brasil em Pequim veio após a vitória por 2 a 1 sobre os anfitriões no futebol de 5 (para deficientes visuais). O Brasil, que buscava o bicampeonato, tomou o gol no primeiro tempo e empatou logo no início da segunda etapa. O gol do título, marcado por Marcos, aconteceu somente no último minuto de jogo. A outra medalha do último dia do Brasil veio com Tito Sena, da classe T46 (amputados), na maratona. Ele ficou com a prata ao completar a prova em 2h30min49.

[+] NATACÃO: CLODOALDO ESTUDA IR A JUSTIÇA

O nadador brasileiro, que foi reclassificado às vésperas da Paraulimpíada, vai se reunir com seus advogados e está toda processar o CPI (Comitê Paralímpico Internacional) por danos morais e materiais. Clodoaldo Silva passou de S4 para S5 (quanto maior o número da classificação menor o comprometimento do atleta) e ganhou uma prata e um bronze em revezamentos. "Se estivesse na S4, teria obtido mais seis medalhas de ouro", disse ele, que ganhou seis ouros e uma

O nadador brasileiro, que foi reclassificado às vésperas da Paraulimpíada, vai se reunir com seus advogados e está toda processar o CPI (Comitê Paralímpico Internacional) por danos morais e materiais. Clodoaldo Silva passou de S4 para S5 (quanto maior o número da classificação menor o comprometimento do atleta) e ganhou uma prata e um bronze em revezamentos. "Se estivesse na S4, teria obtido mais seis medalhas de ouro", disse ele, que ganhou seis ouros e uma

O nadador brasileiro, que foi reclassificado às vésperas da Paraulimpíada, vai se reunir com seus advogados e está toda processar o CPI (Comitê Paralímpico Internacional) por danos morais e materiais. Clodoaldo Silva passou de S4 para S5 (quanto maior o número da classificação menor o comprometimento do atleta) e ganhou uma prata e um bronze em revezamentos. "Se estivesse na S4, teria obtido mais seis medalhas de ouro", disse ele, que ganhou seis ouros e uma



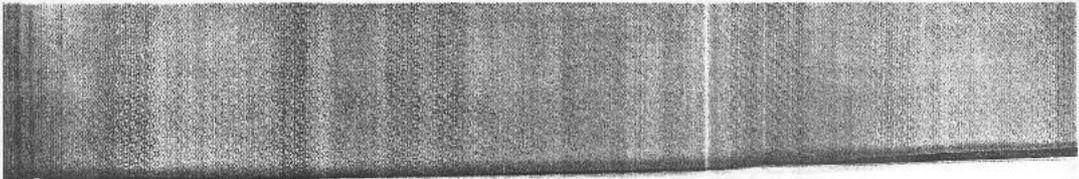
Brasileiros celebram ao derrotar a China e ficar com o ouro no futebol para deficientes visuais

Recursos aumentam quase 150%, e Brasil obtém melhor campanha

Brasileiros celebram ao derrotar a China e ficar com o ouro no futebol para deficientes visuais

Brasileiros celebram ao derrotar a China e ficar com o ouro no futebol para deficientes visuais

Brasileiros celebram ao derrotar a China e ficar com o ouro no futebol para deficientes visuais



DE CADA UM

SEBASTIÃO VAZTEL, 21, venceu a GP da Itália e se tornou o mais jovem piloto a vencer na F-1.



O primeiro-ministro Ge Haeghe, 47 anos, anunciou o compromisso de injetar US\$ 1 bilhão no Fundo de Proteção e Conservação da Amazônia até 2015.

A chanceler israelense, Tzipi Livni, ganhou eleições internas do partido governista Kadima e pode se tornar primeira-ministra.

A brasileira Fátima Cruz desmontou o primeiro do Colômbia, mas o piloto britânico venceu a corrida.

O atleta brasileiro Hensry Coloco, 223 quilos, venceu a corrida em julho, e o mais caro da série, "O Segurador", foi vendido por cerca de R\$ 342 milhões.

O número de felizes em sociedades de Estônia na Grande SP chegou a 496, o maior número de felizes da lista.



Manutenção escolar devea ser feita antes de 30 de maio.

Em greve, policiais civis e militares não vão trabalhar.

LIQUIDAR O CREDITO PUBLICO

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

DETERMINAÇÃO NAS CARTAS DOS

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

PROTEÇÃO DO MERCADO

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

LIQUIDAR O CREDITO PUBLICO

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

DETERMINAÇÃO NAS CARTAS DOS

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

Os bancos e fundos de investimento estão se preparando para a possível saída do Brasil.

PROTEÇÃO DO MERCADO

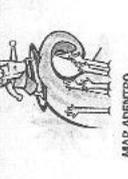
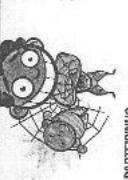
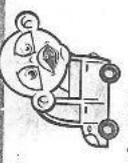
O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

O Banco de Brasília (BBAS) anunciou que vai emitir um novo título de dívida pública para levantar R\$ 10 bilhões.

HERÓIS



HERÓIS

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

HERÓIS

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Um herói ganhou um carro em uma competição de corrida.

Paralimpiada

47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

Foram 47 medalhas de ouro, 47 de prata e 47 de bronze.

HERÓIS



HERÓIS



IMAGEM DA SEMANA: Pessoas aglomeradas para tentar receber o equivalente a R\$ 770, doadas por um negociante de carros em Pasuruan (Indonésia), ao menos 23 morreram esmagadas em meio ao tumulto.

HERÓIS



HERÓIS



de incentivo ao esporte

Em meio à crise, estatal fecha programa que direcionaria verba à área em 2009

atrocínios em andamento, o vão do futebol ao surfe, porém, não correm risco de serem descontinuados, afirma assessoria de petrolífera

DUARDO OHATA
REPORTAGEM LOCAL

A Petrobras decidiu cancelar o programa pelo qual repassa a verba via lei de incentivo fiscal em 2009 para projetos ligados ao esporte. A notícia frustrou dirigentes que já contavam com a liberação do dinheiro. Em outubro, a estatal contabilizava R\$ 25 milhões que poderiam ser investidos pela lei. O anúncio aconteceu no momento em que a estatal sofre acusações de má gestão por causa de um empréstimo de R\$ 8 bilhões, com prazo de até seis meses de pagamento na CEF (Caixa Econômica Federal).

A assessoria de imprensa da estatal, porém, questionada sistematicamente pela Folha se existe conexão entre a crise e a decisão, negou reiteradamente essas hipóteses.

Segundo o departamento de comunicações da estatal, trata-se simplesmente de "uma adequação desse projeto". Uma nota sobre o encerramento do programa será colocada no site da Petrobras hoje.

Em um comunicado bastante conciso e acumulando aos reportagens de projetos, foi dada a justificativa de que "a eleição pública Petrobras Esporte & Cidadania 2008 não atingiu seus objetivos principais de maior abrangência nacional dos projetos e de privilegiar o desporto educacional". Por isso, segue o comunicado, "a seleção" está sendo cancelada... em mesmo tempo, novas orientações estão sendo repassadas para 2009". O epílogo do texto, que imprime certo tom de esperança, "a Petrobras agradece a sua participação e espera poder contar com a também em 2009", não atingiu o seu objetivo de diminuir a decepção de dirigentes.

A empresa informou que não foram cancelados patrocínios em andamento, como o do Flamengo e o da Confederação Brasileira de Handebol.

Dirigentes que faziam planos para o uso do dinheiro não escondiam insatisfação. "Linha muita gente contanto com esse dinheiro", lamenta Luiz Claudio Boselli, presidente da Confederação Brasileira de Boxe, que já havia apresen-

tado um projeto à Petrobras.

"Diversos presidentes de confederações estavam citados com esse anúncio. Mas acho que eles [na Petrobras] não contavam com essa crise."

Segundo o dirigente, em outubro, representantes da estatal informaram que poderiam investir em 2009 R\$ 25 milhões em projetos de esporte por meio da lei, pela qual a Petrobras destinou R\$ 27 milhões à preparação da delegação do país para os Jogos de Pequim.

Ainda segundo seu relato, com a justificativa de que não havia número suficiente de projetos inscritos, a Petrobras decidiu adiar o prazo de inscri-

ções para 31 de dezembro.

Outro presidente de confederação, que também apresentou projeto e pediu para não ser identificado, afirmou que acreditava que a verba poderia complementar o dinheiro da Lei Fiva, dinheiro das loterias direcionadas às confederações esportivas nacionais. Agora, está à procura de outras opções.

Não foram só os dirigentes de confederações que inscreveram projetos. O Comitê Olímpico Brasileiro, por exemplo, esperava receber dinheiro da empresa por meio de cinco projetos de lei de incentivo.

→ LEIA MAIS B8

PETROBRAS NO ESPORTE

Os patrocínios da estatal:

Preparação brasileira para Pequim	R\$ 27 mi
F-1	R\$ 20 mi
Flamengo	R\$ 16,5 mi
Confederação Brasileira de Handebol	R\$ 2,8 mi
Equipe Petrobras Paris-Dacar	R\$ 2 mi
Petrobras nas ondas	R\$ 1,4 mi



→ E mais
Copa Petrobras de Tênis
Team Scud Petrobras
Seletiva de kart

COB aumenta repasse de loterias às confederações

SÉRGIO RANGEL
DA SUCESSAL DO RIO

O presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, aumentou ontem o piso do repasse dos recursos da Lei Fiva, mas anunciou que os resultados esportivos em eventos internacionais terão influência na divisão do dinheiro a partir de 2009.

Oito meses após o ministro do Esporte, Orlando Silva Júnior, ter projetado o desempenho do país até os Jogos de 2016, Nuzman disse que o COB vai estabelecer já em janeiro metas aos dirigentes das confederações beneficiadas pela lei.

"Eles vão ter que dar uma perspectiva de resultado, que vai influir na diminuição e na valorização das cotas de cada um. Sei que isso vai trazer uma discussão nova para todos, mas vamos mudar", afirmou o dirigente, que se recusou neste ano a fazer uma previsão pública para os Jogos de Pequim.

Na China, o Brasil ficou em 23º lugar, com 15 medalhas, sendo três de ouro. O resultado não cumpriu a meta que o ministério estabeleceu. O governo previa que o país ficasse entre 16º e 20º lugar, igualando o posto obtido em Atenas-04 ou seu aproximando dele.

Para Londres-12, a idéia é o Brasil melhorar sua posição no

e o 15º lugar. Já nos Jogos de 2016, que o Rio disputa para ser sede, a previsão é que o país atinja a décima colocação.

"Já fui presidente de federações e todos têm metas. Vamos só colocar isso publicamente", disse Nuzman, acrescentando que o fim do ciclo olímpico ajudou na mudança das regras para a liberação da Lei Fiva.

Ontem, foram divulgados os valores que serão repassados às confederações. A cota mínima liberada pelo comitê subiu de R\$ 600 mil para R\$ 800 mil.

Basquete (R\$ 1,7 milhão) e remo (R\$ 1,6 milhão) receberão a maior cota (R\$ 2,5 milhões) serão atletas de federações, como o judô e esportes aquáticos.

Nuzman anunciou ontem que o projeto de candidatura do Rio aos Jogos-16 foi alterado. Basquete e natação serão realizados em arenas desmontáveis.

Não poderia, um ano antes, colocá-los em uma situação difícil. Já fui atleta e sei o que eles sentem. Agora, temos quatro anos e a regra está aí

CARLOS ARTHUR NUZMAN
presidente do COB, sobre a meritocracia

Reino Unido corta verba para 2012

DA REPORTAGEM LOCAL

Sede dos Jogos Olímpicos de 2012, o Reino Unido enxugou os gastos com a preparação de seus atletas e deixou modalidades pouco populares no país em alerta, sem a verba prometida para os próximos quatro anos.

A UK Sport, órgão atrelado ao governo responsável pelo desenvolvimento do esporte local e que distribui as verbas das loterias, anunciou ontem a divisão dos US\$ 364 milhões que serão desembolsados para a preparação para a competição de Londres.

A verba será dividida por 19 modalidades. O remo lidera a lista dos mais abastados, com US\$ 40,5 milhões. O principal critério para a divisão da verba foi investir nas modalidades que possam render mais medalhas "certas" para o país. Nos Jogos de Pequim-2008, o Reino Unido ficou em quarto no quadro de medalhas.

Novesportes (esgrima, vôlei de praia, vôlei, luta, tiro, levantamento de peso, pólo aquático, handebol e tênis de mesa) terão de dividir US\$ 18 milhões.

Na Olimpíada de Londres-2012, por ser país sede, o Reino Unido tem atletas pré-classificados em todas as provas. "Três meses após conseguirmos o melhor desempenho olímpico em cem anos, o governo falha em honrar a promessa de ajudar todos os esportes", disse Andy Hunt, chefe da Associação Olímpica Britânica.

"Para esses esportes, que têm um futuro financeiro incerto, dois anos de planos e investimentos foram jogados pelo ar."

Por conta da crise econômica mundial, o Reino Unido já havia cortado US\$ 140 milhões do fundo de cerca de US\$ 800 milhões anunciado em 2006 para os Jogos Olímpicos de 2008 e 2012.

"Nós não estamos abandonando essas pessoas [praticantes das modalidades com verbas menores], mas temos de nos focar na parte comercial, tomando decisões duras", afirmou, Sue Campbell, presidente da UK Sport.

Para a Paraolimpíada, 15 esportes irão dividir US\$ 66 milhões para atingir a meta de ficar em segundo no quadro de medalhas.

CARLOS ARTHUR NUZMAN
presidente do COB, sobre a meritocracia



Edmundo presta socorro após acidente em São

VASCO

Edmundo bate carro e de funcionário ferido no clube

DA SUCESSAL DO RIO

Edmundo se envolveu em acidente ontem no estacionamento do Vasco. Após o tremor, o atacante tentava deixar o clube de carro quando bateu numa escada e derrubou funcionários de empresa terceirizada que consertava o ar condicionado.

O homem, que não teve o nome revelado, caiu de uma altura de 3 m sobre o Audi do atleta e quebrou o braço. Edmundo socorreu o funcionário, mas não deu entrevista.

Esse é o terceiro acidente

que ele protagonizou, bateu de carro e que deixou três funcionários feridos em maio de 2005. Edmundo não comentou o acidente.



» VISITANTE INDIGESTO
Bombeiro apaga fogo gerado por bombas atiradas pela torcida do Dinamo do Zagreb, que parou por cinco minutos o jogo verídico do Udinese, na Itália, por 2 a 1

COPA DA UFFA BRASILEIROS BRILHAM NA VITÓRIA DO SEVILLA

Com dois gols de Luis Fabiano e um de Renato, o Sevilla bateu em casa o Partizan por 3 a 0. Após os jogos de ontem, cinco clubes avançaram ao mata-mata do torneio: Udinese, Galatasaray, Standard Liège

PALMEIRA Kléber na Libéria para não

DA REPORTAGEM LOCAL

O atacante dita que a pa Palmeiras nos-2009 pod negociação e mo do Kiev, direitos, e o cl "A Libéria meiro passo j que. Ai vêm entre dinhebi tante", falou vice-artibeir Brasileiro, co

Para ficar v tro primeiros ga, o Palmeir vencer o Bot Outra hipó do Flamengo contra o Alilé O Palmeir US\$ 8 milh R\$ 18,7 milh Kléber do Di 15, o atleta v tar sensibili te do clube, q novo emprés sísticos. "Mí lá pode ser e mo um ato d pero que ele

Caiu, bateu, doeu?
Passa gelol
que passa.
Indicação: para dor de cabeça, dor de dente, dor de garganta, dor de ouvido, dor de costas, dor de pernas, dor de ombros, dor de joelhos, dor de tornozelos, dor de punhos, dor de dedos, dor de nádegas, dor de pescoço, dor de braços, dor de mãos, dor de pés, dor de dedos dos pés, dor de dedos das mãos, dor de articulações, dor de músculos, dor de tendões, dor de ligamentos, dor de cartilagens, dor de ossos, dor de nervos, dor de pele, dor de olhos, dor de ouvidos, dor de nariz, dor de boca, dor de garganta, dor de língua, dor de dentes, dor de gengivas, dor de maxilar, dor de mandíbula, dor de queixo, dor de pescoço, dor de nuca, dor de costas, dor de ombros, dor de braços, dor de mãos, dor de dedos, dor de pés, dor de dedos dos pés, dor de dedos das mãos, dor de articulações, dor de músculos, dor de tendões, dor de ligamentos, dor de cartilagens, dor de ossos, dor de nervos, dor de pele, dor de olhos, dor de ouvidos, dor de nariz, dor de boca, dor de garganta, dor de língua, dor de dentes, dor de gengivas, dor de maxilar, dor de mandíbula, dor de queixo.

SAÚDE / PREVENÇÃO

Hospitais oferecem programa de check-up para adolescente

Bateria de exames laboratoriais e de imagem busca antever e prevenir doenças

EXAMES VERIFICAM PROBLEMAS DE SAÚDE

Veja alguns dos procedimentos oferecidos nos diferentes programas dos hospitais

CORAÇÃO

» Para detectar arritmias, possibilidade de infarto e morte súbita, o hipersensibilizado (HSA) faz um rol de exames que inclui eletrocardiograma, ecocardiograma e um teste de esforço que mostra como é a resistência e o trabalho de bombeamento

DOENÇAS RENAIS

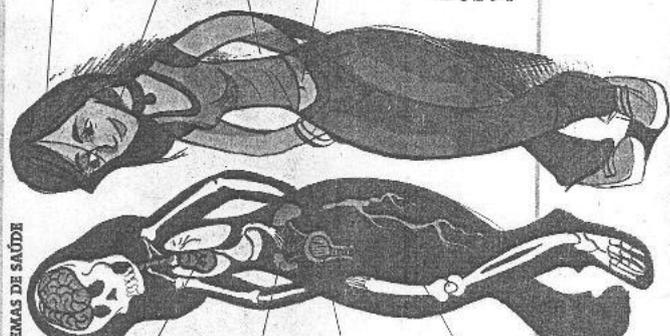
» Exames de urina e creatinina estão entre os que verificam a existência de alguma doença renal

ÓRGÃOS SEXUAIS

» Na entrevista, ainda é verificada a necessidade de orientação sobre o câncer com um ginecologista ou urologista

SANGUE

» Testes de glicose, colesterol, ferro, hormônios e uma série de substâncias. Um dos principais benefícios apontados é acompanhar a evolução ou, talvez, até o diagnóstico



EMOCIONAL

» O médico busca detectar alguma dificuldade de raciocínio, uma ansiedade excessiva em razão do vestibular, por exemplo, e pode examinar o jovem a um psicólogo

ESPIRIHAS

» Problemas de pele como espinhas, comuns em jovens, também são analisados

COLUNA

» Um raio-X da coluna examina se há lesões, algumas vezes causadas por uso errado da mochila

AValiação Nutricional

» Analisa o crescimento do jovem e dá orientações sobre dieta e obesidade

CONSULTA CLÍNICA

» Atendimento por um pediatra (medico do adolescente) e, por isso, mais indicado para adolescentes, para verificar possíveis problemas de família e necessidade de exames

Perguntas

1 Para que idade são voltados os check-up de adolescentes?

Geralmente são feitos crianças e adolescentes

Avaliação leva em conta manifestações mais comuns nos jovens, como a acne; programa, contudo, não é unanimidade entre médicos

Mais Saudável

TRATAMENTO HOMEOPÁTICO

DA REPORTAGEM LOCAL

São Paulo será palco no próximo dia 17 da Ação Homeopática em Saúde Oral promovida pela Associação Brasileira de Cirurgiões Dentistas Homeopatas, em apoio da Associação Paulista de Homeopatia. Voltada para profissionais e estudantes de herpetologia, a ação dará atendimento especializado na rua Doutor Bolog de Faria, 66, na Vila Mariana. Os selecionados poderão seguir em atendimento por até 180 dias em diferentes postos na capital. O agendamento deve ser feito até o dia 10 pelo 0/xx/11/5085-3141.

ESCOLHA SEU PRATO

Servei Lopez/Pablo Amador



52,67 kcal

Do Mineiro Assum (Embrapa de arroz com maçã)

Receita: Zélio de Kall



120,91 kcal

Do Mineiro Assum (Embrapa de arroz com arroz, cress, cebola, gengibre etc)

MITO OU VERDADE

Idade da mulher traz dificuldade para engravidar? Verdade. Segundo o diretor médico da clínica Pró Nascer, João Ricardo Antler, quando a mulher chega aos 35 anos, inicia-se uma nova etapa cronológica, que tem como uma de suas características a queda na qualidade dos óvulos. Por isso, a taxa de gravidez diminui e a ocorrência de abortos aumenta.



4 kcal por grama de gordura

EVENTO NO RIOÉ VOLTADO A GESTANTES
As futuras mães vão ter a oportunidade de esclarecer dúvidas com o professor de Ginecologia do Hospital Balbino no bairro de Olaria, no Rio. Assistência pré-natal, cuidados com recém-nascido...

1 Decalque quando a bebê estiver dormindo

Um ginecologista ou urologista

SANGUE
» Testes de urina, coleta de líquido, hormônios e exames de imagem são apontados como benefícios da triagem de diabetes

Lucia Siqueira/Arquivo

Avaliação leva em conta manifestações mais comuns nos jovens, como a acne; programa, contudo, não é unanimidade entre médicos

MIACROAMINO
BIOQUÍMICA LOCAL

A estudante angolana Gélica Dias Inácio, 15, diz que nunca passou por tantos exames na vida. Ela, que veio com a família de Angola para participar de um check-up do hospital Sirio-Libanês, em São Paulo, diz que acha importante monitorar a saúde para evitar que alguma doença pegue de surpresa a família e busque de check-up para adolescentes que ganham espaço em hospitais. Com uma história de exames de sangue, de coração, coluna, doenças reumáticas, de pele etc. os jovens são examinados "de cima a baixo" em busca de melhor acompanhar sua saúde, prevenir e detectar doenças em fase inicial.

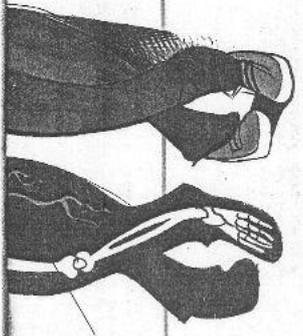
O serviço, porém, não é unanimidade e é alvo de críticas. No Sirio-Libanês, onde o programa é oferecido desde agosto, os jovens passam por uma série de exames laboratoriais, de imagem e até um teste de estresse, apontado como importante principalmente para quem frequenta academias de ginástica.

O coordenador do serviço, Roberto Yahi Filho, diz basear seus exames que não precisam esperar "os 50 anos" para um check-up. "Se o paciente tem anteceden-

tes familiares importantes, como casos de infarto, deve fazer exames. Em casos de diabetes, hipertensão ou obesidade também, para citar outros exemplos. Há diretrizes médicas que, dependendo da história familiar, recomendam a diabetes", afirma o médico em entrevista com exclusivos, grêmios e líderes de associações de imigrantes, os adolescentes se tornam mais um público a receber um check-up personalizado.

O HCOR (Hospital do Coração), zona sul de SP, passou a oferecer o produto nos últimos meses. A pediatra Cristiana Ximenes diz que o público jovem vem ao hospital por meio dos próprios executivos que já fazem o check-up. "Eles conseguem trazer os filhos para que pudesse fazer também".

No hospital, onde o preço de um check-up tem variado em torno de R\$ 2.000, há variações no programa segundo a idade. Um dos argumentos para a inclusão de exames de imagem é o histórico de saúde do paciente e seu histórico familiar", diz Lopes, segundo o qual a função de hepatista não é reconhecida como especialidade médica. O check-up é típico de hospitais de ponta para encaminhar o jovem a tratamentos específicos além do check-up.



CONSULTA CLÍNICA

A medição por um médico (médico da adolescência) é o ponto mais importante, segundo os especialistas, para verificar problemas, história familiar e necessidade de exames

Perguntas

1 Para que idade são voltados os check-up de adolescentes?

Esses exames são feitos em crianças e adolescentes entre os 10 e os 20 anos. A partir dessa idade, já é possível encontrar programas voltados a adultos ou a grupos específicos, como gays, lésbicas, comunidades de imigrantes

2 Qual é a diferença de um check-up no adolescente e no adulto?

O check-up no adolescente considera problemas físicos da idade e falta de formação física. Os exames aplicados em adolescentes incluem, entre outros, testes de função renal e hepática

3 De quanto em quanto tempo deve ser feito o check-up?

Há diretrizes sobre isso. Alguns médicos defendem que os exames sejam repetidos todos os anos, depois de um ano ou dois, dependendo da idade e da forma como se encontra a saúde. Há quem diga que o check-up deve ser feito anualmente, em média, a cada dois anos

COM TEXTOS DE FÁBIO DE OLIVEIRA E LUCIA SIQUEIRA



Arquivo/Arquivo/Arquivo

estágios. Segundo o ginecologista, o risco de aborto aumenta com a idade. Quando a mulher chega aos 35 anos, aumenta-se uma nova etapa cronológica, que tem como uma das suas características a queda na qualidade dos óvulos. Portanto, a taxa de gravidez diminui e a ocorrência de abortos aumenta.



4 A mulher depressiva pode ter filhos?

Depressão não impede a gravidez, mas pode afetar o desenvolvimento do feto. É importante que a mulher seja acompanhada por um médico durante a gestação. A depressão pode ser tratada com medicamentos, mas é importante que o médico saiba que a mulher está grávida.

5 Como saber se estou grávida?

Os sintomas mais comuns são: náusea, cansaço, aumento da urina, alterações no humor e falta de interesse por atividades que antes eram prazerosas.



MANUAL TRAZ DIREITOS DOS DEFICIENTES INTELECTUAIS
Defender os direitos humanos é valorizar a diversidade e promover a dignidade. Com esse tema, a Apate (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de São Paulo) e outras entidades relacionaram — como a Adene e Adid — lançaram no dia 25 de agosto o "Manual de Direitos Fundamentais da Pessoa com Deficiência Intelectual". O livro pode ser solicitado pelo 0xx11/3660-7128.

» Preços: 6 reais

Plantão Médico

Viagra é testado em doença pulmonar

co de vida, a recomendação da Sociedade Europeia de Cardiologia é o emprego limitado de drogas trombolíticas para dissolver os trombos das artérias pulmonares) ou a remoção cirúrgica, através de sucção por cateter, das pequenas formações de sangue coaguladas dos vasos pulmonares.

» mais@uol.com.br

TESTES DE ENXAQUECA NA GRANDE SP

VIU TO BRANCO?
COMUNICAÇÃO

Pesquisadores observaram uma possível utilidade para o uso de Viagra (sildenafil) em pacientes com doença pulmonar crônica. O estudo foi realizado em pacientes com doença pulmonar crônica e mostrou que o uso de Viagra melhorou a capacidade funcional dos pacientes.

O médico Jay Sathyanathan e colaboradores da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, realizaram na revista "The Lancet" o seu novo trabalho

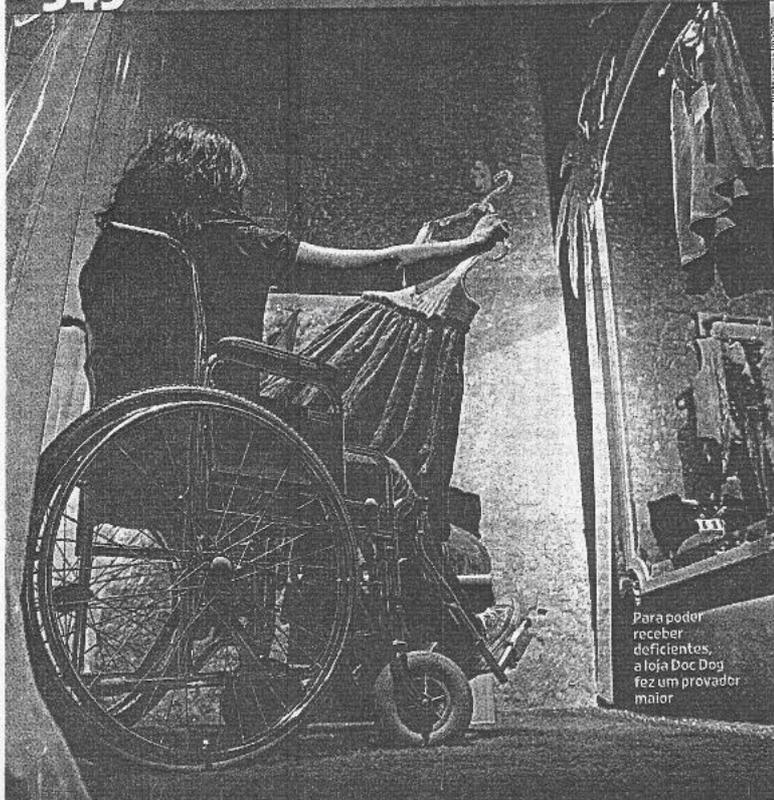
Classificados Negócios

FOLHA DE S. PAULO
DOMINGO, 7 DE SETEMBRO DE 2008 * PÁGINA 1

NO VERSO:
empregos

nas 345 anúncios

Para anunciar ligue 3224-4000 ou acesse www.folha.com.br
Você pode pagar em até 3 vezes no cartão de crédito



Para poder receber deficientes, a loja Doc Dog fez um provador maior

Saiba como mudar o ambiente e receber deficientes com

Acesso possível

FEIRAS
TENDÊNCIAS
DA ESCOLAR
Pág. 4

FRANQUIAS
NOVIDADES
DAS REDES
Pág. 4

- 1. SOBRIAS
- 2. EMPRESAS COMpra EVENÇOS
- 3. FRANQUIAS/EMPRESAS SOCIEDADES
- 4. BASTELISMO/PRODOTOS E SERVIÇOS
- 5. MÁQUINAS FOTÓGRÁFICAS
- 6. AGENCIAS DE PRODUÇÃO
- 7. AGENCIAS DE TURISMO
- 8. ANIM. / EVENTOS / FESTAS / BOUTES
- 9. ANIMAIS, PRODUTOS E SERVIÇOS
- 10. ANTIGUIDADES / COLEÇÕES
- 11. AR-CONFIRMADO / VENTURAÇÃO
- 12. ARTISTAS ESPORTIVOS / BEM-QUEDES
- 13. ASSISTÊNCIA MÉDICA / SAÚDE
- 14. MÚSICA CLÁSSICA
- 15. BEBIDAS / RESTAURANTE
- 16. COMPLEMENTOS
- 17. CONFECCIONARIA / BOUTES / ACESSÓRIOS
- 18. CONSTRUÇÃO / PRODUTOS E SERVIÇOS
- 19. CREDITOS E SERVIÇOS FINANCEIROS
- 20. DEDICACAO / DESEMPENHAMENTO
- 21. DETETIVE
- 22. DIVERSOS
- 23. ESOTERISMO
- 24. INFORMÁTICA
- 25. INSTRUMENTOS MUSICAIS
- 26. JOIAS
- 27. LIMPEZA / CONSERVAÇÃO
- 28. MATERIAS-PRIMAS
- 29. MÚSICA / SERVIÇOS RELIGIOSOS
- 30. MOVIMENTO BICICLETARIO
- 31. MOVIMENTO DECORACAO / BARRONDEIRA
- 32. NÁUTICA / AERONÁUTICA
- 33. OBJETOS DE ARTE / JOIAS
- 34. PISCINAS / SALINAS
- 35. PRODUTOS DE LETRADO / MÚSICA
- 36. PROFISSIONAL LIBERALS
- 37. SERVIÇOS FINANCEIROS
- 38. SEGURANÇA / PROTEÇÃO
- 39. SERVIÇOS DE INTERIORES
- 40. SERVIÇOS DE SAÚDE E TERAPÊUTICOS
- 41. TELECOMUNICAÇÕES
- 42. TELEMARKETING / PRESENTES / CESTAS
- 43. TENDÊNCIAS
- 44. TRANSPORTES / MOTOBIKES
- 45. TURISMO / BARRAS
- 46. ZOOLOGIA / ANIMAIS
- 47. CLINICAS DE MASSAGEM
- 48. CONEIRO
- 49. LIVRARIAS

ACESSO POSSÍVEL

Cliente com deficiência é bom nicho de mercado

Empreendimentos acessíveis ganham preferência desse público

MARIA CAROLINA NOMBUZA
DA REPORTAGEM LOCAL

O acesso ao mercado de trabalho para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida desperta um novo nicho de consumidores. Assim, empreendimentos acessíveis para esse público saem na frente.

"Essas pessoas começam a ter poder aquisitivo e a sair mais. Vão exigir que o local que frequentam esteja adequado", afirma a consultora Andrea Schwarz, 32, co-autora do "Guia São Paulo Adaptada 2007" (ed. O Nome da Rosa, 360 págs., R\$ 10) e sócia da local empresa que tem programas de empregabilidade e de responsabilidade social.

A nova exigência do público empresarial deve interferir para as determinações legais. Desde 24 de agosto, estabelecimentos que não oferecem acessibilidade física (leitura para deficientes visuais) poderão ser multados em até 500, segundo a lei municipal nº 14.753, sancionada neste ano.

Investimento

De acordo com a Laramara (Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual), o investimento para transformar um espaço em braille deve ser calculado pelo tamanho do mesmo. A tradução de uma página A4 com fonte tamanho 12 custa R\$ 1,20 (www.laramara.org.br). Na Fundação Dorina Nowill (www.fundacao.dorina.org.br), o orçamento varia conforme o pedido.

Mas não são só as normas pe-

ni deficientes visuais que geram punições a empresas.

O decreto nº 46.122, de 2004, que regulamentou a lei nº 11.945, de 1993, dispõe sobre a adequação das edificações à acessibilidade e já foi base para 39 multas aplicadas em estabelecimentos comerciais ou em locais de reunião em 2008 em São Paulo, de acordo com a Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras.

Em 2007, 68 multas foram aplicadas. O valor dessa penalidade é de R\$ 4.360, o equivalente a 50 UEMs (unidades básicas do município).

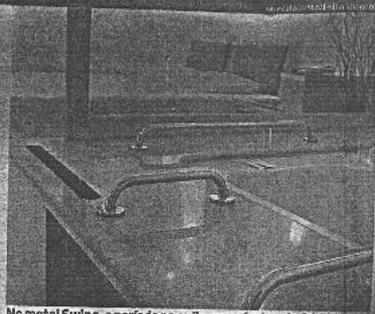
Regras

Para serem acessíveis, os estabelecimentos devem atender a requisitos de acessibilidade com qualificação mínima que comportam inspeções e insufláveis reprovatórias.

O estabelecimento que quiser conseguir-lo deverá estar de acordo com a NBR 9190, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (da mais na pág. 3).

Mas as normas para acessibilidade não param por aí. Tramita na Câmara dos Vereadores de São Paulo um projeto de lei da vereadora Mara Gabrilli (PSDB-SP), que é tetraplégica, que obriga a instalação de provedores de roupas acessíveis à população com deficiência e mobilidade reduzidas.

"Esse público não tem como experimentar a roupa. A maioria pega as peças e vai provar em casa, quando a loja permite", justifica Gabrilli.



No motel Swing, o período na suíte acessível custa R\$ 139



No Buena Vista Club, o banheiro acessível

Suíte tem baixa procura

DA REPORTAGEM LOCAL

Há cinco anos o Swing, que fica no oeste da capital, oferece uma suíte para pessoas com deficiência física. Mas a procura é baixa. O caso é um exemplo de como a adaptação de estabelecimentos para esse público ainda é limitada.

De Ven. Moraes/Red. Imagem

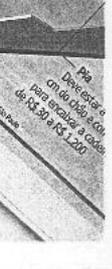
Cada adaptação para o local planejado para planejar a adequação às nor...

Do inflexo... as modificações são mais levadas em conta do que a reforma de um espaço. Se o projeto for aprovado, o estabelecimento terá que fazer a adequação de acordo com o projeto aprovado. O custo do empreendimento acessível pode variar de R\$ 10 mil a R\$ 50 mil, dependendo do tipo de adaptação necessária. O custo de uma rampa de acesso pode ser de R\$ 100 a R\$ 200, dependendo do tipo de rampa e do material utilizado. O custo de uma porta automática pode ser de R\$ 500 a R\$ 1.000, dependendo do modelo e do tamanho. O custo de uma banheira acessível pode ser de R\$ 1.000 a R\$ 2.000, dependendo do modelo e do tamanho. O custo de uma cadeira de rodas pode ser de R\$ 500 a R\$ 1.000, dependendo do modelo e do tamanho.

Visão sanitário... Deve ter altura de 49 cm. Pode-se controlar um vaso sanitário com um botão de pressão. O vaso sanitário deve ter uma altura de 49 cm. O vaso sanitário deve ter uma altura de 49 cm. O vaso sanitário deve ter uma altura de 49 cm.

Disponíveis... Rato interno de 1,5 m, para que o cadeirante possa se locomover sozinho. Se o banheiro for externo, a porta de entrada deverá ficar entre a pia e o vaso sanitário.

Pia... Deve estar a 80 cm do chão para facilitar a cadeira de R\$ 50 a R\$ 120.



ACESSO POSSÍVEL

Custo de adaptação do local deve ser planejado

Reforma total do estabelecimento barateia a adequação às normas

DA REPORTAGEM LOCAL

Apesar de a adequação às normas de acessibilidade não ser obrigatória para estabelecimentos com capacidade de receber menos de cem pessoas, transformar o negócio em um local acessível para deficientes pode trazer ao negócio, além de valor agregado, a possibilidade de atrair esse público.

De acordo com Tales Andreassi, professor de empreendedorismo da FGV (Fundação Getúlio Vargas), os consumidores tendem a ver com bons olhos empresas que têm atitudes de responsabilidade social. "O empresário que já tem o negócio montado pode fazer mudanças de acordo com essas possibilidades financeiras", explica Andreassi.

Alta de custos
Quando Luis Fernando Esquivel, arquiteto do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, comenta, que tem projetos de inclusão social para pessoas com deficiência, o custo da adequação não é necessariamente baixo.

Esquivel modifica o local muito. Por exemplo, em duas possibilidades: trocar o vaso sanitário por um vaso com 45 cm de altura para o usuário com deficiência. Ou pedir para o usuário com deficiência usar o vaso atual em um espaço mais amplo, com uma rampa de acesso e uma porta de entrada mais ampla.

fazer a reforma, o empresário deve ter em mente que o princípio de acessibilidade é permitir que qualquer um vá sozinho, sem precisar de ajuda para se movimentar. "É um desenho universal, que contempla desde idosos até pessoas sem deficiência."

Do início

As modificações são mais baratas quando a reforma é geral, segundo a arquiteta Analu Andrade. "Se o projeto for concebido desde o início para atender às exigências de acessibilidade, ficará 15% mais caro."

Foi a opção do empresário Rogério Alonso Pires, sócio-proprietário do Bar do Armesto. "Para abrimos o bar, já tínhamos de ser acessíveis por lei. Quando reformamos o local, aproveitamos para ter o banheiro adequado", conta.

Apesar de não serem acessíveis nos termos da ABNT, os provedores da loja Doc Dog do Shopping Market Place foram concebidos para serem maiores do que os de outras lojas, diz a proprietária, Thais Protti.

"Temos poucos clientes deficientes. Mas é bom poder recebê-los", comenta. O provedor tem 1,4 m², contra os 80 cm² de outros locais da marca.

A possibilidade de receber todo tipo de público é a maior vantagem que o empresário tem, segundo a vereadora Mara Gabrilli. "Não falo só de pessoas com deficiência, mas de idosos e de quem tem a mobilidade temporariamente reduzida com uma perna quebrada, por exemplo." (MCO)

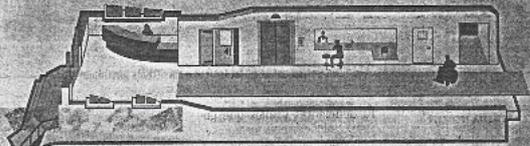
CAMINHO ACESSÍVEL

Como reformar o empreendimento

Se o empresário fizer o projeto de acessibilidade na planta, as alterações terão custo praticamente equivalente ao de uma construção não-acessível.

Se o projeto for planejado quando o imóvel já estiver construído, o empresário deverá atender nas seguintes alterações:

- Balcão de atendimento**
Deve ter uma parte mais baixa, com cerca de 70 cm de altura. O normal é que tenha 1,1 m.
- Elevador**
Pode custar de R\$ 40 mil a R\$ 60 mil.
- Portas**
Devem ser, preferencialmente, de correr, que são mais fáceis de abrir e fechar.



- Rampa**
Deve obedecer às normas da ABNT.
- Piso**
Preferencialmente antiderrapante.
- Cardápio**
Deve ser traduzido para o braille.
- Corredor**
Deve ter, no mínimo, 90 cm de largura.

O LOCAL ACESSÍVEL SEGUIE TRÊS PRINCÍPIOS BÁSICOS:

Adaptabilidade
O usuário não depende de ninguém para se movimentar.

Acessibilidade
Não há barreiras no caminho.

Segurança
O local está devidamente iluminado e sinalizado.

Barras
Podem ser encontradas por R\$ 200. São necessárias no mínimo duas para que o cadeirante consiga transferir-se da cadeira para o vaso.

Vaso sanitário
Deve ter altura de 45 cm. Pode-se comprar um vaso adaptado, que chega a R\$ 300, ou elevar o vaso comum com alvenaria. A válvula deve ser de fácil acionamento.

Interruptor
Deve estar a 1 m de altura.

Espelho
Deve estar inclinado em cerca de 10 graus.

Torneira
Deve ser acionada por uma alavanca. Varia de R\$ 100 a R\$ 300.

Dimensões
Raio interno de 1,5 m, para que o cadeirante possa se locomover sozinho. Se o banheiro for pequeno, a porta de entrada deverá ficar entre a pia e o vaso sanitário.

Piso
Deve estar a uma altura de 60 cm do chão e como o piso livre para anexar a cadeira, custam de R\$ 30 a R\$ 1.200.

Reforma incentiva adaptação

va ao bom senso, da hipocrisia, que não precisaria nem ser disputado por lei. É absurdo terem que entrar na Justiça para garantir acessibilidade. Acho que os moradores desse prédio estão precisando de uma conscientização dos direitos do deficiente", afirma a vendedora.

Benefícios? Privilegio? Deus me livre se alguma, como a minha mulher, precisar do "privilegio" de ficar preso a uma cadeira de rodas

JOSE ANTONIO FANTIN economista e marido da cadeirante

... das vagas pretendi-se por...
... primeiro, quando o marido...
... condições econômicas...
... simples, com o argumento de...
... que ela presta serviços à noite...
... não havia "concessão a ne-...
... alguns moradores".
... O marido da cadeirante, o...
... disse que soube pelo...
... de vaga. Quando pediu por es-...
... crito uma explicação, a admi-...
... nistradora do prédio respon-...
... deu por e-mail: "Os condômi-...
... nos definiram que nem os ido-...
... nentes nem os deficientes terão...
... benefícios, já que isso fere o di-...
... reito de propriedade".
... De "benefícios" Privilegio?
... De "benefícios" Privilegio? Como...
... minha mulher precisa de uma ca-...
... deira de rodas", afirmou ele.

... (sem cursos atrás) e mais...
... 12 anos de uma doença chama-...
... da, Joseph Machado, que é de-...
... rito de toda pessoa ser tratado...
... para o de frente sair— e que é a...
... mação nos cursos, naturalmente...
... Há oito anos, sem o monó-...
... mento das pernas, a psicóloga...
... precisou ser colocada em uma

... das vagas pretendi-se por...
... primeiro, quando o marido...
... condições econômicas...
... simples, com o argumento de...
... que ela presta serviços à noite...
... não havia "concessão a ne-...
... alguns moradores".
... O marido da cadeirante, o...
... disse que soube pelo...
... de vaga. Quando pediu por es-...
... crito uma explicação, a admi-...
... nistradora do prédio respon-...
... deu por e-mail: "Os condômi-...
... nos definiram que nem os ido-...
... nentes nem os deficientes terão...
... benefícios, já que isso fere o di-...
... reito de propriedade".
... De "benefícios" Privilegio?
... De "benefícios" Privilegio? Como...
... minha mulher precisa de uma ca-...
... deira de rodas", afirmou ele.

... das vagas pretendi-se por...
... primeiro, quando o marido...
... condições econômicas...
... simples, com o argumento de...
... que ela presta serviços à noite...
... não havia "concessão a ne-...
... alguns moradores".
... O marido da cadeirante, o...
... disse que soube pelo...
... de vaga. Quando pediu por es-...
... crito uma explicação, a admi-...
... nistradora do prédio respon-...
... deu por e-mail: "Os condômi-...
... nos definiram que nem os ido-...
... nentes nem os deficientes terão...
... benefícios, já que isso fere o di-...
... reito de propriedade".
... De "benefícios" Privilegio?
... De "benefícios" Privilegio? Como...
... minha mulher precisa de uma ca-...
... deira de rodas", afirmou ele.

40%

dos paulistanos em trevos, ladeados pela Dataroh, deram no zero para a acessibilidade na cidade

2,4

a nota que São Paulo recebeu para acessibilidade em 2008, de acordo com o relatório de 25 de fevereiro e 21 de julho

Em 11 Estados, campanha anti-rubéola vai até o dia 19

Imunização atingiu 53,4 milhões; meta era 70 milhões

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA EDUARDO MARQUES PARA A POB

A campanha de vacinação contra a rubéola deverá concluir-se em 19 de setembro. O Ministério da Saúde recomendou ontem —dia previsto para o encerramento da campanha— que todos os Estados, com exceção de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Goiás, prosseguam com a vacinação.

A pasta divulgou ontem balanço que mostra que 53,4 milhões de pessoas foram imunizadas durante a campanha, que começou no dia 9 de agosto. O total representa 76,23% de cobertura, segundo o Ministério da Saúde.

Para explicar os motivos da prorrogação da campanha em 11 Estados, a coordenadora do programa nacional de imunizações do Ministério, Maria Luíza, disse ontem que a campanha teve dificuldades de execução em alguns Estados devido ao clima e a logística. "Há também Estados estratégicos, com população muito grande, como o Rio e São Paulo,

RUBÉOLA

Vacinação é prorrogada até 19 de setembro

Campanha foi prorrogada em 11 Estados: AC, AP, AM, GO, PA, RJ, RS, RO, RR, SP e TO

52,4 milhões de pessoas foram vacinadas em todo o país até 18 de setembro

70 milhões é o número de pessoas que o Ministério da Saúde espera vacinar

QUE É A RUBÉOLA

Doença infecto-contagiosa causada por vírus que afeta, principalmente, crianças

SINTOMAS

Febre, manchas avermelhadas na pele, sintomas na região do pescoço, perda de apetite, e inchaço de glândulas linfáticas e maldade, coriza e tosse

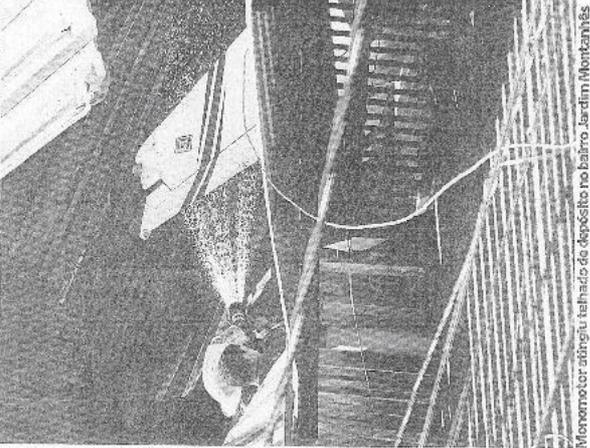
TRANSMISSÃO

Por contato direto com uma pessoa infectada ou com secreções do nariz ou boca da doente

TRATAMENTO

Consiste em controlar a temperatura corporal por meio de banhos mornos ou frios, ingestão de líquidos e repouso

MINAS GERAIS



Albino José, 70 anos

Motorista atingiu no bairro Jardim Montanhês

3 se ferem após avião cair em BH

DA AGENCIA FOLHA

Um avião monomotor caiu ontem sobre um depósito em Belo Horizonte, ferindo as três pessoas que estavam a bordo. O local ficou parcialmente desativado, segundo a Infraero (autoridade nacional dos aeroportos), a aeronave cessou a cabotagem e o procedimento de pouso no aeródromo Carlos Prates, na região noroeste da cidade.

De acordo com o órgão, o piloto abortou uma tentativa de pouso antes da queda e arremeteu. O avião, uma aeronave de Curvelo (627 km de Belo Horizonte), atingiu um depósito de combustível e controlaram um vazamento de combustível e evitaram um incêndio.

O avião também atingiu instalações da rede elétrica da região. O Centro de Controle de Tráfego Aéreo (Cenbraea) do Departamento de Aviação Civil (DEAC) informou que a aeronave não tinha combustível suficiente para pousar no aeroporto. O acidente ocorreu às 15h30 de ontem.

ALTA FIDELIDADE

Morador da região reclamada falta de infra-estrutura

Mesmo sofrendo com falta de escolas, de opções de transporte e de áreas de lazer, região apresenta alto índice de fidelidade

TATIANA BERNINI LILH
COLOMBA, 30 PARANÁ, FOLHA 1

Os moradores da região noroeste pedem muitas melhorias, mas não deixam de se orgulhar das particularidades locais. Apesar das dificuldades, a autenticidade produzida pelas áreas de lazer e de locais para praticar esportes.

Dizem que o asfalto das ruas é ruim e que a acessibilidade para deficientes físicos deixa a desejar, assim como a qualidade de vida. Mas, ainda assim, preferem permanecer.

A região noroeste ficou pior do que a média da cidade em todos os quesitos citados acima. Somam-se ainda aos problemas a falta de atividades culturais e a ausência de espaços para lazer. Os índices são: 2,9 para a infraestrutura, 3,2 e 3,2, respectivamente.

“No final de semana, a gente vai à igreja e à tarde ficamos sentadas no porto de casa conversando porque não tem para onde ir”, conta a dona de casa Alzira Aponezo de Castro Lima, 55. Na região, existem por-

tas opções culturais: há apenas 11 bibliotecas públicas, de acordo com dados de 2006 da Secretaria Municipal de Planejamento — nenhuma nos bairros de Alhangá e Verde e Caciboní. Não há nenhum teatro ou sala de cinema. Os únicos teatros da área são os quatro CEUs (Espaços Culturais) que existem em níveis na região.

A infra-estrutura de saúde e de educação também não é das melhores. A região noroeste é a área da cidade que possui o menor número de hospitais — 13 unidades de saúde, com uma média de um hospital para 145 mil pessoas, taxa menor apenas que a do extremo sul, que dispõe de um hospital para 173 mil moradores.

No região, existem 1.920 escolas (0,06% da população há na cidade), o valor em creches e pré-escolas, segundo a Secretaria Municipal de Educação.

Correr pelas ruas
Sem vagas na escola e sem brincar onde brincar, o “playground” das crianças é a rua. Moras fi-

das crianças têm onde brincar. As crianças ficam muito felizes quando por aqui. Maria de Oliveira, 36, cujos filhos brincam em uma via onde carros disputam espaço com caminhões. “Mas de resto, não tenho do que me queixar.”

A dona-de-casa cupressuza fideliza dos 71% de entrevistados da região que não pensam em mudar de destino. Apesar dos problemas, os moradores afirmam que a vida melhorou nos últimos cinco anos (61,4%, para uma média da cidade de 69%).

A explicação para o apego de paradoso vem de Santa Maria de África, 70. “Aqui nunca precisei alugar. Cheguei em 1964, quando era só mata. Agora melhorou muito”, ressalta.

A baixa percepção de violência é outro fator que estimula os moradores a se manterem no local. Apenas 7% dos entrevistados da região acreditam no alto índice de roubos, taxa de 8,3%.



Córrego e céu visto no Jardim Damasceno, na Brasília-dia

TRAVAS ELÉTRICAS, PORTA-OBIETOS, R\$ 449, AR QUENTE, CONTA-GIROS E MUITO MAIS. O CELTA SAMPA É TÃO BARATO QUE ATÉ A PARCELA PARECE ACESSÓRIO.
CELTA SAMPA. UM CARRO MUITO MAIS COMPLETO POR MUITO MENOS.

Baixinhos

O MEC prepara para o próximo ano o que o ministro Fernando Haddad, titular da pasta, está chamando de "último pacote" de sua gestão: um projeto para tornar obrigatório o ensino dos quatro aos 17 anos de idade no Brasil — e não apenas dos seis aos 14, como hoje prevê a lei. Problemas: os estados e municípios não conseguem sequer acolher, em sua totalidade, as crianças de seis anos que passaram a obrigar de ir para a escola.

MAIS E MELHOR

Para embasar o projeto, que deve ser enviado no Congresso no começo do próximo ano, o MEC tem uma pesquisa que mostra que crianças que fazem a pré-escola (dos quatro aos seis anos) tem 32% mais chances de concluir o ensino médio.

REFORÇO

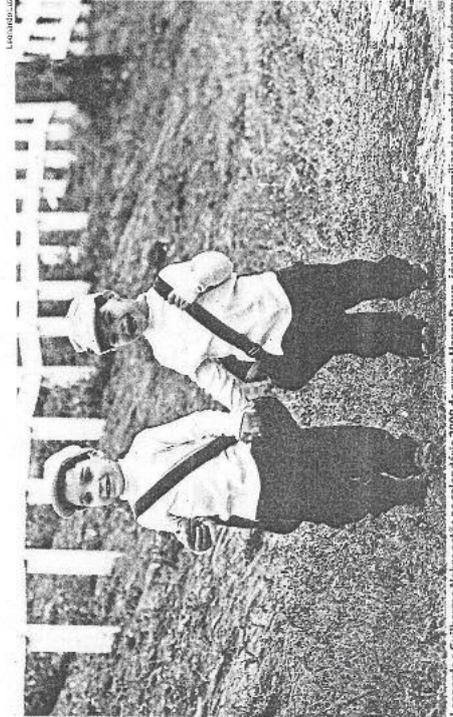
A Anac (Associação Nacional de Aviação Civil) vai abrir concurso para contratar 400 inspetores de aviação civil.

SINTA-SE EM CASA

Luiz Maranhão (PT-SP), presidente eleito de São Bernardo do Campo e xodó de Lula, vai dar uma força para o filme que Fábio Barreto faz sobre a história do presidente. Ele vai casar os estudos de Barreto com o seu, como um cidadão. "Cecília" (2008), por exemplo, "Cecília" (2008) para a produção de "Lula e o Filho do Brasil". Maranhão também atua na associação comercial para que empreendedores

Mônica Bergamo

bergamo@folha.com.br



Leonardo e Guilherme Nobre estão no calendário 2009 do grupo Happy Down, idealizado por famílias de portadores da síndrome

Leo Nobre/AGF

PONTO FINAL
Quartinho de Moraes está deixando Filouro, da qual era editor-associado.

A LISTA

Os processos de todo o país entrarão ao Ministério da Justiça em um levantamento sobre empresas que estão em condições de seguir os novos regras dos call centers, que entram em vigor hoje. Empresas como a no mundo de trabalho, não tem uma ideia clara de qual a empresa de até 183 milhões. De acordo com o estudo, se declararam preparadas Claro, GVT, TIM, Rumo do Brasil, Verorandim, Sufra, GE Capital, Res-ABN, Unicaard, Ibi, Hypercard, Fininvest e Citicard.

MALA E CUIA

O cartista Marcelo Camelo, ex-ocultista do Los Hermanos, está procurando uma casa para morar em São Paulo.

BOI NA LINHA

Uma missão do governo chileno chega hoje ao Brasil para inspecionar os frigoríficos dos Estados de SP, Mato Grosso, Goiás, Minas e Espírito Santo. Se aprovados, esses estabelecimentos poderão exportar carne bovina "in natura" para o país. Atualmente, só o Mato Grosso do Sul vende o produto para o Chile. Os frigoríficos em questão são 10 e têm capacidade de 2.500 toneladas formatadas por dia.

VIA AÉREA

O ex-ministro Adil Jacarcio da Saúde, logo para o ministro José Gomes Temporão se colocando à disposição para mobilizar a rede de hospitais de excelência — seis instituições públicas que mantêm convênio com o SUS — para ajudar São Paulo a enfrentar a epidemia de dengue. O ministro também vai visitar, neste mês, alguns estados, como Pernambuco e Rio Grande do Sul, para avaliar o trabalho de combate à doença.

Mamãe, eu também quero colo

Defesa de Carolina de Divina e Amigos dos Excepcionais de São Paulo está distribuído. A ideia é criar um espaço de acolhimento para crianças com deficiência intelectual e física. O projeto é liderado por Carolina de Divina, mãe de uma criança com deficiência intelectual. Ela quer criar um espaço onde as crianças possam aprender e se desenvolver. O projeto é financiado por uma empresa privada. Carolina de Divina quer criar um espaço onde as crianças possam aprender e se desenvolver. O projeto é financiado por uma empresa privada. Carolina de Divina quer criar um espaço onde as crianças possam aprender e se desenvolver. O projeto é financiado por uma empresa privada.

gobundagem. O "normal" é considerado um fazendeiro por não ter tido problemas. Da criança, ela tem deficiência intelectual. Ela quer criar um espaço onde as crianças possam aprender e se desenvolver. O projeto é financiado por uma empresa privada. Carolina de Divina quer criar um espaço onde as crianças possam aprender e se desenvolver. O projeto é financiado por uma empresa privada.

Tendências Debates

Os artigos publicados com assinatura não refletem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

Diversidade e cidadania

JOSÉ SERRA e LINAMARA RIZZO BATTISTELLA

A DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos, marco histórico do respeito à diversidade, proclama a igualdade de todos os seres humanos em direitos e dignidade. No mundo de hoje, sob essa inspiração, governos e organismos internacionais combatem a exclusão e tentam criar sociedades para todos. Mas as tendências à desigualdade e a herança das mudanças impõem estratégias muito determinadas para garantir os avanços mínimos aos setores mais vulneráveis da sociedade.

Dos 25 milhões de brasileiros com deficiência, pelo menos 4 milhões estão no Estado de São Paulo. Para que as políticas públicas cheguem a essas pessoas de forma resoluntiva, o governo de São Paulo criou, no início deste ano, a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Seguiu o exemplo da prefeitura da capital paulista, onde, em 2005, criamos uma secretaria municipal voltada ao mesmo propósito (chefiada pela atual vereadora Mara Gabrielli).

O exercício da cidadania da pessoa com deficiência tem mão dupla. De um lado, a sociedade deve prover a todos a inclusão; de outro, o portador de deficiência deve ter efetivo poder em relação ao seu direito de acesso a bens, produtos e serviços.

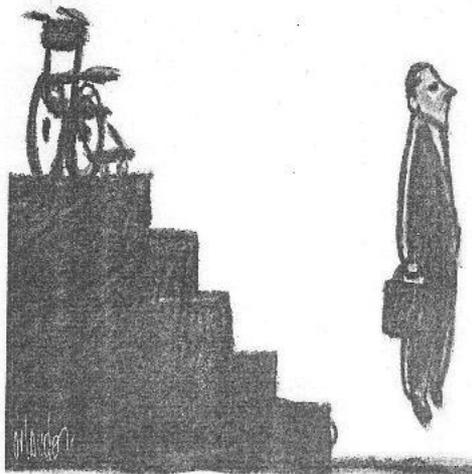
A política que traçamos no Ministério da Saúde em 2001 resultou na criação, neste governo, da Rede de Reabilitação Lucy Montoro, que terá unidades em seis macrorregiões do Estado.

Esses hospitais, além de dispor de médicos fisiatras e equipes multidisciplinares completas, trabalharão para mudar paradigmas e dar acesso às modernas tecnologias para a vida independente e a inclusão no mercado de trabalho.

Já há dois em andamento: um em Campinas, o outro na cidade de São Paulo. Até o final do governo, teremos concluído e colocado em funcionamento todos os seis centros, cuja capacidade será de 450 mil atendimentos por mês.

Serão centros de referência, incorporando todas as tecnologias mais modernas, formando e aperfeiçoando os profissionais da área e exercendo um poderoso efeito na expansão do atendimento de reabilitação, apoiados por uma unidade móvel lançada hoje que percorrerá as mais diversas regiões do Estado, ampliando o acesso aos serviços da rede.

O caminho percorrido até aqui não foi tão longo. Embora os registros históricos no Brasil nos remetam ao século 19, quando da fundação do Icaal Instituto de Mentinos Cegos (1857), somente na década de 1980 foi defini-



Dos 25 milhões de brasileiros com deficiência, pelo menos 4 milhões estão no Estado de São Paulo

do o Ano Internacional da Pessoa Deficiente (1981), seguido pela Década da Pessoa Deficiente (1982-1992).

Desde então, houve um efetivo amadurecimento do Estado na definição de políticas voltadas à inclusão social, que acompanhou o fortalecimento do SUS (Sistema Único de Saúde), incorporando, em 1992, os procedimentos legais para a oferta de órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção.

No governo Fernando Henrique Cardoso, as políticas públicas nessa área deram um salto.

Com a edição, em 1999, do decreto nº 3.298, que regulamentou a lei nº 7.853/69, o Ministério da Saúde criou as redes estaduais de assistência à pessoa com deficiência, privilegiando serviços hierarquizados e descentralizados. Pela primeira vez, previu-se que as políticas de governo deveriam dar atenção integral à pessoa com deficiência, um trabalho que não se li-

mita ao aspecto da saúde. Isso, sobretudo, a sua inclusão plena em todas as esferas da vida social.

Isso significa tornar a sociedade mais acessível às pessoas com deficiência sob vários pontos de vista: arquitetônico — sem barreiras ambientais; comunicacional — sem barreiras na comunicação interpessoal, escrita e virtual; metodológico — sem barreiras nos métodos e técnicas de estudo ou trabalho; instrumental — sem barreiras nas ferramentas de trabalho, estudo ou lazer; programática — sem barreiras embutidas em leis, normas, decretos e regulamentos; e atitudinal — sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações.

Inclusão é um valor de toda a sociedade que acolhe pessoas com e sem deficiência. Só haverá cidadania a partir do reconhecimento de que somos todos diferentes. O acesso igualitário aos serviços, à tecnologia, ao mercado de trabalho e à garantia da integralidade na saúde, na educação e na moradia acessível não é um favor: é um direito.

JOSÉ SERRA, economista, é o governador de São Paulo. Foi senador pelo PSD-SP (1995-2002), ministro do Planejamento e da Saúde (opositor). Foi ainda o primeiro ministro do Trabalho do Brasil (2003-2005).
LINAMARA RIZZO BATTISTELLA, médica fonoaudióloga, é professora associada da Faculdade de Medicina da USP e presidente brasileira da ISPRM (International Society of Physical and Rehabilitation Medicine).

F
o
lin
ca

u

O

co

20

sin

libé

gia

du

cat

cor

e

set

do

o

oc

ele

da

pre

ra

era

qui

tas

abr

Q

ma

do

Fu

s

sof

pre

de

cle

Te

cla

I

10

De

cos

mã

Br

res

que

goc

lha

po

du

20

ra

He

pa

bill

Gê

cio

Oá

a a

cor

na

pr

ser

nã

pre

de

Pr

a i

do

vat

en

ria

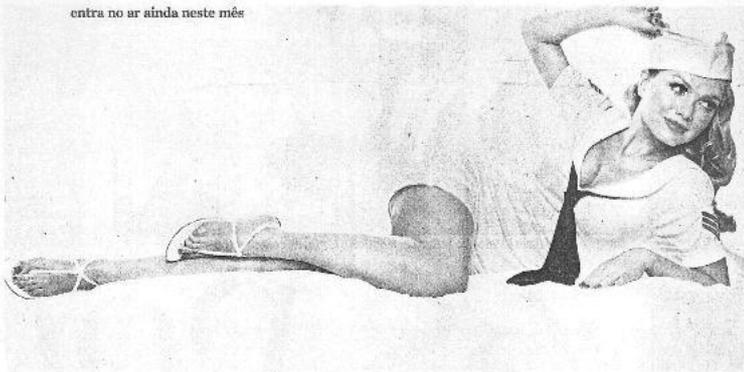
US

Se

Jo

ol

entra no ar ainda neste mês



Camargo, que se saiu bem por Rosana Camargo de Arrudo Botelho, da Camargo Corrêa, diz que está muito satisfeita com o resultado já que poucas peças foram leiloadas: três vestidos, dois relógios e um colar. Na última hora, o cantor Carlinhos Brown, que cantou na festa, doou seu gorro, que foi arrematado por R\$ 2 mil.

DOCE LAR

Já o setor de imóveis de luxo sente a crise, mas nem tanto: a JHSF vendeu 15 dos 25 apartamentos de R\$ 4,5 milhões que serão construídos onde antes funcionava o Café Photo.

O PRISIONEIRO

O escritor e jornalista Fernando Morais passou algumas horas de lido no aeroporto de Brasília, em Madrid, na semana passada. Confundido com um traficante de drogas português que tem o mesmo nome, teve que repetir e repetir que estava na cidade apenas para lançar o livro "O Mago", ou "El Mago", sobre Paulo Coelho.

CRIAR MEU WEBSITE

Gilberto Gil lançou o concurso YouTubequê para cliques com versões de suas músicas na internet. Os interessados devem gravar o vídeo e colocar no YouTube para concorrer a kits do "Banda Larga Cordel".

DEVOLVENDO DINHEIRO

A Bienal de SP deixou de captar mais de R\$ 1,2 milhão para investir em um dos projetos técnicos da mostra neste ano. A verba de captação via Lei Rouanet, de R\$ 5,133 milhões, foi aprovada no começo do ano pelo Ministério da Cultura. Mas a instituição só arrecadou R\$ 3,852 milhões. A Bienal diz que "o projeto passou por ajustes e seu orçamento diminuiu".

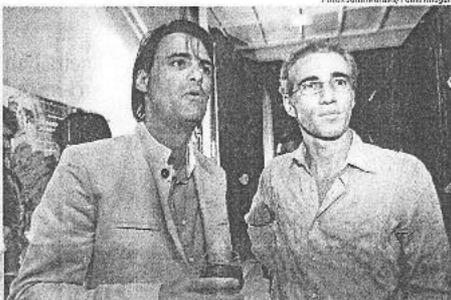
RADICAL DEMAIS

A Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência de SP vai implantar dois centros esportivos adaptados no Estado. Vai gastar R\$ 20 milhões para reformar o conjunto Baby Barioni, na capital, e construir outro no interior. A bocha, o voleibol e o kart foram apontados como inclusivos, mas a secretária Linamar Batistella abriu mão do esporte motorizado por considerá-lo "radical demais".

Fotos: Julia Mariani/Folha Imagem



Tereza Cruvinel em evento da TV Brasil



Caio Gullane e Luiz Bolognesi na estreia do canal digital da emissora



O economista Luiz Gonzaga Belluzzo, antontem



O secretário dos negócios jurídicos da Prefeitura de SP, Claudio Lembo, na Vila Leopoldina

Denise Jardim e Beth Prado no lançamento do livro 'Eu Que Amo Tanto'



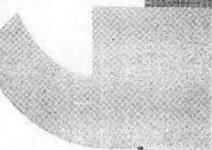
Mariia Gabriela e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho em noite de autógrafos

CURTO-CIRCUITO

ACONTECE HOJE, às 19h, no MABE, o lançamento do livro "Vida e Obra de Isabelle Tuchsband", com exposição de obras da artista plástica. A publicação faz parte da série "Resgatando Cultura", do Instituto Olga Kos.



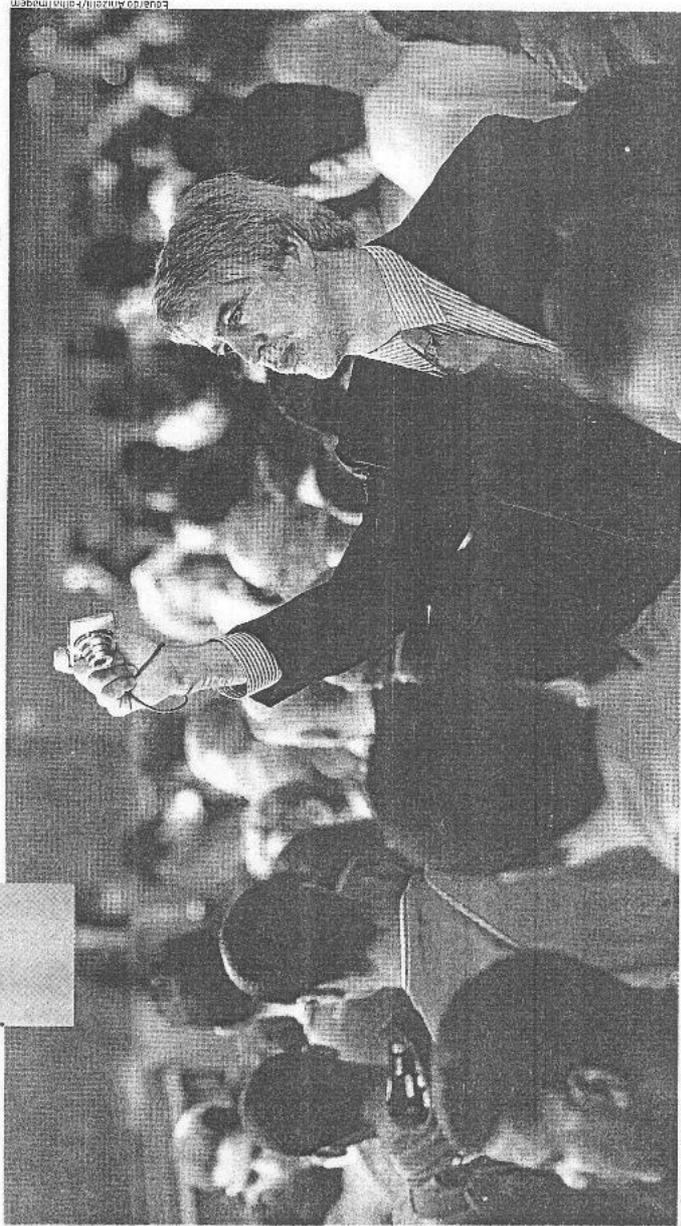
ENTREVISTA ENRIQUE PENALOSA



Se pudesse, amarrava o secretário de Planejamento numa cadeira de rodas e dizia: vá andar pela sua cidade



A classe média só quer mais espaço para os carros. [...] Pode passar meses sem andar em um quarteirão



Enrique Penalosa, ex-prefeito de Bogotá, na estação Sé do metrô de São Paulo; urbanista participou do Urban Age, evento internacional que terminou ontem

Urban Age foca nas intervenções urbanas de SP

DA REPORTAGEM LOCAL

O segundo e último dia do Urban Age, conferência internacional para discutir os rumos das grandes cidades do mundo, tendo São Paulo como foco desta edição, direcionou o debate para as intervenções urbanas realizadas na capital.

A professora do LabHab (Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos) da FAL (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da USP Ermínia Maricato chamou a atenção para as dificuldades e os conflitos existentes por trás das mudanças que se tenta fazer em São Paulo e ressaltou a ocupação ilegal de parte significativa do território brasileiro.

"Nas regiões Norte e Nordeste, há 90% de informalidade da ocupação do solo", afirmou Ermínia, acrescentando que para tirar a população das áreas de proteção ambiental é preciso mudar o mercado imobiliário.

Para Nádia Someilh, diretora do curso de arquitetura do Mackenzie, o mercado tem dialogado mais com os pesquisadores da área do que com o próprio poder público.

"O mercado imobiliário está aprendendo a pensar em um lucro inclusivo, social e democrático", opina Nádia.

O ex-governador do Paraná e ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner afirmou que os planejadores

Numa cidade avançada, ricos

Foto: Anis Foruma/Contraste

Numa cidade avançada, ricos usam o transporte público

Para ex-prefeito de Bogotá, é preciso restringir o uso dos carros para melhorar trânsito

A única forma de reduzir os congestionamentos é restringir o uso do carro. Para Enrique Peñalosa, prefeito de Bogotá de 1998 a 2001, é responsável por iniciar a implantação do Transmilenio, sistema de ônibus rápido, nenhum transporte público resolve o problema do trânsito se os carros não forem retirados das ruas. Em

de carros. Muita gente em SP tem carro, mas usa metrô. Não é porque adoram o metrô, mas porque é mais rápido, não precisa estacionar. De um lado, é preciso melhorar o transporte público; de outro, é preciso restringir o uso de automóveis.

Há várias maneiras de se fazer isso. O rodízio é uma delas. Nenhum transporte público do mundo acaba com os congestionamentos. A única maneira de restringir o uso de carros é de haver restrições a estacionamentos, sobretudo nas ruas. Outra forma é criar uma taxa, como em Londres, ou rodízio, como em SP e Bogotá.

FOIHA - Deve-se combater o carro?
PEÑALOSA - Não, estou falando de restringir a compra, de colocar taxas na compra. É bom que as pessoas tenham carro, para poderem viajar, sair à noite. Elas só não devem usá-lo nas horas de pico. Vamos cobrar pelo uso, não pela aquisição. Ou cobrar mais caro pelo combustível. Gasolina no Brasil deveria

FOIHA - Como fazer isso?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que faz uma boa cidade?
ENRIQUE PEÑALOSA - Jan Gehl, urbanista dinamarquês que defende que as cidades prioritariamente ciclistas e pedestres] diz que é aquela em que os moradores têm vontade de sair de casa, estar nas ruas - não no shopping. Uma cidade tem de ser boa para as pessoas mais vulneráveis: crianças, idosos, pobres, ciclistas.

Transporte não faz ninguém feliz, é apenas necessário, como água potável. Mas se há um parque, isso faz as pessoas felizes. O desafio é criar a cidade para as pessoas, e não para os carros.

FOIHA - Que coisas melhoraram a vida urbana?
PEÑALOSA - Os parques são algo necessário ou um luxo? Acho que as pessoas precisam, sim, e um espaço desses não para sobreviver, mas para serem mais felizes. Todos em São Paulo jogam bola. Por que não há amplos quadras públicas?

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

FOIHA - O que caracteriza uma cidade avançada?
PEÑALOSA - Temos uma ideia de progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas não usam automóvel.

lucro inclusivo, social e democrático", opina Nodia.

O ex-governador do Paraná e ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner afirmou que os planejadores não se comunicam com a população e que, sem isso, é muito difícil mudar a realidade. Na mesma linha de raciocínio, o professor do curso de arquitetura do Mackenzie Carlos Leite afirmou que São Paulo passou por diversas intervenções urbanas que acabaram por desorganizar sua estrutura.

"É a primeira vez que a cidade de esta preparada para intervenções estruturais", opina. O ex-secretário de Planejamento Jorge Wilhelm disse ver na crise econômica mundial uma oportunidade de mudança do mercado imobiliário e da ocupação irregular das áreas públicas e protegidas.

Para a professora da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da USP, Regina Meyer, o debate do Urban Age esquentou a discussão sobre os problemas paulistanos e contribuiu para educar os representantes do poder público, elevando o nível de informação.

"A real dimensão das cidades e que elas são problema e tanto bem-solução", resumiu Regina.

Estrangeiros
A diretora de Planejamento de Nova York Amanda Burden contou como foram obtidos investimentos para a cidade após a destruição causada pelos ataques de 11 de setembro.

Os arquitetos Brandon Haw, Norman Foster, que cancelou sua participação na conferência, e Kees Christiaanse apresentaram projetos para edifícios de usos múltiplos.

A programação do dia teve, ainda, discussões sobre a adaptação das cidades às mudanças

US\$ 150 milhões por km. Cada passageiro custa US\$ 1,50. O Transmilenio custa US\$ 10 milhões por km e cada passageiro, US\$ 0,50. Leva 45 mil passageiros por hora por direção. Não estou dizendo que é melhor ou pior, mas é bom o suficiente.

FOIHA - Fãs calçadas?
PEÑALOSA - Calçadas são parte do sistema de transporte, porque a jornada começa quando saímos de casa. Uma calçada boa é símbolo de que o cidadão que caminha tem o mesmo valor do outro que tem um carro de US\$ 30 mil. É símbolo de democracia. O que diferencia uma cidade boa de uma ruim é a qualidade das calçadas.

As de SP estão muito melhores agora do que há dez anos, principalmente nas áreas mais centrais. Se eu pudesse, amarrava o secretário de Planejamento numa cadeira de rodas e diria: vá andar pela sua cidade. Uma cadeira de rodas é a máquina do planejamento urbano.

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que quem o governo é pública e rodovias. Querem metrô para usar, mas porque quem que os ônibus vão para o subsolo. Não querem que o ônibus tire o espaço dos carros.

FOIHA - É melhor investir em ônibus ou metrô?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - É uma questão cultural?
PEÑALOSA - Sim. A classe média, que tem carro, só quer mais espaço para os carros. Vão do estacionamento do prédio ao estacionamento do escritório, ao estacionamento do shopping, ao estacionamento do clube e podem passar meses sem andar em um quarteirão. A única coisa que querem do governo é polícia e rodovias. Querem metrô para usar, mas porque quem que os ônibus vão para o subsolo. Não querem que o ônibus tire o espaço dos carros.

FOIHA - É melhor investir em ônibus ou metrô?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

FOIHA - Como o sr. avalia o programa de Bogotá?
PEÑALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô; é muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, tem de ter 3.700 km de metrô [Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos]. Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pes-

da urbana?

PEBALOSA - Os parques são algo necessário ou um luxo? Acho que as pessoas precisam, sim, de um espaço desses, não para sobreviver, mas para serem mais felizes. Todos em São Paulo jogam bola. Por que não há campos ou quadras públicas?

FOLHA - O que caracteriza uma cidade avançada?

PEBALOSA - Temos uma ideia de que progresso é ter mais pessoas usando carros, mas nas cidades mais avançadas do mundo, como Zurique, na Suíça, ou Tóquio, no Japão, as pessoas quase não usam automóvel.

Uma cidade verdadeiramente avançada é aquela em que os ricos usam transporte público, caminham e vão a parques. O contrário disso é quando os ricos usam helicópteros, vão a clubes fechados, a shoppings, moram em condomínios. Avanço é o que acontece no Central Park, em NY, onde 50 bilionários andam ao lado de pessoas que nem sabem onde vão dormir naquela noite.

FOLHA - Como fazer isso?

PEBALOSA - Precisamos de segurança, diminuir a criminalidade. Agora, para fazer com que as pessoas usem transporte público é preciso restringir o uso

PEBALOSA - É possível medir a

democracia analisando como o espaço público é distribuído entre pedestres, ciclistas, ônibus e carros. Quanto mais pedestres e bicicletas, mais democrático o espaço público. O espaço público é mais democrático quando há mais pedestres e bicicletas, menos carros. As cidades ricas, há 15 anos, deixaram de usar mais vias para melhorar o trânsito.

FOLHA - A pior é porque a população está crescendo?

PEBALOSA - Não. Pode parecer que fazer mais estradas melhoraria o trânsito, mas isso não é verdade. Você conhece uma única cidade do mundo que tenha resolvido o problema do trânsito fazendo vias maiores? Não há.

Nos EUA, apesar das estradas gigantescas, o trânsito piora a cada ano. O que gera o trânsito é o número de veículos que cada automóvel faz e as distâncias que percorrem. Construir túneis e viadutos só faz com que os carros vão mais longe e façam mais viagens. Nos primeiros anos, isso alivia o trânsito, como já ocorreu em SP. Depois piora de novo.

FOLHA - Uma questão cultural?

PEBALOSA - Sim. A classe média, que tem carro, só quer mais espaço para os carros. Vão do estacionamento do prédio ao estacionamento do escritório, ao estacionamento do shopping, ao estacionamento do clube e podem passar meses sem andar em um quarteirão. A única coisa que querem do governo é polícia e rodovias. Querem metrô não para usar, mas porque querem que os ônibus vão para o subsolo. Não querem que o ônibus tire o espaço dos carros.

FOLHA - É melhor investir em ônibus ou em metrô?

PEBALOSA - Em SP, há três vezes mais gente usando ônibus do que metrô. É muito mais prático e barato. Londres, para 10 milhões de habitantes, tem 1.850 km de metrô. Proporcionalmente, SP, que tem 20 milhões, teria de ter 3.700 km de metrô (Grande SP tem hoje 322 km de transporte urbano sobre trilhos). Ainda assim, Londres desloca 1 milhão a mais de pessoas em ônibus do que em metrô. Mesmo com metrô, é preciso um bom sistema de ônibus. A linha amarela que está sendo construída custa mais de

ocupação irregular das áreas públicas e protegidas.

Para a professora da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) da USP, Regina Meyer, o debate do Urban Age encontrou a discussão sobre os problemas paulistanos e contribuiu para educar os representantes do poder público, elevando o nível de informação.

"A real dimensão das cidades é que elas são problema e também solução", resumiu Regina.

Estrangeiros

A diretora de Planejamento de Nova York Amanda Burden contou como foram obtidos investimentos para a cidade após a destruição causada pelos ataques de 11 de setembro.

Os arquitetos Brandon Haw, representando o arquiteto Norman Foster, que cancelou sua participação na conferência, e Kees Christiaanse apresentaram projetos para edifícios de usos múltiplos.

A programação do dia teve, ainda, discussões sobre a adaptação das cidades às mudanças climáticas e apresentações sobre projetos realizados em Lima, no Peru, Buenos Aires, na Argentina, e Mumbai, na Índia. (ME)

Jardins e Cidade Jardim testam zona azul eletrônica

Sistemas começam a funcionar na segunda-feira e, caso resultado após 180 dias seja positivo, tecnologia deverá ser expandida

BRUNA SAMIÉ
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A partir de segunda-feira dois novos sistemas de zona azul eletrônica serão disponibilizados na região dos Jardins e no bairro Cidade Jardim, por um período inicial de testes de 180 dias. Nos dois sistemas o

parte do Programa de Aquisição de Tecnologia da CET

(Companhia de Engenharia de Tráfego)—serão disponibilizadas 2.016 vagas para os Jardins e 1.056 para a Cidade Jardim.

Os sistemas permitirão a utilização fracionada de apenas meia hora, ao contrário do talão que não permite nenhuma

ZONA AZUL ELETRÔNICA

» JARDINS

O usuário adquirirá um cartão com crédito para dez horas de estacionamento por R\$ 18. Por um programa instalado no celular ou pelo envio de mensagem, o usuário formará o número

» CIDADE JARDIM

O usuário deverá ligar para um número e fazer um cadastro para a compra dos créditos por meio de cartão de crédito. O usuário poderá adquirir até 20 créditos de 30 minutos por R\$ 18.

Arouche e, em junho de 2007, 150 vagas no aeroporto de Congonhas.

Segundo Celso Buendia, gerente de estacionamento da CET, caso os novos sistemas sejam avaliados positivamente após 180 dias todos os sistemas eletrônicos deverão ser expandidos para toda a cidade.

SANTA IFIGÊNIA: REGRAS PARA ESTACIONAR MUDAM A PARTIR DE HOJE

As regras de estacionamento das ruas do Triunfo, Timbiras e General Osório, na região da Santa Ifigênia, mudam a partir de hoje.

Em alguns trechos onde atualmente é permitido estacionar com a utilização de cartão azul azul será proibido estacionar entre as 7h e as 20h, de segunda a sexta-feira. Aos sábados a restrí-

... vigor dos dispositivos con-
tra o cigarro após décadas de
—especialmente no setor de
gastronomia, cuja legislação é
de responsabilidade estadual.
No mês passado, a Corte
Constitucional julgou que a lei
antitabagista da Bavária — a
mais severa do país — não vio-
lava o princípio da igualdade
fundamental alemã. O tribunal
de Karlsruhe, que avalia a con-
sistência das leis com a Cons-
tituição, acha que a proibição
sem exceções e justa com os
discréticos. Os pequenos bus-
cais é permitido reservar im-

... contexto da Alemanha).
Eles previam exceções para
restaurantes maiores, que po-
diam habitar áreas sombreadas
para fumantes. Os dois Estados
tem até o fim de 2009 para eli-
minar vícios leis.

Competência estadual
Desde 2006, a Alemanha re-
desenhou algumas competen-
cias legislativas. No caso da lei
antitabagista, o governo federal
então a proibição em reparti-
ções públicas, meios de trans-
porte, escolas, de metrô, metrô,
portos e aeroportos, clubes, Meses lo-
cais, é permitido reservar im-

... reclusos de
clandestinos que decidem fumar
em um determinado local.
Mesmo não-fumantes assi-
nam uma ideia, e se declaram
membros do clube. Os clubes
maiores costumam separar os
fumantes dos não-fumantes.
O Tribunal de Karlsruhe per-
mite os clubes, exigindo que
todos os estabelecimentos
—bares de esqui, restaurantes
ou clubes— podem ter a
opção/obrigação de contratar a
legislação.

Na Bavária, há 2.000 dis-
tribuidores — dos 8.000 dis-
tribuidores — estabelecimentos da capital
Munique, 800 são associações
reclusos.

... três áreas: leis formais
e humorísticas, mas
não apenas, entre os semi-
realistas do governo, confir-
mou a Pöhl, o ministro da
União Nacional, e o Unifin
Direção. No fim de 2008, os
como socialistas. Os autores
No comunicado, a Rede
de 600 profissionais de televi-
são, de 40 países. Todo o pro-
cesso é incluído pela Ernst &
Young. A Globo ressaltou que
estou ganhando promissas no perío-
do pré-patrocinado a festa.
A organização contou com a
Academia Internacional de Ar-
tes e Ciências Televisivas, que
vão se preparar oficialmente
le até 2010 de cont.

... grupo publico o muro para
pegar o tempo do centro de
São Paulo. "Eramos
adolescentes, descobrindo o
mundo", lembrou o amigo.
Em 1994, quando ficou a ma-
lher, funcionário de uma im-
plantação. Casaram-se em
chonetete. Casaram-se em
Fuzzy, era a coluna arcaica, que
do por uma balança, um
briga dentro de uma casa na
turma. Ele estava a trabalhar
—era segurança de local.
Pécora paraplégico, Ni-
gion foi responsabilizado
gion foi responsabilizado
pelo incidente que ainda fez
um morto e outro ferido. A
causa de todos foi compra-
da pelos amigos, que ajuda-
ram também com rendidos.
Alguns aconteceram aos 30
anos. São filhos de um infan-
ção, foram a turma de amigos,
como também em deities.

BRAGI GESUALDI
Av. 7 de Maio, 80, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
CONSELHO PARANÁ CONSELHO PARANÁ (COPAR)
Alameda da Liberdade, 100, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ELZABETH DE LARA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ERICO PELISSARIO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
LUCY LAURA PEREIRA LUIZ
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
RAMUNDO VOLTA DE ALEXANDRE
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
VERGILIA PEREIRA GOMES
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
75 DIA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
MARCELO ANDRADE FERREIRA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
WILSON DOS SANTOS
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
PAULO MARCO FERREIRA DE MENEZES
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

DIATZEIVA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ALBERTO GONCALVES
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
8777 FLORES
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ESTERINA MALUJA OLIVEIRA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
FRANCISCO MARIANO FERREIRA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
GIACOMINI FERREIRA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ILANA GOLBERG ZIL
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
JORGE CARVALHO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
MARCOS CORRÊA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

RAPHAEL BREVINE
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
REBECCA MATHIAS
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
SARA RIBEIRO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
TATIANA DE MOURA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
TERESA DE MOURA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
THERESA ROSENTHAL
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
SHLOSHIM
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ANITA SIROTA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
DAIARA LOPES
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
FABIANA OLIVEIRA
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

HAMILTON GONCALVES
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
MOSHE WEINBERG
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
MAGRELOS WASSMANN
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
VERA TELLER
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

DANIEL FERREZ (1975-2008)
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
ESTEVÃO BERTONI
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

Fozzy e a turma rockabilly de Santo André
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

72 ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
105 ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.
STYLIN VASCONCELOS RICARDO DE AZEVEDO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

SETE ANO
Rua 10, Lote 10, Vila Santa Cruz, Curitiba, PR, 81200-000.
Fone: (41) 333-1111.

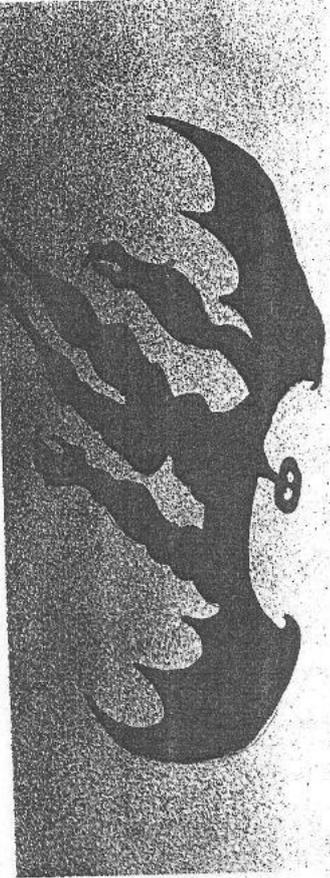
GOSTO DOS romances e dos filmes apocalípticos, ou seja, das histórias em que algum tipo de fim do mundo (guerra nuclear, invasão extraterrestre, epidemia etc.) nos força a encarar uma versão laica e íntima do Juízo Final. Nessa versão, Deus não avalia nosso passado, mas, enquanto o mundo desaba, nosso desempenho mostra quem somos realmente. No desamparo, quando o tecido social se esfria e as normas perdem força e valor, conhecemos, enfim, nosso estilo "verdadeiro". Somos capazes do melhor ou do pior: o apocalipse nos testa e nos revela.

O primeiro romance apocalíptico (de 1826) talvez tenha sido "O Último Homem" (ed. Landmark), de Mary Shelley, que é também a autora de "Frankenstein". De fato, as duas obras são animadas pelo mesmo sonho: uma crítica radicalmente nova pode ser fabricada no brincar de um necrotério ou nascer das cinzas da civilização. Em ambos os casos, ela será sem história, sem ascendência, sem comunidade e, portanto, pessoalmente livre — para o bem ou para o mal.

No romance de Mary Shelley, aliás, a causa da catástrofe é uma epidemia, como na "Peste", de Camus, e como no "Ensaio sobre a Cegueira", de Saramago, que é agora levado para o cinema por Fernando Meirelles.

A obra de Meirelles é fiel ao livro que a inspira, mas, para contar a mesma história, consegue inventar uma eloquência própria, sutil e forte. Por exemplo, o filme banha numa luz esbranquiçada e difusa que não é apenas (como foi dito e repetido) uma evocação da cegueira branca

Matriz das Córte



CONTARDO CALLIGARIS

luta, angustiante: o fim do mundo um bivio sem leis, sem flechas, sem compromissos, onde qualquer um pode escolher o horror ou a esperança. A oposição caricata dos bons e dos ruins expressa a incerteza do esprechador, do leitor e do autor: "Você, se, por uma misteriosa epidemia, o mundo ficar cego, se o reino da lei acabar e começar a idade da lata pela sobrevivência, de que lado estará? Do lado dos que inventarão novas formas de abusos ou dos que descobrirão novas formas de respeito e de vida comum? Uma vez perdida a visão, o que você enxergará no seu vizinho: mais uma mulher para estuprar e um otário para explorar ou um irmão, perdido que nem você?"

No "Ensaio sobre a Cegueira" (de Meirelles e de Saramago), diferentes que acontece em muitas narrativas apocalípticas, a heroína é uma mulher, e as mulheres são as depositárias da esperança: elas saem em grandeadas pelas provas da situação extrema.

São elas que, para o bem de todos, entregam-se aos estupradores, aviltando não elas mesmas mas os que as violentam, com uma coragem que salienta a covardia dos maridos ciumentos ou zelosos de sua "honra". São elas que sabem cuidar de um criança ou matar quando é preciso. São elas que reinventam a amizade (em cenas memoráveis: a das mulheres lavando o corpo da companheira espancada à morte e a das mulheres no chuveiro).

Aviso, caso, um dia, a gente tenha que recomçar tudo do zero: em geral, as mulheres sabem, melhor (que os homens, o que é essencial) vida.

ccalligaris@oi.com.br

'Ensaio sobre a Cegueira'

Somos capazes de tudo: o apocalipse nos testa e nos revela a nós mesmos e ao mundo

mento quase abstrato de uma situação extrema, em que se trata de colher e agir a partir de nada. O passado, o lugar não contam: os personagens são definidos por suas escolhas aqui e agora.

Dargis também se queixa da opção que lhe parece excessiva, no filme, entre "os bons" e "os ruins", ou seja, entre os que, na cegueira, descobrem e aprimoram sua humanidade e os que a perdem. É uma queixa curiosa, pois, em quase todas as narrativas apocalípticas, a contraposição de retidão e bestialidade é o sinal de uma liberdade quase abso-

que atinge a humanidade: é a atmosfera ordinária de nosso universo desbotado, em que a trivialidade do cotidiano desvanece os contrastes — até que as sombras e os brilhos sejam revelados na "hora do vamo ver", que acontece, paradoxalmente, porque todos (ou quase todos) perdem a visão.

Depois de assistir ao filme, li algumas das críticas que ele recebeu em Cannes. A nota de Manohla Dargis, no "New York Times" de 16 de maio, por exemplo, é paradoxal. Dargis acusa o filme de ser uma Alegoria com "A" maiúscula, em que, aos per-

sonagens, faltaria espessura. Certo, os personagens de "Ensaio sobre a Cegueira" quase não têm história prévia, assim como a cidade em que os fatos acontecem (uma mistura de São Paulo com Toronto) é uma cidade moderna qualquer, cujas particularidades não contam. Essa, justamente, é a beleza do gênero: o surgi-

GILBERTO DIMENSTEIN

O prazer dos fotografos cegos

UM GRUPO DE OITO deficientes visuais, todos de bengala, caminhava em meio ao burburinho do Mercado Municipal de São Paulo à procura de um ângulo para registrar a profusão de cores espalhadas nas frutas, legumes e verduras. Na falta de visão, eles se orientavam pelo tato e olfato para buscar o melhor enquadramento.

A frente dessa aventura sensorial está João Kulesár, um engenheiro mecânico que abandonou a profissão para se dedicar ao que ele chama de "libertação visual". Iniciou suas experiências colocando maquiagem de rua do centro de São Paulo.

A frente de João, existe um professor de história que, nos tempos do cursinho pré-vestibular, o encantou para as questões sociais brasileiras, e, sem saber, o inspirou a trocar a engenharia pela fotografia. Nessa troca, acabou em um dos mais férteis programas de inovações educacionais, chamado de Projeto Zero, em Harvard, onde descobriu que qualquer um poderia aprender nas mais estranhas situações.

O resultado dessa teia de influência estava imperceptível por trás da exposição lançada na semana passada, com as imagens tiradas pelos deficientes visuais, intitulada "Percepção do Mundo".

Como se consegue ir tão longe, a ponto de um cego se sentir habilitado a tirar fotos? Nessa resposta está certamente um, entre tantos, dos seres do alto desempenho profissional e acadêmico.

Uma pista para esse questionamento foi dada, na semana passada, pelo mais importante brasileiro que investiga o funcionamento dos cérebros. Seus estudos descobrem — e fez um mapeamento — o movimento um jogo de computador: sem as mãos — são consider-

das uma das grandes contribuições atuais da neurociência para ajudar as pessoas vítimas de paralisia a se locomover. Conversando com um grupo de estudantes, Miguel Nicolelis disse: "Sou pago para ser criança".

Assim ele explicava a uma silenciosa plateia, ao apresentar o livro, feito com Drauzio Varella, chamado "Prazer em Conhecer", o livro é a transcrição de uma conversa em que eles falavam sobre como aprendem o que sabem.

Nicolelis transformou os segredos

do cérebro em sua paixão e hoje ajuda crianças do Nordeste a se encantarem pelas ciências. Drauzio mergulha com a mesma intensidade na biologia e no interesse para que os cegos tivessem uma improvável câmara

Aids — por causa da força dos veículos de comunicação em que trabalha, combinado com o gosto de ensinar, ele é o mais importante educador de saúde de toda a história do Brasil.

Para chegar aonde chegaram, não bastou só a vontade de desvendar mistérios, ou terem estudado em boas escolas — assim como não bastava o interesse para que os cegos tivessem uma improvável câmara

fotográfica na mão. Nicolelis e Drauzio contaram que houve pessoas fundamentais que deram um rumo às suas curiosidades, é como se fossem chaves que deram a partida do motor.

Os dois apenas refletem os depoimentos que venho colhendo, inicialmente em parceria com a fundação Carlos Chagas, de pessoas que se destacaram em suas atividades. Entre outros, estão a física Maurício de Souza, Adli Jatene, Ziraldo Fernando, Montenegro, Nando Reis até gente que saiu da periferia e ficou célebre como Seu Jorge ou Rappin Hood.

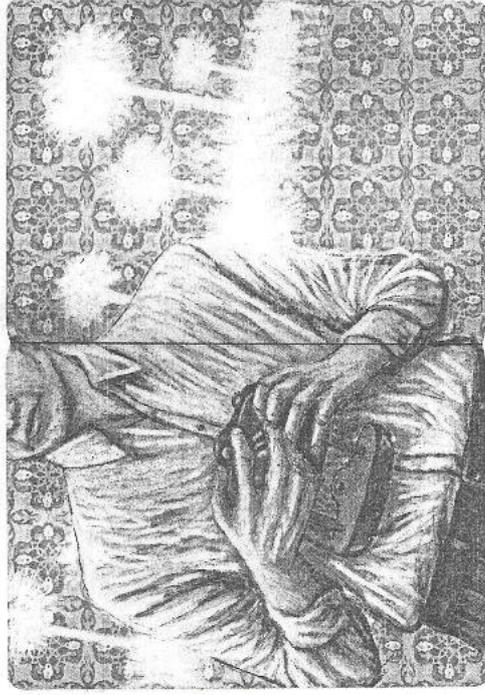
Todos têm uma história para contar de alguém que os ajudou a moldar sua curiosidade — Gabriel Riederer, destava escrever até que conheceu uma professora de português, Espanhola, Ortiz descobriu na rua a poesia e deixou o consumo e o tráfico de crack para entrar na faculdade e escrever livros.

Se talvez exista aqui uma pista sobre o alto desempenho profissional de determinadas pessoas, certamente há uma explicação sobre a dificuldade dos pobres em ler pra zer em aprender — provavelmente eles encontram em suas casas e escolas seres guiados pela paixão do mistério, que colocam as mãos na curiosidade. Na maioria das vezes, se deparam com professores cansados, der

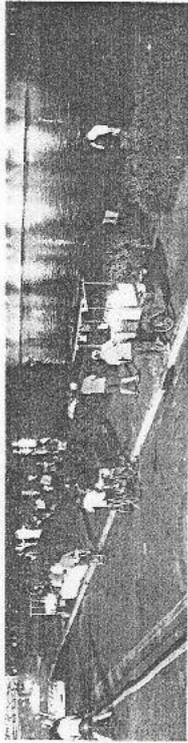
Inverte-se o efeito dos fotografos cegos indivíduos sem problema e visão não conseguem enxergar.

PS: Coloquei em meu site (www.dimenstein.com.br) foto da exposição dos cegos, além de algumas gravações que fiz com pessoas que se destacaram em suas carreiras.

gdimen@uol.com.br



Adriana Cerqueira



Show de som e luzes na fonte do parque Ibirapuera a noite. O evento será inaugurado dia 7

segundo etc. Já projetos que afirmam espaços mais utilizados e programam uma nova ordem para o entorno do Estádio, a Associação Cidade das Artes e o Projeto Mito do Centro, que está burocratizada.

"O prêmio apontou novas áreas em potencial para o desenvolvimento urbano, um espaço para a coexistência com grupos sociais diversos. E engajou com qualidade de alto nível em São Paulo", diz Rosa.

AUTÔNIO PEDRETE
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: autonio@pedrete.com.br

SEVÍCIO

Atividade de consultoria em gestão de projetos e processos de melhoria contínua. Atuamos em todas as áreas de atuação empresarial. Contato: (11) 3066-1111. E-mail: contato@sevio.com.br

YACHT CLUB DE ILHABELA
Profissionalmente capacitado, com o melhor do seu associado, membro do Conselho Deliberativo e ex-Diretor. **FERNANDO JOSÉ BERGO RODRIGUEZ** convoca as amigas e associadas para a missa de 7º dia de seu falecimento em 04/12/2008 às 11:00 hrs. na Igreja São José, Rua Dramante 32 - Jardim Europa

Dr. Elton Marinho, Marcelo Fuzzer Jr e Fábio, a esposa Vera, agora e todos comunicam a missa de 7º dia de muito quando Prof. Dr. Fauzer Simão Abrão. Obituário: Rua 04/12/2008 às 20:00h. Pontal São José Gonzaga (Colégio São José), Av. Paulista, 2.373, São Paulo - SP.

A família da querida **ADA ANTONIETTA RAIA PIPPONZI** agradece as manifestações de pesar e convida para a missa de 7º dia, que será celebrada no dia 04 de dezembro, quinta-feira, às 10 horas, na Igreja São José, Rua Dinamarca, nº 32 - Jardim Europa - São Paulo.

BARTOLOMEU RIBEIRO DOS SANTOS
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: bartolomeu@pedrete.com.br

JOÃO PITTA
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: joao@pedrete.com.br

JOSÉ RICARDO COELHO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: jose@pedrete.com.br

MARIO PACHECO DE ANDRADE
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: mario@pedrete.com.br

MARIZABELLA ANDOZZA
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: marizabella@pedrete.com.br

MARINA LEITE TIBURCIA RAMOS
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: marina@pedrete.com.br

MITO NEZEMANI
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: mito@pedrete.com.br

MAZAREDE JESUS
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: mazarede@pedrete.com.br

ROBERTO SOBRINHO MASCARENHO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: roberto@pedrete.com.br

MORTES

FERROLVES DE CASTRO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: ferro@pedrete.com.br

WALLACE TEODORO DE CARVALHO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: wallace@pedrete.com.br

CLUBS ARBUDA RABELO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: clubs@pedrete.com.br

MIGUEL BOVETTO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: miguel@pedrete.com.br

CHRISTIANE MARIA SAKAYAMA DAUD
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: christian@pedrete.com.br

9º MÊS
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: 9mes@pedrete.com.br

CLUBS MANDUINO PACHECO
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: clubs@pedrete.com.br

IN MEMORIAM
Av. 25, casa 2, Vila São Carlos, Foz de Iguaçu, Paraná, Brasil. Tel: (51) 3333-1111. E-mail: inmemoriam@pedrete.com.br

ELMO MAMEDE CARVALHO VAZ (1961-2008)
A superação da cegueira pelo esporte

ESTEVÃO BERTONI
DARVIL/SP

Estava ficando cego, perdou. Por um tempo, tentou continuar lutando com o cego. Não durou muito a fadiga sobre a deficiência e o afastou dos ringues.

"Se alguma vez ficou triste nunca demonstrei. Ele tinha um forte espírito de superação", conta o amigo.

Faiza preta no caratê e professor numa empresa de formação de vigilantes, migrou para o judô em 2000. Não demorou muito para se destacar, ganhou brasileiros e disputou o Parapan, no Rio.

Na quinta, quando treinava numa academia, acidentou-se ao fazer o "tubo", caiu-lhe sobre as costas. No sábado, morreu, no Rio, aos 47, depois de sofrer uma parada cardiorrespiratória. Deixa duas filhas.

obituario@grupofolha.com.br

A diretoria e os funcionários da DROGA RAIA comunicam o falecimento da senhora **ADA ANTONIETTA RAIA PIPPONZI** mãe do presidente da Droga Raia, Sr. Antonio Carlos Pippozzi, e convidam para a missa de 7º dia, que será celebrada no dia 04 de dezembro, quinta-feira, às 10 horas, na Igreja São José, Rua Dinamarca, nº 32 - Jardim Europa - São Paulo.

Cidade do RN vira foco de doença rara

72 dos 73 portadores da síndrome de Spooan, descoberta em 2005, se concentram no oeste do Rio Grande do Norte

Edmarco Sclabas/Folha Imagem

Doença degenerativa atinge principalmente filhos de primos de primeiro grau; portador tem dificuldade de enxergar e se locomover

EDMARCOSCLABAS
FOTO: EDMARCO SCLABAS/SERRINHA DOS PINTOS (RN)

Escamoteado no alto de uma serra do oeste potiguar, o município de Serrinha dos Pintos, a 357 km de Natal (RN), é a capital mundial de uma rara doença genética conhecida como síndrome de Spooan.

A doença, neurodegenerativa, foi descoberta em 2005 e impede que o portador enxergue mais do que a palma da mão e ande com auxílio de uma cadeira de rodas. O Instituto de Genética e Clínica do Centro de Estudos do Genoma Humano, ligado ao Instituto de Biociências da USP, a doença é mais comum em famílias de casamentos consanguíneos (entre familiares).

Os pesquisadores da USP mapearam 73 pessoas com a síndrome em todo o país, sendo 72 delas no oeste do RN, em especial em Serrinha dos Pintos. Esses 72 casos no Estado são frutos de 43 casamentos, sendo 39 deles comprovadamente entre familiares, quase sempre entre primos de primeiro grau.

Os sintomas da Spooan já aparecem no primeiro ano de vida e vão se agravando com o passar do tempo. Aos 10 anos, os portadores já têm fortes problemas de visão (cerca de 90% do normal) e sentem fraqueza nas pernas. Até a adolescência, a maioria já é obrigada a usar cadeira de rodas.

Alguns parentes distantes dos atuais moradores da região carregavam um gene defeituoso, que foi seculo passado para a frente

família. A união de genes defeituosos de primos pode resultar num filho com a doença. "O fato de você ter uma cópia defeituosa [do gene] não traz nenhum problema. O problema é quando duas cópias desse gene vêm com defeito. Isso é o que caracteriza uma doença recessiva", afirma o neurologista Fernando Koll, do Hospital das Clínicas e do Centro de Estudos do Genoma Humano.

"Os pais são normais, o problema acontece na transmissão", afirma Koll, um dos pesquisadores para descobrir a doença. São a bióloga Sílvia Saraiva e o genético (USP), que realiza os trabalhos na região.

Antes da descoberta da doença, as famílias procuravam hospitais de todo o país em busca de uma resposta para a patologia progressiva de seus filhos. Hospital das Clínicas, Rede Sarah, Santa Casa, entre outros. O diagnóstico era evasivo.

A descoberta da doença ainda não representa um caminho completo. Resta localizar o gene responsável pela síndrome. O cruzamento e a região afetada foram identificados.

Paula de Moura Queiroz, 13, é filha do primo Henrique, 58, e José, 43. A mãe reclama da falta de atenção do Estado com o município. "O Estado tem que ter mais atenção com os municípios de baixa renda", Paula tem dificuldades para falar, mas os braços se estendem.

Também portadora da doença, Leila, 23, filha do vice-prefeito do município, Ledimar Queiroz, anda de cadeira de rodas e fala com dificuldade.

O prefeito Chiquinho de Araujo não tem dinheiro para comprar cadeiras de rodas e contratar fisioterapeutas e demonstra desconhecimento da síndrome. "Como isso foi descoberto?",



Portadores da síndrome de Spooan, os irmãos Marquinhos Queiroz, 30, e o irmão Francisco, 42, com a mãe, Maria Inês Queiroz, 60

Na casa dos Queiroz, Francisco e Marquinhos têm a doença

DEFINIÇÃO A SERRINHA DOS PINTOS (RN)

Um dos portadores do síndrome de Spooan, o menino Francisco Queiroz, 42, também tem a doença, assim como o irmão Marquinhos, 30.

Casada com Francisco, 66, seu primo de segundo grau, Maria Inês Queiroz, 60, teve seis filhos. Três morreram ao nascer. Marquinhos e Francisco desenvolveram a doença. Ele cursou até a quarta série e teve de abandonar a escola



Francisco, 42, e a esposa, a mãe Leila e a filha Leila, na varanda da doença

Clique no Morumbi

72 dos 73 portadores da síndrome de Spoon, descoberta em 2005, se concentram no oeste do Rio Grande do Norte

Em foto superior: Filipe Pinheiro



Portadores da síndrome de Spoon, os irmãos Marquinhos Queiroz, 30, e o irmão Francisco, 42, com a mãe, Maria Inês Queiroz, 60

família. A união de genes defeituosos de primos pode resultar num filho com a doença.

"O fato de você ter uma cópia defeituosa [do gene] não apresenta nenhum problema. O problema é quando duas cópias defeituosas vêm com defeito. Isso é o que caracteriza a doença recessiva", afirma o neuropediatra Fernando Kóik, do Hospital das Clínicas e do Centro de Estudos do Genoma Humano.

"Os portadores são normais, o problema acontece na irmandade", afirma Kóik, um dos responsáveis pela descoberta da doença, vinculada à pesquisadora Silvana Santos (Unicamp/USP), que realiza o trabalho na região.

Antes da descoberta da doença, as famílias procuravam hospitais de todo o país em busca de uma resposta para a paralisia progressiva de seus filhos. O Hospital das Clínicas, ficado no bairro Santa Casa, entre outros, O diagnóstico era evasivo.

A descoberta da doença ainda não representa umizar o genoma completo. Resta pela síndrome, o cromossomo afetado da família de Morumbi.

Paula de Moura Queiroz, 13, é filha de primos Eleonora, 38, e José, 46. A mãe reclama da falta de resposta "O fisioterapeuta só me dá um café na mão e me dá uma bota-feita", Paula tem dificuldades para falar, mexer os braços e enxergar.

Também portadora da doença, Léia, 23, filha do vice-prefeito do município, Ledimar Queiroz, anda de cadeira de rodas e fala com dificuldade.

O prefeito Chiquinho de Araujo não ter direito ao curso para cadeiras de rodas demonstra que fisioterapeutas da síndrome desconhecem a descoberta", pergunta ao acessor.

Os pesquisadores da USP mapearam em todo o país, sendo 72 das no oeste do RN, em 2005. Em Sorribá dos Pinhos, há 72 casos no Estado são irmãos de 43 casamentos, sendo 30 deles com, provavelmente entre familiares, quase sempre entre primos de primeiro grau.

Os sintomas da Spoon já aparecem no primeiro ano de vida e vão se agravando com o passar do tempo. A criança tem dificuldade de engolir e de ficar em pé, tem crises convulsivas de visão (cursejo) e convulsões de 10% do normal (resposta inadequada aos estímulos) e a maioria dos casos é obrigada a usar cadeiras de rodas.

Alguns portadores da região carrega um gene defeituoso, que foi herdado passado para a frente pelas gerações seguintes dessa

Na casa dos Queiroz, Francisco e Marquinhos têm a doença

Um dos portadores da síndrome de Spoon em Sorribá dos Pinhos, Marquinhos Queiroz, 30, começou a perder a fala aos 30 meses de idade. Aos 30 anos, apesar de ter conseguido cursar os demais portadores da doença nessa idade, ele cursou até a quarta série e teve de abandonar a escola

pela dificuldade de escrever e de enxergar o quadro negro. "Cada dia vai ficando mais difícil. Cada dia vai levando", diz o jovem cadeirante, ao lado do irmão Francisco, 42, também com a síndrome de Spoon. Casada com Francisco há sete anos, Maria Inês Queiroz, 66, teve seis filhos. Três meninos e três meninas. Mas Francisco nasceu com a doença. Marquinhos nasceu em 2005, em decorrência da doença. Edinetele, 38, mãe dele.



O vice-prefeito, a esposa e a filha Léia, portadora da doença

Alameda Morumbi

Encontre seu Cyrela no Morumbi.



era, na verdade, pneumonia

m antigripal, dias internado

oportunidades ao avaliar se tem mesmo apenas uma gripe.

Dor muscular

Quem também teve pneumonia, mas de uma forma bastante diferente, foi a irmã de André, Karina Close D'Angelo de Carvalho, 36.

Diferente porque nela, a doença não se manifestou inicialmente como uma gripe, mas por meio do que ela considerou uma forte dor muscular. "Não tinha gripe. Não tinha febre. Estava super bem, quando comecei a ficar com uma dor nas costas. Mas em menos de dois dias já fui ao hospital para ver o que era. Acabei ficando também oito dias internada e, depois, 12 dias tomando remédio em casa", conta. Segundo a advogada, os médicos ainda lhe disseram que esses sintomas iniciais não estão entre os mais comuns em casos de pneumonia.

em muitos casos

Duração

>> Em geral, de sete a dez dias, dependendo da rapidez com que se inicia o tratamento. Caso este não seja feito, pode haver óbito

Tratamento

>> Antibióticos, que podem ser acompanhados de remédios sintomáticos, além de hidratação e alimentação saudável

O que fazer?

>> Com o aparecimento de sintomas, a recomendação dos médicos é que se busque um especialista para descobrir de qual doença se trata e evitar que uma pneumonia seja diagnosticada em fase avançada, quando apresenta maior risco à saúde

saiba mais Entidade pede apoio para combater doença

DA REPORTAGEM LOCAL

As deficiências da saúde pública contribuem para que casos de pneumonia ou gripe não sejam diagnosticados corretamente, segundo a Sociedade Brasileira de Pneumologia e Fisiologia, que tenta, com o governo, a implantação de um programa nacional de pneumologia sanitária.

Segundo seu presidente, Antonio Carlos Lemos, haveria inúmeros benefícios, entre os quais a possível redução de internações por pneumonia -- que hoje chegam a 800 mil por ano --, aumentando a indicação de tratamento com medicação em casa.

EXERCÍCIOS FÍSICOS
"Fique em Forma em 8 Semanas" apresenta um plano de exercícios físicos (com ilustrações) para serem feitos em casa. O programa tem duração de dois meses e propõe aumentar o vigor físico, a disposição, melhorar a saúde e manter a boa forma. As atividades são divididas segundo a idade e o preparo físico. O leitor escolhe o programa após responder a um questionário.



Editora: Publifolha
Preço: R\$ 39,90

Plantão Médico

Livro aborda teste de surdez em bebês

JULIO ABRAMCZYK
COLUNISTA DA TOLHA

Em abril deste ano, o professor Pedro Luiz Mangabeira Albernaz lançou o livro "Quem Ouve Bem Vive Melhor", em que destaca a importância da realização, nas maternidades, de testes auditivos em recém-nascidos para detectar precocemente a surdez congênita.

O livro explica que aparelhos de surdez ou a eventual indicação de cirurgia (implante coclear) oferecem às crianças a oportunidade de se evitar a trágica situação de surdos-mudos, onde a mudez é consequência da dificuldade em adquirir a linguagem.

Na revista "Pediatrics" des-

te mês, a médica Betty Vohr e colaboradores da Universidade de Brown (EUA) confirmam a recomendação para o teste preventivo de surdez no primeiro mês de vida, a identificação da surdez antes dos três meses e a intervenção indicada, nunca após os seis meses.

O estudo afirma que crianças precocemente identificadas e tratadas apresentaram resultados positivos de crescimento intelectual e social, ao contrário do ocorrido com as que permaneceram surdas ou não tiveram o problema detectado ainda na infância.

A surdez congênita ocorre em dois a três casos para cada mil recém-nascidos.

Julio@uol.com.br

INSTITUTO DO CÂNCER E SEDE DE DEBATE

O Fórum de Educação em Saúde promove, na terça, no Instituto do Câncer de SP, um debate sobre comunicação e saúde. Participam do evento médicos e os jornalistas Gilberto Dinchenstein e Claudia Colucci. Informações: 0/11/3893-2015.

CONGRESSO PRESTA HOMENAGEM A MÉDICO

No 29º Congresso Brasileiro de Homeopatia serão homenageados o médico Paulo Madsen e o dentista Emil Razuk. O primeiro obterá o título de doutor honoris causa pela Faculdade de Ciências da Saúde de SP; o segundo, a comenda Dr. Nelson Libero.

www.livro2009.com.br

Brasileira que perde movimentos tenta terapia polêmica

Daniela Bortman, que sofreu acidente em 2006, viajou à China para realizar cirurgia que envolve transplante de células-tronco



A brasileira Daniela Bortman

... Os dados estão no YouTube. "A Dani disse que esse vídeo foi muito importante, mas acho que ela iria à China mesmo que eu só trouxesse um texto de um parágrafo", conta Raphael. Já a vereadora Maria Gabrielli (PSDB), 40, também demonstra dúvida. "As pessoas acham que não dá para fazer isso, mas a ciência há 10 anos em um acidente de carro. Ela conheceu Daniela por meio de amigos em comum. "Logo por ela, mas vou esperar as pesquisas brasileiras avançarem", diz Maria.

Não é como uma cirurgia, porém, para a Maria Bortman, a cirurgia é o mais importante. Ela diz, buscando o mais independente possível: continuei dividindo um apartamento com amigos em Taubaté (a 130 km de São Paulo), onde estudo medicina. Preciso, porém, de enfermeiros — a enfermagem é a área que custam os 30 mil reais, aliás. Os filhos de Bortman, mais velhos, os irmãos, moram cada um em uma cidade diferente no plano de saúde e os dois motoristas envolvidos no acidente — Daniela voltou acidentada com o colega quando houve a colisão. "O processo contra um delinqüente que não pagou o seguro foi muito complicado para a família", diz Alberto. "muito impiedoso".

Cerca de 24 horas após a operação, jovem já podia mover o punho esquerdo; médico diz haver "risco intrínseco" ao procedimento

AMABILIS LAGE DA REPORTAGEM LOCAL

Emília, inteligente e cheia de amigos, Daniela Bortman sofreu um acidente de carro em 1º de abril de 2006. Perdeu os movimentos dos braços, pernas e tronco. Tinha 23 anos. Ela viajou ao Reino Unido para fazer uma cirurgia de transplante de células-tronco. Cerca de 24 horas após a cirurgia, realizada na última segunda-feira, sentiu algo diferente. "Quando entendi no quarto, eu estava eufórica", conta o pai da jovem, o neurologista Alberto Bortman, 52. Daniela podia mover o punho esquerdo. O procedimento foi questionado no Brasil. O presidente da China, Comissário de Saúde, afirmou que o transplante de células-tronco é permitido no país.

Os detalhes do tratamento não são divulgados de forma transparente, conta a jornalista Lygia Uchida. Mas se confirma que os efeitos a longo prazo são desconhecidos, assim como os riscos de infecções ou de tumores. No Brasil, há pesquisas com

O MÉTODO CHINÊS

Cientista usa transplante de células-tronco de feto para tratar doenças e lesões graves

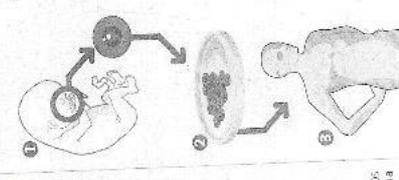
País é o único no mundo a fazer o transplante de modo institucionalizado

Pacientes sofrem com problemas ligados ao sistema nervoso central, como esclerose múltipla, e paralisia causada por traumas na medula espinhal

Pré-requisito: >> O transplante só pode ser feito se o paciente tiver uma boa saúde geral e não estiver fumando

US\$ 20 mil >> O preço inicial do tratamento

Riscos >> Não há dados definitivos que comprovem a segurança da a aplicação do método



8º Simpósio Internacional de Economia e Saúde 16 a 18 de setembro Hotel Intercontinental de São Paulo, São Paulo, SP

MIBA 2009 Economia e Gestão em Saúde

VAI PRA CATHO. CONFIRA OS ANÚNCIOS DA CATHO ONLINE NO CADERNO DE EMPREGOS.

neve at-
presas.
cu fina-
rizando
litarem
fônicas,
tercep-
", disse

pai da menina é consultor ju-
rídico, a madrasta estudante
de direito. O crime ocorreu
num bairro de classe média de
São Paulo.

Na semana passada, houve
outro assassinato horrendo
de crianças, Igor e João, se-
guido de esquartejamento,
em que os suspeitos são igual-
mente o pai e a madrasta dos
mortos. O pai dos garotos é vi-
giã, a madrasta, doméstica. O
drama se desenrolou em cida-
de da periferia de São Paulo.
Quatro mensagens chegaram
ao jornal sobre ele.

Caio N. de Toledo, leitor
atento e crítico deste jornal,
com ironia fina e inteligente,
ligou as duas notícias e anteci-
pou que o procedimento jor-
nalístico seria muito desigual
para Igor e João: "Cabe saber
agora por quantas semanas os
noticiários dos jornais e da TV
se ocuparão com o caso".

Toledo tinha razão. De Igor
e João a mídia quase não se
ocupou, ao contrário de Isa-
bella. Mas também não se re-
gistrou nada que nem de lon-
ge lembresse a comoção pú-
blica que a queda de Isabella
provocou.

É a mídia que determina o
grau de curiosidade da au-
diência por determinados as-
suntos e não outros ou é o in-
teresse dela que colocou em or-
dem a prioridade dos meios
de comunicação? A pergunta
é tão difícil de responder
quanto a que tenta descobrir
quem vem primeiro: o ovo ou
a galinha.

Jornalismo não é ciência,
mas tem suas leis. Uma é que
o grau de importância do fato
está diretamente relacionado
com algumas características,
entre elas a proximidade:
quanto mais perto, mais inter-
resse. Um terremoto em São

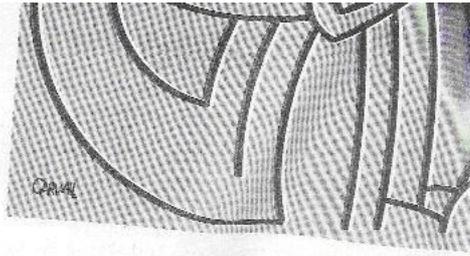
Paulo é mais importante que
outro das mesmas proporções
na Índia.

Empatia entre leitor e per-
sonagem da notícia é outro
determinante de relevância:
quanto mais identificação en-
tre ambos, mais notável ela é;
há mais interesse pelos pare-
cidos do que pelos diferentes.

Igor e João tinham tanto di-
reito à vida quanto Isabella.
Seus "pequenos assassinatos"
são humanamente do mesmo
lançamento. Mas mídia e público
os tratam de modo diferente.

Mesmo assim, é possível fa-
zer bom jornalismo. A **Folha**
o fez só um pouco, ao levantar
aspectos sobre o que é o Con-
selho Tutelar, que mandou os
meninos de volta aos seus al-
gozes. Poderia ter feito muito
mais: promover com muito
maior intensidade o debate
sobre essa instituição pública.

Como poderia ter explora-
do os aspectos psicológicos do
crime. Ou escalado repórter
de texto primoroso para
atrair a atenção do leitor, não
pela proximidade do fato nem
pela empatia com os person-
agens, mas pela enorme com-
paixão que a notícia pode des-
pertar. Infelizmente, ficou
aquém do que podia e devia.



Os assassinatos de Isabella e de Igor e João são humanamente do mesmo tamanho. Mas mídia e público os tratam de modo diferente

ONDE O JORNAL FOI BOM

TORCIDAS NO DNA PAULISTANO

Jornal decide que na
última edição da série, em
28 de setembro, publicará
os percentuais de
torcedores de todas as
equipes do futebol
(inclusive o Santos) em
todas as regiões da cidade.

CRISE NA BOLÍVIA

Com duas enviadas
especiais, a cobertura
dos problemas no
país vizinho vem sendo
de bom nível.

ONDE FOI MAL

SATIAGRAHA

Reportagem na quarta usa
argumentos de advogados
e juristas anônimos que
citam tese e jurisprudência
da Suprema Corte dos
EUA para levantar
possibilidade de anulação
da Operação Satiagraha
na Brasil.

PARAOLÍMPIADA

Jornal subestima em
espaco o destaque a
importância do evento,
que se aproxima muito
mais dos ideais olímpicos
do que a comercializada
competição oficial; leitor
perde muitas histórias
extraordinárias.

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS DA SEMANA

- 1 Eleições municipais
- 2 Paraolimpíada
- 3 Crises telefônicas



Internet e eleições

Aconteceu nesta semana em
São Paulo o segundo seminá-
rio internacional sobre jorna-
lismo on-line chamado **Mediá**
On. Um dos temas foi a inter-

passado. Pesquisa do Pew Re-
search Center, citada pelo jor-
nalista Francisco Mendez, re-
vela que 24% dos americanos

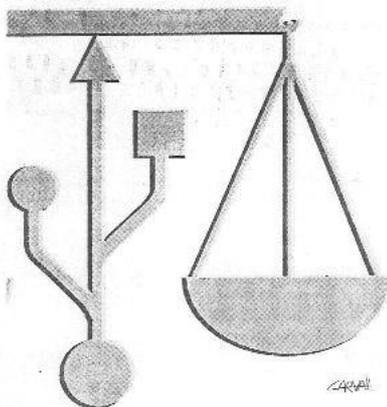
rio e metodologicamente cri-
terioso que vêm realizando.
Muitos blogs, no entanto,

ates

is
r

das instituições

MARTINS

há anos,
se não
ior para
irigir o
icada

m diagnos-
e máxima,
a saudável
ão de cida-
e tanto os
devern ser
ocesso que
legislação,
lo conten-
à busca da
ão judiciá-
leil.
la de cons-
o Nacional
s autoriza-
r Legislati-
objetivando
s medidas

deral, ministro Gilmar Mendes, hoje, indiscutivelmente, um dos maiores constitucionalistas do país, com merecido reconhecimento internacional (é doutor em direito pela Universidade de Münster, na Alemanha, com tese sobre o controle concentrado de constitucionalidade).

Graças à firmeza com que agiu, foi possível não só diagnosticar as violações como deflagrar todo o processo que está levando ao aperfeiçoamento das instituições, em que o combate à corrupção, legítimo, deve, todavia, ser realizado dentro da lei.

Conhecendo e admirando o eminente magistrado há quase 30 anos, a firmeza na condução de assuntos polêmicos, na procura das soluções adequadas e jurídicas, seu perfil de admirável jurista e sua preocupação com a "Justiça justa", tenho a certeza de que não poderia ter sido melhor para o país do que vê-lo dirigir o pretório excelso nesta quadra delicada.

Prova inequívoca da correção de sua atuação é ter contado com o apoio incondicional dos demais ministros, quanto às medidas que tomou, duran-

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (0/0x/11/3273-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com.br

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

Fumo

"Muito se tem falado e discutido sobre a lei que proíbe o fumo em locais fechados.

Eu, particularmente, concordo com a lei, pois não sou fumante e a fumaça incomoda muito.

Em vez de criar tamanha polêmica e praticamente retornar aos tempos da ditadura, o governo deveria simplesmente impedir o tratamento de doenças causadas pelo tabagismo pelo sistema público de saúde.

Da mesma forma, os planos de saúde poderiam ter tabela de valores variadas para fumantes e não-fumantes. Assim, quem fuma teria plena consciência de que, se portador de doença causada ou agravada pelo tabagismo, não teria direito ao sistema público de saúde, que tanto onera o nosso pobre governo."

WILLIAM ROGER GEORGIANI DOS SANTOS
(São Paulo, SP)

*

"Foi de extremo mau gosto a reportagem que levou uma atriz para fumar em locais proibidos, perto de placas com a inscrição 'Proibido Fumar' e de crianças e idosos ('Até Palácio é 'reprovado' em teste do cigarro', *Cotidiano*, 14/9).

Num país onde sempre se precisa dar o bom exemplo, é lamentável fazer uma reportagem dessas, chamando-a de 'teste de tolerância'.

Não se faz reportagem com o objetivo de informar ou de educar deseducando.

Lastimável."

HELIO LUIZ PIRES (São André, SP)

Cárcere

"Parabéns a Mônica Bergamo e à reportagem da *Folha* por terem conseguido o depoimento do senhor Edegar Cid Ferreira em seus dias de cárcere ('Memórias do cárcere', *Ilustrada*, 14/9).

Ao relatar abertamente os seus péssimos momentos nas casas de detenção, o ex-banqueiro prestou um grande serviço de conscientização à população, mostrando o caos em que se encontra o nosso sistema presidiário, que, lamentavelmente, continua bem distante de obter su-

Paraolimpíada

"Praticamente já se encerrando a Paraolimpíada, não podemos nos furtar às comparações com sua irmã Olímpíada, sob a óptica de um brasileiro.

Com uma delegação menor do que a olímpica (188 x 277 integrantes; 68% a menos), nossos atletas paraolímpicos fizeram mais bonito. Suas 41 medalhas conquistadas falam alto em contraste com as 15 das olímpicas. Por atleta enviado, isso representa quatro vezes!

Apenas uma TV fechada transmitiu ao vivo as competições, mas quem pôde ver deve ter ficado encantado com o empenho dos atletas, com o atestado de superação das limitações, com as emoções proporcionadas por cada um participante...

Em destaque, Daniel Dias, com nove medalhas nas 11 participações. Entre todas as delegações, é o atleta paraolímpico em com maior número de medalhas, feito que o deixa parêlo a Michael Phelps."

PAULO JOSÉ SILVA FERREZ
(São José do Rio Preto, SP)

Bolívia

"Concordo plenamente com José Lourenço Cindra e Antonio Negrão de Sá ('Painel do Leitor' de ontem).

Se o alvo dos opositores bolivianos fosse um governo neoliberal, certamente eles já estariam sendo tachados de terroristas. Mas, como se trata de protestos contra um governo de esquerda, são somente opositores — ou autonomistas.

Quem será que bloqueou abruptamente o envio de gás para o Brasil? Foi Morales?

Quanto à mensagem do leitor Cleiton Luiz Rocha Teodoro, a única pergunta que tenho é: qual ilegalidade Evo Morales cometeu contra a Constituição de seu país?"

FELIPE ALVES LARSEN, jornalista (São Paulo, SP)

Unifesp

"Gostaria de esclarecer que, diferentemente do que foi publicado na reportagem 'Reitor da Unifesp festeja ranking, mas teme piora' (*Cotidiano*, 10/9), o reitor pro-tempore, Marcos Pacheco de Toledo Ferraz,

a relação bilateral

FERNANDO LUGO



va orientação da
externa do Paraguai
da a uma agenda
positiva na relação
al com o Brasil

ão internacional em razão
rriedades socioeconômicas,
volvimento e fortalecimento
stituições e da atenção pre-
l aos setores mais vulnerá-
: quais historicamente negou
stência digna,
articulação hegemônica do
internacional e a emergência
qui de uma pluralidade de
se têm uma grande esperança
ão dos problemas nacionais e
a no novo governo colocam a
lade de uma reestruturação
la internacional que inclua a
sua soberania, a independen-
sua decisões, a recupera-
recursos estratégicos e a
za de sua cidadania.
ova orientação da política ex-
Paraguai dará vida a uma
ova e positiva na relação bi-
mo Brasil.

se sentido que, entre outros
propusemos ao presidente
cio Lula da Silva reorientar

Itaipu rumo ao novo tempo da in-
tegração, reparando o tratamento in-
fundo, ineficiente e corrupto que pro-
moveram as ditaduras militares do
passado.

Se um tratamento mais justo em
Itaipu trará ganhos para o Paraguai,
também trará benefícios para toda a
região — e, em particular, para o Bra-
sil —, que terá um vizinho sem tantos
problemas nem convulsões sociais e
com oportunidades de investimento.

Desejamos construir com o Brasil e
outros atores do cenário regional
uma política internacional que nos
permita integrar um projeto coletivo,
estabelecer vínculos com os diferen-
tes blocos regionais e responsabilida-
des compartilhadas com aqueles paí-
ses com os quais temos laços históri-
cos, geográficos e culturais.

Inspirados pela esperança de nosso
povo e pela confiança na solidarieda-
de internacional, o governo desse no-
vo Paraguai aspira a encontrar no en-
torno regional e internacional clima
propício para diversificar nossas rela-
ções econômicas, impulsionar acor-
dos comunitários e assumir respon-
sabilidades de acordo com a geografia
ou os laços de cultura e amizade, rela-
ções que sejam compatíveis com a de-
fesa dos interesses nacionais e os va-
lores superiores da humanidade.

FERNANDO LUGO MÉNDEZ, 66, licenciado em ciências
políticas, ex-diretor do Conselho de São Paulo (1994-2005),
ex-presidente do Senado do Paraguai.

em São Paulo

HUGO DE ZELA

é um país que
essa magnífica etapa
hoje indicadores
is e positivos, com
scimento constante

Com a maioria desses países,
em negociação tratados de li-
berdade econômica para má-

mentado substantivamente o inter-
câmbio de turistas entre ambos os
países.

Sobre tudo isso conversaremos no
megaveento de amanhã. Chegará do
Peru uma delegação encabeçada pelo
nosso presidente, Alan García, acom-
panhado de seis ministros de Estado,
dos principais dirigentes empresaria-
is e de uma delegação de mais de
cem homens de negócios.

Realizaremos um fórum empresaria-
l, entre oportunidades de negócios

Ditadura

"Graças à reportagem 'Fotos
mostram corpos de guerrilheiros
do Araguaia' (Brasil, ontem, pág.
A10), ficou definitivamente com-
provado que, na guerra de extermi-
nio que moveram contra os guerril-
heiros do PC do B, os militares de-
rati sumiu no corpo do médico
João Carlos Haas Sobrinho.

No entanto, diz a reportagem,
'procurados pela Folha, o Ministé-
rio da Defesa e o Exército informa-
ram que não se pronunciaram sob-
re as fotos'. Ou seja, nada têm a di-
zer sobre restos mortais que estive-
ram sob a guarda do Estado brasi-
leiro e não foram entregues às fa-
mílias. Nenhuma satisfação a dar.
Nem justificativa, nem pedido de
desculpas, nada. Até quando?"

CELSON GARNETT, jornalista, escritor e ex-presi-
dente do OAB (São Paulo, SP)

OAB

"O texto 'OAB arquiva ação con-
tra advogado de Dantas' (Brasil,
ontem), assinada pela conceituada
jornalista Lillian Christofolletti, é,
no mínimo, desonesta para com
seus leitores. O texto omite que a
representação disciplinar contra o
advogado Nélio Machado foi limi-
nariamente arquivada pelo presiden-
te nacional da OAB, Cezar Brito, e
que eu recebi o expediente como
uma questão ofensiva ao trabalho
profissional daquele advogado.

A jornalista sabia disso, pois con-
vencou comigo, o eu indiquei-lhe o
site Consultor Jurídico para que ti-
vesse ciência da íntegra do voto.
Mais grave é o fato de a jornalista
omitir que o voto proferido foi acol-
hido e aclamado por unanimidade
pelo Conselho Federal da OAB.

Diferentemente do jornal 'O Es-
tado de S. Paulo', que noticiou o
mesmo fato, a Folha deu ao leitor a
impressão de que havia um com-
prometimento meu por represen-
tar a OAB na defesa de vários advo-
gados perante o STF. Enfim, uma
reportagem tendenciosa, preconcei-
tuosa e ofensiva com quem pro-
curou colaborar com a jornalista."

ALBERTO ZACHARIAS TORON, presidente do Con-
selho Nacional de Procuradores da OAB,
São Paulo, SP

**Resposta da jornalista Lillian
Christofolletti** — A reportagem,
que registra a aprovação do re-
latorio pelo plenário da OAB,
relata o fato de que o missivista
atua como advogado de Nélio
Machado no STF, sendo ao
mesmo tempo juiz do processo
disciplinar envolvendo o pró-
prio advogado na OAB.

★

"Não é necessário ter formação
em direito para saber que é uma
aberração um advogado de defesa
de uma pessoa ser também o relator
da absolvição em processo discipli-
nar que envolve essa mesma pessoa
(OAB arquiva ação contra advoga-
do de Dantas, Brasil, ontem).

O que está acontecendo com a
OAB? Perdeu o rumo?"

MARCIA MERELES (São Paulo, SP)

O ser humano

"Não quero reclamar, nem sugerir
nada, apenas manifestar meu des-
apontamento com o ser humano

após ler o texto 'Prédio nega a defi-
ciente vaga de garagem com acesso
fácil' (Cotidiano, 13/9), sobre mo-
radores de um prédio que negaram
uma vaga 'privilegiada' a uma mo-
radora com deficiência física."

GRACIA FUSIMINE (São Paulo, SP)

Fumo

"Sou contrário ao tabagismo mas
discordo da opinião de William Ro-
ger dos Santos ('Fumo', ontem).

O governo não deve deixar de tra-
tar a saúde dos tabagistas. Mas de-
veria passar a fatura (R\$ 380 ml/a-
no) à indústria do fumo e aumentar
os impostos do nocivo produto."

EDUARDO INEZOLINI (Cassavel, PR)

Índios

"Em relação à opinião de James
Anaya a respeito da Declaração so-
bre os Direitos dos Povos Indígenas
('Direitos dos índios não são amea-
ça', 15/9), há que se registrar o se-
guinte: 1) a criação de 'territórios'
indígenas e a transformação de tri-
bos em 'nações' indígenas não en-
contra respaldo na Constituição de
1988, conforme se lê no art. 231, que
disciplina a demarcação de terras
para tribos indígenas; 2) a declara-
ção da ONU possibilita criação de
quistos étnicos ao admitir que, nos
seus 'territórios', as 'nações' indí-
genas aplicarão direito próprio e neles
não se desenvolverão atividades
militares (art. 30), não se respeitam
nesses 'territórios' as fronteiras
internacionais criadas pelos não-
índios (art. 36); 3) leis o Brasil já as
tem demais, cabendo aos governos
que se sucedem cumpri-las, inclusi-
ve no que toca aos índios."

RENÉY A.S. AMARELLA (Carmo do Coração, MS)

Petróleo e educação
"A reportagem 'Verbão do petró-
leo não melhora nível da escola públi-
ca' (Cotidiano, 15/9) revela que
dinheiro não é condição suficiente,
ainda que necessária, para a melho-
ria do ensino. Além disso, os royalti-
es recebidos pelos municípios não
foram usados exclusivamente na
melhoria do ensino — se é que fo-
ram utilizados com essa finalidade.
Aqueles resultados não compro-
metem a proposta de Lula de utili-
zar os recursos obtidos com a ex-
ploração do petróleo do pré-sal em
políticas públicas específicas para
melhorar a educação do país.

Esta é uma proposta revolucio-
nária, que nunca foi assumida pelo
Estado em favor da educação públi-
ca das camadas populares."

MIGUEL HEINRICH RUSSO, professor da Universi-
dade Federal de Juiz de Fora (Belo Horizonte, SP)

Economistas
"Economistas, assim como ín-
dios, são inimitáveis. Vejamos
Alan Greenspan, por exemplo.
Enquanto esteve no Federal Re-
serve, o cassino funcionou a todo o
vapor, debaixo do seu nariz e com o
seu beneplácito.
Agora, do outro lado do balcão,
totalmente imune a qualquer res-
ponsabilização, detta falação, di-
zendo que uma crise dessas ocorre
de 50 em 50 anos ou a cada século.
Essa é a única profissão no mun-
do com direito a autopsiar as suas
próprias vítimas."

FELICIO LEMERA DE FRANCA (Recife, PE)

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: 0800-775-0800
Grande São Paulo: 0/xx/11.3224-3090 saa@grupofolha.com.br

» OMBUDSMAN: 0800-015-9000 ombudsman@uol.com.br

Erramos

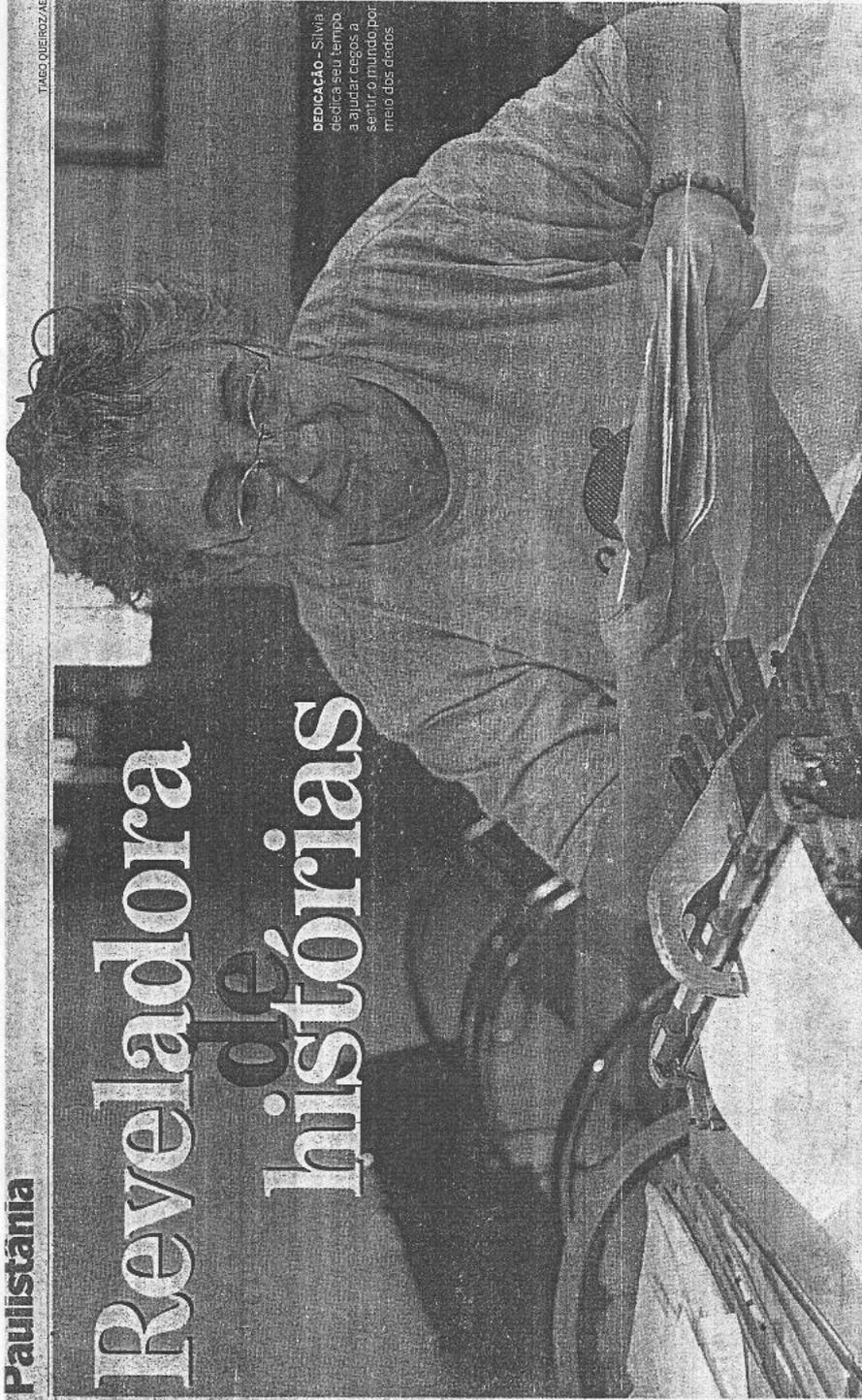
erramos@uol.com.br

Paulistânia

Reveladora de histórias

TIAGO QUEIROZ/AE

DEDICAÇÃO - Silvia dedica seu tempo a ajudar cegos a sentir o mundo por meio dos dedos



Silvia Valentini criou a primeira revista mensal para deficientes visuais do País, o 'Boletim Ponto a Ponto'

Vitor Hugo Brandalise

De repente, se acendem as lâmpadas do braille. É a artista plástica Silvia Valentini aproximando do abajur que ilumina a conversa,

tais, o trabalho é quase artesanal, realizado geralmente na casa da artista, em Coité. "Fico desconfortável aqui, procurando assuntos. Logo após brilo de remédio pensaria no *Ponto a Ponto*, uma delícia

TIAGO QUEIROZ/AE



ra Cegos (outra publicação em braille que circula no Brasil, do Instituto Benjamin Constant, no Rio, como *Fragôzeira trimestral*). Depois, anunciei em uma revista uruguaia e em outra america-

Silvia Valentini criou a primeira revista mensal para deficientes visuais do País, o 'Boletim Ponto a Ponto'

Vitor Hugo Brandalise

De repente, se acordem as bolinhas do braille. É a artista plástica Silvia Valentini aproximando, do abajur, que ilumina a conversa, uma folha de papel recém-marcada com a linguagem do tato. "Você vê, certo? Não é bom saber o que se passa ao redor? Pois essa sensação também é possível e quem não enxerga, basta possibilitar o acesso", ela diz, revelando sua ruzia maior. O exemplo serviu para apresentar, a quem nada entende, pequena parte do mundo do cego por ela. Nesse mundo, todos os meses, as bolinhas do braille são prensadas no papel em escala industrial - para levar, a cerca de 2 mil cegos do País, sentidos e sensações que, não fosse a iniciativa da artista, seria impossível experimentar.

Silvia é a criadora do *Boletim Ponto a Ponto*, a primeira revista mensal para cegos do Brasil. Editada em braille, com ilustrações em alto-relevo, a revista tem tiragem de 2 mil exemplares e é distribuída para pessoas com deficiência visual e instituições interessadas, como as 200 bibliotecas públicas inscritas no mailing do projeto. "Já imaginei quem aprender e, simplesmente, não ler acesso ao conhecimento? É essa a situação de muitos cegos no Brasil. E é para suprir essa necessidade que vem o *Ponto a Ponto*", diz a artista, que não tem deficiência visual além de uns poucos graus de miopia.

O *Ponto a Ponto* - de páginas quase inteiramente brancas, pontilhadas de braille de cima a baixo - é editado por equipe pequena, de cinco pessoas, coordenadas por Silvia. Na fase de seleção de reportagens, reproduzidas de acordo com as leis de direitos auto-

rais, o trabalho é quase artesanal, realizado geralmente na casa da artista, em Cota. "Fico escondida lá só, procurando assuntos. Lido até hoje de remédio pensante do *Ponto a Ponto*, uma delícia escolher o que vai levar conhecimento a quem tem tão pouco acesso a ele", afirma Silvia, que acaba de completar 60 anos.

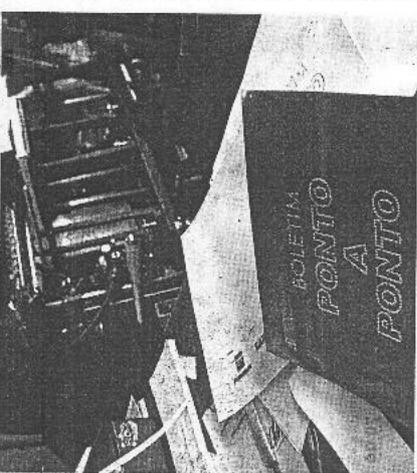
No fim, a seleção do conteúdo da revista, cuja primeira edição foi lançada em setembro, acabou ficando mesmo a cara de Silvia - mulher questionadora, de observações, que despreza o factual e peregrino, e prioriza artigos que permeiam a memória do leitor. O *Ponto a Ponto*, impresso em papel grosso, de gramatura acima de 90, deve ser guardado como um livro. Tem 60 páginas, divididas em dez seções, com prioridade para meio ambiente e ciência.

A revista para cegos também dá destaque às imagens, em cuidadosas ilustrações feitas em relevo. Na edição de outubro, decidiu mostrar a seu público como é um singelo carrapato. "É a beleza de enxergar as coisas simples, com os dedos, e guardar na memória para conseguir lembrar do que viu".

Em contraste com os pontos brancos em relevo, as primeiras páginas da revista são impressas também em tinta. "São apenas duas seções, Sumário e Editorial. O Editorial serve para apresentar a edição, Já o Sumário. O Sumário em fita questiona", ela baixa o tom da voz, como se contasse um segredo.

Para que um índice de reportagens impresso em tinta, se todo o conteúdo está escrito em braille, inteligível à maioria? "Desde a infância, cegos ouvem pessoas próximas contarem histórias que vêm nos livros. Agora, se somen-

TIAGO QUEIROZ/ZE



ARTESANAL - Ilustrações são em relevo para que sejam 'sentidas'

BRILLE

• Criado a partir de um código para leitura no escuro, o sistema braille - que deve o nome a seu criador, o francês Louis Braille - é um alfabeto convencional com caracteres indicados por pontos em relevo, distinguido por deficientes visuais por meio do

braille. Em 1994, quando a paulistana ainda morava no Rio, ela fundou o primeiro Clube Brasileiro de Correspondência em Braille, projeto pioneiro na América Latina. Em pouco tempo, acabou rotando o mundo - nos quatro anos que durou, alcançou cerca de 400 pessoas, em 40 países.

PIONEIRA

Não é de hoje que Silvia dedica seu tempo a ajudar cegos a entenderem o mundo por meio dos dedos, com as 63 combinações possíveis da linguagem em

tato. A partir de seis pontos salientes, são possíveis 63 combinações, representando letras simples e acentuadas, pontuações, algarismos, sinais gráficos e notas musicais. Um cego experiente pode ler cerca de 200 palavras por minuto.

braille. Em 1994, quando a paulistana ainda morava no Rio, ela fundou o primeiro Clube Brasileiro de Correspondência em Braille, projeto pioneiro na América Latina. Em pouco tempo, acabou rotando o mundo - nos quatro anos que durou, alcançou cerca de 400 pessoas, em 40 países.

"Alguém uma caixa de correio e postei o número em um anúncio na *Revista Brasileira* pa-

ra. Cegos (outra publicação em braille) que criou no Brasil, do *Insituto Benjamin Constant*, no Rio, com *Frequência Trimestral*. Depois, anunciê em uma revista uruguaia e em outra americana", conta. Com as cartas em mãos, ela cruzava perfis compatíveis entre participantes e repassava os endereços - somente o primeiro passo para correspondências duradouras, que acabaram até em casamento.

"A caixa de correio estava sempre cheia. Chama a atenção a carência desse serviço aqui". Ao longo dos quatro anos em que coordenou o clube, Silvia recebeu cerca de 8 mil cartas de pessoas cegas, agradecendo pelo serviço. "Há histórias maravilhosas, como um senhor de Portugal, único cego de uma pequena cidade, um dentista brasileiro que tratou a distância um cantor que sofria de bruxismo, um estudante africano que queria vir ao Brasil ajudar nas organizações *Ponto a Ponto*".

"Poucos deles imaginavam, conta a artista, que era ela quem fazia tudo praticamente sozinha. Silvia aprendeu braille no Clube da Boa Lettura (CBL), uma diocesa católica com cerca de 8 mil títulos, onde prestava serviços voluntários. O trabalho consistia em remendar fitas V7 gastas por tanto uso. Desafiada por uma deficiente visual, pegou um alfabeto em braille, para decifrar a "massa de pontinhos que parecia uma coisa só". Foi incrível. Em dez minutos, estava crevendo. Chegou a pensar que foi cega em outra vida."

Apaixoadas por máquinas - o trabalho preferido da artista plástica eram gravuras em metal -, Silvia ganhou, meses de-

pois de ingressar no CBL, seu primeiro equipamento para escrever em braille. "Fiz uma pequena máquina dinamarquesa com que transcrevi os primeiros artigos para braille, para mandar a amigos do clube. É uma máquina simples, bem diferente das que hoje rodam o *Boletim*".

Hoje, os 2 mil exemplares do *Ponto a Ponto* - um dos 263 projetos escolhidos pelo programa Petrobrás Cultural - são impressos na Fundação Dorina Nowill, que conta com o maior parque gráfico de produção em braille da América Latina. "Transcrevia escondida, na minha máquina de 2 quilos, e hoje há esse parque todo conosco", comemora. "Pena que sinto falta de espaço, para mostrar tudo o que gostaria".

Ela se refere ao número de páginas da revista, hoje em 60. "Imprimimos somente seis ou sete artigos por mês, pois uma lauda impressa em tinta corresponde a quatro ou cinco em braille. Está à procura de colaboradores". O que tanto incomoda Silvia, ela conta, é o fato de não todos nós que conseguimos ler esta página - poderemos passar em qualquer banca de revista e encontrar uma profusão de publicações. Cegos, não - eles leem o *Boletim* em um, dois dias. E acabou. "Não é injusto? Poderíamos ajudar a equilibrar um pouco essa balança." É a próxima missão de Silvia Valentini, no longo caminho da inclusão. •



estadao.com.br

Ócio é íntegro desta reportagem

www.estadao.com.br/e/cio

Literatura Premiação:

Passados que se rebelam contra apatia do presente

O Filho Eterno, de Cristovão Tezza, e *A Chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy, são os vencedores da primeira edição do Prêmio São Paulo de Literatura

Francisco Quinteiro Pires

O que une Tatiana Salem Levy, de 29 anos, ao escritor Cristovão Tezza, de 56, é a vontade de sacudir os leitores com a ficção. Ambos atacam uma apatia geral, mostrando personagens de algum modo paralisados. A narradora de *A Chave de Casa*, de Tatiana, é uma mulher numa cadeira de rodas, que usa a imaginação para visitar o passado. O narrador de *O Filho Eterno* fala de um homem que leva um paralisante sócio no estômago, ao saber que o filho é portador do síndrome de Down. Mais uma vez, a literatura exorciza fantasmas.

Anunciados na noite de segunda, Tatiana e Tezza são os ganhadores do Prêmio São Paulo de Literatura 2008 (leia mais ao lado) na categoria Autor Estrangeiro e Melhor Livro do Ano, respectivamente. Com o valor do prêmio, R\$ 200 mil para cada autor, Tezza anunciou o fim de sua carreira acadêmica - há 22 anos é professor universitário - para entregar-se, a partir do segundo semestre do ano que vem, exclusivamente à literatura.

Tezza viu sua vida virar de cabeça para baixo neste ano. Literatura precisa de ócio, tudo o que ele não teve após lançar *O Filho Eterno*. Antes do Prêmio São Paulo de Literatura, seu romance já tinha faturado outros quatro: o da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA); melhor romance do Prêmio Jabuti; Prêmio Bravo!; e o Portugal Telecom, que dá R\$ 100 mil ao primeiro colocado. Antes de saber que receberia mais um prêmio, Tezza comparava-se a um personagem de apólogo do Machado de Assis. "Tem algum sentido que preciso decifrar", afirmava. Depois de premiado, tentava explicar-se com a velha história: quando tudo vai tão bem, deve haver algo à espreita.

"A tendência de uma literatura confessional existe, mas acho que não é a única", diz Tezza, pai de Felipe, nascido em 1980 também com síndrome de Down. Embora se diga personagem de *O Filho Eterno*, Tezza só conseguiu escrever o romance após adotar o narrador em terceira pessoa. O estilo foi dado por três livros - *Uma Questão Pessoal*, do japonês Kenzaburo Oe, *Naxos* de Dacia Vezzi, do italiano Giuseppe Pontiggia, e *Juventude*, do sul-africano J.M. Coetzee.

Para o escritor catarinense, radicado em Curitiba, o impacto de *O Filho Eterno* (Record, 224 págs., R\$ 34) na crítica deve-se a três motivos - a intensidade emocional, o retrospecto de ge-



TEZZA E TATIANA - Ambos se unem na vontade de sacudir os leitores

ração e a crueldade do relato. Ao falar da relação com o filho, Tezza falou dele mesmo - um aspirante a escritor no começo dos anos 80, vendo a agonia da ditadura militar. Rebelando-se contra a vida burguesa, Tezza viu no menino uma esperança de renascimento. O que encontrou foi um garoto de traços mongóis - àquela época, portadores de síndrome de Down eram chamados de mongolóides - e sentiu intensa vergonha de si mesmo.

ESCRITOR DO ANO, TEZZA ANUNCIA FIM DA CARREIRA ACADÊMICA EM 2009

Cristovão Tezza, aquele jovem de 28 anos que queria mudar o mundo, confundindo projetos literários com existências, precisou amadurecer à força. O confronto com o passado foi inevitável. Para fazê-lo, uma narrativa tão cruel quanto essa visita. A literatura pode não oferecer um sentido pleno para a vida, mas pode torná-la bem melhor, quando aceita as imperfeições. Essa é uma das crenças de Te-

TIAGO QUEIROZ/AF

CAJU E CASTANHA, CAZÉ E OS R\$ 200 MIL FORAM DESTAQUE

HUMOR: A primeira edição do Prêmio São Paulo de Literatura, criado pela Secretaria de Estado da Cultura este ano, teve a marca do humor. Cazé foi o apresentador que, a todo instante, fazia piadas para enfatizar o valor da premiação - R\$ 200 mil para cada autor. É o mais alto do País. Antes do anúncio dos premiados, os repórteres Caju e Castanha improvisaram, com pandeiros, um show de 15 minutos ininterruptos sobre literatura. O prêmio recebeu a inscrição de 146 romances. Indicado por uma curadoria de 5 pessoas e um júri inicial de 10, o júri final - Bernardo Aizenberg, Fabio de Souza Andrade, Marisa Lajolo, José Castello e Samuel Seibel - indicou 10 finalistas. Na categoria autor estrangeiro concorreram Cecilia Gheorghi, Eduardo Basczyn, Tatiana Salem Levy, Tiago Novais e Wesley Peres e, na categoria melhor livro, Beatriz Bracher, Bernardo Carvalho, Cristovão Tezza, Menalton Braff e Wilson Bueno. e f.g.p.

Fim. O começo de uma vida saudável.

EMPÓRIO BE

Promoção Pronto Em 15% a 30% de desconto. Tênis, sapatos, móveis e mais de 2312.

PARCELAMENTO EXCLUSIVO NO AMERICAN EXPRESS! EM ATÉ 10X.

Rua Mateus Grou, 604 - São Paulo - Tel. 3512-73

WWW.BERNAR.COM

antonio bernar

CAMARA

Kassab quer que mais 7 projetos sejam votados logo

Além da isenção do ISS para autônomos, cuja anistia fiscal estimada pela Secretaria Municipal de Finanças é de R\$ 25 milhões, a gestão Gilberto Kassab (DEM) apresentou ontem outros sete projetos para tentar votar nas próximas duas semanas, antes do recesso do fim de ano. Para votar os projetos do Executivo, os líderes do "centrão" e do PT querem o compromisso do governo em sancionar pelo menos um projeto de cada bancada.

Apenas um projeto foi aprovado ontem sem o acordo. A cessão de uma área da Prefeitura para a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaex) passou por votação simbólica. No pacote de projetos, o governo ainda quer conceder em definitivo ao Mackenzie uma área pública utilizada há mais de cinco décadas, é estabelecer a isenção do IPTU a clubes da primeira divisão. A isenção do ISS para as empresas que se instalarem na região chamada Nova Luz, no centro, e a licença maternidade de seis meses para as servidoras municipais também estão no pacote.

Após reunião, PT e "centrão" prometeram obstruir a pauta do governo. "São projetos de interesse da cidade, não tem motivo a obstrução", criticou Carlos Apolinário (DEM), da base governista. Mesmo após a obstrução, os governistas ainda tentaram um acordo com a oposição, com a intermediação do presidente da Câmara, Antônio Carlos Rodrigues (PR). "Não há acordo para votar nada com um governo que jogara para a Câmara a responsabilidade de cortar R\$ 2 bilhões do Orçamento", discursou Paulo Fiorillo (PT). As negociações devem se estender durante o fim de semana e na segunda-feira, na última sessão da Comissão de Finanças antes do novo orçamento ser colocado em votação. O projeto para isentar os advogados do rodízio de veículos, do vereador Edivaldo Estima (PPS), foi retirado de pauta por falta de apoio tanto do governo quanto da oposição. ● **D.Z.**

MATO GROSSO

Condenado acusado de morte de pró-reitora

Jaeder dos Santos foi condenado por júri popular a 29 anos e 6 meses de prisão pela morte de três servidores da Universidade Federal de Mato Grosso, no dia 27 de novembro do ano passado, em Rondonópolis, a 210 km de Cuiabá. Entre os funcionários assassinados estava a pró-reitora Sorahia de Lima. A sentença, que classificou o crime de "emboscada", saiu na madrugada de ontem, após 17 horas.

MEGA-SENA

Mais 2 são presos por matar milionário

A polícia de Limeira, no interior, prendeu ontem mais dois rapazes que confessaram participação na morte de Altair dos Santos, de 44 anos, no dia 16. Santos foi um dos 14 ganhadores de prêmio de R\$ 16 milhões da Mega-Sena em maio de 2007. Flávio Ferreira, de 19 anos, e um adolescente foram presos. Na semana passada, foi detido Diego dos Santos, de 21. Os três dizem que o crime não foi encomendado.

TEATRO

Cultura Artística pode alugar Cine Ipiranga

A Sociedade de Cultura Artística planeja alugar o Cine Ipiranga, no centro, para receber concertos. Sem local próprio após o incêndio do Teatro Cultura Artística, em agosto, a entidade transferiu as apresentações de 2009 para a Sala São Paulo, mas pode realizar espetáculos em outras casas. Como o Cine Ipiranga está fechado, será necessário reformá-lo. A entidade preferiu não se manifestar sobre o assunto.

GUARULHOS

TJ nega habeas corpus a cantor foragido

O Tribunal de Justiça de São Paulo negou o pedido de habeas corpus feito pelo advogado do cantor Evandro Gomes Correia. A defesa queria revogar os efeitos da prisão temporária. O cantor está foragido desde 18 de novembro quando sua ex-mulher Andréia e o filho do casal caíram do 8º andar do prédio da família, em Guarulhos. Andréia morreu. O cantor é suspeito de ter provocado a queda.

CVC CRUZ

NATAL A BO COM CÂMBIO CONGEL E COMIDAS E BEBIDAS QUER PRESENTE MELHOR

NOS CRUZEIROS CVC É ASSIM: VOCÊ PAGA E SEM JUROS. COM TUDO INCLuíDO. E COM O PLANO FAMILIAR*, OCUPANDO O 4º PASSAGEIRO NÃO PAGA



O que você procura em um navio? Relaxar ou curtir atividades interessantes? Seja qual for a resposta, o CVC Soberano tem o que você procura. Ele é equipado com piscinas, hidromassagens, parede de escalada e até quadra de basquete ao ar livre. No CVC Soberano, a diversão está a bordo.

Natal 8 dias Saída 20/Dezembro
Santos/Salvador/Ilhéus/Preia Preta/Vitoria/Santos
Entrada R\$ 505 + 9x R\$ 224
À vista R\$ 2.521, Base US\$ 1.267, Preço cabine categoria N.

Participe da promoção CVC VISA.



Veja regulamento no site www.cvc.com.br

Atendimento nas lojas, diariamente, das 9 às 20 horas e nos shoppings, das 10 às 20 horas.

Constituinte.....	2101-3222	Granje Wiena.....	4702-0286	Aeroporto Guarulhos.....	2101-9410
Paraso.....	2146-7011	Estre Itaim.....	2078-6443	Campinas.....	2102-1700
Santa André.....	2191-8700	Alphaville.....	4191-9198	Ribeirão Preto.....	2101-0045
São Caetano.....	3636-3450	Extra Jaguaré.....	3297-8292	Ipiranga.....	3341-8210
Diadema.....	4043-2928	Central do Estudante.....	2858-0599	Santos.....	3257-7000
Estre Anchieta.....	4568-0440	Estre Socorro/Fresta.....	3524-9222	Rio Preto.....	2137-5910

www.cvc.com.br ou consulte seu agente de viagens.

Preço do cliente: preço por pessoa, somente parte marítima, em cabines duplas, conforme categorias mencionadas, válido em dia após esta publicação. A oferta de lugares é limitada e as reservas estão sujeitas a confirmação. Taxas de embarque, fretos, taxas de saída e condições de pagamento sujeitas a reajustes e mudanças sem prévio aviso. Câmbio promocional: US\$ 1,00 = R\$ 1,99. Câmbio promocional para embarques em janeiro: US\$ 1,00 = R\$ 2,18. *Promoção plano familiar válida para ocupando duas cabines duplas, o quarto passageiro é grátis, sujeito à disponibilidade de datas e cabines. Promoções válidas até 31/12/2008.

-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 2008
O DE SÃO PAULO



amento

Mercúrio e Urano em quadratura. A humanidade está perdida e lançou, o materialismo, original que causa todos os problemas que envolvem a mente e a alma. A humanidade está perdida e lançou, o materialismo, original que causa todos os problemas que envolvem a mente e a alma. A humanidade está perdida e lançou, o materialismo, original que causa todos os problemas que envolvem a mente e a alma.



LIBRA 23-9 a 22-10.
O acúmulo de situações que foram prometidas para o futuro sem resolução atinge seu máximo de capacidade. Agora será necessário encarar a maior parte delas com pulso firme e sincera vontade de colocar tudo em dia. Isso é possível.



ESCORPIÃO 23-10 a 21-11.
Seu olhar desconfiado já rendeu problemas, mas também permitiu que sua alma enxergasse detalhes que passaram despercebidos. Agora, mais do que nunca, esse olhar se torna necessário para saber o que realmente acontece.



SAGITÁRIO 22-11 a 21-12.
Desfrute cada momento como se fosse o derradeiro. É por isso que é sábio pensar diariamente na própria morte, não com objetivo mórbido, mas para estimular que a alma aproveite cada instante com plena intensidade e profundidade.



CAPRICÓRNO 22-12 a 20-1.
Mesmo que você não se sinta na crista da onda e seja consciente de inúmeros problemas cabalísticos, difíceis de resolver,

VENHA BRINCAR EM NOSSO PARQUE! 18 SUPER ATRAÇÕES

FAÇA SUA FESTA DE ANIVERSÁRIO NO NOSSO MÚNDIO.

www.omundodaxuxa.com.br
Fone: 11-5541-2530

Notas & Breves

PATRIMÔNIO

Fragmento do Partenon volta para a Grécia

Após 65 anos, os gregos recuperaram mais um fragmento do templo do Partenon, da Acrópole ateniense, que havia sido roubado por um soldado austríaco durante a 2ª Guerra Mundial. A relíquia de mármore, de 7 cm x 30 cm, foi devolvida pela Grécia e herdada do soldado, Martha Dahlgren, na terça-feira. Esse é o terceiro fragmento que volta à Grécia este ano. Há 25 anos, o país promove uma campanha para reunir o mármore que decorava o templo. A idéia é guardá-lo no Museu da Acrópole, previsto para ser inaugurado em 2009. Hoje, a maior parte dos fragmentos está no Museu Britânico de Londres. **EFE**

TEATRO

Shakespeare ficou cego, diz pesquisador

Segundo o pesquisador britânico Rick Thomas, o dramaturgo inglês William Shakespeare abandonou Londres e deixou o teatro três anos antes de morrer porque ficou cego. A perda da visão seria consequência de anos escrevendo à luz de velas. "Ele teria ensaiado de manhã, atuado à tarde e escrito suas obras à noite", disse em entrevista à rádio 4, da BBC. O especialista em história teatral afirma ter chegado a essa conclusão a partir de experiências pessoais. Thomas é autor da obra teatral *For All Time*, que conta os motivos que levaram Shakespeare a voltar para sua cidade natal, Stratford on Avon, em 1618.

Sudoku

Nível Difícil



Para jogar: preencha com números de 1 a 9 os quadrados pequenos, as linhas verticais e horizontais. **EFE**

A RUA ALMIRANTE BARROSO, NO BRÁS, ZONA LESTE DE SÃO PAULO



Amanhã o sol aparece em São Paulo e o tempo fica seco em todo o Estado. Ainda faz um pouco de frio ao amanhecer, mas há possibilidade de chuva solada no fim da tarde.

SÁBADO 13°/26°		NASCITE 06:11	POENTE 18:44
DOMINGO 14°/27°		ORIENTE 05:52	TRÊS 18:27
SEGUNDA 16°/28°		ORIENTE 05:37	TRÊS 18:12

Chuva com trovoadas Geada

NO MUNDO	Fuso	Tempo	Mín/Máx.
Assunção	-1	Ensolarado	15°/27°
Atenas	+4	Chuvoso	12°/20°
Barcelona	+3	Chuvoso	7°/12°
Berlim	+3	Nublado	1°/2°
Bruxelas	+3	Neve	1°/2°
B. Aires	0	Ensolarado	16°/27°
Caracas	-3	Chuvoso	20°/30°
Chicago	-4	Neve	-8°/2°
Estocolmo	+3	Chuvoso	1°/3°
Genebra	+3	Chuvoso	3°/9°
Johannesburgo	+4	Chuvoso	16°/26°
Lima	-3	Nublado	15°/25°
Lisboa	+2	Chuvoso	12°/16°
Londres	+2	Chuvoso	5°/8°
Los Angeles	-6	Sol	9°/21°
Madri	+3	Chuvoso	5°/20°
México	-4	Ensolarado	3°/22°
Miami	-3	Sol	17°/22°
París	+3	Chuvoso	1°/10°

C. do Jordão
9°/19°
S. J. dos Campos
14°/26°

São Paulo Reclama:

Questão de respeito

As pessoas com necessidades especiais, gestantes e idosos sofrem para utilizar o Metrô. Apesar das áreas reservadas a eles, muitos têm feito a viagem em pé, principalmente no horário de pico. No embarque preferencial, essas pessoas geralmente estão com acompanhantes (muitas vezes dois). Todos se sentam, inclusive os acompanhantes, deixando pessoas que possuem esse direito sem lugar. Há o problema também de usuários que não tomam cuidado com ninguém, entram empurrando. É necessário que seja divulgado esse tipo de abuso para que governantes tomem alguma atitude e melhorem as condições de uso do Metrô para todos.

ANGELA FREITAS R. DA SILVA
São Paulo

O gerente de Comunicação e Marketing do Metrô, Marcello Borg, informa que o público beneficiado pelo embarque preferencial implantado há 1 ano representa

cerca de 9% dos mais de 3,3 milhões de usuários transportados diariamente. O Metrô realiza avaliações periódicas para ajustes na operação. O que se observa, diz, é que o embarque preferencial tem surtido o efeito desejado. Por isso o Metrô vai ampliar a quantidade de lugares reservados a idosos, gestantes, pessoas com deficiência, crianças de colo ou com dificuldades de mobilidade.

Leitora aponta o mau comportamento de muitos usuários do Metrô

de dentro dos carros da extremidade. Fora dos horários de pico, a quantidade de assentos preferenciais existentes atualmente é superior ao determinado por lei. Já o comportamento adequado na utilização do sistema é uma questão cultural e de cidadania, que não se resolve com ações só no âmbito do transporte. Mas o Metrô procura reforçar essa atitude com campanhas educativas.

Exemplo de cidadania

Nessa segunda-feira, deparei-me com a foto de meu pai ao lado desta Coluna. Existe uma história por trás dessa foto. Há quase um ano, meu pai, Chimio Karasawa, de 91 anos, decidiu adotar essa pequena praça abandonada. Limpou-a, retirando as pedras e capins, e começou a plantar pequenas mudas e sementes. Apesar dos roubos frequentes das plaritas, ele persiste, indo diariamente regá-las não com a água de sua casa, mas de um morador vizinho, pela qual ele paga. Ele está muito feliz em ver uma foto de seu jardim no Estadão, jornal que ele lê diariamente há mais de 60 anos.

ELISA SANO
São Paulo

que, oficialmente, nenhum dos meus documentos tinha sido analisado, embora muitos bancos particulares façam a verificação concomitantemente com a análise da documentação para ganhar tempo. Na Caixa é diferente. O vendedor do imóvel tem de abrir uma conta na instituição, na qual o dinheiro fica retido, rendendo juros de poupança, enquanto o banco pode usar esses mesmos recursos da maneira que quiser. A instituição diz na mídia que a Caixa dispõe de R\$ 40 bilhões para quase todos os tipos de financiamentos, mas na prática a situação é outra. Pior ainda foi saber que não havia data para a liberação do dinheiro nem para o anúncio da concretização oficial do negócio, o que me impedia de pagar o imposto sobre lucro imobiliário no prazo de 30